

Hugo Wernicke

VIAGEM PELAS COLÔNIAS ALEMÃS DO ESPÍRITO SANTO



A POPULAÇÃO EVANGÉLICO-ALEMÃ NO ESPÍRITO SANTO
Uma viagem até os cafeicultores alemães em um Estado tropical do Brasil

TRADUÇÃO

Erlon José Paschoal



Coleção Canaã

Volume 18

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

“Viagem às colônias evangélicas do Espírito Santo” configura um importante relato sobre a cultura das comunidades germânicas localizadas no Espírito Santo. O livro foi originalmente publicado em Potsdam, em 1910, e traz as impressões de Hugo Wernicke, membro da igreja luterana na Alemanha, em visita aos seus conterrâneos em diversos municípios capixabas. A obra – em versão inédita em língua portuguesa – possibilita conhecer as vicissitudes da imigração alemã; não somente no sentido de caracterizar os costumes, o ambiente natural e o cotidiano, mas também no de reconhecer sua inserção no espaço geográfico, na força de trabalho e no processo de miscigenação.

Hugo Wernicke se deslocou por rios, florestas, povoados e cidades e deixou anotadas as suas observações. Informações estas, que apesar da necessidade de serem analisadas de modo crítico - uma vez que o texto foi elaborado por um estrangeiro



VIAGEM PELAS COLÔNIAS ALEMÃS DO ESPÍRITO SANTO

A POPULAÇÃO EVANGÉLICO-ALEMÃ NO ESPÍRITO SANTO
Uma viagem até os cafeicultores alemães em um Estado tropical do Brasil

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

RENATO CASAGRANDE

Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA

Vice-governador

MAURÍCIO JOSÉ DA SILVA

Secretário de Estado da Cultura

AGOSTINO LAZZARO

Diretor-geral Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

CILMAR FRANCESCHETTO

Diretor Técnico

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Rua Sete de Setembro, 414, Centro, Vitória, ES. 29015-905

www.ape.es.gov.br



Coleção Canaã
Volume 18

Hugo Wernicke

VIAGEM PELAS COLÔNIAS ALEMÃS DO ESPÍRITO SANTO

A POPULAÇÃO EVANGÉLICO-ALEMÃ NO ESPÍRITO SANTO

Uma viagem até os cafeicultores alemães em um Estado tropical do Brasil

TRADUÇÃO

Erlon José Paschoal

Vitória, 2013

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

© 2013 by Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cilmar Franceschetto

FOTO DA CAPA

Campinho de Santa Isabel (Domingos Martins)

REVISÃO

Tríade Comunicação

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Bios

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Dossi Editora Gráfica

AGRADECIMENTOS

Marília Antunes e Coser

Otacílio Coser

Pastor Helman Hoelke

Joel Velten

Rivoni Roriz

Bucher & Bucher Fotografias

CIP – Catalogação na fonte

Biblioteca de Apoio Maria Stella de Novaes

Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Ficha catalográfica elaborada por Brenda Pena Batista CRB 6 - ES/791

W496v

Wernicke, Hugo.

Viagem pelas colônias Alemãs do Espírito Santo : a população Evangélico-Alemã no Espírito Santo : uma viagem até os cafeicultores alemães em um estado tropical do Brasil. / Hugo Wernicke; [tradução de Erlon José Paschoal]. – Vitória : Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

258 p. : il. ; 21 x 15 cm. - (Coleção Canaã ; v. 18)

ISBN : 978-85-98928-14-2

1. Imigrantes – (ES). 2. Evangélico-Alemão – Brasil – (ES). 3. História - Imigração Alemã. 4. Alemanha - Migração. 5. Espírito Santo (Estado) Descrições e viagens. I. Paschoal, Erlon José. II. Título.

CDD : 918.52

CDU : 918.52

Sumário

As raízes do que somos.....	7
Prefácio	9
I Interesse alemão no Espírito Santo	15
II Travessia.....	18
III Primeiro contato com o Brasil, suas terras e sua gente.....	22
IV Final da viagem marítima	24
V Na alfândega.....	28
VI Vitória e arredores	30
VII No barco de Vitória para Cachoeiro.....	36
VIII A pequena cidade de Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina.....	42
IX Do Porto do Cachoeiro até a paróquia de Santa Leopoldina I.....	51
X Na casa do pastor de Santa Leopoldina I.....	61
XI Atividade econômica de um cafeicultor alemão	72
XII Os serviços prestados pelo pastor nas escolas e filiais da igreja	88
XIII Passando por Califórnia em direção à paróquia de Campinho.....	101
XIV Em Jequitibá (Santa Leopoldina II).....	107
XV Na bacia do Rio Doce em direção à paróquia de São João de Petrópolis.....	115

XVI	Como a selva se transforma em terra cultivável.....	122
XVII	O que e como o colono planta	129
XVIII	Saúde	134
XIX	Os vários tipos de visita incômoda e nociva.....	139
XX	A caça na floresta e nas águas	144
XXI	Na beira do Rio Doce em direção aos Botocudos	148
XXII	Retorno pelo povo italiano de Santa Teresa.....	156
XXIII	Na Suíça.....	162
XXIV	Acontecimentos alegres e tristes numa fazenda teuto-brasileira	166
XXV	De volta para casa. Observação final	172
ANEXO	177

As raízes do que somos

Boa parte do que se sabe a respeito dos hábitos e costumes na vida cotidiana dos brasileiros, em outros séculos, devemos à curiosidade, ao trabalho e à determinação de alguns viajantes europeus que procuraram, com maior ou menor realismo, retratar o que viram e viveram por aqui. Alguns, naturalistas, dedicaram-se mais ao estudo de plantas e animais. Outros, generalistas, tentaram compreender e explicar o processo de sobrevivência e adaptação dos brancos europeus, imigrantes em um país ainda em formação, de maioria negra e indígena.

Uns obedeceram, em suas observações, aos conhecimentos e parâmetros científicos vigentes na época. Parâmetros que envelheceram rapidamente e tornam esses relatos, em certos casos, apenas uma coleção de fantasias. Outros, confiantes em sua própria percepção, muitas vezes deixaram de lado os preconceitos e mitos herdados de sua própria cultura e procuraram simplesmente descrever, fotografar e compreender uma realidade que às vezes lhes parecia chocante, mas cuja singularidade não ousavam negar, assim como não ignoraram a extraordinária dimensão e o imenso potencial desse mundo radicalmente novo.

Felizmente – e por diversas razões – nosso estado recebeu alguns desses visitantes, cujos relatos, no idioma original, são encontrados hoje nas maiores bibliotecas do mundo, mas que ainda não se encontram disponíveis aqui, em nossa língua. Certos aspectos do passado histórico são desconhecidos pela maioria dos capixabas, e a coleção Canaã, editada pelo nosso Arquivo Público, constitui um esforço ordenado de preenchimento dessa lacuna. Agora, com a tradução e publicação desta *“Viagem às colônias evangélicas alemãs no Espírito Santo”*, rigorosamente fiel ao texto original de Hugo Wernicke, cumprimos mais uma etapa na jornada de resgate dos trabalhos realizados por aqueles pesquisadores e aprendizes da nossa história.

Descartadas certas interpretações superficiais do autor, que não era um especialista, encontramos neste livro, registradas com simpli-

cidade, as memórias de um cidadão europeu que veio ao encontro do Novo Mundo e testemunhou aqui, em meio a imensos desafios, o surgimento de uma nova sociedade. Esse olhar estrangeiro, até por não ser especializado, está disponível a partir de agora para os capixabas de todas as idades. E o que emerge do mosaico de informações e fotografias sobre as condições de vida e os desafios enfrentados por nossos ancestrais, que compõe este livro, é a lição de que não existem obstáculos insuperáveis, para um povo que já realizou tanto.

O passado do Espírito Santo – observado e descrito por homens e mulheres que nasceram aqui ou vieram de longe para se somar ao nosso esforço civilizatório, de crescimento e de transformação – constitui uma lição e um exemplo para cada um de nós. E esse passado indica que o futuro que desejamos não mora no horizonte distante, mas está sendo construído hoje mesmo, dia após dia, com muito trabalho, união, responsabilidade e confiança.

Renato Casagrande

Governador do Espírito Santo

Prefácio

É louvável esta iniciativa que ora resulta na tradução e publicação de mais uma importante obra sobre a história da presença germânica no Espírito Santo. Até agora os leitores capixabas conheciam apenas alguns textos de alguns viajantes estrangeiros que passaram por esta província durante o século XIX, mas não tinham acesso a todos ou aqueles do início do século XX que tiveram circulação mais restrita e cujos exemplares não existiam em bibliotecas brasileiras. Este relato, ao lado do de Therese von Bayern e de Paul Ehrenreich, expressa o olhar de viajantes germânicos que passaram pelas terras capixabas na virada do século XIX para o século XX e que não possuíam ainda versão em português. O historiador Levy Rocha já havia feito no final dos anos 1970 indicações preciosas reunindo em seu pequeno opúsculo um conjunto dos principais viajantes que visitaram o Espírito Santo, apresentando-os aos leitores e fazendo breves digressões sobre os relatos que redigiram, mas nem todas as obras ali descritas estavam acessíveis, permanecendo inéditas, bem como alguns viajantes passaram-lhe despercebidos.

Graças aos esforços envidados por novos estudiosos sobre o assunto e pela atual direção do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo relatos publicados no exterior têm sido localizados, preparando-se novas traduções de textos inéditos aos leitores capixabas nesta consagrada coleção Canaã. Assim, muitas narrativas desconhecidas de viajantes que passaram pelo Estado virão à lume pela primeira vez em língua portuguesa. Tal iniciativa será capaz de constituir um novo e vigoroso mosaico de impressões, análises e imagens produzidas sobre o Espírito Santo, localizando aspectos de sua gente, suas paisagens, sua economia e sua cultura; mosaico este possibilitador de novas compreensões sobre os mais variados temas da memória e do passado capixaba. Elas se integrarão aos relatos já existentes enriquecendo ainda mais o conhecimento sobre a história capixaba.

Este *Viagem às colônias evangélicas alemãs no Espírito Santo* configura um importante retrato construído sobre a cultura de comunidades germânicas localizadas no Espírito Santo. Publicado em Potstam em 1910, o livro de Hugo Wernicke é um documento valioso sobre sua passagem pelos povoados habitados por alemães e suíços. Por meio dele é possível se equilar os contrastes vividos entre estes germânicos emigrados de diferentes regiões da Alemanha como a Pomerânia, Hessen, Bavária, Renânia, Brandemburg, Schleswig-Holstein, Turíngia e Suíça, majoritariamente de orientação luterana que se estabeleceram no Espírito Santo e seus descendentes, com o restante da sociedade local, bastante miscigenada e predominantemente católica. Não passa despercebido ao autor a existência de um processo intenso de miscigenação responsável por constituir tipos humanos muito diversificados, por conta da união entre indivíduos de diferentes etnias e nacionalidades, processo este que incluía também casamentos entre colonos alemães e brasileiros. O livro permite conhecer bem de perto as vicissitudes da imigração alemã, não somente no sentido de caracterizar seus costumes e seu cotidiano, mas também no de reconhecer sua inserção no espaço geográfico e no mercado de trabalho no Brasil. E ao tratar das práticas culturais e dos traços da presença germânica, configura, *pari passu*, uma boa fisionomia da paisagem, da sociedade e da cultura capixabas do início do século XX. Logo após a redação deste relato, Hugo Wernicke, que também havia passado pelo rio da Prata, visitando a região de Buenos Aires, regressou para a Europa, participando e vivendo o drama da Primeira Guerra Mundial.



Figura 1. Assinatura de Hugo Wernicke.

Wernicke indica no início da obra que iria conhecer uma região habitada por aproximadamente 15 mil alemães, ou seja, uma colônia muito expressiva. Zarpou do Porto de Biscaya no navio *Olinda* da Com-

panhia de Navegação a Vapor Hamburgo – América do Sul, desembarcou inicialmente em Salvador e, após dois dias, chegou em Vitória. É gratificante encontrar em sua narrativa, ao lado da descrição sempre atenta e cuidadosa da gente e do lugar, a farta presença de fotografias que registram passo a passo o itinerário dos lugares visitados por Hugo Wernicke colocando-nos em contato com aqueles lugares, pessoas e paisagens; promovendo um encontro com aquele passado. A seleção dos espaços e o cuidado com as fotografias escolhidas indicam a complexidade de um olhar estrangeiro atento e sensível que conferia igual importância a um universo variado de preocupações, não se limitando a mostrar apenas pessoas, edificações ou lugares exóticos. Em toda a narrativa há um esforço constante quase *benjaminiano* de tornar familiar o que é estranho e estranho o que é familiar, numa alteridade caleidoscópica que produz diversos momentos de estranhamento e de convergência em sua referência à uma determinada identidade alemã, tema candente em um período histórico que fora marcado pelo nacionalismo.

Hospedando-se na casa de conterrâneos – em Vitória, por exemplo, Hugo Wernicke ficou no sobrado do importante comerciante local e fabricante de cervejas, Gustav Schimidt – ele fazia inúmeros passeios, sempre acompanhado de sua máquina fotográfica, observando o cotidiano e o dia a dia dos imigrantes alemães, ilustrando suas condições materiais e espirituais, visitando povoados e cidades onde houvesse presença germânica.

Como de praxe, ao lado de informações precisas e amparadas na observação empírica, há no texto de Wernicke – como no de todos viajantes estrangeiros que lhe precederam – vários momentos em que são apresentadas impressões de segunda mão ou de terceiros que requerem leitura crítica. Atribuem-se frases e ações a determinadas pessoas, sem a preocupação de se averiguar a veracidade destes relatos incorporados à narrativa. Recomendo aos leitores esse cuidado com as diferentes camadas discursivas, algo comum a todas as narrativas de viajantes, estrangeiros ou não, que muitas vezes reproduzem afirmações acriticamente. Essas diferentes vozes existentes no interior de qualquer discurso e mui-

tas vezes acabam produzindo matizes que podem subtrair a nitidez de alguns aspectos daquele passado devido à existência de filtros políticos, culturais, confessionais ou ideológicos, responsáveis por constituir algumas distorções em determinadas imagens produzidas; seja por parte dos moradores, seja por conta do próprio viajante.

O autor se encanta com a paisagem como muitos outros viajantes que aqui estiveram, salvo o francês Auguste François Biard (1798-1882) que maldisse seu clima, seu calor, falando mal até das formigas. Nele se destaca a descrição sempre atenta com que descreve em riqueza de detalhes aspectos das florestas, dos cafezais ou do manguezal, ao lado da maestria com que deslinda aspectos da sociedade e dos costumes locais. De igual modo, não lhe passam despercebidas características da economia, das sociabilidades, da política e das práticas culturais existentes, sobre as quais é possível encontrar considerações generosas ao longo do texto.

Hugo Wernicke principia seu relato falando sobre as distrações a bordo do navio durante a travessia atlântica. Em seguida narra sua chegada e suas primeiras impressões sobre a terra e a gente brasileira. Logo depois, já no Espírito Santo, passa a retratar em pormenores o cotidiano vivido pelas comunidades alemãs em Vitória, Porto do Cachoeiro, Santa Leopoldina; dos distritos de Califórnia, Jequitibá e Suíça; a paróquia de Campinho, São João de Petrópolis, bem como Santa Teresa, onde destaca a presença do povo italiano. Ele dedica espaço considerável da narrativa para analisar como a mata era derrubada para se iniciar o cultivo, o processamento e a comercialização do café. Também tece comentários sobre o plantio do milho, não descuidando ainda de avaliar a situação das moradias, das igrejas, da saúde, da caça e pesca, das escolas e do ensino de alemão ministrado por pastores ou professores de origem alemã. Também visitou e produziu impressões acerca de uma aldeia de índios botocudos no rio Doce, além de descrever e retratar um casamento no qual esteve presente.

Leitura oportuna e lapidar para todos aqueles que se interessam pelo passado capixaba, esta obra obrigatória ocupará, por suas qualida-

des e méritos intrínsecos, a partir de agora, um lugar de destaque no rol das narrativas de viajantes que passaram pelo Espírito Santo no início do século XX e inaugura uma nova etapa nas publicações feitas pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Julio Bentivoglio

Professor do Departamento de História
Universidade Federal do Espírito Santo.

Interesse alemão no Espírito Santo

A terra parece já estar dividida, e o alemão simplório sentou-se à mesa tarde demais; encontrou quase todos os lugares ocupados. Os outros países – a Inglaterra à frente com a parte do leão – tomaram para si belos pedaços dos despojos, e o alemão ficou com as migalhas restantes. Mas quem irá afirmar que, com as atuais relações coloniais de propriedade, a divisão da terra está definitivamente estabelecida? O procedimento da União norte-americana contra as colônias espanholas já basta para continuar tal afirmação *ad absurdum*. Em outros lugares também a diplomacia dos ianques no tocante ao trabalho é extremamente ativa, sobretudo no Brasil. A República brasileira é colossalmente imensa, aproximadamente quinze vezes maior que o Império Alemão, e tem apenas 15 milhões de habitantes. Já é antiga a profecia de que esse imenso complexo de estados algum dia irá se desagregar em muitos pedaços em função de interesses tão diversos, sobretudo entre Norte e Sul. O ianque, o homem dos dólares, parece não ter escrúpulos em lançar a semente da discórdia política, a fim de provocar com maior rapidez um processo de desmembramento.

Na região do Acre, nos anos finais do século passado, a coisa já pegou fogo de maneira bastante nítida. O jogo americano de intrigas contraria a mentalidade alemã, do mesmo modo que os atos de violação. Contudo, nós alemães também temos interesses deveras consideráveis a defender no Brasil. Mas nessa defesa não seguimos nenhum plano, cuja concretização tivesse um efeito desagregador para a grande União brasileira, na qual tantos conterrâneos encontraram uma pátria amada. Nossa atenção dirige-se ao fato de que nos grandes mercados do mundo forças se mobilizam constantemente, provocando uma nova divisão dos mesmos. O grande mercado que o nosso país possui no Brasil para os seus produtos é o único que queremos e devemos conservar para nós; vamos defendê-lo e ampliá-lo.

Devemos esse mercado em parte à lealdade que nossos conterrâneos nele domiciliados têm à índole alemã. Pois bem: será que estes descendentes de alemães não valem muito para nós, mesmo excetuando as vantagens para os negócios e a vida social? O sangue, afinal, não é mais grosso que a água? A população alemã no Brasil é uma pedra no sapato do Ringo norte-americano, que a vê como um obstáculo para a sua política comercial e reconhece nela um *rocher de bronze* (rochedo de bronze) composta pelos cidadãos mais confiáveis para um desenvolvimento tranquilo do império brasileiro. Por sua vez, minar essa tranquilidade e segurança interessa à política imperialista dos ianques, voltada para uma Panamérica, que por isso tenta manter sob suspeita para os brasileiros a população alemã e as intenções da Alemanha no Brasil. A antiga pátria, porém, precisa fortalecer a população alemã ali domiciliada, consolidá-la e elevá-la, e com o mesmo objetivo fertilizá-la espiritualmente, manter com ela um intercâmbio de bens materiais e continuar sendo aos seus olhos um refúgio poderoso e solícito para suas exigências legais e suas raízes. Esses alemães somente poderão se tornar personalidades íntegras se conservarem as suas raízes, e o Brasil precisa de tais personalidades íntegras para se tornar um país saudável. Consolidemos interna e externamente os filhos e as filhas do povo alemão, pois assim não serviremos apenas a nós e aos nossos conterrâneos lá residentes, mas consolidaremos também a estabilidade política da República do Brasil. Desse modo, não haverá nenhuma sombra de deslealdade em relação a eles: povo alemão, torne-se forte na água, para poder desdobrar de maneira eficaz no momento presente suas forças nas costas distantes e em seus interiores e em toda parte onde você tenha interesses ideais e materiais, com muito ímpeto fazendo jus à honra de seu nome! Até lá conserve e fortaleça a simpatia e os vínculos interiores de sua nacionalidade e de seu povo, através dos quais os corações de milhares de pessoas estarão ligados a você, que está no Brasil e cujos pais e avós ou você mesmo nasceram no seio da terra alemã e ainda hoje pensam e falam na língua dela! Não a deixe afastar-se de seus olhos, nem de seu coração!

Vamos fazer hoje uma viagem ao Estado brasileiro do Espírito Santo, onde vivem aproximadamente 15.000 alemães. Apenas alguns poucos sabem algo a respeito deles; quem já ouviu falar do Espírito Santo? Sim, do Rio Grande do Sul, ou talvez de Santa Catarina ou Paraná temos alguma informação, pois nesses estados do sul, com seu clima temperado e ameno que agrada também muitíssimo aos europeus do norte – sobretudo no primeiro Estado citado, localizado mais ao sul –, mora a maioria maciça de nossos compatriotas. Desse modo, porém, os colonos que iremos visitar a seguir representam apenas uma fração pequena, mas de modo algum insignificante, da população alemã no Brasil. Entre 18 e 21 graus de latitude ao sul e 39 e 41 graus de longitude a oeste de Greenwich (desconsiderando os minutos) localiza-se o destino de nossa viagem: o Estado litorâneo que ao norte faz fronteira com o Estado da Bahia, ao sul com o Estado do Rio de Janeiro, a oeste com o Estado de Minas Gerais e a leste com o Oceano Atlântico. Ao sul do Rio de Janeiro segue-se o Estado de São Paulo pelo qual passa o Trópico de Capricórnio. Portanto, nossa viagem ao Espírito Santo será uma viagem em direção aos Trópicos. Como o centro do Espírito Santo dista aproximadamente 10 graus de latitude do centro do Rio Grande do Sul deduz-se, de um lado, que os alemães residentes no Espírito Santo moram de certo modo bastante isolados do núcleo mais forte de seus conterrâneos em território brasileiro e, de outro, impõe-se assim de antemão a suposição de que suas condições de vida apresentam fortes divergências em relação aos seus irmãos do sul, a começar pelas diferenças climáticas; e isso de fato é verdade.

Travessia

O transporte entre a Alemanha e o Brasil fica a cargo principalmente da Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft (Companhia de Navegação a Vapor Hamburgo-América do Sul). Anteriormente, os emigrantes do Império da Prússia utilizavam-se quase sempre dos portos localizados fora da Prússia, uma vez que uma portaria hoje revogada impedia indistintamente a emissão de passaporte de emigração para o Brasil: o infeliz decreto de Van der Heyd de 1859, cuja aplicação proibia a emigração para lá. Nossos emigrantes faziam a viagem quase sempre em navios a vela e, dependendo das graças ou desgraças do vento e do tempo, precisavam de 2, 4 ou até 6 meses para chegarem ao belo e paradisíaco porto do Rio de Janeiro, a capital do antigo império, onde tomavam uma embarcação costeira em direção ao porto de Vitória, a capital da província do Espírito Santo. Esse trecho, após a chegada ao Rio – como se costuma designar abreviadamente a cidade do Rio de Janeiro – até alcançarem o seu futuro lar, era a pior parte da viagem para as famílias; muitos iam nesta embarcação amontoados em compartimentos estreitos, ou passavam dia e noite no convés sem teto expostos a todas as intempéries do clima e do tempo. Nós tivemos mais sorte, pois escolhemos um navio a vapor mensal, da já citada agência marítima, que fazia a rota Hamburgo – Rio de Janeiro via Vitória, desta vez o “Olinda” (foto 1). Como todos os navios de passageiros, o “Olinda” é ao mesmo tempo um navio de carga, e nem de longe alcança a mesma extensão do famoso vapor da linha Hamburgo-América ou do Loyd alemão, embora estes sirvam ao transporte para a América do Norte. Mas por outro lado, nosso navio possui melhores acomodações para os passageiros, e a alimentação é excelente, o que acarreta mais vantagens para o viajante do que na linha norte-americana, cujos imensos navios de hélices duplas transportam os passageiros atravessando o oceano com maior rapidez e fazendo com que a entrega de vítimas ao implacável Netuno seja geralmente concluída apenas poucos dias antes

do final da viagem, e a maioria dos passageiros mal chegou a apreciar direito a excelente cozinha.

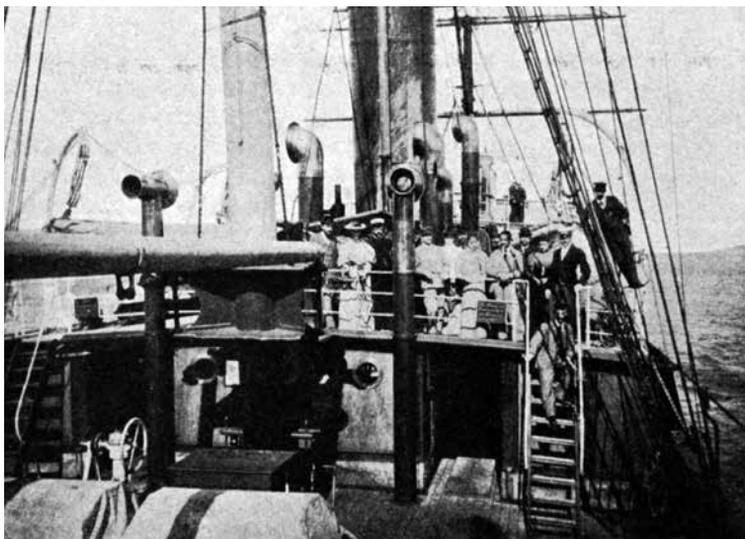


Foto 1. Navio Olinda

Bastou deixarmos para trás as águas raramente tranquilas da Baía de Biscaya, que muitos logo se adaptaram aos balanços do navio, e nos olhos de muitos que antes viviam completamente desesperançados brilha agora a serena alegria de viver. A nossa foto mostra o “Olinda” nas águas do imenso Tejo, que em Lisboa mistura suas águas amarelas com as águas azuis do mar. Nesse porto desembarcaram alguns concidadãos alemães, dando lugar a portugueses que pretendiam ir para a Ilha da Madeira. Eles logo se apresentaram. Esses senhores sabiam jogar “buro”: atira-se um disco de chumbo de aproximadamente seis centímetros de diâmetro envoltos em lona em um alvo que tem a forma exata de um desses trampolins usados num ginásio de esportes; a sua superfície curva é pintada de branco e dividida por linhas pretas formando quadrados, todos com um número dentro. Ganha quem acerta os maiores e a maior quantidade de números, lançando habilidosamente de uma distância

determinada os discos, que por sua vez devem ficar presos aos quadrados com os respectivos números atingidos, algo que exige muita agilidade sobretudo quando há ondas mais fortes. O jogo tem algumas surpresas, pois alguém que já estava praticamente certo da vitória, de repente pode perder numa jogada todos os pontos já obtidos. Tal reviravolta e os movimentos e gestos frequentemente engraçados dos participantes – tal como no jogo de boliche – geram muitas brincadeiras. Joga-se buro quase todos os dias, o que acaba quebrando um pouco a monotonia gerada gradualmente nas pessoas pela vida a bordo nessas viagens marítimas mais longas, durante as quais não se vê nada de novo, apenas céu e água, sobretudo quando há entre os passageiros poucas pessoas comunicativas. Entre os homens, o jogo de cartas geralmente faz parte das variações diárias, e o alemão absolutamente não consegue ficar sem o seu skat (descarte). Há abundantes possibilidades de leituras em diversas línguas. As senhoras alemãs e portuguesas conversam em francês. O piano também é utilizado; seu som pode não ter sido ruim algum dia, mas com a maresia esses instrumentos sofrem muito. Um passageiro, importador baiano, apresentou uma novidade destinada à sua clientela, um realejo da marca Mignon, do qual a música saía aos metros, pois as notas são perfuradas de dentro para fora em compridas tiras de papel, que vão sendo enroladas num cilindro giratório e se desenrolavam durante o giro do realejo. Por vezes organiza-se uma pequena dança, conforme os sons. Em suma, faz-se uso de todos os pequenos recursos para tornar a vida a bordo mais variada. Com grande energia pomonos a cuidar do corpo. Na maioria das pessoas, a maresia provoca um apetite colossal que se satisfaz das maneiras mais diversas durante as inúmeras refeições. Às seis da manhã serve-se o café, às oito o desjejum, às onze o almoço, às cinco o jantar e às oito da noite chá ou café. Os passageiros têm suas necessidades plenamente satisfeitas, e a cozinha, mediante a intervenção do amável capitão, obedece a desejos especiais, organizando o cardápio confeccionado com cartolina e adornado com fotos de muito bom gosto. Em Funchal, na Ilha da Madeira, nossos companheiros portugueses desembarcaram e, como não houve um fluxo significati-

vo de passageiros, o grupo já não muito grande reduziu-se a um número menor do que o existente no início da viagem. O vapor continuou o seu percurso, e durante dez dias não vimos nada mais além de céu e mar, ambos de um azul maravilhoso. Peixes voadores do tamanho de um arenque, mas às vezes bem maiores, avivam o mar; chegam até mesmo a lançar-se a bordo fazendo uma curva ousada ao tentarem escapar dos chamados peixes-porcos que vivem em seu encalço. Olhe, lá vai um voando em direção à cabeça de um pacato passageiro; o seu descuido, porém, acaba lhe saindo caro: no almoço, o peixe é servido frito ao viajante. Quando o sol se põe no mar, todos afluem à popa do navio para admirar naquela latitude as cores magníficas refletidas nas águas remexidas pela hélice do navio. E, sobre nós, o céu estrelado brilha num maravilhoso esplendor; as conhecidas constelações do firmamento de nossa pátria desaparecem dando lugar a outras até agora desconhecidas pelo viajante, e ali a abóbada celeste parece estar mais próxima de nós do que em nossa pátria. Atravessamos a linha do Equador lançando mão de vários passatempos; quem nunca passou por ela é batizado. Isto diverte a alguns, mas incomoda a outros de modo que muitos capitães não mais admitem tal costume, a fim de evitar atritos e cenas desagradáveis.

Primeiro contato com o Brasil, suas terras e sua gente

Finalmente entramos em águas brasileiras. Vê-se por vezes surgir na água uma massa negra que gira, serpenteia e chacoalha a água. São as baleias muito frequentes por aqui brincando entre si; uma ilustração daquele verso salmista: “Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria; repleta está a terra com teus bens. O mar é tão grande e tão vasto – nele pululam inumeráveis animais, grandes e pequenos. Nele passam os navios, e as baleias tu fizeste para que nele brincassem”. Agora já se avista a costa, e ficamos muitos decepcionados. Uma faixa contínua sem vida oferece-se ao nosso olhar. Será esse o esplendor dos trópicos brasileiros? Mas é preciso paciência! No decorrer da viagem, agora ao longo da costa, as dunas logo darão lugar a paisagens exuberantes. Olhe, o verde já está surgindo, e logo toda a areia desaparecerá. Agora estamos entrando numa magnífica baía; ancoramos, então, na Bahia de Todos os Santos. Diante de nós ergue-se num semicírculo a cidade da Bahia, construída em dois níveis, a cidade baixa e a cidade alta. Fizemos uma rápida visita à cidade, a fim de telegrafarmos para Vitória avisando sobre a nossa chegada iminente, e logo tivemos no posto telegráfico uma pequena amostra da honestidade dos funcionários públicos brasileiros. Normalmente o viajante traz consigo apenas dinheiro inglês. Um dos nossos pôs sobre o balcão uma libra esterlina que vale em torno de 22 mil réis, mas o funcionário só quis pagar 18; contudo, não quisemos nos deixar enganar assim tão facilmente e preferimos não telegrafar. Caminhamos um pouco pela cidade baixa onde há uma loja ao lado da outra; uma multidão internacional movimentava-se numa confusão de cores nas ruas, que dão uma horrível impressão de sujeira e exalam em sua maioria um forte mau cheiro. Encontramos um senhor que falava alemão, um norte-americano que trocou nosso dinheiro inglês pelo brasileiro, e pudemos então enviar o

nosso telegrama. Visitamos também a cidade alta para a qual subimos de elevador. A sujeira da cidade baixa contrasta com a cordialidade da cidade alta, onde os negociantes ricos e muitos funcionários públicos têm as suas moradias. De volta ao nosso navio aguardamos o rápido cair da noite, olhando para o continente. Em todos os pontos da cidade, as luzes começaram a cintilar; a praia agora encontra-se diante de nossos olhos num esplendor misterioso e fantástico, e das águas do porto erguem-se fantasmagoricamente os navios a vapor e veleiros ancorados, e inúmeras luzes flutuam e balançam sobre o mar.

Final da viagem marítima

Uma viagem de dois dias levar-nos-á ao nosso próximo destino. No caminho, localidades encantadoramente situadas em praias envolvidas pelo verde nos cumprimentam amigavelmente. Finalmente aparece diante de nós a entrada externa do porto de Vitória, tal como mostra a foto 2. Quando então disseram aos imigrantes que eles em breve chegariam, com o coração alegre, todos entoaram uma canção composta por eles mesmos com o seguinte refrão: “Hurra, hurra, hurra! Agora estamos em Vitória!” Contudo, a paisagem que vemos daqui ainda não tem esse nome. Mas o homem a quem Deus mostrou tais maravilhas pode dar-se por feliz; é o caso da beleza que o criador insuflou naquela paisagem. Não há um viajante que não tenha se encantado com ela. Os imigrantes, porém, discutiam questões práticas profundamente entretidos. Os probos pomeranos oriundos de regiões planas ficaram comovidos ao verem as inúmeras montanhas desordenadamente aglomeradas, cujas encostas seriam suas futuras lavouras, e admirados falaram sobre a “região corcovada”. O grito de “Vitória” cessou.



Foto 2. Entrada externa de Vitória



Foto 3. Praia próxima a Vila Velha

À esquerda, numa pequena, praia ergue-se uma antiga fortaleza que domina a entrada localizada no meio, entre ela e o penhasco mais próximo. Seus canhões logo seriam silenciados pelas modernas peças de artilharia dos navios; a questão é se realmente eles ainda estão em condições de produzir algum som, mas em séculos anteriores o pequeno forte deve ter sido uma defesa nada desprezível dos portugueses, sobretudo contra os ataques holandeses impetrados contra a sua propriedade colonial brasileira. À direita ergue-se o Mestre Álvaro com seus cumes de formas singulares, uma montanha rochosa de 980 metros de altura, que serve de ponto de referência para os navios. Prosseguindo a viagem no interior da Baía de Vitória desenrola-se diante de nós um panorama múltiplo, uma paisagem litorânea repleta de montanhas de uma beleza ímpar. Chegamos à antiga capital, chamada de Vila Velha ou Espírito Santo, a mais antiga colônia da província. À nossa esquerda deixamos para trás a praia (foto 3), um pouco descalvada pela maré dessa localidade onde hoje existem apenas cabanas de pescadores, além de algumas casas de veraneio de comerciantes de Vitória, e também duas igrejas católicas, entre elas a mais antiga da província; uma montanha arredondada de 138 metros de altura coroada com o convento de Nossa Senhora da Penha deixa o nosso raio de visão ao deslizarmos lentamente em direção a Vitória num braço de mar semelhante a um rio, e passando por muitas ilhotas.

O piloto nos conduziu com segurança pelas águas sempre perigosas, apesar da sua profundidade adequada para navios, passando junto ao imenso penhasco chamado Penedo, que ergue-se ao fundo à direita em nossa foto 4, uma espécie de guardião da parte interna da verdadeira Baía de Vitória; passamos tão rentes a ele que era quase possível tocá-lo.



Foto 4. Entrada interna de Vitória

Nesse ponto muitos navios já naufragaram. O nosso foi, há muitos anos atrás, o primeiro navio com a quilha profunda a entrar ali; lançaram um bote à água para ir na frente sondando atentamente a profundidade, enquanto o vapor ia seguindo-o lentamente, e não houve quaisquer acidentes. Não muito tempo depois, o governo do Estado com a intenção de desenvolver e fazer prosperar o porto, fechou um contrato com a nossa agência marítima, segundo o qual a Companhia, em troca de uma determinada subvenção do Estado, estaria obrigada a colocar em funcionamento uma linha entre este porto e a Alemanha, feita por um navio a vapor. Finalmente paramos. Diante de nós ergue-se como um anfiteatro a capital do Estado (foto 5), tendo ao fundo uma encosta bastante íngreme, formando no conjunto uma imagem verdadeiramente encantadora! Lançamos âncora. O “Olinda” começou a apitar continuamente, anunciando a sua presença e içou a bandeira amarela. A polícia sanitária não viu nada de errado a bordo e autorizou a nossa entrada em

terras brasileiras. Quem entre os passageiros tinha algum conhecido por aqui, ou era aguardado – como no nosso caso –, já foi saudado ainda a bordo; logo o convés encheu-se de conterrâneos residentes em Vitória e imediações, loucos para sentir novamente o solo alemão sob os seus pés, conversar com os compatriotas e comer e beber numa mesa alemã. Em seguida despedimo-nos dos companheiros de viagem que prosseguiram com o navio.



Foto 5. Panorama de Vitória

Na alfândega

Quem não tinha apenas bagagem de mão teve de deixar as caixas pesadas algum tempo a bordo até uma lancha se colocar ao lado do navio e apanhar toda a carga para ali destinada, a fim de levá-la à alfândega – uma palavra portuguesa originária das Ilhas Maurícius. Nós também tivemos de passar pela alfândega com nossa bagagem de mão, e um probo alemão chamado Schmidt que nos aguardava e seria o nosso acompanhante – e também o nosso anfitrião por alguns dias até viajarmos mais adiante para o interior – foi explicitamente avisado por alguns senhores amigos dele para não tentar conduzir-nos para fora com nossa bagagem de mão sem passarmos pela alfândega, pois tal tentativa poderia sair bem mais caro a ele e a seus hóspedes do que o pagamento dos impostos legais. Ele anuiu sorrindo e obedeceu. Na alfândega fala-se apenas português; nosso anfitrião e um jovem comerciante serviram de intérprete. Os funcionários, mulatos impecavelmente vestidos, entre eles também alguns brancos, são por vezes bastante curiosos e, se têm tempo, abrem todas as bolsas, malas e caixas; querem ver todas as coisas e bugigangas europeias nelas ocultas. Mas geralmente são de uma cordialidade seleta, o que aliás é um dos traços mais amáveis do caráter do povo brasileiro, raramente ausentes mesmo nas pessoas incultas. Se for uma mulher a passar pela alfândega, os funcionários então redobram a amabilidade. Uma vez que o governo considera as colônias alemãs como um dos meios mais importantes para promover o avanço econômico do país – chegando na época no império até mesmo a fundá-las, prometendo-lhes então provê-las com igrejas – ainda hoje os padres designados na Alemanha para ocuparem as paróquias nas colônias são tratados com excepcional indulgência ao passarem pela alfândega levando a sua bagagem, apesar do regime imperial já ter sido substituído pela República. Um desses padres presente em nosso navio saiu da alfândega praticamente sem pagar quaisquer impostos; apenas um piano teve de se sujeitar ao pagamento, pois disseram que somente núncios apostólicos

teriam o direito de entrar com tal instrumento sem pagar impostos, e além disso ninguém parecia acreditar que o instrumento bem conservado era usado. O montante a ser pago foi fixado num escritório, sem a presença da parte reclamante, em 147 mil réis. Entretanto, tiveram de dar ao homem que trouxe o recibo 177 mil réis – na época cerca de 140 marcos –, pois ele afirmava insistentemente que o 4 era, na realidade, um 7. E de nada serviram as contestações; a diferença, ele simplesmente enfiou no próprio bolso com a maior naturalidade. Sem dúvida, apesar de toda a amabilidade que constatamos na alfândega não podemos deixar de mencionar que a honestidade é uma flor rara na coroa das virtudes dos funcionários públicos brasileiros, e que especialmente na alfândega comete-se um enorme número de fraudes, através das quais o governo brasileiro vê-se subtraído de quantias imensas por um número não muito pequeno de funcionários públicos. Talvez agora já tenha melhorado, depois que o governo fez e continua fazendo grandes esforços para sanear as suas finanças, herdadas do Império em ótimo estado e terrivelmente arruinadas durante a República. A tentação para fraudar e as medidas destinadas a arrancar do povo mais do que a lei estabelece tornou-se ainda maior, tanto que os salários dos funcionários do governo e do Império são geralmente baixos demais para cobrir suas despesas básicas, e a corrupção tanto entre os grandes como entre os pequenos era, e é, algo praticamente normal. Dizem que nesse sentido a diferença entre a monarquia e a república brasileira expressa-se sucintamente da seguinte maneira: “No Império roubava-se e na República rouba-se”. Na época do imperador, um funcionário público graduado da colônia de Santa Leopoldina, a qual iremos visitar, teve de abandonar suas funções em circunstâncias bastante modestas e por isso requereu a concessão de um subsídio para ele e para a família; o ministério então deu-lhe a seguinte resposta: “Um burro, que é colocado junto a um cocho farto, mas não se esforça para devorar tudo, não merece que cuidem dele”. Esse veredito tornou-se praticamente um provérbio no Brasil.

Vitória e arredores

Depois dessa olhadela rápida no lamentável modo de agir por baixo dos panos dos funcionários públicos brasileiros, sentamo-nos no barco de nosso anfitrião e dirigimo-nos a sua residência. Lá está ela, diante de nós. A inscrição no telhado diz: “Fábrica de Cerveja de Serrat e Schmidt” (foto 6). Nosso anfitrião é portanto um fabricante de cerveja e, ao mesmo tempo, um verdadeiro anfitrião, pois embaixo da casa ele tem alguns cômodos, nos quais presenteia o seu produto, e um dos cômodos de sua casa também serve de clube para a Associação Alemã de Vitória. A princípio, o Sr. Schmidt emigrou na condição de simples ferreiro, mas depois ao ver a sua saúde ameaçada pelo trabalho junto ao fole naquele clima quente, ele se tornou um transportador do governo, aqui chamado de tropeiro; ele adquiria um bando de mulas e transportava nas costas delas por conta do governo mercadorias para as colônias



Foto 6. Fábrica do fabricante de cerveja Gustav Schmidt

recém-fundadas. Por fim investiu os seus lucros numa cervejaria, tornou-se um homem abastado, mas continuou sendo uma pessoa excelente, estimada por todos que o conheciam. No clube alemão celebramos a última festa de despedida junto com o capitão, o primeiro maquinista e alguns passageiros, tomando cerveja alemã de um barrilzinho de cerveja Holsten do “Olinda”, com o qual o capitão presenteou a todos.

Participaram também alguns de nossos novos conhecidos de Vitória, entre eles alguns funcionários da alfândega. Um passageiro homenageou a Alemanha, um senhor alemão de Vitória homenageou os brasileiros e um brasileiro os alemães.

No dia seguinte fizemos uma caminhada até a cidade, que é cortada por uma avenida bastante comprida e larga tendo uma loja ao lado da outra. Nela desembocam muitas ruas transversais, cruzadas também por ruelas compridas e bastante estreitas. Palmeiras altas formam o ornamento principal de todas as cidades antigas nos trópicos brasileiros. Vitória foi fundada na primeira metade do século XVI por Vasco Fernandes Coutinho, a quem D. João III de Portugal tinha presenteado com a região do atual Estado do Espírito Santo, apesar da resistência obstinada dos nativos. Por duas vezes, ela foi completamente destruída pela tribo dos índios tupiniquins-goitacás. Além disso, essa localidade, bem como todas as colônias portuguesas no Espírito Santo, sofreram muito com a presença da tribo dos aimorés, índios guerreiros e valentes, inimigos dos goitacás. Hoje, Vitória possui aproximadamente 12.000 habitantes e tem um grande número de igrejas, tal como mostram nossas fotos; elas são todas católicas. O antigo edifício do Colégio Jesuíta, na parte de cima do terraço, já há muito não serve mais ao seu objetivo primeiro e tornou-se hoje a sede do governo do Estado, sendo um dos palácios de governo mais expressivos do Brasil. A população da cidade compõe-se da mistura de diversas raças; excetuando os habitantes nascidos na Europa e aqui domiciliados como negociantes há poucos indo-europeus puros. Nas veias da maioria esmagadora da população corre uma mistura de sangue português, africano e indígena. Vemos as diversas gradações entre branco, amarelo, mulato e negro na cor do rosto das pessoas. Não

há muitos alemães na cidade, mas nossos conterrâneos estão justamente entre os proprietários dos negócios mais importantes do local. No clube alemão admite-se também suíços-alemães e austríacos. Seu presidente atual é o nosso probo anfitrião.

Embarcamos num petroleiro a motor colocado muito amavelmente a nossa disposição por um comerciante alemão, a fim de passearmos pelo lindo porto com suas encantadoras ilhas. Dois de seus funcionários assumiram o comando e deixaram a brisa do mar soprar nas cabeças pesadas, pois a cerveja incomumente fria do vapor alemão parece não lhes ter feito muito bem ontem.

Diversas ilhas e ilhotas foram adquiridas por comerciantes que nelas construíram as suas mansões. Ancoramos na ilha do proprietário de nosso barco (foto 7), e de seu topo desfrutamos uma paisagem maravilhosa apresentada nas duas fotos seguintes.



Foto 7. Ilha do Sr. Wetzel com ancoradouro

Em primeiro plano vemos sempre o característico manguezal. Vemos também como foi difícil construir ali um desembarcadouro e uma trilha em meio a tal vegetação. A foto seguinte (foto 8) dá-nos uma ideia da extensão dos manguezais que, aliás, durante a maré baixa causam uma

impressão menos agradável. No fundo à direita, ergue-se a montanha já mencionada, em cujo cume se encontra o Convento de Nossa Senhora da Penha; abaixo aparece a caverna onde o fundador do convento, o monge espanhol Pedro Palácios, viveu como eremita durante 17 anos. No sopé da montanha vemos a cidade de Vila Velha. Há muito, o convento foi desativado. Antigamente era muito visitado e continua sendo ainda hoje um dos mais famosos locais de peregrinação de todo o Brasil. Mas, nos últimos anos antes de sua desativação, ele ficou mal afamado por causa das jogatinas e da devassidão nele predominantes. Na capela do convento com seu interior esplendoroso foi colocado um quadro da Virgem Maria, ao qual se atribuem poderes milagrosos; as joias lá dentro resplandecem, embora sejam hoje apenas bijuterias, pois as autênticas foram roubadas ou substituídas por pedras falsas. Num dos corredores do convento há uma grande quantidade de oferendas e votos por graças recebidas pendurados na parede, feitas por fiéis que atribuem a salvação de um naufrágio ou a cura de uma doença à Senhora da Penha, cujo nome significa “soberana do penhasco”. Dizem que a sua imagem milagrosa apareceu aqui certo dia boiando junto ao penhasco.



Foto 8. Manguezal, à direita atrás do morro do Convento de Nossa Senhora da Penha

Muitos dos votos por graças recebidas mostram pessoas num naufrágio e indicam a data de sua salvação. Quadros mais antigos transmitem a ingenuidade indígena em sua composição. Alguns desses quadros mostram doentes agonizantes com febre amarela; o vômito negro escorre-lhes da boca, mas lê-se abaixo que o doente foi salvo graças a ajuda da Senhora da Penha. Cópias feitas em cera de diversas partes do corpo acometidas por doenças estão lá penduradas; por exemplo, uma perna cheia de varizes e furúnculos, além de um inchaço hidrópico, mostrando uma doença que podemos caracterizar como um mal do clima. Ela é muito comum no Espírito Santo e atinge ambos os sexos, ocorrendo mais frequentemente entre os europeus que são obrigados a suportá-la por muitos anos. Durante esse tempo, ela lhes causa muito sofrimento e, mesmo mais tarde, depois da primeira cura, lhes volta à lembrança vez por outra. Viajar para outras regiões do Brasil pode não muito raramente proporcionar uma cura rápida. No pico da montanha da Penha tem-se uma vista magnífica e foi dali que tiramos as fotos da entrada externa do porto e da paisagem montanhosa diante de Vila Velha mostrada em seguida.

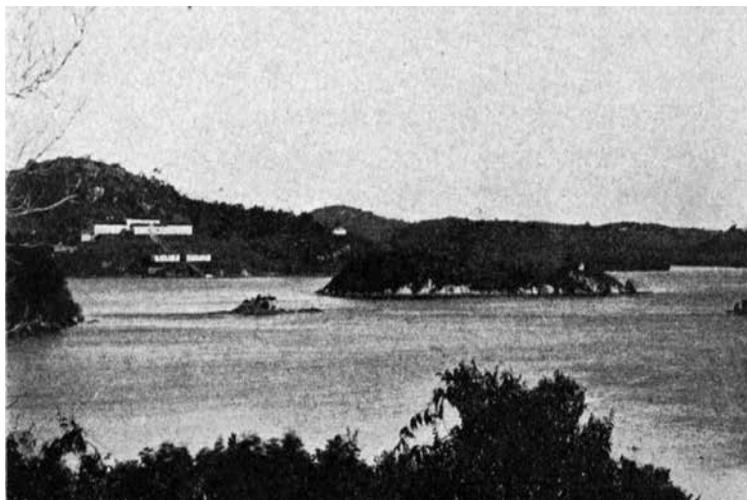


Foto 9. Vista do albergue do imigrantes

Da ilha do comerciante Wetzel avistamos do outro lado o albergue dos emigrantes (foto 9), cuja construção alongada aparece à esquerda em forma de terraços enfileirados acima da água. Ela está entre as melhores edificações feitas para esse fim encontradas no Brasil. É preciso admitir que os emigrantes foram bem tratados pelo governo e que se de um lado não foram cumpridas todas as condições do contrato feito com os colonos, de outro estes também confessam não terem cumprido todas as suas obrigações e nem por isso foram obrigados a prestar contas. A população de Vitória recebeu-os muito amigavelmente, e pessoas influentes deram-lhes bons conselhos a fim de livrá-los de prejuízos. A culpa de muitos desses tormentos que os atingiram no início de sua vida na colônia é de alguns engenheiros desleais e indolentes. A instalação de colônias começou aqui em 1847 com a fundação da colônia alemã de Santa Isabel vindo em seguida Santa Leopoldina e Rio Novo; as duas últimas foram povoadas por alemães, italianos e poloneses.

No barco de Vitória para Cachoeiro

Já é hora de irmos para as colônias. Despedimo-nos do hospitaleiro Sr. Gustavo – todos aqui são tratados pelo seu prenome –, e dirigimo-nos à praia diante da casa dele para embarcar numa das canoas ali atracadas. Seguimos o rumo das montanhas que ao fundo nos saudavam e à direita passamos pela Cidade da Palha, assim chamada pelos outros bairros de maneira suavemente jocosa, lembrando que essa parte da cidade surgida há poucos anos consistiu durante muito tempo de barracos de taipa com o teto feito de palha de palmeira.

Os olhos não se cansam de observar a paisagem exuberante. Finalmente, porém, dirigimos a nossa atenção para o mais imediato e examinamos a nossa embarcação (foto 10) com a qual saímos da Lagoa do Lameirão (a pronúncia do “ão” assemelha-se ao “ng” do francês) e entramos no rio Santa Maria, no qual teríamos de navegar um trecho de aproximadamente 60 quilômetros rio acima. Pois excetuando um trecho ainda incompleto em direção ao sul, até 1900 ainda não havia ferrovias que ligassem a capital Vitória ao interior do Estado. Os carros aqui ainda não são usados como meio de transporte, pois não existem estradas, apenas trilhas que servem ao mesmo tempo aos cavalos. Poderíamos percorrer esse trecho a cavalo ou usar as mulas, mas a via fluvial é mais prática e mais cômoda; contudo a comodidade nesse caso encontra-se num patamar bastante modesto. Como temos a intenção de fixar residência na colônia e conseqüentemente trouxemos conosco caixas e caixotes repletos de utensílios domésticos, arrumamos todos eles na parte dianteira da canoa, de modo que sobrou uma área relativamente plana sobre a qual estendemos uma lona. No nosso caso, a canoa é feita de uma árvore imensa trazida da selva, depois escavada e talhada em forma de barco; os pontos permeáveis foram calafetados e, para que sobrasse mais espaço, encaixaram várias tábuas empilhadas na beirada. Na parte de trás do

barco fixaram com pregos quatro arcos feitos de cipó duro, daqueles que existem na floresta enroscados nas árvores, e sobre essa estrutura colocaram uma esteira feita de junco e sobre ela uma lona alcatroada, a fim de nos proteger dos raios ardentes do sol tropical, bem como dos temporais frequentes. Acomodamos, então, sob ela no chão de madeira.

Na popa fica o mestre, o timoneiro, que ao mesmo tempo comanda os remadores. O nosso tem o apelido de Papagaio e é um dos poucos barqueiros confiáveis que sabe impor respeito frequente aos re-

madores e, nos locais onde paramos para saborear algo nas chamadas “vendas” ou armazéns, consegue trazer de volta no momento certo os seus companheiros negros para retomarem o trabalho no remo. Na maioria das vezes, para-se próximo a um vilarejo chamado Queimado. Lá, não raramente, ocorre de a tripulação, quando não está satisfeita com os passageiros, desaparecer deixando-os perplexos esperando na canoa. Felizmente isso não aconteceu conosco. Tínhamos partido de Vitória às quatro horas para aproveitar a maré cheia, cuja corrente é perceptível rio acima até Queimado. Nas águas do porto foi preciso remar; no rio pode-se utilizar longas varas que aceleram a viagem. Em muitos rios brasileiros é preciso utilizar a maré-cheia que vem, sem dú-

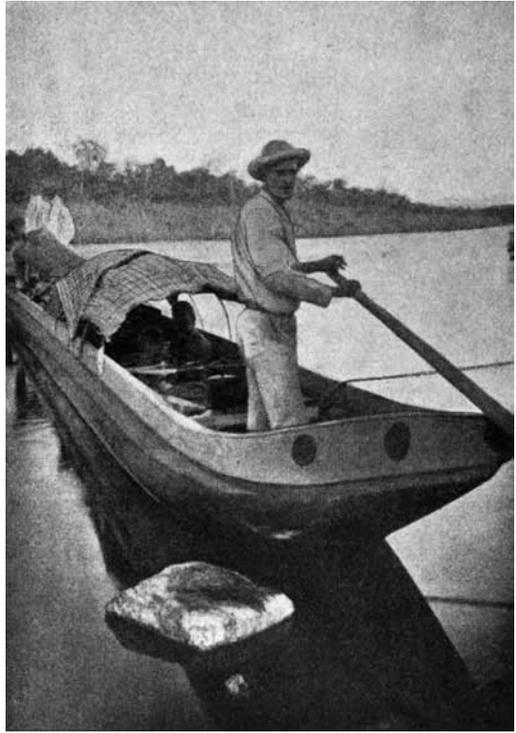


Foto 10. Barco usado em nossa viagem

vida, bem a propósito numa viagem em direção às montanhas, a fim de ultrapassar as águas profundas da foz. Esta, chamada de barra, encontra-se em quase todos os rios do litoral brasileiro, e muitas são consideradas o pavor do barqueiro, como a do rio Doce ao norte de Vitória. O sol já baixou bastante; não sabemos ainda onde passaremos a noite. A tripulação continua ativa nos remos e está satisfeita. As seis pessoas ficam na ponta distribuídas nos dois lados do barco e enfiam as varas no fundo do rio. Apoiam-se nelas levando o barco a se movimentar para frente, atingindo uma velocidade relativamente considerável. Um deles começa a entoar uma canção e os restantes acompanham; ao final de uma frase ou de um verso eles vão baixando a voz lentamente até ela se extinguir. O conteúdo das letras não é muito profundo, por mais patético que ele possa frequentemente soar, e todos afirmam alegremente que se trata apenas de um cântico de louvor ao prato nacional, cujo refrão é o seguinte: “feijão preto e farinha de mandioca e carne secaaahaaa!”; e num impulso lírico, a voz sobe novamente na última sílaba.

Até então, a vegetação de ambas as margens não tinha nada de extraordinário, excetuando algumas palmeiras vistosas. Mas as pequenas fazendas brasileiras e os sítios rodeados de palmeiras proporcionavam-nos uma visão encantadora, e a forma primitiva de algumas construções com teto de folha de palmeira tornava-os ainda mais graciosos. A foto 11 reproduz o caráter típico de um tal sítio que consideramos um pouco mais vistoso. As terras à beira do baixo Santa Maria, onde ele atravessa uma planície costeira, já foram desmatadas há mais de um século para servir de pasto para gado, cavalos e mulas. Contudo, em outros pontos dessa faixa costeira plana situada defronte à cadeia de montanhas do Espírito Santo, cujos cumes nos saúdam à distância, existem extensas plantações de cana-de-açúcar que, sem dúvida, eram de grande importância antes da abolição da escravatura. A exportação de açúcar hoje é muito pequena.

Uma mata formosa cobre agora ambas as margens. Um pássaro gracioso com um peito magnífico de cor escarlata e asas negras surge da mata voando de uma margem à outra. Como ele se chama? Um dos

negros responde: “Sangue de Boi”, e sorri ironicamente sugerindo que se trata de uma invenção dele. Era um tanagrídeo, um pássaro muito comum no Espírito Santo, uma joia encantadora do reino das aves.

Das florestas que cobrem as montanhas cada vez mais próximas ouvem-se urros abafados de macacos descendo em nossa direção. Para os tripulantes, esse barulho já se tornou tão cotidiano que eles nem dão mais atenção. Mas, de repente, um ruído numa das margens deixou-os vivamente agitados; alguns deles saltaram na água e foram até lá. Tinham visto um tatu e já sentiram o

cheiro de um assado delicioso. Mas, em vão, tentaram apanhá-lo, pois velozmente ele começou a cavar o chão com suas garras habilidosas ao perceber que não poderia mais escapar e desapareceu na terra antes que seus perseguidores pudessem alcançá-lo; e mesmo avistando dentro do buraco uma parte do animal, é raro que se consiga arrancá-lo dali sem ferramentas adequadas, pois ele fica firmemente preso ao chão usando suas garras. No Brasil habitam diversas espécies desse estranho animal que tem a capacidade de se enrolar feito um ouriço, a fim de proteger o mais completamente possível as suas partes moles contra ataques inimigos, por meio da couraça que possui. Inofensivamente, ele procura na

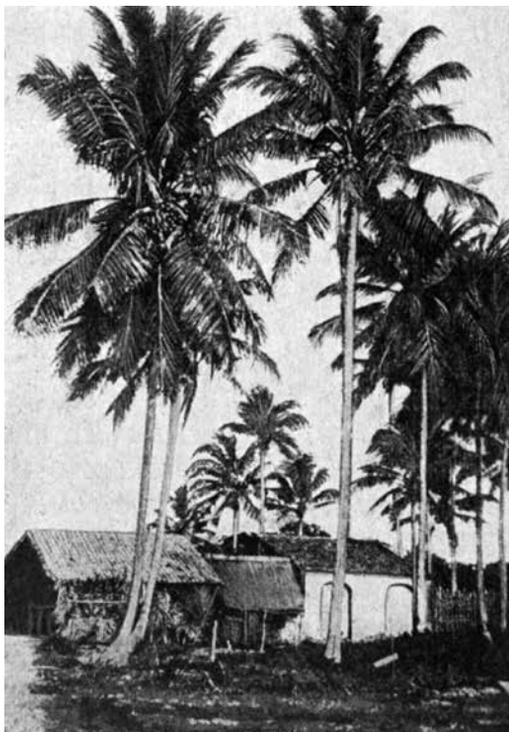


Foto 11. Terreiro brasileiro junto ao Rio Santa Maria

terra seu alimento que consiste de vermes e pequenos animais inferiores. Sua carne é muito saborosa e macia, semelhante a da galinha. Com sua couraça faz-se belos cestinhos. Aliás, a couraça de uma das espécies alcança um tamanho considerável, por volta de três quartos de metro com uma largura proporcional, sem contar a cauda. Os negros retornaram rindo ao barco; a presa havia escapado.

A viagem prosseguiu mais um pouco e logo caiu a noite; amarraram o barco numa das margens. Aguardamos a chegada da lua, e quando ela brilhou no firmamento, semelhante a uma foice na posição horizontal, as pessoas apanharam novamente os remos; e observando admirados o rosto estranhamente oblíquo da lua, tão oblíquo como jamais vimos na Europa, prosseguimos a viagem até a meia-noite, quando a nossa boa companhia nos deixou virando a sua cabeça para a outra metade da Terra e colocando-se, assim, novamente na posição correta. Outra vez prenderam a canoa numa das margens que estava absolutamente deserta e silenciosa; as pessoas se enrolaram em seus casacos e se esticaram para uma soneca tranquila sobre as bagagens. Estendemos nossos cobertores de viagem no chão, deitamo-nos sobre eles e dormimos. Às 6 horas da manhã partimos novamente. Mas ao despertarmos não vimos absolutamente nada a nossa volta, nem as margens, nem o rio; estávamos envoltos por uma densa névoa. Mas depois, com os raios de sol, ela foi diminuindo... Ontem à noite, às 6 horas, surpreendentemente a noite caiu de repente, e hoje cedo às 6 horas o dia também irrompeu de repente. Quase não se pode falar de um crepúsculo, tal a rapidez com que a noite lança o seu véu sobre a Terra e em seguida o recolhe.

Cruzamos com algumas canoas carregadas de café que estavam levando o produto principal das colônias para Vitória. Chegamos à foz de um riacho que corta Mangaraí ou Holanda – é o nome de um distrito da colônia de Santa Leopoldina, pois lá moram muitos holandeses. São quase todos protestantes e estão unidos à mais antiga comunidade evangélica alemã da colônia acima mencionada; apropriaram-se da língua alemã, mas em casa e entre si continuam falando holandês, frequentemente misturado com o baixo-alemão dos colonos pomeranos. Uma

parte deles faz uso também da língua portuguesa, uma vez que infelizmente moram entre eles muitos mulatos e negros. A nossa foto (foto 12) mostra um casal de holandeses. O homem é inspetor da polícia de um distrito da colônia, mas não sabe ler, nem escrever.

A viagem continua e dentro de algumas horas chegará ao seu fim. Finalmente – já eram quase 11 horas – a canoa entra na última das muitas curvas que compõem os meandros do caminho sinuoso de nosso rio; diante de nós vemos o destino de nossa viagem, a pequena cidade de Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina, a sede e o local de abastecimento desta colônia que, depois de Vitória e ao lado de uma cidade junto à fronteira do sul, é uma das localidades mais importantes do Estado.



Foto 12. Casal holandês

A pequena cidade de Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina

Atracamos ali onde aparecem os barcos (foto 13); subimos a ladeira à direita, passamos entre o armazém de um comerciante tirolês-alemão e um rancho coberto com uma chapa ondulada, sob a qual estavam presos no cabresto animais de montaria e de carga, e chegamos à rua principal da pequena cidade. Paramos diante da casa e da loja do Sr. Franz e Müller, que nos receberam com muito carinho numa autêntica hospitalidade teuto-brasileira, prestando-nos em seguida toda a ajuda possível para a nossa viagem.

Um dos lados da rua compõe-se exclusivamente de lojas, enquanto o outro é ocupado por armazéns para abastecer essas lojas e outras no interior do Estado, e por ranchos abertos, nos quais tropas de mulas trazendo produtos agrícolas do interior do Estado e em parte também do oeste do Estado limítrofe de Minas Gerais (pronuncia-se o “G” sibilante como no francês) amontoavam-se e empurravam-se aguardando a carga e descarga de suas mercadorias. O comércio local abastece muitas vezes o comércio intermediário composto por grandes lojas de importação e exportação em Vitória. Entre os comerciantes em Porto do Cachoeiro encontram-se alemães, tirolezes-alemães, suíços-alemães, húngaros-alemães, belgas, brasileiros e portugueses. Inúmeros artesãos, pertencentes também a diversas nacionalidades, prestam ótimos serviços e entre os melhores os alemães aparecem em primeiro lugar; um deles, um marceneiro, faz objetos que poderiam ser considerados trabalhos artísticos. Em quase todas as lojas os clientes alemães podem se comunicar em sua língua materna. Geralmente os edifícios são construídos compactamente tendo em baixo a loja e o depósito, e em cima a moradia. Os



Foto 13. Porto de Cachoeiro - Ancoradouro e ponte nova

funcionários mais dedicados vão gradualmente assumindo a posição de sócios da firma, à medida que os chefes vão parando de trabalhar para viver de sua aposentadoria, seja no Brasil ou seja em seu país de origem. Em qualquer loja, pode-se comprar tudo o que uma pessoa precisa por aqui, seja ela agricultor, artesão ou funcionário público. Infelizmente, as mercadorias são quase sempre caríssimas para os referenciais alemães, e a causa principal dessa discrepância é que os impostos federais são cobrados em sua maior parte através dos enormes direitos alfandegários de importação; para os produtos farmacêuticos eles são muitíssimo elevados. Não existe um imposto de renda geral, enquanto as indústrias e os estabelecimentos comerciais têm de pagar impostos bastante elevados. Informamo-nos sobre os preços de alguns artigos que entre 1895 e 1900 custavam em média o seguinte:

1 saco de farinha de trigo	28.000 réis
1 saco de açúcar branco	32.000 réis
1 quilo de açúcar refinado	1.300 réis
1 saco de milho	15.000 réis
½ quilo de manteiga importada	2.500 réis
½ quilo de manteiga nacional	2.500 réis
1 quilo de carne seca	1.100 réis
1 quilo de carne bovina fresca	1.000 réis
1 litro de arroz	500 réis
15 quilo de batatas	12.000 réis
1 queijo de minas (aprox. ½ quilo)	3.000 réis
1 dúzia de ovos	1.100 réis
1 litro de sal	360 réis
1 litro de leite condensado	1.700 réis
1 quilo de bacalhau	1.500 réis
1 litro de feijão	500 réis
1 litro de mandioca	320 réis
1 lata de arenque comum	4.000 réis
1 quilo de toucinho	2.500 réis
1 quilo de banha	3.000 réis
5 cebolas	500 réis
1 garrafa de cerveja autêntica	3.000 réis
1 garrafa de cerveja nacional	600 réis

1 garrafa de cachaça	1.000 réis
1 garrafa de vinho virgem	2.000 réis
1 garrafa de vinho do porto	4.000 réis
1 garrafa de água gaseificada	1.500 réis
1 metro de morim (Schirting)	5.000 réis
1 par de sapatos para crianças de 1 ano e meio	7.000 réis
1 par de sandálias	4.200 réis
1 chapéu de palha comum	9.000 réis
1 peça de emplastro de hamburgo	1.000 réis
1 peça de sabão de alcatrão	2.500 réis
1 garrafa pequena de creolina	2.000 réis
1 litro de vaselina (aprox. ¼ L)	3.000 réis
1 dose de gomatose	9.000 réis
1 garrafa de aguardente de vinho	2.000 réis
1 garrafa pequena de maravilha curativa (aprox. 200 ccm)	3.500 réis
1 litro de farinha de aveia	2.500 réis
1 caixa de chocolate com aveia (Alemão)	3.500 réis
1 vidro de lactose (1 Lt)	6.000 réis
1 mamadeira	800 réis
1 chupeta	800 réis
1 lata de capanema (1 Lt.)	3.500 réis
1 pacote de fósforos (10 cx.)	800 réis
1 caixa de latão tamanho médio	6.000 réis

1 garrafa de querosene	600 réis
1 balde de latão soldado cheio de petróleo 9	10.000 réis
1 foice (sem o cabo)	4.500 réis
1 machado (semocabo)	8.500 réis
1 enxada (sem o cabo)	2.000 réis
1 facão	7.000 réis
1 broca	6.000 réis
1 pedra de amolar	2.000 réis
1 balde de cozinha	3.000 réis
1 bacia de lata grande	7.500 réis
1 caldeirão	10.000 réis
1 ferradura	500 réis
1 rolo de arame farpado	30.000 réis

No Conselho Municipal – aqui se chama Câmara – encontram-se também alemães. Mas, em todo o Estado, os órgãos públicos mais influentes estão nas mãos de brasileiros, cujo tipo geralmente não é muito europeu. A vida e todas as atividades dos habitantes da cidade são determinadas predominantemente por dois fatores: pela sede de lucro e pelo espírito político partidário, do qual apenas poucos conseguem se manter livres. Ambos impedem o surgimento de uma camaradagem estável mesmo entre os alemães, que por sua vez cultivam-na com prazer nas associações. Aqui no local há apenas uma farmácia; o seu proprietário, contudo, ainda não prestou o exame exigido, e sua concessão pode muito bem reportar-se a graças e favores obtidos através de amigos políticos, o que, somado à falta de um sentimento de responsabilidade do brasileiro, pode significar para os clientes da farmácia uma desgraça. Contudo, – usando uma palavra suave –, tais erros já aconteceram fazendo com que mesmo os médicos brasileiros se sentissem obrigados

a conferir pessoalmente a execução das receitas no caso de doenças perigosas. Mas há alguns médicos por aqui nos quais um alemão prefere não confiar, pois de maneira geral a desconfiança na arte dos filhos brasileiros de Esculápio está muito bem fundamentada, embora não se possa negar que entre eles existam alguns extraordinariamente bons, sobretudo, nas grandes cidades como Rio, Bahia, São Paulo etc.

A doença mais temida aqui é a febre amarela que, aparentemente, se tornou endêmica, provocando uma epidemia a cada dois anos e chegando até o interior através do tráfego comercial. Geralmente, a doença começa com uma terrível dor de cabeça associada a dores na coluna; ocorrem vômitos e rapidamente a febre alcança uma altura considerável. Os doentes ficam literalmente enfurecidos e têm de ser vigiados durante esse estágio da doença por pessoas realmente fortes, pois elas esquecem de si mesmas achando que não têm nada de anormal e por vezes abandonam o leito e cometem tolices, o que lhes diminui a possibilidade de que a doença decorra de maneira favorável. Por fim, os vômitos adquirem um caráter terrível ganhando uma tonalidade escura; assemelham-se a borra de café e compõem-se de sangue podre. A pele torna-se amarelada e os cadáveres às vezes ficam marrons cor de mogno; mas, por outro lado, a cor amarela nem sempre aparece com intensidade, apesar de ser a causa do nome da doença. O remédio popular ao qual – se utilizado de imediato – pode-se atribuir efeitos quase sempre muito favoráveis, consiste normalmente de uma dose bem grande de óleo de rícino logo no início da doença, seguido de diversos medicamentos sudoríficos, ou seja, banhos e dietas, nas quais um erro pode destruir todas as esperanças, tal como no tifo. No quarto ou no quinto dia, o doente geralmente está quase curado ou então prestes a morrer. Muitos médicos brasileiros são bastante habilidosos no tratamento dessa doença e também muito conscienciosos. Em nossa pequena cidade, um médico espírito-santense, o Dr. Graciano Neves, que já foi governador do Espírito Santo, revelou-se o médico mais brilhante no tratamento da febre amarela. Mas merece ser destacada e enaltecida também a grande fidelidade e companheirismo acima de todas as diferenças, através dos quais os alemães em Porto do Cachoeiro cuidam e zelam uns dos outros por ocasião de tais epi-

demias, mesmo com o elevado perigo de contaminação; ela é uma prova de que a alma alemã continua forte, sendo preservada mesmo com o espírito partidário e a sede de lucros aparentemente reinantes. Mas que contraste numa tal enfermaria: aqui o leito com a imagem terrível e nefasta da doença e ao lado o presente dos Céus, o amor altruísta ao próximo! – A febre amarela tornou-se assim a rainha das doenças, passando a ser chamada pelos colonos sucintamente de “a doença”.

Em Porto do Cachoeiro, um comerciante alemão fundou uma escola particular e chamou um ótimo professor seminarista natural do Império da Saxônia, colocando-lhe à disposição uma bela moradia no agradável edifício da escola. Desse empreendimento de utilidade pública participaram também quase todas as famílias alemãs da localidade, enviando os seus filhos para terem aulas nessa boa escola; compareceram também alunos brasileiros. As classes são misturadas, embora a moral local das escolas realmente brasileiras desaprove firmemente as classes mistas com alunos de ambos os sexos. As leis brasileiras também proibem execução de castigos físicos nos alunos. Em Vitória, nas escolas para meninos os professores arranjavam-se fazendo os delinquentes se castigarem mutuamente com a palmatória. Bater numa menina seria considerado uma barbaridade inaudita e poderia acarretar a pena de prisão. Em Cachoeiro há ainda uma escola brasileira para meninas dirigida por uma professora nativa; a palavra “professor” soa diferente de “mestre” ou da palavra alemã “Lehrer”, e as crianças deste país apreciam muito os sons das palavras. Há alguns anos as aulas da escola alemã mencionada de Cachoeiro eram dadas em língua alemã. Antigamente, quando ainda não havia aulas regulares comuns para as crianças em Porto do Cachoeiro, um viajante censurou de maneira dura e equivocada – numa descrição de suas viagens editada por ele e publicada em português – os habitantes de Porto do Cachoeiro, afirmando que lhes faltava completamente o sentido para aspirações mais elevadas e que eles eram receptivos somente à música produzida pelo tilintar de dinheiro. O que mais lhes faltava, porém, – como é comum também entre os alemães – era a união. Após a proclamação da República, ele deveria ter

modificado a expressão utilizada em sua recriminação, pois excetuando as moedas de níquel e cobre não se ouve no Brasil inteiro nas transações comerciais o tilintar do dinheiro. Há apenas cédulas. Para efetuar um pagamento, a pessoa geralmente tira de seu bolso um rolo de notas sujas; geralmente são as notas de 500 réis (valem agora cerca de 50 centavos de marco) em diante, que se encontram num estado mais ou menos lamentável. Oficialmente, uma nota de mil réis deveria valer 2,25 marcos, mas ninguém dá importância ao câmbio. Talvez ele retorne no futuro; há alguns anos ele caiu para menos de 50 centavos de marco atingindo o seu nível mais baixo até então. As moedas de ouro e prata são tratadas apenas como objetos de exposição.



Foto 14. Ponte suspensa sobre o rio Santa Maria e uma tropa de mulas

A foto 14 mostra-nos a margem esquerda do rio Santa Maria e foi tirada da margem oposta. A casa grande no centro pertence a um suíço-alemão casado com uma alemã. À esquerda vemos a ponte velha de madeira que há alguns anos deu lugar a uma nova de ferro; os seus componentes foram fabricados na Europa, sendo mais tarde montados aqui.

Na época em que não se podia mais utilizar a ponte velha, o nosso anfitrião mandou lançar uma ponte suspensa para que as tropas de mulas de seus amigos negociantes não precisassem atravessar as águas do rio. Nela aparece um transporte de mercadorias característico da vida local. O grupo está partindo para casa. Na frente vai o animal guia que via de regra é o mais habilidoso; nos trechos mais difíceis os outros animais caminham imediatamente atrás dele pisando nas marcas deixadas por suas ferraduras. O animal guia está guarnecido com sininhos, cujo som anuncia já ao longe a chegada da tropa à guisa de aviso, de modo que todos possam se preparar a tempo contra possíveis encontros inesperados nesses caminhos estreitos e não raramente perigosos. Desse modo é normal que ocorram muitos empurrões; acontece também de um animal rolar ribanceira abaixo e se perder junto com toda a carga. Geralmente, porém, a escolta empenha-se com coragem para prevenir acidentes, sendo sempre muito honesta; quase nunca ocorrem desfalques de mercadorias por mais que seja fácil, pois tais transportes duram vários dias e o braço da justiça não conseguiria alcançar o infiel fugitivo. Isso não deixa de ser um lampejo de esperança no caos das forças boas e ruins que fermentam confusas na alma ainda em formação do povo brasileiro!

Deixamos agora a quente área urbana da cidade localizada apenas a poucos metros acima do nível do mar e na qual predomina um calor quase insuportável; ao mesmo tempo, o intenso tráfego de mulas muitas vezes não contribui para tornar a atmosfera local um prazer especial para os órgãos do olfato, embora não se pode deixar de mencionar que limpam-se regularmente as ruas e que a administração municipal esforça-se o máximo para cuidar da higiene pública, sobretudo durante os meses em que a febre amarela ronda ameaçadora – aproximadamente de novembro a abril.

Do Porto do Cachoeiro até a paróquia de Santa Leopoldina I

Esta imagem mostrando a belíssima localização da cidade permanecerá para sempre na memória do viajante (foto 15). Como se pode perceber logo abaixo da ponte, destacam-se as pedras do leito do rio; a pequena cidade foi construída junto à corredeira mais baixa do rio Santa Maria que mais acima deixa de ser navegável. Essa é a origem de seu nome, pois corredeira é sinônimo de cachoeira.



*Foto 15. Porto de Cachoeiro com a ponte velha
À direita, a estrada que seguimos para Luxemburgo*

Seguimos rio acima até chegarmos na região onde realmente se encontra a colônia alemã, e pretendemos cavalgar duas horas ainda

hoje. A princípio vemos apenas cabanas de negros e mulatos, distantes um quarto de hora umas das outras, às vezes bem mais, que com suas aparências miseráveis são um eloquente testemunho das parcas pretensões dessas pessoas, em sua maioria pequenos agricultores, no tocante à vida e sobretudo à sua comunidade. Elas praticamente se satisfazem com uma construção feita de barro e coberta com folha de palmeira, tal como aparece na foto seguinte (foto 16); realmente, ela está idilicamente localizada em meio a bananeiras novas junto ao murmúrio das águas, mas mesmo o colono alemão mais modesto não gostaria de morar ali.



Foto 16. Barraco brasileiro

Às vezes pode acontecer – mas com certeza muito raramente e, sem dúvida, é proibido por lei – que você veja parado, junto à cerca de uma tal cabana, um pai de família mulato vestido de Adão ao lado de sua esposa mais civilizada, e por isso vestida, enquanto o filhinho segue o exemplo do pai. Não deixa de ser interessante observar as variadas cores de pele dentro de uma única família. A foto seguinte (foto 17) evidencia amplamente como as diferenças são grandes; não é preciso admirar-se tanto com elas, pois a escravidão com sua moral relaxada, e abolida somente há uma dúzia de anos, possibilitou que o sangue se misturasse das mais diversas maneiras. Às vezes um dos filhos assemelha-se

ao pai, o outro à mãe, um terceiro ao avô ou à avó etc, fazendo com que a família inteira pareça às vezes bem mais um enigma etnológico. As crianças pequenas parecem quase sempre encantadoras; na mistura das raças a que mais predomina é a africana. Para nossa vergonha vimos uma família composta por um soldado nativo e uma alemã católica – sua esposa – e o filho deles. A criança tinha um jeito tão gracioso, mas tinha o cabelo crespo dos negros, os lábios grossos e a cor do pai característica dos mulatos; da mãe alemã, porém, não havia qualquer vestígio.



Foto 17. Família mestiça

Uma ocupação singular, vista frequentemente na cidade e no campo, com a qual negros e mulatos se envolvem diante de seus casebres e cabanas, com um prazer evidente, é a caçada feita nos negros cabelos crespos a fim de libertarem-se mutuamente de visitantes excessivamente incômodos. Eles não têm a menor vergonha de que um estranho veja um trabalhando na cabeça do outro. A porta da casa deles permanece sempre aberta aos porcos e galinhas numa convivência paradisíaca com os seres humanos.

Depois de uma hora de cavalgada, o rio Santa Maria faz uma curva, na qual deságua um riozinho, o “Ribeirão dos Pardos” – pardo é uma designação cortês para mulato. Ao entrarmos nele, perdemos de vista o outro rio que desapareceu rapidamente entre as montanhas. Depois de mais meia hora de cavalgada, durante a qual o caminho ia subindo gradativamente, chegamos a uma pequena “venda”, cujo proprietário era um brasileiro de pele relativamente clara e de índole muito agradável; a mulher dele era uma alemã católica. O homem pertence a uma família numerosa e influente do Espírito Santo que – segundo dizem – é um exemplo de uma certa diplomacia familiar não muito rara no Brasil, segundo a qual os pais procuram proteger os seus filhos contra as oscilações do destino que poderiam se abater sobre a família, já que o comando da vida política fica ora com um partido, ora com outro. Havendo uma mudança na capital federal – Rio de Janeiro –, o mesmo ocorrerá em todos os estados, mais cedo ou mais tarde. Todos os funcionários públicos, do governador à mais simples professora do rincão mais longínquo no meio da selva, devem dar lugar a outros; e o número de funcionários é extremamente grande, pois a ambição de todo brasileiro é conseguir assumir algum dia um cargo ou um carguinho, a fim de assegurar o seu sustento caso não tenha muitas posses. O brasileiro não gosta de trabalhar, e o trabalho manual é considerado aqui algo indigno de uma pessoa livre. Essa é a maldição ainda não superada – e dificilmente superável em pouco tempo – da antiga escravidão. A diplomacia familiar aqui aludida constitui-se apenas do seguinte: os pais destinam previamente a metade de seus filhos para um dos partidos, enquanto a parte restante deve se associar aos seus respectivos adversários. Isso ocorre com muita frequência, tanto que as formações partidárias locais praticamente não são determinadas por princípios políticos firmes, pois não passam de associações para solucionar da maneira mais cômoda e proveitosa possível a questão do sustento de seus associados. Caso alguns de seus filhos percam os seus respectivos empregos, em função de uma reviravolta política, todos então contam com o fato de que o vínculo familiar mostre-se tão forte que os irmãos com acesso à mamata não aban-

donem os preteridos, ou que mamem o suficiente para poderem cumprir os seus deveres diante de toda a família.

Esse tal brasileiro nos serviu uma dose de conhaque e, gratuitamente, um gole de água do murmurante Ribeirão dos Pardos, no qual desemboca um riacho agitado, vindo de um desfiladeiro. Nossa foto (foto 18) tirada de uma colina mostra a região em que paramos. A faixa branca na parte inferior à esquerda é o ribeirão, a partir do qual não mais vimos o rio Santa Maria; nossa estrada segue ao lado. À esquerda, atrás da montanha arborizada, coberta pela sombra, encontra-se o desfiladeiro antes mencionado.



*Foto 18. Panorama do Ribeirão dos Pardos.
Na frente, à direita, o milharal. No meio, um tronco sem a sua copa.*

À frente floresce um milharal. O comprido tronco branco ao centro teve a sua copa decepada por um tufão. Apontando para aquele desfiladeiro, o hospitaleiro dono da “venda” deu-nos a seguinte informação ao perguntarmos aonde levava uma trilha que se destaca ali na montanha: se atravessássemos a pequena ponte, dobrássemos entrando

no desfiladeiro e subíssemos com nossos animais encosta acima durante meia hora poderíamos, então, avistar novamente, olhando lá do alto em direção ao vale, as águas do rio Santa Maria, que murmurando atravessam a região da chamada Suíça. Bem mais acima elas ficam relativamente livres dos penhascos sedimentados tornando-se em alguns trechos bastante profundas. Entretanto, como teremos oportunidade de passar por ele mais tarde, permanecemos aquele dia fiéis ao ribeirão – como se fosse o nosso guia – e logo chegamos a uma curva onde a estrada estreita divide-se em duas trilhas que se reencontram 45 minutos depois. Vale a pena conhecer a ambas; não porque as estradas sejam bem construídas, pelo contrário! Saindo de Porto do Cachoeiro e cavalgando encosta acima durante duas horas, as estradas são tão descuidadas e tão esburacadas como raramente se vê na colônia, pois nesse trecho moram praticamente apenas brasileiros de cor, e estes não fazem nada para conservar as estradas; nem mesmo o fiscal que mora por ali, pois este fica o tempo todo atrás dos proprietários que não cumprem o seu dever legal de consertar, quando necessário, as vias públicas que passam por seus respectivos terrenos. Mas a beleza da natureza desperta uma sensação receptiva e esta se eleva acima das dificuldades que as péssimas condições das obras humanas obriga um viajante a superar. As duas trilhas passam pelos vales do rio, pois um riacho deságua no Ribeirão dos Pardos. Cavalgando à direita descobrimos uma grande cachoeira (foto 19): o Ribeirão dos Pardos dá um imenso salto de um alto rochedo fazendo assim jus ao seu nome (afinal, além de mulato, “pardo” significa também leopardo). Comparando o comprimento da faixa de água em nossa foto com a altura da moradia localizada à esquerda um pouco acima da queda teremos, então, uma ideia aproximada do tamanho da mesma. Nossos animais subiram por trilhas íngremes em ziguezague: não há qualquer muro de proteção lá em cima no lugar onde o nosso caminho prossegue à esquerda diante daquela queda vertical. Mas, no Brasil, precaver-se é a melhor proteção. De fato, esse lugar já foi testemunha de um horrível infortúnio; certa vez de madrugada ecoou o grito terrível de uma mulher caindo daquela altura, naquele abismo, já que o local é

normalmente coberto por sombras impenetráveis.

Se tivéssemos subido pelo caminho da esquerda naquela bifurcação, teríamos chegado a uma outra cachoeira. A região banhada por esse riacho chama-se Luxemburgo, pois é habitada por colonos vindos um dia daquele país. Lá há também uma capela católica: esta e mais duas outras – uma delas não muito longe do chamado rio da Farinha, que na Suíça desemboca no rio Santa Maria, e uma outra localizada na própria Suíça – são alternadamente visitadas por padres que, se não me engano, pertencem à Irmandade da Palavra

de Deus e possuem no Tirol – um outro distrito da colônia de Santa Leopoldina – uma igreja com uma residência paroquial. Possuem também uma linda igreja na colônia de Santa Isabel de onde atendem por vezes muitas capelas, pois lá também estão domiciliados os padres dessa congregação. A eles juntaram-se irmãos leigos que prestam todo tipo de serviço. A língua materna de todos eles é a alemã; contudo, como não há apenas falantes de alemão em suas respectivas paróquias, mas também nativos, eles pregam em alemão e também em português. Jamais partem a cavalo sem acompanhantes que pertencem ora a uma nacionalidade ora a outra. Um dos padres – aliás, os brasileiros chamam a todos os religiosos de padre, independentemente de sua confissão – contou-nos



Foto 19. Cachoeira do Ribeirão Pardo.

que vivenciou a pouca generosidade por parte de brasileiros ricos de sua paróquia por ocasião do pagamento dos honorários relativos ao serviço religioso. Em X, contou ele, havia um brasileiro, um dos primeiros a pagar pelos serviços, dono de uma bela fazenda próxima à pequena cidade; ele mandou construir uma capela junto a sua moradia e pediu ao padre tirolês para inaugurá-la. Com grande dificuldade ele conseguiu satisfazer-lhe o desejo. O fazendeiro contratou uma numerosa banda de músicos de boa qualidade organizando, além disso, uma brilhante queima de fogos. Em resumo, ele realizou para o gosto brasileiro uma festa absolutamente suntuosa *in majorem dei gloriam* (para maior glória de Deus). Depois perguntou ao padre quanto lhe devia e quando este, por sua vez, designou uma soma não módica, mas bastante modesta, o brasileiro, uma pessoa distinta, replicou dizendo que a soma pedida pelo sr. padre era muito pequena; qualquer outro teria exigido bem mais, mas o sr. padre deveria ser razoável e considerar o quanto ele já havia gasto com os músicos e os fogos de artifício, afinal ele era muito pobre. Ao mesmo tempo, vangloriou-se de sua fazenda modelo.

O padre também tomou consciência do extraordinário grau de formalidade e trivialidade a que chegou a prática religiosa católica dos nativos, ao contrário do que ocorre na Alemanha e em outros países não românicos. Disse também que, infelizmente, o principal para os brasileiros nas festas religiosas era apenas a música e o estouro de rojões. A vida religiosa dos católicos alemães nas colônias do Espírito Santo e em outras partes do Brasil é vantajosamente diferente; ela trouxe consigo de nossa pátria os frutos abençoados do convívio com os protestantes. Os brasileiros adultos soltam muitas vezes rojões durante o dia como se fossem crianças levadas; dizem que é um sacrifício, quando, por exemplo, alguém doa uma vela. Segundo ouvimos, São Pedro fica muito alegre com isso.

Continuamos observando a natureza a nossa volta. A trilha passa por uma mata chamada capoeira: o mato que nasceu depois da derrubada da mata virgem. Surgem então em, grande quantidade, espécies que existiam na selva isoladamente e madeiras que crescem velozmente for-

mando em 3 ou 4 anos uma mata fechada e relativamente alta, mas que raramente podem ser usadas para construções. Aos poucos, as espécies de madeiras nobres reaparecem, mas crescem tão lentamente que só podem ser aproveitadas para construção depois de 40 anos; só então a mata adquire novamente características semelhantes as de uma floresta virgem. A foto 20 mostra-nos um desfiladeiro do ribeirão; do fundo emerge uma árvore alta cujos galhos parecem bem desfolhados. Como aqui não ocorre o desfolhamento típico do inverno europeu – pois aqui, mesmo nas noites mais frias de inverno, o mercúrio dos termômetros não ultrapassa os 12 graus Reaumur acima de zero –, algumas árvores passam apenas um período de algumas semanas sem folhas, e, mesmo assim, em épocas diferentes, de acordo com as espécies. O forasteiro que olhar lá do alto a floresta virgem ao fundo e ver no meio daquele verde exuberante as coroas das árvores desfolhadas e cinzas, com certeza pensará que essas árvores estão morrendo e que logo cairão, provocando um imenso estrondo perceptível mesmo no meio da mata virgem, que ainda continua intacta, localizada nos cumes das montanhas mais elevadas acima da capoeira. No meio da noite muitas vezes o colono acorda com um barulho fortíssimo repentinamente causado pela queda de um gigante da selva depois que suas raízes foram minadas pelos insetos e o seu tronco apodreceu em função dos efeitos das intempéries. Como ele havia sido amarrada aos seus vizinhos com os famosos cipós – como se fossem cordas imensas –, ao cair arrastou junto consigo outros mais fracos, e nesse infortúnio comum enterraram uma grande quantidade de madeira de corte. A madeira da árvore gigante, porém, incluindo o sopé podre, é normalmente boa e útil. A árvore careca no centro de nossa fotografia, coberta por tão poucas folhas, algumas semanas depois se encheria abundantemente de folhas. Contudo, aparecendo assim tão nua, ela deixa bem à mostra os grandes ninhos de guaxo pendurados à direita e à esquerda das ramificações de alguns galhos, tal como os laços de papel de seda nas árvores de Natal. A parte inferior mais alongada dos ninhos está forrada internamente com muita vegetação seca e macia; o pássaro enfia-se em cima pela entrada lateral bastante larga, chegando a esse leito aconchegante. Os ninhos muitas vezes têm um me-

tro de comprimento. Encontramos aqui três espécies de guaxo; os que fizeram ninhos nesta nossa árvore têm aproximadamente o tamanho de uma pomba, possuem contudo uma plumagem negra e um rabo amarelo-dourado, semelhante ao da pomba; ele se abre durante o voo como um leque, fazendo a sua cor dourada brilhar esplendorosamente. O canto desse pássaro é mais singular que belo e assemelha-se frequentemente ao som ascendente de uma porta que range ao se abrir.



Foto 20. Árvore com ninhos de guaxos junto ao Ribeirão dos Pardos.

Na casa do pastor de Santa Leopoldina I

Depois de cavalgarmos durante duas horas a partir de Porto do Cachoeiro, vimo-nos a aproximadamente 450 metros acima do nível do mar. Defronte ao local onde as duas trilhas se reencontram, o vale estreito do Ribeirão dos Pardos alarga-se um pouco, sendo cercado ao fundo por uma montanha (foto 21): aqui se forma o Ribeirão dos Pardos a partir da confluência de dois outros riachos; um vem da esquerda e o outro da direita contornando a montanha. Acima, a montanha possui ainda uma cobertura de floresta virgem tendo à esquerda e à direita uma mata fechada formada em grande parte por samambaias da altura de um homem que a partir dessa altitude costumam abrigar-se nas áreas agrestes das montanhas do Espírito San-



Foto 21. Vista do terreno da igreja de Santa Leopoldina I.

to, depois de tantos anos de prática da economia predatória tão comum por aqui. Entretanto, após descansarem por alguns anos, essas terras voltam a produzir, mas capinar ou – como se costuma dizer por aqui – limpar o terreno nesse local chamado pelos colonos de “terra da samambaia” é um trabalho árduo, pois as raízes das samambaias parecem espalhar-se sob o solo em toda a encosta como uma imensa rede da qual brotam incansavelmente novos rebentos. De resto, a parte frontal da montanha constitui-se de pastos, e aqui se ergueu a primeira paróquia evangélica alemã da Colônia de Santa Leopoldina, dentro de um cercado, mas sem torres, pois nos anos sessenta do século passado, quando foram construídas, as igrejas protestantes no Brasil não podiam ter torres.

Os próprios colonos – antigos diaristas e operários da Pomerânia, de Hessen, da Renânia, de Brandenburgo, de Schleswig-Holstein, Turíngia, Suíça e Holanda – construíram a igreja. É uma edificação maciça, mas não é de pedras e eles assim a definem: “nós socamos as paredes com os pés”. O telhado é feito com ripas de uma madeira duríssima. No lado direito da igreja há um campanário equipado com dois sinos. Entramos no edifício simples, mas sólido (foto 22). À esquerda, próximo à janela fica o harmônio (pequeno órgão) que, tal como os dois pesados sinos, exigiu um enorme esforço para ser trazido até ali; à direita fica a cadeira do pastor; ao lado dela está o altar e na frente a pia batismal. Atrás e acima do altar aparece o púlpito ladeado por palmeiros tirados da floresta vizinha e que serviram magnificamente de adorno para uma festa de missionários comemorada há alguns dias. Durante a quaresma, o gomo no final do seu caule localiza-se sob uma coroa encantadora e graciosa, como se fosse um cálice verde enrolado em forma de uma coluna com aproximadamente um metro de comprimento; é um alimento saboroso e muito querido por aqui, servido como salada ou como legume. Em geral, para sustentar o telhado utiliza-se um tronco de tamanho considerável constituído de fibras extremamente resistentes; com esse propósito ele é cortado ao meio em toda a sua extensão. À esquerda da igreja localiza-se o edifício da escola paroquial também “socado com os pés”, na qual o pastor minis-

tra aulas em três dias da semana. Bem mais à esquerda vemos a construção de madeira em estilo suíço da antiga residência do pastor, hoje apenas uma ruína e um exemplo da longevidade alcançada por casas com esse estilo nesta região. Pois, segundo os critérios locais, ela com seus 35 anos já tinha resistido o suficiente e deveria ser substituída por uma nova. O apodrecimento da madeira na parte inferior da casa e os ataques dos cupins (térmitas) em toda a estrutura de madeira encurtaram a vida do edifício. Entretanto, o trabalho destrutivo dos cupins é frequentemente interrompido por mãos hu-

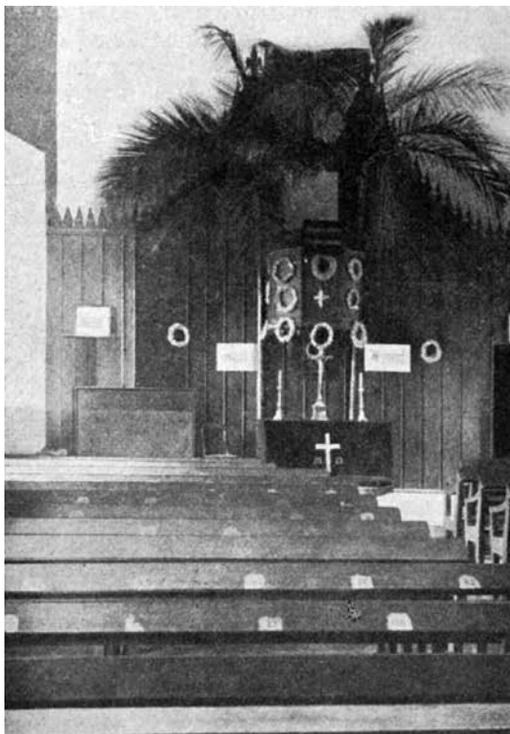


Foto 22. Interior da igreja de Santa Leopoldina I.

manas que ao inspecionarem o vigamento descobrem aqueles pequenos caminhos abaulados na madeira e neles despejam um pó chamado “Verde de Paris”, adquirível em qualquer loja, envenenando assim toda a população de cupins ativa dentro das vigas. Aliás, tais construções ameaçadas de ruir tornam-se insalubres, e a casa citada já demonstra uma instalação insalubre, pois foi erguida junto à encosta e o seu assoalho não está suficientemente distante do chão. O pastor anterior faleceu nessa casa de febre amarela, que ele pegou na cidade. Afirma-se aqui que aqueles que pegam o gérmen dessa doença terrível num determinado lugar e assim contaminados viajam para um outro, mesmo que este tenha o melhor clima possível, sempre sucumbem à epidemia.

Ainda antes do início da construção da nova residência do pastor, uma grande quantidade de terra desprendeu-se às duas horas da madrugada da encosta localizada atrás da casa velha durante um terrível temporal; rompeu com um estrondo assustador as estacas de sustentação da cozinha, varreu o forno existente à esquerda da casa (foto 23) e encheu de terra a metade do estábulo, deixando-o completamente torto. Contaram-nos isso na nova residência do pastor, a fim de nos darem uma amostra da violência dos temporais durante as chamadas chuvas torrenciais de verão.



Foto 23. Após o deslizamento de terra.

No pasto junto à igreja fincaram algumas estacas, nas quais os frequentadores dos cultos amarram as suas montarias.

A casa em baixo à esquerda (foto 21) é um armazém que pertence a dois irmãos vindos da Bélgica de procedência flamenga, e chegou a alcançar um faturamento muito bom, até mesmo considerável, por estar próximo à igreja, tornando-se um ponto de encontro regular de muitos colonos. Prova disso é a construção vistosa que há muitos anos assumiu o lugar da antiga, bastante humilde. Mas agora os negócios não vão bem, uma vez que o preço do café teve uma queda tão grande que causou aos colonos, cuja principal fonte de renda é o cultivo do café, uma

imensa baixa do poder aquisitivo. A “venda” foi erguida exatamente na divisa com as terras da paróquia e como toda “vende”(como pronuncia o colono) serve aquele forte aguardente de cana-de-açúcar. Cabe nesse caso também o provérbio: “onde o Senhor constrói uma igreja, o diabo ergue uma capela ao lado”; contudo, ela só se tornou a capela do diabo, e mesmo assim eventualmente, por causa da imoderação de muitos fregueses. Os belgas proprietários do armazém são pessoas sóbrias, honradas e estimadas, que não estimulam os fregueses a beber. As suas respectivas esposas, aliás, têm procedência germânica.

Estamos agora no início da região de colonização alemã. Entretanto, se pudéssemos olhar à esquerda e à direita para além da série de cumes veríamos, em ambos os lados, tanto no vale quanto nas encostas, – sobretudo à direita de nosso caminho – casas de colonos já antigas com suas paredes brancas e o vigamento azul, pois em nossa estrada passamos apenas entre terrenos de brasileiros.

Atravessamos a cavalo uma ponte fechada por dois portões; eles se abriam pelo lado contrário e mantinham em seu respectivo pasto o gado dos dois proprietários com terras limítrofes. No caminho já havíamos encontrado muitas cercas assim; o viajante chega bem perto do portão, puxa-o com o cabo de seu chicote ou com a mão fazendo o animal dar um passo para trás, dá um pequeno empurrão na cancela, de modo que quem vem atrás consegue ainda segurá-la, e assim passam todos os cavaleiros. Ao passar o último, a cancela fecha-se sozinha.

Nos trechos perigosos da estrada, a existência de tais cancelas impõe à habilidade do cavaleiro uma tarefa não muito fácil, pois as oportunas determinações policiais referentes à instalação de cancelas muitas vezes não são cumpridas, sobretudo pelos brasileiros. Normalmente é assim que estes se comportam perante a lei; eles se vangloriam dizendo: “temos as melhores leis”, e de fato eles têm leis ótimas, ao menos aparentemente, mas portam-se diante delas de maneira muito independente, principalmente na justiça, quando se trata de comprometer um estrangeiro. A constituição é uma imitação barata da norte-americana, o que levou um brasileiro – presumivelmente um monarquista – a inventar uma expressão

sarcástica, dizendo que o Brasil era uma “República fritzmaquezada”. É que no Rio de Janeiro existe uma loja com o nome de “Fritz Mack & Cia”, cujos proprietários imitam os mais diversos artigos estrangeiros, obtendo um enorme faturamento com tais mercadorias. O verbo inventado pelo brasileiro – “fritzmaquezar” – significa portanto “imitar” e a expressão jocosa acima mencionada significaria, então, “República imitada”.



Foto 24. Nova residência do pastor de Santa Leopoldina I.

Viramos à direita, abrimos mais uma cancela e vimos diante de nós a casa do pastor (foto 24). Na parte de baixo, ela se assemelha a uma palafita; o ar pode circular à vontade sob o assoalho, o que contribui tanto para a sua conservação quanto para a saúde dos moradores. Na sua construção utilizaram-se apenas as melhores madeiras da floresta, sobretudo para as estacas fincadas na terra. As madeiras mais procuradas aqui são: jacarandá ou palissandra, usadas também como estacas para fazer o cercado de arame farpado dos seus pastos; além disso há a graúna negro-acinzentada, o aromático funcho, o ipê e muitas outras madeiras que se igualam ou mesmo superam o carvalho em resistência, peso e durabilidade. Os telhados de

quase todos os colonos são feitos com ripas de graúna ou de ipê. As divisões entre as partes de madeira da casa do pastor foram preenchidas com tijolos queimados ao sol. Fizemos uma visita ao pastor que atua na paróquia local a serviço do Conselho Superior da Igreja Evangélica Prussiana. Obtivemos ali esclarecimentos acerca das condições gerais das colônias alemãs no Espírito Santo. À mesa dele ficamos conhecendo também os alimentos comuns “na colônia”. Quem quiser comprar alguma iguaria especial – das quais os colonos via de regra abrem mão, pois, na opinião deles, não sacia e é difícil de conservar –, um pedaço de carne bovina fresca, por exemplo, pode adquiri-la em certos dias no Porto do Cachoeiro onde ela é salgada antes de ser transportada, pois senão no caminho não muito longo, cujo percurso é feito pela tropa (de mulas) do comerciante vizinho em 3 horas, ela se estraga facilmente sob aquele sol escaldante. Carne de porco fresca é difícil de obter. O pastor tem de ser também um pouco agricultor e produzir os próprios alimentos. Toda dona de casa cria porcos, mas a carne deles não pode ser transformada em produtos duráveis de maneiras tão variadas como nos climas temperados. O que não é consumido, como salsichão defumado, deve ser imediatamente salgado e cortado em pedaços pequenos e finos, caso contrário, apodrece. Nos meses de inverno, de abril a setembro, quando a temperatura às vezes cai durante a madrugada para 13 graus Reaumur acima de zero – embora os dias continuem quentes como no verão – tenta-se defumar também pequenos pernis que só pode se tornar um produto de certo modo durável se o osso for arrancado. Nos distritos vizinhos localizados em regiões mais altas, como Califórnia e Jequitibá, é mais fácil conservar a carne, em função das temperaturas mais baixas. A dona de casa expressa muita satisfação ao contar como é cômodo criar galinhas por aqui. Talvez por causa dos ovos, elas são mais queridas aqui do que na Alemanha, embora os colonos não gostem de comer galinha assada nem de vê-la servida em sua mesa; em compensação apreciam muito o pato assado. Eles criam uma espécie extremamente carnuda que nada deixa a dever em tamanho ao ganso; sim, o pato é quase mais vistoso que um ganso. Os gansos são considerados aqui aves de ornamentação; eles se multiplicam lentamente demais para poderem adquirir importância econômica.

Por outro lado, vimos muitos perus. Com a mesma rapidez com que as galinhas comuns se multiplicam, um galinheiro pode ser devastado pela chamada peste das galinhas. A esposa do pastor queixou-se dizendo que, em função dessa peste, 96 de suas 100 galinhas morreram em uma semana, entre elas havia também galinhas-da-Índia. Além disso, essa epidemia já havia acometido o seu galinheiro várias vezes em quatro anos, mesmo não tendo as mesmas consequências ruins; ela acrescentou que isso ocorre com quase todos os colonos (foto 25). A horta fornece legumes europeus, mas requer muito esforço contra ervas daninhas e sobretudo contra formigas das mais variadas espécies. O que mais dá são os tubérculos, por não serem tão intensamente castigados pelo sol, principalmente, cenouras. Com orgulho, o pastor fala de sua tentativa bem sucedida de cultivar aspargos. Com as sementes, ele obteve plantas e transplantou-as duas vezes; depois de nove meses elas já possuíam raízes fortes. Ele construiu então um canteiro profundo onde as raízes pudessem penetrar e cercou-o com terra arenosa. Depois de oito dias vieram à luz os tubinhos de aspargos, e após três meses os aspargos foram colhidos. À mesa pudemos constatar que eram produtos saborosos e excelentes. Serviram-nos mais algumas plantas comestíveis: aipim, que os colonos comumente pronunciam “chpi”, é uma raiz comprida, pontiaguda e dura com uma consistência semelhante a da batata e sabor fino e aromático, encontrável apenas durante alguns meses do ano. Ela possui um caule mole com folhas em forma de mão; o caule e a raiz são um dos alimentos preferidos de cavalos e mulas e a planta cheira à amêndoa. Além disso, há a raiz de taioba de três espécies diferentes; ela se assemelha à raiz de aipo, mas diferencia-se desta na parte que fica sobre a terra, e tem folhas grandes e largas em forma de flecha parecida com o copo-de-leite. Em relação ao sabor quase não há similar entre os legumes alemães. Muito popular também é a batata-doce, uma espécie de planta herbácea que exige pouco da terra; a princípio, o seu sabor não agrada muito ao europeu, uma vez que lembra muitíssimo a batata descongelada, mas ele logo se acostuma. Às vezes cultiva-se, também, a batata verdadeira, chamada no Brasil de inglesa ou alemã, como artigo de luxo, embora em terras não muito vigorosas a sua qualidade seja fraca. Ela foi trazida de

Portugal em caixotes e mesmo sendo quase sempre de qualidade bem ruim, é vendida a preços elevados em muitas “vendas”. Serviram-nos como bebida de mesa um vinho de laranja feito por eles mesmos no ano anterior, cujo sabor se assemelha ao vinho do porto. Após a refeição serviram-nos uma xícara de café forte, oriundo também de uma plantação própria, e um charuto produzido na fábrica de Danne-mann em São Felix no Estado da Bahia, que é bem mais aromático do que o produto similar na Alemanha da Tabaco Felix do Brasil. Aliás



Foto 25. Nascente atrás da residência do pastor.

os charutos também são muito caros, o que se justifica em parte pelos prejuízos tidos pelos fabricantes e comerciantes durante a armazenagem da mercadoria, causados por um “bicho”, um besourinho que deposita os seus ovos no tabaco. A larva, em seguida, caminha pelo charuto fazendo furinhos arredondados em seu invólucro, o que o torna impróprio para o homem.

O pastor levou-nos em seguida para vermos seu lote na colônia; ao todo são 32 hectares. Atrás da casa fica o forno, pois por aqui cada um é o seu próprio padeiro (foto 26). Subimos até a casa velha e avistamos os vales pelos quais viemos. À direita fica a “venda” e um rancho coberto com uma chapa de zinco rodeados pelo pasto que atrás da casa eleva-se de maneira íngreme. Em cima à esquerda mora um polonês da Prússia Ocidental. Há por aqui um número não muito significativo de imigrantes poloneses que

habitaram outrora um vale não muito longe de Cachoeiro, onde ainda hoje há uma montanha conhecida pelo nome de “montanha dos polacos”. Eles também se retiraram de lá para fixar-se um pouco mais a noroeste na região do rio Santa Maria do rio Doce, onde passaram a morar junto com alemães, italianos e brasileiros; eles têm pouca afeição pelos alemães. A casinha desse nosso polonês também se localiza no meio de um pasto, como sempre ocorre com os colonos. Em cima, à direita do pasto e em baixo à esquerda da casa, fica a plantação de café. Subimos pelo pasto atrás da “venda” até o topo e olhamos para baixo em direção ao terreno da residência do pastor encantadoramente localizada num local semelhante a uma bacia. Em meio à folhagem escura de algumas árvores e arbustos vimos o brilho de várias frutas: laranjas, tangerinas e limões. A Itália não é o único país onde se pode perguntar: “Você conhece o país onde os limões florescem e as laranjas douradas em meio à folhagem escura brilham?” O nosso guia conduziu-nos um pouco mais adiante pelas terras do pastor, cujos limites não pudemos avistar por causa do terreno montanhoso e da floresta que cobre os cumes e muitas encostas, como ocorre em toda parte nas propriedades dos colonos (foto 27). Ele nos mostrou uma cachoeira encantadora nelas localizadas e enalteceu a grande abundância de água dessa região como sendo uma grande vantagem em relação às terras recém desbravadas a noroeste de Porto do Cachoeiro, onde existem veios de água maiores e solo de qualidade bem melhor, mas onde nem todo lote tem o seu riachinho murmurante como aqui, onde um riozinho salta de qualquer desfiladeiro e é usado para acionar pequenas máquinas agrícolas necessárias ao fazendeiro local.



Foto 26. A esposa do pastor em seu terreiro.

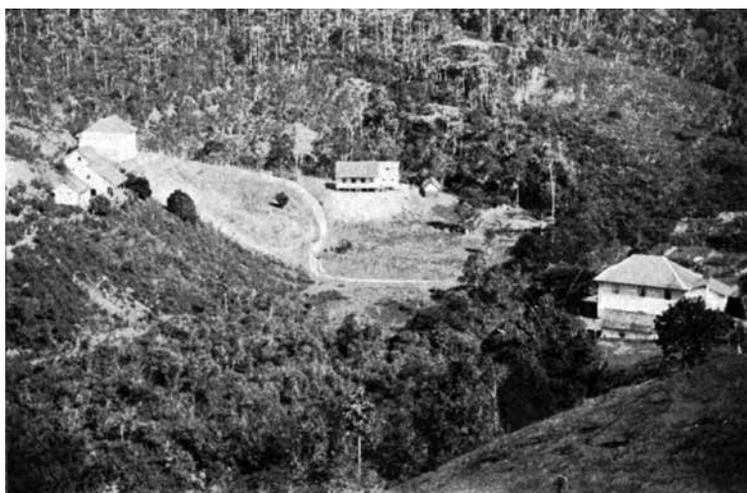


Foto 27. A nova residência do pastor de Santa Leopoldina I e arredores.

Atividade econômica de um cafeicultor alemão

Percorremos mais um trecho tendo o riozinho à esquerda, e chegamos a uma colônia vizinha onde um alemão de Baden casado com a filha de um pomerano dirigia com êxito e aplicação os seus negócios (foto 28). A família se estabeleceu à esquerda abaixo do riacho que descia murmurante. Em cima à direita fica a bela casa nova da fazenda diante de um gracioso jardim. Um pouco abaixo encontra-se o chamado cercado para porcos, pois esses animais neste clima e nesta região repleta de insetos necessitam do maior espaço possível para se locomover e assim engordarem; e a melhor maneira de proporcionarem mais carne e mais toucinho é deixá-los vaguar livremente. O problema é que eles invadem as plantações provo-



Foto 28. A colônia de Andreas Flegler.

cando desastres e visitam também a lavoura do vizinho, o que, sem dúvida, causa aborrecimento e rancores. Os porcos alimentados com milho são os que proporcionam a carne mais tenra.

À direita da casa começa a plantação de café e à esquerda ficam os cafeeiros mais velhos; entre os arbustos vê-se com frequência pés de ananás que aqui dão frutos deliciosos mesmo sem cuidados e sem serem realmente plantados. Os rebentos cortados durante a capina criam novamente raízes no solo, onde foram jogados pela enxada, e tais plantas crescem quase sempre melhor que aquelas semeadas com todo o cuidado. Essa fruta digna de um rei produz aqui uma espécie chamada “abacaxi”, mais pontiaguda e mais escura que outras espécies.

De onde nos encontramos agora, podemos avistar apenas uma pequena parte das terras pertencentes a esse alemão de Baden. Ele também não é proprietário apenas dessa colônia, pois aqui é tarefa de todo pai de família adquirir um lote para cada um de seus filhos. Para isso ele tenta obter o dinheiro, sobretudo através da cafeicultura. Como se sabe, o café cresce muitíssimo bem em Santa Leopoldina e dá um fruto finalmente aromático, mas que infelizmente perde muito de sua qualidade em função da forma bastante primitiva de prepará-lo para a venda, sem nem mesmo selecioná-lo. Aliás, no que diz respeito aos colonos, não há qualquer seleção no Espírito Santo. O preço do café é comunicado diariamente pelo telégrafo de Vitória para Cachoeiro; o telégrafo ainda não atinge a localidade de Santa Leopoldina. Os armazéns no interior compram muitas vezes o café dos colonos e vendem-no na cidade pelo preço local, mas naturalmente não pagam a mesma coisa aos colonos, pois eles subtraem do preço real de mercado a título de taxa de transporte uma quantia maior ou menor de acordo com a distância da cidade. Os colonos que dispõem de um número suficiente de mulas levam o seu próprio café aos chamados locais de estocagem, quando não moram longe demais e podem se afastar da lavoura. Obviamente, o proprietário da colônia que visitamos também faz isso. Há um pasto bem cuidado para as suas mulas que se estende à esquerda bem além da montanha. Todo pasto precisa ser

inteiramente “limpo” pelo menos uma vez por ano. Nessa ocasião toda a família participa intensamente; todos se ajoelham lado a lado no pasto e assim agachados vão caminhando adiante com as mãos trabalhando aplicadamente e esforçando-se o mais possível para arrancar as ervas daninhas junto com suas respectivas raízes. Nesse caso raramente utiliza-se a enxada. Esse trabalho de limpeza é imprescindível, pois no Espírito Santo praticamente não há pasto natural, uma vez que o Estado se localiza inteiramente na região da famosa floresta litorânea (Mata Atlântica), ficando até mesmo com a sua parte mais bela. É um trabalho estafante recolocar em ordem um pasto descuidado que foi plantado algum dia com tanto esforço. Quem estima os seus animais, não se satisfaz com a grama que cresce sozinha, pois essa grama selvagem costuma murchar durante o inverno, quando as chuvas são mais raras e ao mesmo tempo mais frias. Ao contrário, plantam-se e às vezes semeiam-se gramas mais nobres e bem mais resistentes. Se o pasto não for limpo, ele se transforma em poucos anos numa mata repleta de araçás e goiabas, arbustos cujos frutos bastante semelhantes ao marmelo são muito procurados pela criançada e servem também para se preparar doces deliciosos. Uma das ervas daninhas mais detestáveis, que ataca muitos pastos, é uma planta quase sempre bonita, enganadoramente semelhante em sua aparência a uma roseira branca carregada e repleta de espinhos e flores. Para o leigo a única diferença é o fruto, que não é de roseira brava, mas mais parece framboesa ou morango e também é comestível.

Nos invernos muito secos, algumas poucas pessoas substituem o pasto ressecado alimentando os seus animais com alfafa, isto é, luzerna, vinda nessa época da Argentina em fardos prensados, que pode ser adquirida na cidade por um preço bastante elevado. Além disso, os animais que mais trabalham recebem diariamente uma ou duas rações de milho despejadas num “bortal”, uma sacola feita de tecido rústico munida de uma corda usada para pendurá-la no animal. Enquanto comem, eles são almofaçados e escovados, mas não com a mesma perfeição exigida provavelmente por um cavaleiro alemão. Eles passam o dia e a noite no pasto e desconhecem os estábulos. As mulas dos comerciantes (foto 29)

carregam regularmente 120 quilos de mercadorias, isto é, 60 quilos de cada lado e, se as circunstâncias exigirem, um pouco mais. A isso acrescenta-se a cangalha, uma sela de carga, muito pesada feita de madeira, acolchoada e reforçada com ferro em cujos bicos penduram-se bolsas e sacolas de couro ou de junco, dentro das quais as mercadorias são arrumadas. Cobre-se então a sela de carga com uma grande pele de boi não curtida como se fosse um guarda-chuva e amarra-se transversalmente toda a carga com um largo cinto de couro que fica preso mediante uma cavilha de madeira. Durante a viagem, os animais usam focinheira, a fim de não pararem no caminho para comer.



Foto 29. Tropa.

Numa viagem mais longa em estradas ruins uma tropa dessas marcha habitualmente, no máximo, quatro horas por dia. Para-se, então, num pasto qualquer desde que o proprietário esteja de acordo; este, por sua vez, recebe o aluguel do pasto. Depois de retirar as cargas e a sela e empilhá-las num rancho, examinam-se os animais para ver se eles estão arranhados ou feridos. Normalmente esfregam-se os locais

machucados com aguardente ou com a seiva da mamona, utilizada em toda parte por aqui como cerca viva, às vezes também com o eficaz extrato de hamamelis encontrado em todas as “vendas” com o nome de “maravilha curativa” e usado tanto em homens quanto em animais. Depois de examinados e tratados, os animais são soltos. As pessoas, porém, acomodam-se no rancho, enfiam duas forquilhas no chão, atravessam sobre elas um pedaço de madeira, penduram nela suas panelas, sob as quais acendem o fogo e preparam assim a sua refeição. Às vezes precisam acampar no meio da floresta. Nesse caso, também deixam os animais soltos para procurar alimento sem se preocuparem se algum deles possa fugir. Por precaução, elas costumam trazer junto com suas tropas um guardião de quatro patas, ou seja, um cavalo, de preferência branco. Pois, ao que parece, as mulas nutrem uma respeitosa afeição pelos cavalos, sobretudo pelos cavalos brancos, e raramente se afastam deles. Esses cavalos que servem a tropa são chamados pelos brasileiros de “madrinha”. Os animais restantes mantêm-se sempre ao lado de sua madrinha. Pela manhã, pouco antes de reiniciar a marcha, despeja-se e chacoalha-se o milho numa cuia, isto é, na metade de uma casca do fruto da cabaça seca. Desse modo, o som causado pela comida acompanhado do chamado “vem, vem, vem” faz os animais aparecerem imediatamente, mesmo não sendo por iniciativa própria, e dentro de pouco tempo ouve-se o ranger dos dentes dos animais mastigando e moendo os grãos de milho. Enquanto a mula come tudo o que está em seu bernal, o cavalo fica babando parecendo ter uma cavidade bucal mais sensível.

O nosso alemão de Baden conduz-nos ao seu cafezal constituído de pés velhos e novos (foto 30). Paramos então diante de um pé de café de aproximadamente 15 anos, completamente florido; os galhinhos verdejantes brilham em sua brancura deslumbrante, dando a impressão de que as árvores enfileiradas bem próximas umas das outras estão cobertas de neve. No primeiro dia de uma floração, quando inúmeros cálices acabaram de se abrir, o cafezal é perpassado por um aroma maravilhoso. Os arbustos florescem várias vezes por ano e quanto mais alto for o terreno do cafezal, mais aromático será o seu produto, mas também

mais irregular e mais vagarosa será a colheita. Por essa razão, a colheita é feita nessas regiões mais altas quase o ano inteiro, o que prejudica muito os outros trabalhos existentes na colônia. Com frequência vê-se por aqui pés de café que florescem e ficam carregados ao mesmo tempo com frutos pretos, vermelhos e verdes. Os bagos grandes vermelhos, semelhantes ao fruto drupáceo do café, amadurecem enquanto os pretos também ficam bem maduros de maneira natural e secos pelo sol, chegando assim a um estágio posterior. É melhor para a qualidade do produto se os frutos forem colhidos quando estão vermelhos; mas tal coisa não é exequível por aqui.



Foto 30. Pé de café florido.

O período de maior produção de um pé de café é entre o seu 7º e o seu 15º ano; e sendo bem cuidado, ele continua dando resultados lucrativos com 20 anos ou mais. Efetua-se a poda por aqui somente uma vez ainda na muda, para que a planta cresça cheia de folhas desde baixo. Nos cafezais localizados em regiões de altura média encontramos árvores adultas de 3 a 4 metros e quanto mais alto o lugar maior a tendência de crescerem ainda mais e, ao contrário, em regiões mais baixas são quase sempre menores. Geralmente cultivam-se por aqui duas espécies, o café “crioulo” e o “bourbon”, enquanto o “moca”; o “chumbo” e também o “libéria” se restringem a algumas

poucas plantações. O “bourbon” tem galhos esticados enquanto os do “crioulo” pendem para baixo, semelhante ao chorão, sendo portanto, mais flexível, o que permite um tratamento menos cuidadoso durante a colheita. Alguns plantadores, por sua vez, elogiam o “bourbon” afirmando que os seus frutos amadurecem praticamente todos juntos abreviando, assim, o tempo da colheita.

Na época da colheita, os jovens vão ao cafezal e fazem o trabalho leve, rindo e brincando. Os frutos são puxados dos galhos e caem nas peneiras colocadas embaixo, que em seguida são esvaziadas em sacos trazidos para esse fim. Antes, porém, o vento já derrubou muitos frutos secos das árvores, e mesmo durante a colheita muitos caem no chão. Juntam-se então com uma vassoura todos os que se encontram no chão misturados à terra; em seguida, são colocados numa peneira que é sacudida até sair tudo o que é impróprio. Entre tais coisas impróprias encontra-se, às vezes, uma cobrinha venenosa rapidamente aniquilada com um golpe na cabeça. Naturalmente, pressupõe-se que antes de varrer e juntar, o cafezal tenha sido limpo com regularidade, isto é, que as ervas daninhas tenham sido arrancadas. Executa-se esse trabalho minuciosamente com a enxada, pelo menos uma vez por ano, da seguinte maneira: raspa-se a superfície do chão com o gume da enxada apenas nos locais onde há ervas daninhas. Além disso, arrancam-se das árvores as trepadeiras enraizadas e grudadas nelas, cujas sementes dotadas de uma goma nas bordas são trazidas pelo vento até a árvore, na qual se fixam, brotam e logo se proliferam, abarrotando as copas com suas trepadeiras. Suas pequenas raízes são semelhantes à hera, mas que sugam a seiva da árvore anfitriã levando-a a morte caso não receba ajuda a tempo. O cafezal não necessita de outros cuidados. Os frutos colhidos e colocados em sacos são arrastados encosta abaixo até a estrada, onde as mulas aguardam pela carga, a fim de transportá-la ao terreiro do colono. Lá, os frutos do café são despejados formando pilhas; desse modo, fermenta-se a doce casca carnuda. Depois disso, o café é espalhado na areia, isto é, no chão de terra batida delimitado dentro do pátio cercado, ou no “carrinho do café”, e exposto

aos raios de sol para que o invólucro carnudo fique seco e quebradiço, pois em função da fermentação ele se solta mais facilmente do caroço. O carrinho do café assemelha-se a uma grande gaveta que com suas rodas de madeira desliza em trilhos também de madeira. Estes passam por um paiol (foto 31) no pátio permitindo que o carro, cujo tamanho é igual ao do paiol ou ocupa só a metade dele, possa ficar lá dentro dependendo do tempo, ou ser empurrado para fora no sol. Geralmente alguns desses trilhos e carrinhos rasos ficam dentro de um paiol espaçoso, por cima ou ao lado do outro, onde o fazendeiro aplicado guarda o seu produto até vendê-lo pronto, ao lado de outras produções de seu solo, sobretudo milho e feijão, que ele cultivava para o próprio sustento.



*Foto 31. Casa da família Lange em Melgaço.
À esquerda, o paiol com o carrinho de café dentro.*

Depois da atuação do sol secando completamente o café, ele está pronto, então, para ser socado. Se o proprietário não tiver à sua disposição uma queda d'água ou cavalos e mulas, fará esse trabalho manualmente no almofariz, no chamado pilão. Entretanto, quase to-

dos os colonos em Santa Leopoldina têm instalado em seu terreno para esse trabalho um moinho mais ou menos produtivo. As máquinas assim movidas são muito simples e fabricadas pelos próprios colonos; apenas as poucas partes de ferro são feitas por artesãos. Esses, aliás, quando moram no campo, fazem esse trabalho apenas como bico, paralelamente à lavoura. O pilão mais simples é a “majola” (foto 32) ou “machola”, como pronunciam os colonos. A nossa foto dá uma ideia

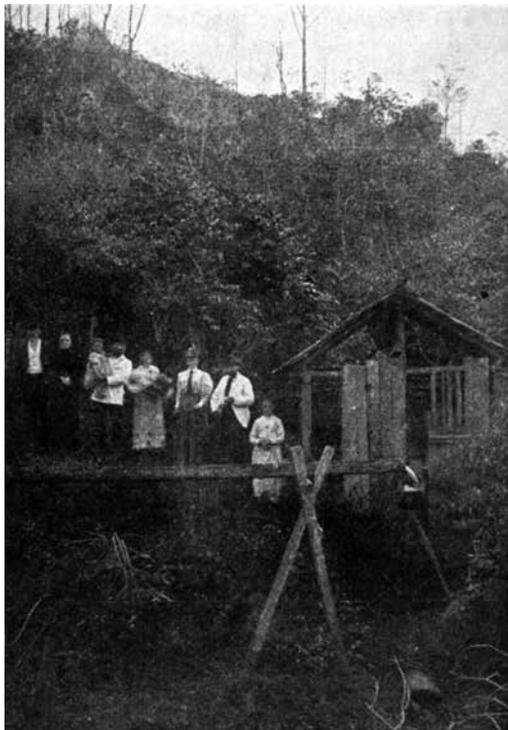


Foto 32. Majola (em Jequitiba).

de sua instalação. Pega-se uma viga comprida e cava-se uma de suas pontas deixando-a semelhante a uma caixa aberta; na outra ponta encaixa-se uma cavilha resistente voltada para a direção oposta, ou seja, para baixo, que serve de pilão. Aproximadamente no meio a viga é apoiada por um eixo com dois mancais de modo que quando estiver parada a ponta com o pilão seja mais pesada fazendo-o bater numa tina de madeira maciça instalada em baixo. A tina contém o material a ser socado. A outra ponta da viga encontra-se sob a queda d'água de um pequeno moinho construído num riacho, cuja água é desviada e conduzida a uma calha de madeira. Na ponta suspensa a viga possui uma caixa d'água que ao encher torna essa ponta mais pesada, ergue a cavilha e assim descen-

do perde a sua água e conseqüentemente o seu peso maior fazendo o pilão bater na tina e socar o material ali armazenado. Em seguida, a caixa d'água se enche novamente e o movimento recomeça; o dia inteiro ouve-se a batida do pilão e o ranger da viga em seus mancais. A “machola” é uma máquina bastante simples e prática, e não exige nenhuma supervisão, apenas um pouco de força hidráulica.

Mais eficiente, porém, é o verdadeiro pilador de café (foto 33) que, ao invés de uma cavilha, ergue três, quatro ou mais imensos pilões, através dos dentes de seu cilindro colocado em rotação pela grande roda d'água visível à direita em nossa foto. Naturalmente, esse maquinário exige mais água que a modesta “majola”, razão pela qual muitos colonos têm de se satisfazer com essa última, pois suas terras permitem-lhes construir várias semelhantes. Ou, como frequentemente acontece, eles utilizam o pilador de um vizinho mediante o pagamento de um aluguel. Nas tinas, as cascas pretas secas do café estouram, depois de passarem pelos pilões de madeira, fazendo saltar os dois grãos com a face plana voltada um para o outro. Com os golpes solta-se também a película semelhante a um pergaminho, que envolve cada grão em separado. A mistura de grãos e cascas trituradas vai para uma peneira plana, cujo arco é feito do tronco flexível de uma espécie delicada de palmito, ao passo que a rede junto ao chão é confeccionada com as tiras de uma espécie de taquara. Agora já existem também peneiras de arame, mas as outras são mais leves, e o ato de peneirar até fazer sair as cascas permanecendo apenas os grãos é um trabalho cansativo. Muitos possuem também um ventilador que executa a separação completa da película do café já peneirado, fazendo ao mesmo tempo uma seleção de acordo com o tamanho do grão, através de uma peneira de arame embutida, dotada de furos estreitos e largos, que se movimenta incessantemente eliminando, sobretudo, o restolho do café. O ventilador também é movido pelo giro da roda do moinho.



Foto 33. Pilador de café na propriedade de L. Kalk.

Habitualmente vê-se sob o teto de um tal pilador outras instalações ligadas a ele; por exemplo, encontramos com frequência a pedra de amolar, imprescindível a todo colono e, sobretudo, o moinho de farinha. E que ninguém pense nesse caso em açúcar mascavo, mas na já mencionada farinha de mandioca que se tornou quase tão imprescindível ao colono como é para o brasileiro nativo, de modo que não se almoça sem que haja sobre a mesa uma cuia ou um prato com essa massa de raiz seca. Enquanto o café é uma planta estranha recém introduzida no Brasil, a planta primitiva da raiz de mandioca é comum nas florestas do Espírito Santo. A diferença principal reside na maior elasticidade do caule lenhoso, pois nas espécies cultivadas ele se quebra como vidro; os cavalos e as mulas consomem-no com prazer. A mandioca já era conhecida dos índios na época da descoberta do Brasil, feita pelos europeus em 1500, sendo cultivada por muitas tribos. Há um grande número de espécies diferentes; todas são venenosas caso não tenham um preparo adequado em função

da quantidade mais ou menos forte de ácido cianídrico que dá à planta um cheiro de amêndoa. Na nossa foto, uma imigrante segura uma dessas raízes junto a um ralador cilíndrico fabricado por um colono habilidoso, mediante o encaixe de lâminas estreitas do mesmo tamanho em um cilindro curto do mesmo comprimento e que gira rapidamente acionado por uma grande roda de transmissão feita de madeira. A massa úmida daí resultante cai em uma caixa sendo depois colocada e prensada em caixas ou em sacos simples (tipiti). Estes são uma invenção indígena; na realidade não passam de um tipo de saco ou, como queiram, de uma rede alongada de malhas espessas fabricada, porém, com resistentes fitas de taquara, ao invés de linhas, e que não consegue se juntar por seu próprio peso. Depois de cheios com essa massa succulenta, eles são pendurados em uma viga no teto e, ao mesmo tempo, prende-se uma pedra na sua parte inferior. A rede é de tal modo elástica que, com o peso, o diâmetro transversal do saco diminui, exercendo sobre o conteúdo uma forte pressão que pode ser regulada através da mudança do peso. Contudo, os colonos trabalham quase sempre com prensas de madeira. Todas as vezes escorre da prensa um caldo branco como leite que contém o agente venenoso, mas também uma fécula nobre em função da qual se recolhe o caldo leitoso. Ele é deixado em pé até sair completamente a fécula, cujo grau de pureza desejado pode ser conseguido utilizando-se várias lavagens. Essa fécula nobre é torrada um pouco e logo depois vendida com o nome indígena de “tapioca”; as vezes também equivocadamente sob o nome inglês “arrowrot”, na realidade, nome de uma outra planta. A maior parte do sagu vendido como autêntico não advém da palmeira de polvilho, mas trata-se de tapioca preparada.

A massa prensada é despejada numa frigideira de ferro plana, arredondada e com um diâmetro de aproximadamente 1 metro; a frigideira é colocada num fogão de barro, e a massa vai sendo levemente torrada em fogo baixo sendo constantemente virada com uma pá de madeira. Desse modo, destrói-se o resto de veneno e a massa fica pronta e

preparada para ser expedida. Aqui na colônia, um quarto dela – cerca de 10 litros – custa em média 2 mil réis, mas o preço muda muito. O fogão para a torragem tendo ainda um pouco de farinha na frigideira aparece na nossa foto à esquerda, sob o rancho.

A raiz de mandioca mencionada, a mandioca brava, possui uma irmã gêmea, a mandioca mansa, chamada comumente de aipim, que não abriga tanta substância tóxica quanto a primeira e, como já vimos, desempenha um importante papel como alimento para pessoas e animais. Se houvesse apenas uma espécie de mandioca brava e uma de mansa, a distinção tão importante entre ambas seria difícil de fazer; mas como existem muitas espécies diferentes no tocante ao tamanho do caule nodoso, à cor do pecíolo, à película e à polpa da raiz, dentre elas aquelas tão semelhantes ao aipim, como um ovo se assemelha ao outro, um leigo, e muitas vezes também um especialista, não consegue distingui-las com absoluta segurança. Os colonos sabem de onde tiraram as suas mudas, por conseguinte têm certeza do que possuem em suas plantações. O número de espécies realmente cultivadas na região também é tão pequeno que a soma de particularidades de uma variedade de mandioca apresentará ao menos uma característica não existente em todas as espécies de aipim cultivadas. No início do assentamento dos colonos ocorreram, contudo, algumas fatalidades, além disso as intoxicações isoladas do gado que ao voltar do pasto passa pelas máquinas colocadas sob o rancho, topando ali com o líquido leitoso, acontecem ainda hoje graças evidentemente à imprudência humana; todavia, sabemos também de tentativas de salvamento bem sucedidas.

Acabamos visitando também o pequeno moinho de milho movido à água (foto 34), que quase todo agricultor possui nesta região. Com aproximadamente 4 metros quadrados de área e uma altura equivalente a de uma guarita, o barraco de tábuas se ergue sobre um córrego, cuja água – tal como no caso da “majola” – foi canalizada por meio de calhas de madeira caindo, então, no raio da turbina meio cilíndrica, fazendo assim um disco girar horizontalmente, tal como podemos observar parcialmente em nossa foto, mostrando a porta, bem como as pás ou os

raios da turbina em forma de coroa enfiadas nelas. Pode-se ver também o eixo do disco em seu prolongamento; ele sobe passando pelo assoalho até a extremidade superior do moinho, onde se junta então com o seu mancal de giro. Aproximadamente no meio dele encontram-se os dois pequenos mós revestidos com madeira atravessando diretamente o eixo da turbina. Sobre os mós fixa-se o caixote com os grãos de milho que vão passando pela moenda em meio às sacudidas provocadas pela turbina. Existe também uma regulação simples para moagens mais grossas ou mais finas. Dentro da casinha



Foto 34. Moinho de milho com uma pequena turbina.

avistamos uma parte da moenda e vemos também o local onde a farinha escorre entre os rebolos sobre uma ponte de zinco; afastamos um pouco o recipiente que recolhe a farinha para não atrapalhar a visão.

À esquerda vemos um caixote para a coleta semi coberto por uma peneira. Em cima, à esquerda, as flores acenam encosta abaixo semelhantes a trompetes, em uma árvore logo acima do telhado do moinho, todas grandes e brancas: um adorno tão lindo, com o qual a natureza envolve generosamente o local. Os agricultores alemães, porém, levados pela semelhança formal incontestável deram o nome para essa floração de “touca de dormir”. Como até agora eles foram sempre um povo

trabalhador, contemplar esse símbolo seja talvez um aviso de alerta em relação à indolência paradisíaca que se apossou das pessoas de cor, em meio e junto as quais eles moram, pois estas frequentemente preferem ficar mais com as bananas que lhes caem, por assim dizer, diretamente na boca, dando-se por satisfeitas, do que trabalhar para melhorar suas condições de vida. A frugalidade no mundo civilizado – quase sempre um traço de caráter de pessoas nobres que se sacrificam por outras – parece aqui uma caricatura que encobre um dos piores vícios. Este povo indolente não é digno da beleza de sua terra. Se a mãe natureza não tivesse sido tão bondosa, a luta pela existência talvez fizesse delas pessoas mais laboriosas. Por isso não é tão injusta a afirmação de que a banana é a desgraça do povo brasileiro. Contudo, se esse povo quisesse, poderia compensar essa desgraça com a sorte de ter consigo agricultores alemães, deixando-se educar, ao seguir o exemplo dado pelo progresso e pela aplicação alemã, no tocante ao trabalho produtivo. A abolição da escravatura, tão necessária, não foi realizada com sabedoria suficiente e uma preparação cuidadosa; faltaram medidas exequíveis que fizessem do trabalho algo digno e inevitavelmente necessário ao escravo liberto. Ele tinha sido obrigado a trabalhar; liberto continuou odiando o trabalho. Por outro lado, muitos senhores anteriormente tinham colocado em liberdade seus respectivos escravos incapacitados para o trabalho, com o intuito de desvencilhar-se da obrigação de sustentá-los, entregando-os assim a sua própria sorte. Mas tais ocorrências eram exceções e comprovam que mesmo com toda a corrupção existente na sociedade brasileira os ideais não haviam morrido, pois foi possível decidir e executar uma lei que libertou inteiramente os escravos causando prejuízos enormes aos senhores de então, e levando muitos deles à ruína econômica. O imperador D. Pedro II, num poema de sua autoria, expressou que confiava no espírito elevado de seu povo – e ainda resta algo desse espírito elevado –, embora o bom imperador pouco tempo depois dessa frase tenha sido ultrajantemente expulso do trono e do país. Ele levou consigo para o exílio uma caixinha cheia da terra do país que ele amava de todo o coração; em 24 horas teve de abandonar o seu império, que a partir

de então tornou-se a República dos Estados Unidos do Brasil. Todos os brasileiros amam a sua pátria e têm apego ao seu esplendoroso país, e no exterior continuam sentindo afeição por ele. Esse amor à pátria manifesta-se primorosamente naquele poema tão familiar aos brasileiros cultos, “Canção do Exílio”, composto pelo poeta brasileiro Gonçalves Dias, que leremos agora numa tradução livre do poeta Drammor:

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores,
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

Os serviços prestados pelo pastor nas escolas e filiais da igreja

Começa a anoitecer e por isso voltamos à casa do pastor. O ar está pesado; sentamo-nos na varanda (foto 35) e contemplamos o cair da noite. Nossa foto mostra a forma de construção de uma varanda comum por aqui, que se estende comumente apenas ao longo de um dos lados da casa e raramente circunda-a por inteiro. Da floresta defronte ouvimos um boa noite, a aruba – uma espécie de codorna, segundo nos explicam – solta o seu grito gorgolejante, mas o pastor corrige dizendo que se trata do grito do pavão selvagem do Brasil. O trinado das cigarras torna-se insistente; aqui e ali um grilo numa árvore assobia de maneira tão penetrante, a ponto de enganar um conterrâneo recém-chegado e ainda estranho na colônia, que pensou tratar-se da sirene de uma fábrica anunciando aos seus operários o final do expediente. Nesse ínterim ouvimos ainda um outro som sibilante que as pessoas odeiam, pois na opinião deles é produzido pela surucucu, a maior cobra venenosa desta região que alcança um comprimento de 8 pés e tem a grossura da coxa de um homem. Mas ela não deve ter nada a ver com esses sons. O relato desse concerto seria incompleto se não mencionássemos o coaxar de diversas espécies de rãs, entre elas uma cujo som assemelha-se às batidas do tanoeiro nos tonéis, e uma outra durante o dia lembra o ferreiro batendo cadenciadamente na bigorna. Nesse meio tempo, os macacos na floresta também nos entretêm um pouco com seus gritos, usando a toda força sua caixa de ressonância para produzir sons abafados e trovejantes. Borboletas noturnas perseguidas por morcegos esvoaçam a nossa volta com seus olhinhos brilhantes vermelho-escuros; de repente passa farfalhando por nós um autêntico

vampiro, o cão voador; entra e sai do quarto à procura dos animais de carga e de montaria. Sempre abanando as asas, eles se aproximam do pescoço e sugam o sangue do animal que aguenta tranquilamente o furto, apesar de ficar debilitado, pois isso acontece frequentemente durante noites seguidas. Sobre o pasto agitam-se milhares de pirlampos como fosforescências, uma visão magnífica, maravilhosa, e acima desse conjunto a abóbada celeste repleta de estrelas parece estranhamente próxima. Ao sul ressalta-se aquela figura conhecida, o cruzeiro do sul, que durante a noite vai girando como um ponteiro de relógio. Aos poucos, tudo se torna cada vez mais silencioso; o silêncio não é absoluto, mas a maioria das criaturas já foi descansar; mesmo os vaga-lumes encerram os seus volteios, levando para casa os seus lampiões, as tochas de sua ciranda nupcial.

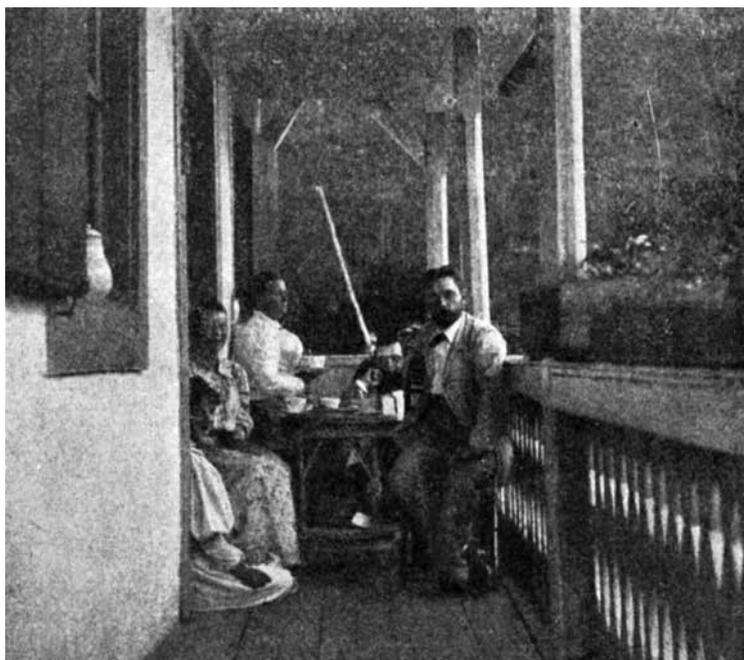


Foto 35. Na varanda da antiga residência do pastor de Santa Leopoldina I.

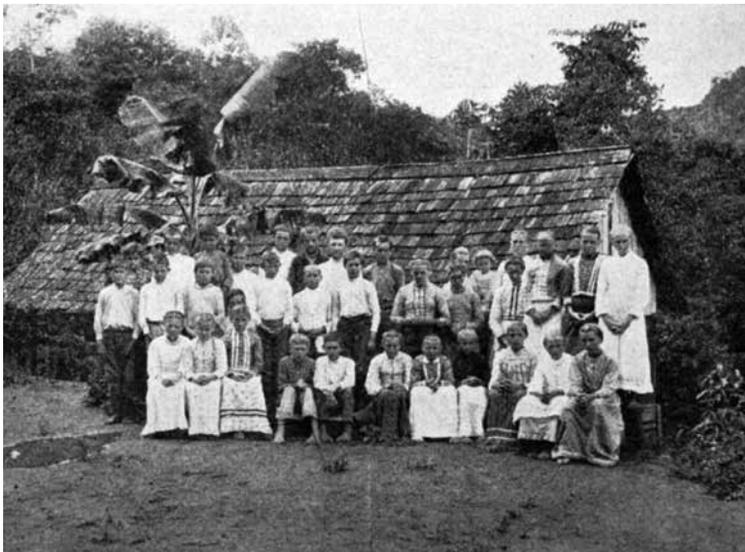


Foto 36. Crianças da escola paroquial de Santa Leopoldina I.



Foto 36a. Panorama da colônia paroquial em Jequitibá.

Na manhã seguinte, o pastor apresentou-nos aos seus alunos; nossa foto (foto 36) deixa evidente uma série de rostos de tipo holandês, pois na parte da frente da comunidade de Santa Leopoldina os descendentes de alemães se misturaram muito. As crianças são crismadas aos 14 anos; com 11 ou 12 vão à escola pela primeira vez; algumas que não moram muito longe vão antes. A maior parte, porém, não poderia começar antes; as moradias estão muito espalhadas e muitas vezes localizam-se longe demais, e os pequenos caminhantes precisam atravessar a selva passando por atalhos isolados e encostas íngremes. Quem tem de percorrer apenas uma hora a pé, pode dar-se por feliz; há alguns anos andavam durante quatro horas para chegar até aqui e voltavam para casa no mesmo dia. Por isso, tornou-se necessário aumentar a escola, e foi o que fizeram. As disciplinas são: leitura, escrita em letras latinas e góticas, religião, aritmética, canto, um pouco de geografia e história, bem como um pouco de ciências naturais, segundo o livro de leitura editado e impresso pelo alemão doutor em Letras Sr. Rotermund, pastor de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, contendo várias matérias. Esse livro foi brilhantemente adaptado à realidade brasileira sem causar o mínimo dano a sua origem alemã; pelo contrário, ele se esforça com sucesso para salvaguardar o espírito alemão. A escola também deve ao benemérito Dr. Rotermund uma cartilha de aritmética e uma de leitura, que se divide em duas partes: a primeira somente em alemão, e a segunda em alemão e em português; esta segunda parte não pôde ser utilizada nessa escola por pura falta de tempo. Fala-se na escola apenas o alto-alemão; se necessário, o colono tem de aprender o idioma nacional no contato direto com as pessoas. No Tribunal de Justiça, ele precisa aceitar um intérprete, mesmo achando que entende suficientemente o idioma nacional, pois, afinal, este também quer ganhar alguma coisa! Comparando com as outras escolas da colônia, as aulas nessa escola paroquial foram até agora as mais complicadas, uma vez que ela apresenta o maior percentual de crianças holandesas. É que estas, quando começam a frequentar a escola, quase sempre não entendem o seu professor. Essa compreensão

só vai ocorrer após algumas semanas. Os alunos e alunas raramente faltam à aula, e muitas vezes nem a chuva torrencial as impede de percorrer o caminho longo e parcialmente lamacento; é raro também que apanhem alguma doença por ficarem encharcados. Nos locais do Espírito Santo onde os caminhos em direção à escola são cruzados por córregos maiores ocorre, no caso de aguaceiros intensos, que as crianças retornem na metade do caminho, precisando faltar à escola porque uma ou outra ponte primitiva foi arrastada, ou o leito de um rio mais raso, sem pinguela, que eles atravessam saltando de pedra em pedra, tenha sido encoberto por uma vaga caudalosa e voraz. Na verdade, nesses terrenos, que registramos em nossas fotos, a cheia desaparece tão rapidamente como chegou; em Porto do Cachoeiro, porém, houve certa vez uma inundação violenta.

Nas filiais, o padre naturalmente não pode administrar as aulas sozinho; nesse caso, outras pessoas o ajudam. Às vezes, um comerciante desempregado oferece-se para auxiliá-lo em seus serviços. O caso mais frequente e bem mais vantajoso para a educação das crianças, contudo, é quando um colono mais velho assume o cargo de professor. Ele o exerce paralelamente, pois não consegue tirar dali o seu sustento, mesmo ganhando mais que o padre que recebe apenas 6 mil réis por ano por aluno; se dois alunos provirem da mesma família, ele receberá então 10 mil réis por ambos; por três irmãos receberá somente 12 mil réis. Todavia, ele jamais poderia abrir mão de seu trabalho na escola; assim vivem também seus irmãos de ofício no Espírito Santo, pois esse trabalho significa um apoio essencial ao seu cargo principal, e um recurso insubstituível para a conservação fundamental das origens alemãs às quais, como vimos, os holandeses também se adaptam tanto na igreja, quanto na escola.

Nossa viagem continuará hoje até uma filial do pastor, na qual o sacristão é, ao mesmo tempo, professor e agricultor de profissão, isto é, cafeicultor. Contudo, ele só é capaz de juntar essas várias atividades porque seus filhos criados no campo são ainda solteiros, morando por isso ainda na casa dos pais, e prestam-lhes uma enorme ajuda.

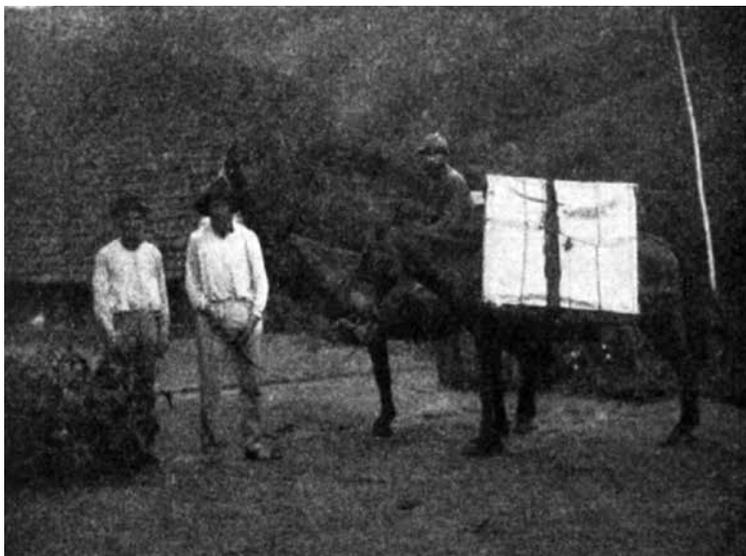


Foto 37. Chegada de um presente (material didático) do imperador alemão.

Com grande alegria, o pastor nos conta que há alguns anos o cônsul alemão no Rio de Janeiro, cujo distrito abarca também o Estado do Espírito Santo, visitou as colônias alemãs nele localizadas. Um fruto dessa viagem foi o presente que Sua Majestade, o imperador alemão, deu às escolas das quatro comunidades alemãs e sob a forma de material didático. Ele nos mostrou uma foto (foto 37) que tirou como recordação do ato de entrega da parte que coube a sua comunidade. Nela vemos o transporte feito por dois diretores da igreja e um outro membro da comunidade, todos com roupa de trabalho. Pacientemente, a mula carrega o fardo do Saber; apenas um imenso globo já havia sido transportado antes num caixote, pela tropa do vizinho. Um outro acontecimento incentivando o cultivo do germanismo, resultado dos esforços conjuntos do consulado e do pastor local, foi a outorga da Medalha em Memória ao Imperador Guilherme feita aos combatentes da guerra de 1864, 1866 e 1870/71, pois havia muitos deles entre os colonos estabelecidos neste Estado. As medalhas foram entregues pelos pastores aos membros da comu-

nidade que as receberam com alegria e orgulho, em parte também com lágrimas nos olhos comovendo a todos pelo fato da pátria ainda lembrar-se deles. Os outros também que aqui cresceram alegraram-se com o sinal de reconhecimento que coube a esses anciãos. As medalhas foram emolduradas e envidraçadas, e depois penduradas na parede das casas das respectivas famílias como peça de exposição.

Antes de continuarmos a viagem, o pessoal do pastor apresentou-nos às suas respectivas famílias (foto 38); parte deles já foi crismada e trabalha aqui; a outra parte ainda frequenta a escola ajudando na economia da casa, fora do horário das aulas e do trabalho. A menina, à direita em nossa foto é uma brasileira branca. Theodor, o menino pomerano à esquerda, deve nos acompanhar hoje; ele buscou e selou nossos animais, e preparou a sua própria montaria. Olhe, lá está ele esperando por nós (foto 39) parado sobre o seu cavaleiro ligeiro, com seus pés descalços nos estribos, em sua maioria mais estreitos que este de origem alemã, e feito de ferro mais fraco; o colono enfia no estribo apenas quatro dedos, deixando o dedão de fora. Aqui o rapaz aprendeu a usar os dedos do pé como se fossem os dedos da mão, para plantar e cortar lenha. Nessas atividades pode-se ver como ele segura com os dedos do pé uma cavaca e corta-a fazendo o machado descer zunindo e atingi-la. Aliás, o estribo quase sempre é substituído pela “caçamba”, uma chinela de metal em tom bronze, que protege o pé ou a bota nos caminhos ruins durante os quais a ponta do pé pode ser atingida, espetada ou ferida pelos rochedos e tocos espalhados. Frequentemente escolhe-se uma bastante larga para que se possa puxar o pé com rapidez, no caso de uma queda; em suma, ela possui muitas qualidades práticas. Podemos vê-las também na foto seguinte (foto 40) sobre os sapatos dos cavaleiros montados a cavalo e numa mula respectivamente; é assim que os padres viajam para visitar seus pupilos espalhados por aí e dar-lhes apoio espiritual. Em função dessas viagens frequentes e comumente longas, a profissão de um pastor numa colônia do Espírito Santo é mais extenuante que qualquer outra. O nosso anfitrião, por exemplo, teve de atender durante muitos anos uma filial distante 12 horas a cavalo da sua casa, que tornou-se em seguida, por alguns anos,



Foto 38. Familiares do pastor.

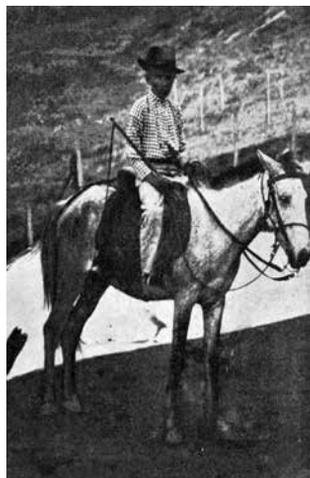


Foto 39. O pequeno Theodor nos acompanhando na viagem.

uma paróquia independente, tendo de voltar ao final à sua condição de filial por motivos pecuniários. Os outros padres locais vivem também em condições semelhantes; todos têm de levar uma vida fatigante. Observando novamente os cavaleiros vemos na frente, preso à sela, a “capoteira”, uma pequena sacola de couro na qual se guarda a capa e o guarda-chuva; pois aqui nenhum cavaleiro se envergonha de segurar com uma das mãos as rédeas e com a outra o guarda-chuva aberto para se proteger quando possível da chuva. Os guarda-chuvas sofrem quase sempre muitos riscos, em função da mata repleta de espinheiros que costumam ladear os caminhos, sendo por isso uma mercadoria muito usual. Atrás, pendurados à sela, vemos os alforjes duplos que nas viagens longas, durante as quais é preciso pernoitar no caminho, vão completamente cheios. Os cavalos (foto 41) não são de raça nobre; não são grandes nem portentosos, mas são cavalos montanheseis úteis e muito resistentes, porém largamente superados em utilidade pelas mulas. Em circunstâncias mais modestas, estas são capazes de aguentar esforços maiores e quase não são atacadas por insetos, enquanto os cavalos, durante o inverno, em épocas secas e mais frias quando os pastos ficam áridos, são muito frequentemente acometi-

dos pelos chamados piolhos pestilentos bastante destruidores, uma praga capaz de aniquilar muitos animais. De todos os animais de montaria, as éguas são as mais baratas; pois até agora o brasileiro considera uma desonra utilizá-la como montaria e costuma escarnecer de um tal cavaleiro. Mas o alemão já começou a mudar isso. As mulas brasileiras, filhas bastardas do cruzamento de jumentos espanhóis com éguas, são geralmente bem mais caras que os cavalos. Mas os dois não são mais tão baratos quanto no início da colonização. Na época conseguia-se um bom cavalo por 100 mil réis, hoje é preciso pagar no mínimo 400 mil réis, e uma boa mula de montaria para viagens longas e frequentes custa de 500 a 800 mil réis e já chegou a custar 1.300 mil réis. Os preços mudam muito; se a colheita for ruim e sobrar pouco dinheiro muitos tentam vender um animal de montaria e os preços caem. Se a colheita e os preços do café forem bons, sobem consideravelmente, como aconteceu, por exemplo, em 1895, quando o preço do café no Espírito Santo teve alta pela última vez, e a arroba (15 quilos) de café socado passou a custar 18 \$ depois de ter chegado a 20 \$, enquanto hoje custa aproximadamente 4,50 \$ (o sinal \$ significa mil réis). Nesse caso, portanto, o colono recebe 15 centavos por meio quilo.

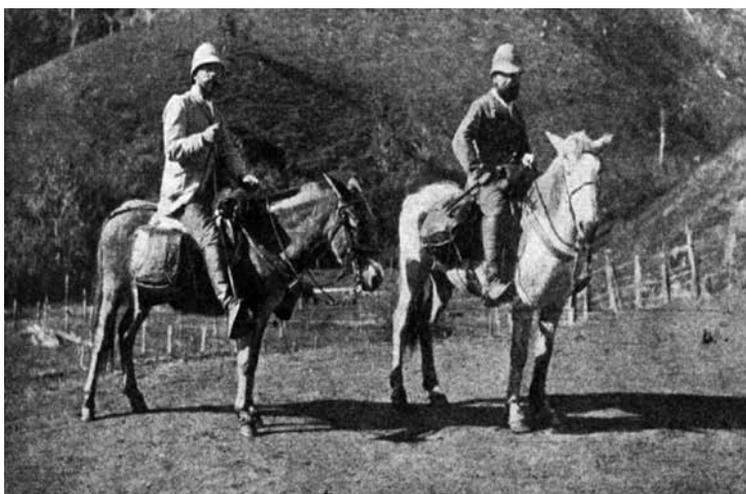


Foto 40. Religiosos evangélicos em viagem.

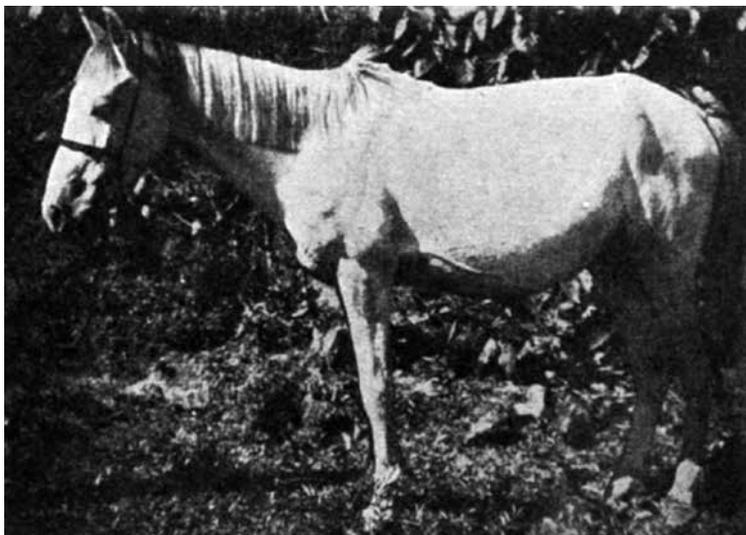


Foto 41. Cavallo montanhês do Espírito Santo.

A produtividade média anual por árvore pode ser fixada em 1 quilo, mas continua existindo nas plantações uma série de exemplares mais privilegiados que nos anos mais favoráveis chega a produzir dez vezes mais que a média. Uma pessoa não consegue cuidar sozinha de 2.000 árvores. Com os preços pagos agora aos cafeicultores pelo seu produto, acabamos achando justo o desgosto deles pelo fato de que na querida pátria alemã tantos substitutos do café prejudicam o seu trabalho, diminuindo assim os seus ganhos.

E agora montemos! Os animais já saciados estão impacientes e já começam a fazer travessuras. Viramos à direita rodeando a igreja. Depois de meia hora a trote rápido, durante os quais só avistamos quatro moradias, nossos olhos foram cativados por um cenário cujo principal ponto de atração era formado pelo chamado “Rochedo Negro” (foto 42), uma rocha colossal com uma forma peculiar, e na qual em seu cume só algumas palmeiras conseguem sobreviver.



Foto 42. O rochedo negro.

Na frente, acima à direita, vê-se a esplêndida folhagem de um cafezal. No meio erguem-se da terra profunda e pantanosa as bananeiras, enquanto na mata, ao centro, o vento brinca sacudindo as palmeiras. Do outro lado, no pasto, fica a casa de um holandês. Seguimos a cavalo à direita subindo e mais adiante descendo, passando pelas plantações e pela floresta durante uma boa meia hora até chegarmos à estrada principal sem vermos uma única moradia humana. Aliás, a casinha que encontramos em um desfiladeiro está abandonada e em ruínas, mas talvez logo será habitada neste mesmo estado por uma família negra qualquer. Há pouco vimos uma capaz de dar à uma alma romântica a impressão de ser uma pousada de ladrões, próximo à qual ninguém gostaria de passar. Com muita frequência encontramos cavaleiros, mas também jovens, andando a pé ao lado do pai ou da mãe, que vai a cavalo, e conduzindo uma ou várias mulas de carga. Assim, a nossa trilha, que de outro modo não deixa perceber a sua classificação, dá provas de que nos encontramos na estrada principal. Finalmente, chegamos a um vale bastante plano e bastante largo para esta parte

do Espírito Santo, cortado pelo rio da Farinha. Nesta região, onde foi aberta a primeira colônia, moram os colonos mais abastados da parte da frente de Santa Leopoldina, ou seja, da parte voltada para a cidade. Eles prosperaram mais rápido que seus pais, que na época se estabeleceram um pouco à frente, pois quem recebeu terras no distrito do Rio da Farinha, terras, aliás, muito boas, teve a sorte de possuir dois lotes podendo, assim, usar com frequência o solo fresco, fazendo com muita rapidez uma poupança de 1.000 táleres e conseguindo, além disso, equipar a sua propriedade mais de acordo com o seu desejo. O tamanho dos lotes em Santa Leopoldina perfaz aproximadamente 62.000 braças quadradas (1 braça quadrada é igual a 4,84 metros quadrados), mais ou menos 30 hectares, e o governo, ou melhor, a associação de colonos constituída por ele no Rio de Janeiro, calculou nas primeiras colônias o preço da braça quadrada em 1,5 réis, de modo que um lote desses atingiria o valor de apenas 93 mil réis.

Atravessando o vale, cavalgamos novamente no meio da floresta e depois de um quarto de hora vimos uma casinha numa clareira e, mais meia hora adiante, encontramos uma “venda” alemã, e dali em diante as moradias ficaram mais frequentes. Chegamos a um povoado evangélico: excetuando os poucos brasileiros ali entremeados era quase exclusivamente pomerano, num distrito chamado Melgaço. Após mais uma hora e meia deparamo-nos com a capela evangélica alemã que servia também de escola. Nossa foto (foto 43) – para a qual todos nos preparamos – mostra o probro sacristão pomerano e o professor em meio a seus alunos e logo se percebe que faltam os rostos holandeses. Perto da escola ficam a casa e as dependências de trabalho deste homem esforçado que vemos aqui (foto 44) em seu terreno junto com sua mulher, alguns de seus filhos e seu genro, todos vestidos a rigor. Nos dias festivos, as mulheres costumam fazer uma coroa de flores artificiais nos cabelos, tal como vemos na foto. A palavra do pai da família Lange vale muito na colônia; algo conquistado honestamente através de seu trabalho aplicado como colono e de sua fiel contribuição ao bem-estar comum. Despedimo-nos dele com votos de felicidade.

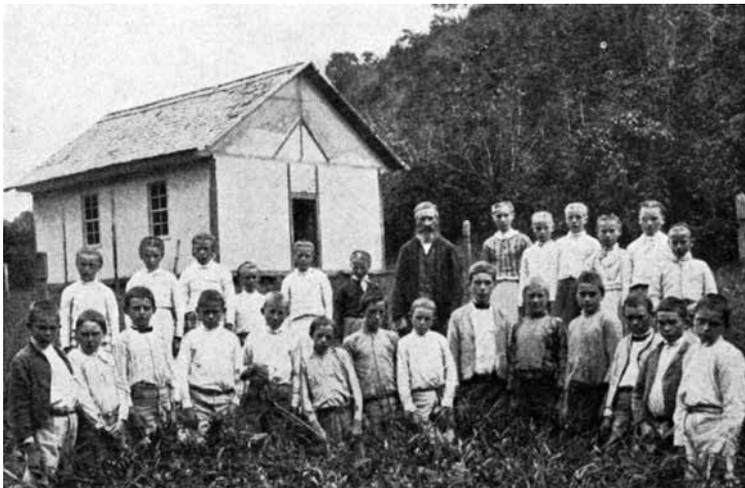


Foto 43. Capela e escola de Melgaço, na época filial de Santa Leopoldina I.



Foto 44. Família Lange em sua propriedade.

Passando por Califórnia em direção à paróquia de Campinho

Saindo dali, visitamos a vizinha comunidade alemã chamada Califórnia, que é uma filha da comunidade anterior, fazendo parte, aliás, geograficamente, de Santa Leopoldina. Ela surgiu ao avançarem um pouco mais floresta adentro. A foto seguinte (foto 45) mostra a igreja evangélica alemã de Califórnia construída originalmente sem torres, cuja ausência foi remediada agora anexando-se uma de madeira. Continuando a cavalgada para o sudeste, chegamos ao rio Jucu, que divide a colônia de Santa Leopoldina da colônia mais antiga de Santa Isabel e desemboca mais adiante em mar aberto, ou melhor, chega por um canal à Baía do Espírito Santo. Visitamos o povoado de Campinho. A igreja evangélica ali existente é a única de colonos alemães no Espírito Santo que é situada numa cidade e a primeira a possuir uma torre ainda durante o Império, embora na época não fosse permitido construir igrejas protestantes com torres. Mas eles não obedeceram a proibição; já que os brasileiros de maneira geral não são fanáticos e demolir a edificação já pronta, erguida com tanta rapidez, era algo considerado pelas repartições públicas como o oposto de uma melhoria das terras, os brasileiros, então, satisfizeram-se em reconhecer o zelo e a aplicação dos colonos e a sua autoconsciência evangélica: os próprios nativos devem ter apreciado a linda igreja sem considerar ilícito o passo dado pela comunidade evangélica. Contudo, o governo imperial, que favorecia a imigração de alemães protestantes, por considerá-la um excelente recurso cultural, prometeu aos imigrantes evangélicos zelar pela satisfação de suas necessidades religiosas. Semelhante a um vilarejo alemão (foto 46), Campinho localiza-se aos pés do caminhante que, descendo pela trilha da montanha vindo da floresta, depara-se com um vale aprazível. A igreja situa-se no pasto plano, entre

a escola e a casa do pastor, e o cemitério fica um pouco mais afastado. As casas dos habitantes do vilarejo, que em sua maioria são donos de “venda” e agricultores, foram quase todas construídas paralelamente em linha dupla, às margens da estrada.

De fato uma imagem encantadora e aprazível! Mas há alguns anos o medo não injustificado da famigerada polícia brasileira fez seus habitantes saírem correndo de suas casas e, em parte, procurarem refúgio na floresta. Contaram-nos o seguinte: no governo municipal passaram a prevalecer atitudes ilegais. Nos distritos das colônias, ao menos, dos quais Campinho era o centro, todos achavam que era um direito legal que a sede da administração municipal, a chamada Câmara, fosse em Campinho, já que na realidade ela se encontrava em Santa Isabel. Certo dia após terem se assegurado, como supunham, da aprovação de pessoas com forte influência política em Vitória, uma grande quantidade de comerciantes e colonos de Campinho e arredores, em sua maioria alemães, incluindo os suíços-ale-



mães e tirolezes, reuniram-se e cavalgaram juntos de Campinho ao povoado de Santa Isabel, distante algumas horas, até a casa do Presidente da Câmara – um brasileiro – onde se encontrava a tesouraria municipal. Eles a invadiram, pois o presidente negou-se a entregar-lhes os livros, os autos e o caixa. Dominaram o funcionário e sua belicosa esposa que ameaçava a todos com um revólver. Revisaram as contas do caixa, fizeram o balanço, tomaram em custódia o que lhes havia sido negado, com o intuito de transferir a Câmara

Foto 45. Igreja na Califórnia - O pastor e sua esposa.

para Campinho. Mas antes de partir não deixaram de lavrar um protocolo sobre o ocorrido, assinado por todos os participantes. Nada havia acontecido de grave e as consequências seriam relativamente inofensivas, mas os cavaleiros não conseguiram livrar-se inteiramente dos maus elementos. Uma pessoa mal-afamada que havia se juntado a eles maltratou o funcionário, contrariando o combinado; este se defendeu, e a esposa dele que brandia o revólver foi puxada pelos cabelos. Fato consumado, os colonos partiram. Tencionavam enviar mensageiros ao presidente do Estado, a fim de informá-lo do ocorrido, entregar-lhe o protocolo, atestando-lhe a sua obediência às leis e convencendo-o, assim, de que haviam apenas lutado pelos seus direitos com objetivos pacíficos, de acordo com a vontade popular cumpridora das leis. Eles deveriam ter realizado tal plano sem delongas, com toda a rapidez, mas retornaram primeiro para Campinho, todos ébrios pela vitória, e lá se dispersaram indo para suas respectivas casas. Nomearam três participantes que no dia seguinte deveriam procurar o presidente do Estado. Estranhamente, eles não avaliaram devidamente o rancor dos brasileiros, nem as circunstâncias, afinal havia um posto telegráfico não muito longe de Santa Isabel. Aquele funcionário público, porém, telegrafou para Vitória, imediatamente após a retirada daqueles visitantes inesperados, a seguinte mensagem: “Enviem ajuda militar imediatamente! Os alemães estão se rebelando!” Na manhã seguinte, quando aqueles três representantes bem dispostos estavam a caminho de Vitória, caíram diretamente nas mãos das tropas convocadas e foram presos e maltratados. Algumas horas mais tarde, um enxame de soldados apareceu por todas as ruas de Campinho gritando “Guerra! Guerra!”. Espancaram então pessoas inocentes e saquearam algumas lojas. Aliás, o vilarejo estava bem vazio, principalmente as senhoras e meninas haviam fugido, parte para a floresta próxima, parte para a igreja e a casa do pastor; elas não sofreram nenhuma violência. Os policiais procuraram principalmente os participantes daquela marcha, que infelizmente havia acabado de se dispersar. Pois, se tivessem previsto as consequências corretamente e permanecido juntos e unidos, os degenerados policiais não teriam ousado se aproximar deles. Lançaram-se, então, na captura individual e ficaram horas fazendo buscas no interior



Foto 46. O povoado de Campinho de Santa Isabel - À direita da igreja aparece a escola; na frente da igreja fica a residência do pastor; as casas paralelas da única rua são em sua maioria lojas. Não é possível ver a montanha de Campinho, pois ela fica aqui defronte.

da colônia; quando prendiam um participante, os soldados espancavam-no impiedosamente com a parte plana da lâmina e arrastavam-no preso. Os prisioneiros foram mantidos por algum tempo na Vila de Viana entre Santa Isabel e Vitória, e obrigados – segundo se afirma – a prometer que nada revelariam a respeito dos maus tratos sofridos. Evidentemente, esses militares não tinham recebido autorização de Vitória para proceder de maneira tão bárbara; ao contrário, eles se entregaram às maquinações daquele funcionário de Santa Isabel. Por isso, os colonos prisioneiros ficaram em Viana bastante tempo, até que as marcas dos maus tratos sofridos pudessem desaparecer; foram ameaçados e intimidados e não sabiam se seriam recebidos em Vitória. Por fim, os supostos “revoltosos” foram transportados para Vitória, onde foram bem tratados e, depois de pouco tempo, libertados. A Câmara não lhes foi cedida, mas eles ganharam representantes melhores; algo de muita valia, pois assim eles pensam poder aplicar as receitas municipais colocadas à disposição do distrito de uma maneira mais adequada aos seus objetivos, ou seja, privilegiando o bem público,

por exemplo, a construção de estradas. Os amigos dos colonos em Vitória, que os influenciaram a tomar essa atitude ousada, porém, explicaram-lhes: “Foi bobagem de vocês; pensamos que contrataríamos um negro para espancar esse funcionário malquisto num lugar discreto qualquer, a fim de desanimá-lo, a ele e a outros em Santa Isabel, de assumir o cargo de presidente da Câmara”.

Numa visita especial ao sítio do pastor em Campinho, fomos convidados a conhecer a igreja (foto 47).

Ali ficamos sabendo que a comunidade alemã, em sua maioria composta por renanos, estende-se mais para o sul e a oeste. No sul existem mais alguns pequenos núcleos de colonos separados da maioria, por exemplo, em Rio Novo, onde além deles moram sobretudo italianos. Todos os membros da comunidade recebem assistência religiosa a partir de Campinho, o que pressupõe um corpo robusto e viagens cansativas. Como mais tarde atravessaremos, num trecho mais ao norte, algumas colônias italianas, desistimos de avançar mais para o sul. Apresentaram-nos um tipo humano especial (foto 48): um filho da selva que fala alemão, um homem atarracado de descendência indígena; ali batizado e educado, recebeu o nome de Urban, mas é frequentemente chamado de bugre. Essa palavra significa “selvagem” e é uma designação genérica dada a todos os índios no Brasil. Sem nenhum parente em toda a região, Urban foi sempre alvo de chacotas, mas permaneceu sendo uma pessoa inofensiva. Aliás, ele dá a impressão de muita es-



Foto 47. Vista interna da igreja de Campinho.

treiteza mental. Uma herança indígena – a sua quase total imunidade para influências metereológicas – muito favorece a sua maneira descomprometida de viver. Ele permanece saudável mesmo dormindo ao ar livre com tempo ruim. Ao ser fotografado começou a tremer e fechou os olhos. As condições materiais dos colonos no distrito de Santa Isabel são em média melhores que no distrito de Santa Leopoldina, pois os lotes que couberam no início aos primeiros colonos excedem consideravelmente em extensão os de Santa Leopoldina. A comunidade de Campinho, cuja maioria dos fundadores provém de Hunsrück, distinguiram-se sempre por seus esforços consideráveis em prol da missão evangelizadora, para a qual as paróquias do Espírito Santo contribuem todos os anos, proporcionalmente bem mais que as paróquias do mesmo tamanho na Alemanha.

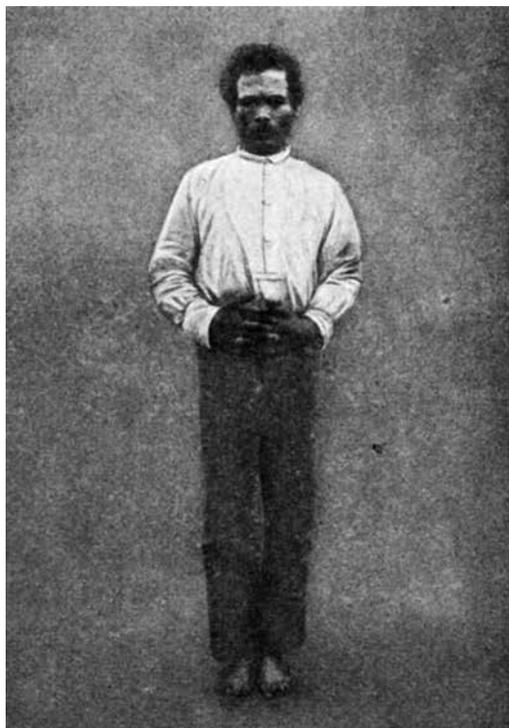


Foto 48. Urban, um nativo bugre.

Em Jequitibá (Santa Leopoldina II)

O pastor, no momento sem visitas, hospedou-nos em sua casa e na manhã seguinte agradecemos cordialmente ao nosso amável anfitrião e partimos a fim de visitarmos a quarta comunidade alemã – após termos passado por três – conhecida pelo nome de Santa Leopoldina Jequitibá ou então Santa Leopoldina II, a filha mais velha da comunidade próxima de Santa Leopoldina, emancipada no final dos anos setenta no século passado. Ela fica numa região a noroeste de Campinho e faz divisa com as duas outras comunidades já visitadas por nós. O trajeto até lá possui características semelhantes àquelas da viagem para Califórnia; a diferença é que subimos as montanhas um pouco mais alto. Também aqui existem em média mais pessoas abastadas que lá, uma vez que a geração mais velha em grande parte já trabalhou lá e já arrancou o melhor do solo para em seguida explorar aqui outra vez um solo virgem, fresco e em parte tam-



Foto 49. "Venda" de Karl Bullerjahn.

bém melhor. Por conseguinte, a “venda” também presente em nossa foto (foto 49) causa uma impressão bem vistosa. Orgulhosa, ela se distingue das edificações à esquerda. Uma delas é o estabelecimento comercial, no qual o probo colono, cujos pais são naturais da fronteira de Mecklenburgo-Pomerânia Anterior, aqui começou os seus negócios, e depois de juntar uma fortuna bastante considerável, apesar de mal saber ler, escrever e fazer contas, construiu à direita o edifício com a morada e a “venda”, bastante imponente para a situação dos colonos locais. Várias estradas se cruzam aqui, o que acabou também determinando os lucros excepcionais. Nossa foto



Foto 50. Um professor alemão indo à escola a cavalo.

mostra também uma parte da tropa usada pelo dono da venda em seus negócios. Apeamos e fomos recebidos com muitíssima amabilidade pelo anfitrião que notadamente se distinguia dos outros colonos, em sua maioria magros; o espaço da loja era muito amplo e em suas paredes havia armários com portas de vidro repletos de mercadorias. Fomos levados também à moradia localizada sobre a loja e encontramos tudo muito limpo; as paredes estavam pintadas com cores sem demonstrar mau gosto. Nesse passeio pela casa ficamos conhecendo toda essa amável família.

Aproximadamente um minuto depois de termos partido a cavalo chegamos a uma outra “venda” alemã, cujo proprietário também

de origem muito humilde tinha feito bons negócios por aqui. Um de seus filhos havia sido soldado brasileiro por alguns anos, adquirindo, na oportunidade, diversos conhecimentos técnicos, e abriu em seguida uma grande ferraria em Porto do Cachoeiro, atendendo assim a uma carência bastante frequente.

No caminho encontramos um cavaleiro alemão (foto 50), um professor da Suábia, que dava aulas na escola paroquial em Jequitibá e anteriormente numa família alemã no Rio Santa Maria, mas que pretende agora voltar a sua pátria, pois sua irmã que o acompanhara até este país estrangeiro fora vitimada por uma doença pulmonar neste clima quente.



Foto 51. Colônia paroquial de Jequitibá. Festa missionária.

A meia hora de cavalgada, atrás da venda visitada há pouco, fica a paróquia evangélica de Santa Leopoldina mostrada aqui num feriado (foto 51). Aqui localiza-se o centro religioso – não o geográfico – da maior comunidade alemã atualmente no Espírito Santo, que conta aproximadamente com 600 a 700 famílias. Em virtude da altitude, o clima aqui é mais salutar para os alemães que em outros distritos. Aliás, em todo o Espírito Santo as famílias alemãs foram abençoadas

com muitos filhos. Após visitar o interior da igreja vista há pouco por fora continuamos a cavalgada e chegamos na região do alto Rio Santa Maria, onde moram quase somente pomeranos; sem dúvida, eles predominam em toda essa comunidade. A paróquia de Santa Leopoldina II abrange com suas filiais distritais uma região extraordinariamente vasta. Ela deve a sua organização sobretudo à determinação e ao vigor incansável e excepcional do pastor A. Pauly. Nos anos noventa do século passado, ele defrontou-se aqui com circunstâncias muitíssimo difíceis, mas soube dominá-las com maestria. Ele se encontra no momento novamente na Alemanha e ainda agora ouvimos os colonos falarem dele com reconhecimento e admiração (foto 52).

Depois de mais algumas horas encontramos novamente outros estabelecimentos comerciais com um aspecto bastante modesto, é verdade, mas cujos proprietários viveram tempos de grande movimento e poderiam ter se saído melhor se tivessem mais conhecimentos. Atualmente, o preço do café está muito baixo, o que significa tempos ruins para os comerciantes, pois diminuiu o poder aquisitivo do colono. Antigamente quando o café tinha alcançado o preço de 18 a 20 mil réis por arroba, as prateleiras na parede atrás do balcão ficavam repletas de mercadorias e quando os clientes queriam matar a sua sede pediam geralmente cerveja alemã. Na época podia-se conseguir aqui atrás, em todas as “vendas” na floresta, cervejas alemãs autênticas em garrafas, tais como a Hackerbräu, a Löwenbräu ou até mesmo a Spaten, e outras. Como eram pasteurizadas para atravessar a linha do Equador e conservarem-se nos trópicos, elas duravam realmente muito tempo e tinham um sabor excelente, mas... não eram baratas; uma garrafa custava 2 mil ou 2,5 mil e a Spaten chegava a custar 3 mil réis. Esse luxo só continua existindo ainda hoje nas grandes “vendas” da colônia ou na cidade, e na realidade apenas os negociantes podem se permitir saborear uma cerveja autêntica. Os outros consumidores menos abastados têm de se contentar normalmente com a cerveja nacional produzida com cevada importada e lúpulo igualmente importado. Ela não dura muito, aproximadamente seis a oito semanas, e assemelha-se à nossa chamada cerveja simples,

mas tem um sabor mais amargo. Quando um viajante, após uma longa cavalgada em estradas empoeiradas sob um sol escaldante, chega à “venda”, quase morto de sede, um copo de uma cerveja espumante saindo de uma dessas garrafas lacradas com um barbante sobre a rolha e abertas com um estalo tem o sabor delicioso de um alívio refrescante. Com a primeira sede assim aplacada, o viajante ao beber muito rápido geralmente acaba percebendo, para seu desgosto, que a cerveja já estava azeda, e a fim de prevenir conse-



Foto 52. O pastor Pauly em sua mula.

quências ruins, pede então um “mata bicho” – a palavra bicho significa “inseto”, quase sempre o “nigua” (bicho-de-pé). Este mata-bicho nada mais é que uma dose de aguardente de cana-de-açúcar de ótima qualidade produzido em quase toda parte do Brasil e infelizmente consumido em grandes quantidades por muitos colonos, embora pareça bem mais fácil de digerir que o aguardente consumido pelo povo na Alemanha. Muitas vezes pode-se obter também a cerveja de gengibre, uma bebida bastante saudável que aplaca otimamente bem a sede. Tanto os donos de “vendas”, quanto os colonos, produzem-na para consumo próprio sem muito esforço. Apanha-se o gengibre que cresce muito bem nas terras deles, cortam-se alguns tubérculos em fatias finas, acrescenta-se açúcar a gosto, às vezes

também um pouco de casca de limão ralada e coloca-se num barril, sem a tampa e com água até a metade; em seguida acrescenta-se um pouco de fermento e deixa-se a bebida coberta por alguns dias. Depois ela é colocada em garrafas que são hermeticamente fechadas com rolhas e lacradas com um barbante sobre a rolha e o gargalo, tal como as da cerveja nacional, e descansam por aproximadamente oito dias até o conteúdo ficar pronto para ser ingerido.

Durante a viagem pelo alto Rio Santa Maria, como já observei, atingimos alturas mais elevadas, mas permanecemos sempre na região do café. Contudo, ali cresce também, quando plantada, a única conífera do Brasil (foto 53) – a araucária *brasiliensis* – conhecida popularmente como “pinheiro”, e cresce bem melhor que no Ribeirão dos Pardos. Como vegetação nativa, porém, dificilmente a vemos nos cumes mais elevados das serras do Espírito Santo, no máximo algumas isoladas; ela não é uma árvore dos trópicos. Por outro lado, esse pinheiro é a única árvore – excetuando algumas florestas de palmeiras de pequena extensão – que forma as florestas virgens do Brasil existentes nos planaltos dos estados do Sul – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, chegando até o sul de São Paulo e Minas Gerais. Ali, ela dá uma madeira muito útil para a construção, atingindo uma altura de 30 a 40 metros com um tronco de 1 a 2 metros de diâmetro, e muitas vezes sem ramos, tendo acima uma copa plana e fornecendo frequentemente 12 a 16 dúzias de tábuas. Suas sementes têm cada uma aproximadamente o tamanho do dedo mindinho e são envolvidas separadamente por uma casca castanha e angulosa; são comestíveis e usadas no sul como um alimento apreciado pelos porcos e geralmente de colheita muito abundante. Quando envelhecem, elas não são mais tão bonitas, mas quando novas, tal como uma delas aparece na nossa foto, são encantadoras, em função de seu crescimento harmônico e seus aculhos em forma de escamas intensamente verdes.

Um adorno muito comum nas florestas do Espírito Santo é uma espécie de musgo (*Tillandsia*) semelhante à barba de um ancião que fica ao vento pendendo das copas das árvores como delicados fios cinza-prateados. Visto que nas florestas fechadas, em função das proximidades

dos troncos, as fotos raramente saem boas, tiramos uma mostrando um galho isolado guarnecido com uma barba de ancião (foto 54), que se destaca claramente à esquerda, tendo ao fundo o céu e a encosta de uma montanha rochosa. Nossa foto também evidencia as plantas características que revestem inúmeras escarpas, pondo à mostra a quantidade enorme de bromélias ou pés de ananás que comumente cobrem essas lisas encostas. Por vezes, magníficas flores de orquídeas saúdam de uma elevação íngreme o viajante que lamenta não poder aproximar-se delas.



Foto 53. *Araucaria brasiliensis*.



Foto 54. Barba de velho (parasitas).

Encontramos com frequência o agave, uma planta gigantesca com espinhos pontiagudos usada não muito raramente para confeccionar cercas vivas intransponíveis. Na Alemanha comenta-se que ela precisa de 50 a 100 anos para florir, e na realidade é extraordinariamente raro encontrá-la na Alemanha. No Espírito Santo, o agave porta-se de maneira diferente. Com aproximadamente sete anos, ele dá uma única floração imensa que brota de seu centro; mais adiante nascem muitos galhos laterais em forma de candelabro, nos quais nascem as suas flores.

Nesses galhos desenvolve-se, por fim, o bolbo reprodutor que ainda na planta-mãe já produz as primeira folhas. Uma planta maravilhosa! Depois de alcançar o estágio descrito, a planta-mãe perde o seu aspecto vistoso entrando geralmente em total decadência. Das folhas do agave extrai-se uma fibra muito utilizada para a produção de cordas. A parte interna e carnuda da folha é considerada pelos brasileiros um ótimo remédio para curar os cavalos da chamada “peste das patas” contra a qual aplica-se a pasta feita com a folha esmagada.

Na bacia do rio Doce em direção à paróquia de São João de Petrópolis

De manhã cedo partimos da paróquia de Jequitibá, adentramos a região do alto Rio Santa Maria e quando o sol já estava se pondo chegamos ao local do encontro das águas desse riacho litorâneo com as do poderoso rio Doce. O vale que atravessamos a cavalo e as florestas que nossos olhos tentaram penetrar estavam impregnadas de muito calor e umidade; subimos então mais 100 metros. Mas que terra exuberante e fértil! Na mata virgem percebe-se nos troncos gigantescos a enorme força do solo. De maneira geral, a floresta tem as mesmas características da faixa territorial já percorrida por nós, segundo parece, pelo menos a um leigo. Mas é preciso ressaltar uma coisa: o número de palmeiras diminuiu significativamente e os graciosos palmiteiros chegaram mesmo a desaparecer; para nós aqui é muito quente. Além disso, os colonos nos informam que muitas árvores e plantas não mais existentes aqui ainda podem ser encontradas mais acima na floresta, mas em compensação outras igualmente valiosas tomaram o seu lugar. Chegamos na região bastante propícia ao cacau. Mas como até agora todo o comércio de exportação do Estado restringe-se ao café, também aqui na região do rio Santa Maria do rio Doce (ou seja, um segundo rio Santa Maria) e do rio Perdido, do rio Vinte e Cinco de Julho e do rio Santa Joana – todos tributários do rio Doce, que nasce no interior do Estado de Minas Gerais localizado mais a oeste e em cuja margem direita despejam suas águas – cultiva-se sobretudo o café. Sua colheita é tão abundante que os colonos progrediram bem mais rápido que em suas propriedades anteriores na comarca de Santa Leopoldina, embora aqui a arroba do café não alcance o preço de lá. Aqui o colono comerciante já à mingua é obrigado a descontar os custos do transporte, em virtude do longo trajeto até Porto do Cachoeiro. Por outro lado, o colono daqui acaba superando a

vantagem não muito grande de seus companheiros de profissão da região fronteira, à medida que em função do calor maior o café aqui amadurece mais rápido. O pé fica logo carregado com os grãos maduros e negros; bate-se com um bastão nos galhos e os frutos caem como uma chuva no chão e na peneira colocada em baixo. Desse modo, a colheita termina bem mais rápido, restando mais tempo ao lavrador para os trabalhos agrícolas ligados ao cultivo de gêneros alimentícios.

A produção de milho aqui é magnífica, e todos os frutos que crescem na colônia defronte crescem aqui com mais exuberância, de modo que o gado, sobretudo o porco sempre tão útil, acaba se alimentando muito melhor. Nas terras úmidas vemos campos de arroz, cujo produto é de ótima qualidade. Encontramos também muitos engenhos de açúcar e destilarias. Nas matas ouvem-se os gritos das inúmeras araras reais – antes também presentes na colônia defronte – ao lado da enorme quantidade de papagaios grandes e pequenos das mais variadas espécies. As araras afastaram-se, quase que totalmente da colônia defronte onde a densidade populacional é bem maior, ao passo que outros papagaios, porém, continuam aparecendo por lá em grande número, e muitas espécies devastam o milho tal como os pardais fazem com os campos de cereais na Alemanha. Quase todo colono tem em sua casa papagaios amestrados sentados numa madeira transversal fixada na parede. Eles muitas vezes falam algumas bobagens misturando o alemão e o português. A maneira como executam por aqui a captura das espécies maiores que conseguem aprender a falar pareceu-nos bem desastrada. Os papagaios fazem ninhos no topo de árvores gigantescas em buracos nos galhos aumentados até se tornarem cavidades profundas, mas traem-se ao mostrarem aos colonos os locais para onde estão levando comida. Raramente alguém ousa ou consegue trepar até lá em cima para tirar os ninhos; via de regra, eles sacrificam a árvore inteira. Nesse caso, o resultado geralmente é que a maior parte dos pássaros novos perece na queda, tanto mais que são muito sensíveis a qualquer golpe no crânio. Frequentemente encontramos na casa dos colonos um papagaio verde de tamanho médio com aparência nobre, que se destaca por seu belo peito violeta e por um

canto de uma suavidade quase maviosa – ao contrário dos seus primos que apenas gritam ou no máximo gorjeiam – que soa como uma queixa ou um chamariz considerado encantador pela companheira. O povo chama-o de sabiá, segundo o exemplo do famoso cantador da fauna ornitológica brasileira. Nos primeiros anos do desbravamento desse distrito, as colônias nele localizadas ainda faziam parte da Colônia de Santa Leopoldina; hoje elas se dividiram em diversas comarcas. Portanto, uma parte pertence à jurisdição de Linhares no baixo Rio Doce; uma outra a Guandu, localizada junto a um rio do mesmo nome que deságua no rio Doce – as duas localidades são habitadas quase apenas por brasileiros – e um terceiro distrito pertence à Vila de Santa Teresa, que pretendemos visitar na volta. Os alemães aqui são quase sempre vizinhos de inúmeros italianos, poloneses e brasileiros; estes são quase todos mulatos e negros. Os mais estimados, porém, são os mineiros, originários do Estado limítrofe de Minas Gerais, descendentes dos empreendedores paulistas, e filhos de portugueses e indígenas; aventureiros que um dia destemidamente ampliaram suas expedições no interior mais longínquo do Brasil, habitado por tribos indígenas selvagens, e ficando com a parte principal das explorações.

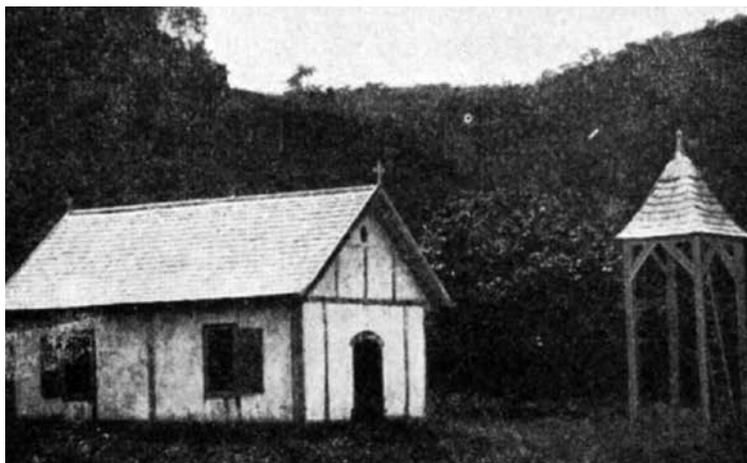


Foto 55. Edifício velho da igreja e da escola em São João de Petrópolis.

Chegamos então ao Ribeirão Taboca, assim chamado por causa de uma espécie de junco, um bambu que cresce por aqui. Nessa região moram muitos alemães; aqui eles poderiam se chamar filhos da terra vermelha. A cor predominante do solo brasileiro é, sem dúvida, o vermelho, mas aqui é ainda mais escuro, tornando-se às vezes quase violeta. Nesse caso, o solo é considerado bastante propício à cultura do café; o brasileiro utiliza então a expressão “terra roxa”. Todos os colonos desse distrito olham com um certo desprezo para os que ficaram nas regiões fronteiriças, cuja produção agrícola não é tão abundante. Mas nelas, eles foram os primeiros a organizar uma vida paroquial e religiosa. Aqui, eles mantêm uma ligação religiosa com a paróquia, cujo pastor visitamos no Ribeirão dos Pardos, mas por causa da enorme distância eles só podem receber a visita de seu pároco evangélico três vezes por ano; por isso os costumes aqui se tornaram mais rudes, e ocorrem atos de violência com maior frequência. Aliás, eles já tinham construído uma capela há muito tempo. Nossa foto (foto 55) mostra a edificação simples e o campanário. A cada quatro semanas um colono faz a leitura durante o culto. Além disso, a capela serve de sala de aula; os bancos usados pela comunidade durante o culto eram feitos de tal forma que colocando-se um sobre o outro viravam uma mesa com a altura adequada para os alunos. Há muito já ambicionavam tornar-se uma paróquia independente, mas os poucos que um dia construíram a capela gastaram muito em sua construção, pois contribuíram cada um com 100 mil réis, e na época eles eram ainda pobres. Eles então desistiram da capela e construíram uma linda igreja dotada de uma torre, num outro lote, que já abrigava plantações, a bela casa de um colono e as dependências para uso agrícola. A casa foi erguida para receber um pastor e todo o lote se transformou na residência paroquial. Com a intervenção do Conselho Superior da Igreja Evangélica de Berlim, a paróquia ganhou em 1900 um pastor, que com muito sacrifício assumiu a sua profissão abençoada nessa paróquia ainda pequena em número de almas e igualmente abnegada, numa região ainda meio selvagem. Nossa foto (foto 56) mostra a igreja em construção. A comunidade autodenominou-se de acordo com o distrito: Paróquia Evangélico-Alemã de São João de Petrópolis. Como já mencionamos, com o passar do tempo ela não conseguiu manter a sua independência (foto 57).



Foto 56. Igreja de São João de Petrópolis em construção.



Foto 57. Igreja e residência do pastor de São João de Petrópolis.

O velho terreno da capela faz divisa com as terras de um dos colonos mais abastados dessas regiões, chamado Heinrich Ebermann, mortalmente ferido em 1901 pela bala de um brasileiro, por ocasião de um dos chamados “juntamento” (Juntamenz). Ele era um homem muito invejado, mas bastante estimado e honrado; era querido por muitos e tinha um comportamento exemplar. Ele deve ter se aborrecido muitíssimo até conseguir preparar aquele belo terreno. Da capela cavalgamos alguns minutos pelas exuberantes plantações de café e alcançamos a sua moradia aqui mostrada (foto 58). As duas casas juntas à direita eram usadas antigamente para as atividades agrícolas e passaram a servir de cozinha e dependências, depois que Ebermann construiu a vistosa casa à esquerda. Seria preciso ouvi-lo falar sobre os esforços incríveis feitos pelos primeiros pioneiros da cultura nessa região selvagem, pelos quais certamente as pessoas aplicadas e saudáveis puderam embolsar uma rica recompensa após alguns anos. A prova disso é essa fazenda, as boas condições de seu gado e o belo pasto, além das plantações que crescem primorosamente. Na casa predomina uma vida familiar bem alemã e respeitavelmente alegre. O nosso Ebermann foi o primeiro colono alemão por aqui. Carregando nas costas uma sacola com suas ferramentas e seus alimentos, ele saiu da colônia defronte e veio mais para o interior, junto com sua mulher e um outro colono mais jovem. Daqui até a região dos índios selvagens levava-se apenas um bom dia de viagem – indo em linha reta. Destes, ele não tinha nada a reclamar, apenas do clima e da falta de vegetais comestíveis, ao passo que a mata virgem fornecia caça em abundância. A princípio teve de fazer sozinho quase todo o trabalho duro que cabe aos homens. Com um pouco de orgulho contava como arranjar as belas tábuas para o seu assoalho. Na época, nenhum companheiro o auxiliou a serrar os troncos talhados por ele e colocados sobre um andaime para fazer as tábuas. Com o machado e a cunha foi acertando-os até virarem verdadeiras tábuas. “As novas gerações já não conseguem mais fazer isso”, disse ele. “Elas não conhecem mais esses esforços feitos por nós velhos aqui e, em parte, também ali na colônia defronte. Agora há mais pessoas e mais estradas, e a experiência dos ve-

lhos presta um auxílio à juventude. Agora é bem mais possível ajudar-se e estimular-se mutuamente. Há estradas pelas quais se pode ir a cavalo a quase todos os lugares, ao passo que nós, por assim dizer, tínhamos de tropeçar pelas picadas abertas na floresta para medir o terreno coberto de tocos, carregando a pesada bagagem nas costas, ora subindo, ora descendo montanhas íngremes, ora atravessando rios sem pinguelas”. “É bom”, continuou ele, “que nossos filhos tenham bem mais sorte”. Mas, em todo caso, eles ainda não levam uma vida tão cômoda quanto os filhos de fazendeiros alemães em sua pátria.

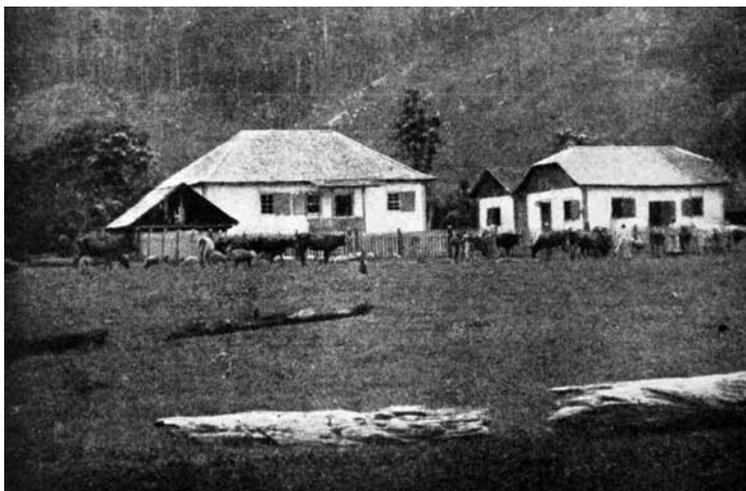


Foto 58. Casa de Heinrich Ebermann.

Como a selva se transforma em terra cultivável

Vamos ver agora como se pratica a atividade agrícola na selva. Primeiramente vamos dar uma olhada num pedaço de floresta virgem: o que vemos então é algo mais encantador que gigantesco. Como já indicamos, no interior da mata virgem só é possível registrar na chapa fotográfica partes isoladas dessas áreas gigantescas, sendo muito difícil fazer uma panorâmica. Nossa foto (foto 59) tirada próximo ao rio da Farinha oferece uma vista da mata virgem adornada por palmeiras de altura média;



Foto 59. Vista da altura média da floresta

ra média; os troncos prosseguem bem mais para baixo, e lá em cima, sobre elas, as copas folhadas formam abóbadas e as árvores se abrem dando-lhes a forma de um guarda-chuva. Em seu pé, a grande variedade de mata rasteira repleta de espinhos, misturada com diversas espécies de bambus, ou às vezes com algum outro tipo de taquara cortante afiada como lâminas, tornam a mata impenetrável. Além disso pendem de todos os lados, e de cima também, cipós com a grossura de uma corda de navio, fazendo circunvoluções bizarras. Com o facão – uma faca

grande carregada dentro de uma bainha de couro pendurada no cinto e sempre pronta para ser usada – e a foice, o colono corta primeiro a mata rasteira abrindo caminho na floresta; em volta dos troncos altos e grossos fica então mais claro. A lâmina da foice (ou, como pronuncia o colono, “foce”) tem aproximadamente um terço do comprimento da nossa gadanha, mas em compensação é bem mais forte. Ela também não chega a formar um ângulo reto com o cabo de madeira, mais parecido com um cabo de enxada comum, mas prossegue a princípio acompanhando o cabo numa linha reta, dobrando finalmente para o lado, formando um quarto de círculo quase como um cajado. A lâmina fica na parte interna dessa curvatura, de modo que o trabalho de amolar feito no rebolo, normalmente redondo e semelhante a um mó, exige muita habilidade. Depois de, por assim dizer, limpar a floresta com o facão e a foice, deixa-se a mata rasteira secando por algum tempo, pois o ar agora pode circular livremente. A seguir ataca-se os troncos altos com o machado, mas não um por um. Ao contrário, o agricultor aproveita a forte ligação feita com cipós grossos já existentes entre um tronco gigantesco e os seus vizinhos mais fracos. Ele corta o maior e este arrasta consigo os mais próximos para a morte inesperada. Fazendo um enorme estrondo, eles caem juntos sobre a mata rasteira seca e o grupo que fez a derrubada acompanha o espetáculo, contente com o sucesso e soltando longos gritos de júbilo. O colono não investe contra a sua floresta todos os anos, a fim de dispor o mais tempo possível do solo virgem e não desvalorizar tão rapidamente suas terras.

Vemos aqui (foto 60) um pequeno desmatamento que começa do outro lado da montanha, passando pela cumeada e descendo encosta abaixo, enquanto na frente, à esquerda e à direita, a floresta virgem permanece intacta. Os troncos ficam espalhados desordenadamente – em parte são madeiras caras – para após mais ou menos 4 a 6 semanas, se o tempo estiver seco, serem vítimas das chamas impulsionadas pelo vento favorável. Entretanto, seria um erro supor que as madeiras boas são completamente destruídas pelo fogo. No pior dos casos, contudo, isso pode acontecer, mas a pessoa cuidadosa coloca sobre elas uma camada



Foto 60. Um desmatamento em Jequitibá (No meio, oculto pelas árvores defronte).

de terra. No entanto, via de regra, o perigo realmente não chega a ser tão grande. Quando o fogo age para valer, os troncos de diâmetro normal queimam completamente, mas os maiores ficam apenas chamuscados e aquilo que fica sob essa camada negra conserva-se e pode ser utilizado. Contudo, contrariando as expectativas, caso eles também sejam consumidos pelo fogo, toda a área desmatada tornar-se-á quase sempre uma terra improdutiva por alguns anos. Acabaram de secá-la; o campo está branco, reduzido a cinzas, repleto portanto do único adubo precioso do lavrador das florestas brasileiras, mas ele fica agora sem efeito, pois embaixo a superfície do solo tornou-se semelhante a uma eira feita de terra queimada. Portanto, o colono fica extremamente dependente da maneira como a queimada ocorre. Se, ao contrário, o tempo estiver úmido, o mato ainda não suficientemente seco quase sempre não queima como se deve; isso não é tão ruim, mas obriga-o a fazer trabalhos de limpeza extremamente fatigantes que consomem muito tempo. Às vezes, é preciso juntar os galhos e ramos ainda intactos e fazer uma fogueira, e novamente deve-se atear fogo na área desmatada trecho a trecho. Durante a secagem, o tempo úmido e desfavorável faz com que a erva

daninha se prolifera intensamente, e o fogo insuficiente não consegue destruí-la. Por isso, é preciso capinar e limpar toda a área desmatada logo depois da retirada do entulho – um trabalho muito chato!

Se o solo tiver sido estragado pelo fogo excessivo, como foi descrito anteriormente, ele fica então entregue à própria sorte. Depois de algum tempo, o mato cobre-o novamente, a princípio apenas arbustos e ervas (a chamada “capoeira”) aos quais atea-se fogo outra vez. Quando querem transformar um campo de arbustos numa plantação, todos os membros da família

capazes de brandir a foice – o pai e os filhos, mas muitas vezes também a mãe e as filhas adultas – posicionam-se em fila junto à mata, a uma distância segura um do outro, e cada um vai cortando o seu trecho encosta acima, pois nos vales estreitos do Espírito Santo prefere-se plantar quase sempre nos declives das montanhas, enquanto o pasto, que por sua vez geralmente também prossegue colina acima, começa no fundo do vale por causa da água. Deixa-se então algumas árvores crescerem no pasto para proporcionarem sombra aos animais de montaria. Naturalmente, os arbustos derrubados secam bem mais rápido que a mata virgem, e queimá-los não acarreta muitos riscos. Nossa foto (foto 61) mostra um desses pedaços de terra, já cultivada várias vezes, que ficou em descanso



*Foto 61. Queimada na roça
(mato e pequena capoeira).*

e foi novamente invadida por arbustos, no momento em que atearam fogo. Os locais adequados para se acender o fogo devem ser escolhidos de acordo com o terreno e a direção do vento.



Foto 62. A mesma roça em chamas.

A foto 62 mostra a mesma mata, a mesma roça – assim o colono designa a sua lavoura, usando uma palavra brasileira – em plena queimada. Se ele tomou os devidos cuidados não permitindo um tempo de secagem longo demais, o fogo então raramente ultrapassará os limites desejados e não causará estragos nas plantações vizinhas; caso contrário, porém, ele lançará labaredas nas matas limítrofes onde devorará vorazmente os frequentes canaviais e continuará se alastrando durante dias. Naturalmente, é preciso o maior cuidado para derrubar a floresta e atear fogo no mato seco, no que concerne à segurança pessoal dos trabalhadores; pois nem sempre dá certo calcular a direção que a madeira tomará ao cair, ou da velocidade que o fogo atingirá para a frente e para os lados a partir dos pontos onde foi aceso. Assim, os colonos contam histórias a respeito de pessoas que foram atingidas por árvores na derrubada ou que se viram envolvidas por um mar de chamas antes de poderem sair da área desmatada repleta de obstáculos. Na colônia,

raramente ocorreram tais infortúnios; num dos casos relatados haviam despejado querosene em alguns pontos da mata durante o desmatamento. Em épocas passadas, isso deve ter acontecido muitas vezes nas grandes derrubadas feitas por latifundiários e escravocratas brasileiros.



Foto 63. Plantação nova, em cima, junto à floresta.

Com a chuva caindo sobre a roça destroçada em meio às cinzas, a terra estará pronta para o transplante. Uma plantação assim nova, geralmente cercada pela floresta, tem uma aparência estranha. Em toda a parte, os gravetos espetam o observador, e os troncos grossos carbonizados ficam jogados desordenadamente pelo chão, enquanto os mais finos ficam muitas vezes juntos, formando longas linhas, e no meio deles crescem as plantas novas. Nesse sentido nossa foto (foto 63) é muito elucidadora. Estamos diante de um terreno onde se localiza a Câmara Municipal, a prefeitura de uma grande colônia adjacente, a sua área urbana. O edifício da Câmara está coberto com telhas, enquanto as moradias rurais possuem quase sempre teto de ripas; as janelas têm um

estilo mais urbano, mas não são aquelas janelas corrediças comuns, pois se dividem em folhas. Nos arredores próximos, acima da casa, vemos o pasto feito logo a princípio; vê-se também alguns troncos, mas muito poucos. O resto não está completamente desmatado, pois isso não é comum no Espírito Santo, uma vez que se trata de um trabalho muitíssimo fadigante e demorado, mas está bem deteriorado e em poucos anos estará imprestável. Os troncos cortados compartilharão do mesmo destino, se permanecerem no chão, e tanto mais rápido quanto mais fértil for o solo fresco. Apenas as madeiras mais duras, como por exemplo a palissandra, conseguem resistir por muito tempo. Os colonos recorrem a essa experiência ao procurarem terras novas para se estabelecerem. De preferência, eles se orientam pelas espécies de árvores encontradas, observando também se o solo da floresta está puro e coberto de folhas secas. Se estiver puro é porque consumiu com rapidez as folhas caídas e promete ser fértil.

O que e como o colono planta

Acima do pasto, próximo à mata virgem, há uma plantação bem nova. Por vezes, ergue-se um tronco totalmente chamuscado ao lado de gravetos caracterizando assim tais plantações como um trabalho de brasileiro. Tais deficiências motivadas pelo comodismo, desânimo e desleixo do pequeno lavrador brasileiro médio não são encontradas no trabalho do colono alemão. Também aqui o alemão mostra-se metuculo-so. Basta olharmos como ele cultiva suas terras! Quando quer transformar a roça no meio da mata virgem numa plantação de café, ele planta também uma série de outros vegetais para durarem de três a quatro anos; primeiramente milho e abóbora, como de costume. Outra vez, os membros da família separados por distâncias regulares caminham paralelamente subindo a encosta munidos de enxada; com um único golpe, cavam as covinhas para o plantio, que os membros mais fracos logo atrás fecham empurrando a terra com os pés depois de terem colocado nelas as sementes de milho. Quase sempre apenas uma dessas gera um pé que produz frequentemente duas abundantes espigas. As covinhas para o plantio ficam a um passo de distância uma da outra, caso contrário, o milho não cresce. Nas regiões localizadas mais no interior do Espírito Santo, por conseguinte mais quentes, semeia-se e colhe-se o milho duas vezes por ano. Primeiramente, cultiva-se quase sempre o milho nos locais escolhidos como pasto, mas ele só é semeado depois de umedecido e misturado com sementes de grama, sobretudo da nutritiva grama mineira verde-azulada, ou então planta-se a grama entre os pés de milho, por exemplo, o capim luto, o capim de Pernambuco, o jacaré, o da cidade etc. em relação aos quais os animais têm preferências diferentes. Não se pode colocar o café nas terras destinadas ao pasto.

Planta-se o café aproximadamente dois anos após a queimada. Na verdade, os colonos que pretendem fazer uma grande plantação de uma só vez, fazem o plantio colocando frutos do café em covinhas bem rasas, mantendo a distância exigida pelas plantas adultas. Esse é o pro-

cedimento comum nos distritos afastados recém desbravados, nos quais não se pode arranjar pés de café suficientes. Caso contrário, costuma-se procurar em todas as antigas plantações de café, que por causa do baixo rendimento foram entregues à mata, pés novos de dois ou três anos encontrados em grande quantidade nas matas adjacentes, onde os pássaros – sobretudo o tucano – e o vento espalham as sementes. E de graça. Elas são colocadas numa distância de aproximadamente três passos em filas regulares, às vezes também em grupo, cujas covinhas para o plantio foram abertas já há muito tempo. Nos espaços intermediários planta-se aipim ou mandioca e ao lado taioba, batata-doce e cará, nome de uma trepadeira que muitas vezes alcança as copas de árvores altas, como o cará aéreo. As raízes do cará são tubérculos semelhantes aos da batata. O cará aéreo, contudo, produz os seus longos tubérculos em suas gavinhas, tal como as lianas fazem com suas flores; o aspecto é bem estranho. Os tubérculos servem para alimentar o gado e algumas espécies também são apreciadas pelas pessoas. Uma delas, por exemplo, pode-se moer e misturar à farinha para bolo. Junto aos restos do desmatamento planta-se chuchu, uma trepadeira bonita e de folhas largas que dá frutos grandes, carnudos e suculentos, como o pepino, com um sabor – quando preparado como legume – semelhante ao da couve-rábano, podendo-se fazer com eles também uma salada deliciosa. Em meio a isso, lança-se ao chão também brotos de ananás que criam raízes, sem qualquer auxílio, e produzem frutos saborosos. Desse modo, uma plantação na mata virgem adquire nos primeiros anos um aspecto singular, quase parecendo outra vez uma fértil área agreste. Contudo, limpam-na todos os anos. No tocante às raízes comestíveis que aguentam pouco tempo fora do chão, a colheita é feita aos poucos, de acordo com as necessidades da respectiva família. Armazena-se o milho em espigas, pois assim ficam a salvo e protegidos pelas folhas de sua casca. Só quando a raiz e a copa do pé de café se espalham é que não se pode plantar mais nada nos espaços intermediários, senão prejudicará a plantação de café, que sendo tratada adequadamente dará uma produção abundante por cerca de vinte anos, sem exigir uma assistência difícil demais, nem uma colheita trabalhosa.

As plantações de cana-de-açúcar também duram muitos anos, dependendo da qualidade do solo. Para executá-las, corta-se o caule da cana em pedaços, deixando neles alguns nós; em seguida, eles são enfiados ou jogados na terra como se fossem sementes. Procedimento semelhante, aliás, tem-se com o aipim e a mandioca, e também com a batata. Desta, por se tratar de espécie de liana, utiliza-se pedaços de gavinhas como muda.

Em geral, o cafeicultor alemão no Espírito Santo não se ocupa com a cultura da cana-de-açúcar; ele não chega nem a plantar a quantidade necessária para o seu consumo caseiro. Planta um pouquinho apenas, e o mais comum é vermos a cana em meio a sua plantação de café mais recente, e apenas nos locais onde o pé de café está murcho. É que neles desenvolve-se uma doença do solo de muitos anos de duração chamada aqui de “caramá” o que significa, talvez, – caso seja uma palavra portuguesa – “cara ruim”. Numa área de alguns metros de diâmetro, o solo incha; mas se cavarmos não encontraremos nada além de terra perpassada por fios finos e esbranquiçados, uma espécie de fungo talvez, que pode ser o causador da doença. Por fim, o solo doente se eleva naquele lugar; escavam-no e encontram uma imensa bola dura que se enrijece no contato com o ar. Só depois de retirar esse torrão é que se pode plantar ali café outra vez, sem receio de que morra. Mas o solo estragado não faz mal algum à cana-de-açúcar, e entre os brasileiros e os colonos espalhou-se a opinião de que a cana-de-açúcar, bem como o ananás, curariam o solo estragado, o que não passa de superstição.

Para obter o caldo da cana, o colono precisa apenas de dois cilindros simples de madeira fixados juntos sobre dois cavaletes, algo semelhante a uma máquina de enxugar roupa no meio de seu pasto. Ao passar entre eles, a cana vai sendo espremida e o caldo cai num balde colocado embaixo. Fervendo-o, obtém-se a rapadura, uma massa apreciada por todos, semelhante ao açúcar maltado. Além disso, o colono planta a cana-de-açúcar para seus filhos – que adoram mastigá-la – e também para alimentar os porcos, embora não se preste muito a isso. Aparentemente ela serve muitíssimo bem para engordar os animais, mas

a carne deles fica flácida. Por sua vez, os grandes proprietários, sobretudo os brasileiros, cultivam muito a cana-de-açúcar, que é processada depois, ora com máquinas simples de madeira ali mesmo produzidas, ora com espremedores de ferro modernos movidos por uma queda d'água. Cobre-se a substância obtida após o cozimento, o que favorece e acelera a cristalização. Para isso, alguns pequenos proprietários nativos utilizam, também, o estrume de vaca! Aliás, pode-se acrescentar aqui que, nas propriedades dos negros, ele desempenha geralmente um importante papel. No pasto da paróquia de Santa Leopoldina I, cortado por uma estrada muito utilizada, que ali se bifurca, observa-se muitas vezes algumas negras recolhendo e catando grandes quantidades de bosta de vaca endurecidas pelo sol, a fim de aproveitá-la na lavagem que, desse modo, segundo dizem, dá ótimos resultados. Portanto, isso seria, digamos assim, uma espécie de curtume esbranquiçador! No que se refere à cana-de-açúcar, seria concludente relatar ainda que uma quantidade considerável é empregada na produção de aguardente. O produto chamado cachaça é um dos artigos mais procurados em todos os armazéns da cidade.

Explora-se uma roça cultivada com milho e outros gêneros alimentícios aproximadamente durante quatro anos; nas terras mais férteis da bacia do rio Doce, por sua vez, dura um pouco mais, quinze anos consecutivos, sem deixar a terra descansar ou nutri-la com adubo. Entregue à própria sorte após o primeiro período de cultivo, o solo é velozmente coberto pelo mato, e se este fornece então cinza suficiente para adubo, o solo é novamente cultivado da maneira descrita, e esse círculo se repete até a mata ir se tornando cada vez mais fraca e a produtividade do solo cada vez menor. Pequenos proprietários nativos sempre conseguem suprir suas necessidades num solo assim exaurido, pois sempre nasce um pouco de aipim, mandioca, batata e banana sem grandes esforços; o clima também não deixa que eles passem fome. Essa má vontade indolente da população brasileira faz da benção da bondosa natureza uma maldição; eles não aprendem a trabalhar direito, não progridem, nem material, nem espiritualmente. O colono alemão, porém, muda-se para outro lugar e segue extraindo o melhor da terra. Certamente, ele faz um

cultivo predatório, mas até agora não pôde proceder de outro modo, e trabalha com aplicação de manhã cedo até tarde da noite; além disso, goza de poucos prazeres além das alegrias proporcionadas por seu trabalho e sua vida familiar.

Percebemos nitidamente nas feições dos jovens alunos que as crianças também foram eficientemente educadas para o trabalho.

Saúde

Aqui existem doenças como em todo lugar. As crianças menores sofrem sobretudo de doenças no aparelho digestivo. As mulheres vindas da Europa são frequentemente mal servidas de leite materno. Não gostam de criar cabras, pois quando soltas elas sempre justificam a sua fama de péssimos fruticultores, preferindo roer e arrancar a casca dos pés de laranja, tangerina e limão; quando ficam presas, elas definham. Antigamente, não havia pasto sem vacas. Agora elas ainda são a maioria, mas diminuíram em número, pois quanto mais a floresta ia sendo desmatada, mais aparecia uma espécie de mosca sanguessuga causadora de muitos estragos entre o gado, que nem de longe se igualam às pragas provocadas por um inseto similar na Alemanha. No Brasil, ele é conhecido pelo nome de “bicho-de-perna”(berne) que acabou virando no dialeto dos colonos “bernebiech” ou “bicheberne”. As larvas saem dos ovos depositados pelas moscas no pelo do animal e penetram em sua pele justamente nos pontos onde o gado não consegue se defender usando os chifres, a língua, o rabo ou o casco, criando grandes tumores nos quais os parasitas se proliferam aos milhares e se banqueteiam. As vacas assim contaminadas exalam um mau cheiro, mesmo a vários passos de distância, e ordenhá-las é realmente uma tarefa nada agradável. Os ruminantes ficam tão enfraquecidos pela praga que dão pouco leite; este, aliás, não é muito abundante também em consequência do hábito muito comum por aqui de trazer o bezerro para ajudar na ordenha. Entretanto, raramente se consegue adestrar um bezerro que não passou muito tempo junto com a mãe; esta, por sua vez, geralmente não dá leite se o bezerro não for colocado ao seu lado. Por isso, muitos colonos arrancam a pele de um bezerro que morreu, empalham-no tentando, assim enganar a mãe, o que muitas vezes dá certo. Até agora quase não vimos gado malhado, a maioria é castanho avermelhado e esbranquiçado. Uma vaca que dá cinco litros de leite por dia tem altíssimo valor e custa entre 150 a 200 mil réis. O gado

dá a impressão de pertencer a uma raça degenerada. Quase não se faz queijo por aqui. Por outro lado, consegue-se nas “vendas” um ótimo produto do Estado vizinho de Minas Gerais, onde há muitíssimos pastos naturais nos quais se criam gado, cavalos e mulas em larga escala. Todos os anos, os comerciantes de cavalos e mulas vêm para o Espírito Santo trazendo uma grande tropa de animais semisselvagens, a fim de vendê-los aqui. Mas os colonos, em parte, já criam os seus próprios animais, sobretudo cavalos. Raramente vê-se por aqui também os burros de criação; os criadores de Minas Gerais os mantêm por lá.

Após essa digressão, inevitável, em função da importância do assunto, vamos falar agora sobre o estado de saúde das famílias dos colonos (foto 64). As temidas doenças infantis infecciosas existentes na Alemanha ainda não foram erradicadas aqui, mas são raras, e não são epidêmicas. Geralmente, porém, os bebês têm cólicas. Um mal praticamente desconhecido na Alemanha, até o surgimento da chamada verminose na região do Ruhr, é uma espécie de anemia (amarelão), que acomete pessoas de ambos os sexos, tanto crianças quanto adultos. Ele é tão difundido por aqui que já ganhou o nome de “mal da terra”. Contra ele, existem apenas tentativas de cura heróicas e muitas vezes arriscadas. O verme aloja-se em grande número no duodeno e fica ali, segundo dizem, sugando o sangue da pessoa. Seus ovos chegam ao intestino por meio de frutas e coisas semelhantes caídas no chão e ingeridas sem serem devidamente lavadas e através da água potável retirada dos riachos e rios. No litoral e nas regiões mais interioranas, sobretudo no baixo Rio Doce, a malária infelizmente não é rara, razão pela qual vários colonos dessas regiões se mudaram novamente indo para os distritos montanhosos, que formam a parte principal deste Estado e onde a sezão não ocorre mais que na Alemanha. Já ouvimos casos de febre amarela. Uma verdadeira praga dessa terra são as dermatites purulentas que acometem os europeus aqui residentes, mesmo nas montanhas, complicando-lhes a vida durante muitos anos – variando ao que parece de acordo com a estação do ano – atacando sobretudo as pernas e causando dores intensas. Nada se pode fazer a não ser esperar que elas se curem sozinhas e a doença

não retorne, o que passa a ser para muitos uma prova de aclimação. Cicatrizes perpétuas, extensas e cor de cobre vistas em muitos imigrantes, mas também em muitos nativos, são um testemunho de tais testes de paciência. Ao cultivar a sua roça queimada, as cinzas entram em sua ferida infectando-a ou corroendo-a. Ele sofre muito nessas épocas, mas ficar em casa deitado também não é possível, pois senão toda a sua atividade econômica pararia. Associa-se a essa infecção – como a outras feridas – um inchaço aquoso do tecido ao redor. Pode-se mencionar também que a hidropisia é nesse caso o desfecho mais



Foto 64. Filhas de colonos em Rio Tabocas.

frequente da maioria dessas doenças internas, quando terminam em morte. Os alemães e, sem dúvida, todos os colonos, bem como os seus filhos, são predominantemente magros. Um adulto em média com 65 quilos, que só faz trabalhos físicos, tem uma aparência considerada absolutamente respeitável. Você verá pessoas altas e ficará admirado ao ver como são leves; talvez porque transpirem demais! A cor do rosto é quase sempre rosada. Vemos isso sobretudo na escola, pois seria praticamente incorreto falar aqui de uma infância em flor, tal como na Alemanha. Mas, terminado o período escolar, as crianças começam a crescer, e a cor fica também um pouco mais renovada.

De maneira geral, as pessoas raramente têm algo a temer dos grandes animais selvagens deste país, pois eles não ameaçam sua vida. Mas não se pode deixar de mencionar o perigo de sucumbir, vítima de uma mordida de cobra venenosa. As cobras são muito comuns no Espírito Santo, venenosas e não venenosas, grandes e pequenas, imperceptíveis ou esplendorosamente adornadas e coloridas. A mordida de uma cobra venenosa maior não é sempre a mais perigosa. Extremamente perigosa, por exemplo, é a diminuta “taca”, mas também a mordida da imensa surucucu com vários oitos (oo oo) desenhados nas costas, pertencente à família da cascavel, que é uma cobra rara no Espírito Santo. Contudo, proporcionalmente não é tão frequente que um colono seja mordido por uma cobra, pois as precauções tomadas no caminho ou no local de trabalho tornou-se para ele uma segunda natureza. A eventual mordida ocorre via de regra nos pés ou, por exemplo, nas mãos e nos braços, quando estão arrancando raízes, limpando o pasto e quebrando o milho. O melhor então é não perder a cabeça e não correr, mas se não houver auxílio à mão, eventualmente chupar a ferida, fazer um torniquete e dirigir-se lentamente para casa. Quase sempre a perna incha até os quadris, e o braço até os ombros. O membro atingido adquire o aspecto de mármore. Às vezes, ocorrem hemorragias pela boca e pelo nariz, e as feridas cicatrizadas abrem-se novamente ou, então, mesmo em casos alarmantes, a cura muitas vezes acontece. O tratamento é variado e tem quase sempre o êxito esperado. Com frequência, aplica-se interna e externamente o amoníaco, e pode-se comprar nos armazéns o elogiado “antídoto de veneno da cobra”. Por ser doloroso, o colono faz pouco uso da injeção comumente recomendada, contendo uma solução de manganato de potássio ácido, já que existem outros remédios à disposição. Muitas vezes não são os parentes ou os vizinhos que tratam das pessoas mordidas, mas entra em ação o chamado “doutor de cobras”. Há algumas poucas pessoas espalhadas pela colônia famosas por sua habilidade singular no tratamento da mordida de cobra. Eles formaram uma clientela em sua comarca. Cada membro paga ao seu respectivo doutor uma taxa anual de 4 mil réis obrigando-o, assim, a tratar de seus clientes

quando necessário sem remuneração extra. Portanto, o doutor de cobras é, digamos assim, uma espécie de médico da previdência. Um ou outro é visto com uma espécie de temor supersticioso como se tivesse feito um pacto com o mal, enquanto soberano das cobras inimigas dos homens. Contam-se histórias estranhas a respeito do seu suposto domínio sobre os exemplares vivos e mortos desses répteis. Por outro lado, o doutor de cobras muitas vezes também se esforça para ser envolvido por uma aura de mistério. No tocante à higiene pública, não podemos esquecer um funcionário voluntário respeitado na cidade e no campo, oriundo do reino das aves: é o urubu, um abutre de tamanho médio. Deparamo-nos com ele em quase todas as viagens feitas em estradas perigosas. Do fundo do desfiladeiro sobe um cheiro insuportável levando-nos a sair dali o mais rápido possível. Um animal caiu e morreu lá embaixo. Quando isso ocorreu não havia ainda em todo o céu nenhum urubu e, de repente, eles aparecem rapidamente, um atrás do outro. Agora alguns fazem a refeição, enquanto outros já saciados acocoram-se num ponto mais alto e ficam imóveis com as suas asas semiestendidas. Eles não irão embora enquanto não sobrarem apenas ossos limpos, dando provas de sua atividade extremamente útil ao país.

Os vários tipos de visita incômoda e nociva

Se de um lado casos de mordida de cobra são felizmente pouco frequentes no Estado do Espírito Santo, de outro, porém, ninguém escapa das inúmeras moléstias pequenas, mas dolorosas, causadas pela impertinência de variadas espécies do diminuto reino animal existentes neste Estado. Dizem que ele é rico em insetos devoradores de plantas, mas pobre em insetos devoradores de carne. Sem dúvida, é verdade! Quem ousaria contradizer as estatísticas dos naturalistas? Mas também não é menos verdade que bem rapidamente ficamos conhecendo esses tais insetos com uma firme preferência por carne e sangue humano. Se calássemos a esse respeito, nosso relato ficaria bastante incompleto; aí, então, ninguém em solo alemão poderia fazer uma ideia ainda que aproximada de como uma pessoa sensível neste país, de resto muito belo, é obrigada o ano inteiro a exercitar-se numa espécie bastante determinada de autossuperação, paciência e serenidade.

Várias vezes já sentimos durante a viagem uma coceira nos dedos dos pés que à noite, ao descansarmos, ficando assim mais sensíveis a tais comichões, torna-se extremamente incômoda. Hoje, ao nos prepararmos para o descanso notamos como as crianças da casa, armadas de agulhas e canivetes, ficaram agachadas no chão cutucando, furando e cortando os dedos dos pés. Às vezes soltavam um gemido e xingavam os bichos. “O que estão fazendo aí?”. Perguntaram com admiração, mas sabendo do que se tratava. “Estamos tirando os bichos”, responderam. A palavra “bicho” quando usada sozinha refere-se sempre ao bicho-de-pé, isto é, ao *pulex penetrans*, à famigerada nígua, um inseto normalmente quase imperceptível, ora esbranquiçado, ora avermelhado, ora mais escuro, que se aloja habitualmente no chão nos locais protegidos da chuva, ao redor das moradias humanas e nos chiqueiros. O Estado do Espírito Santo está repleto deles. A fêmea ataca os pés tanto calçados

quanto descalços; ela consegue penetrar pela costura da sola chegando até a ponta dos dedos e perfura-os antes que se perceba. Ela entra na carne quase sempre por baixo da unha e ali se desenvolve causando uma coceira não raramente insuportável. Seu abdômen incha quando ela está prestes a morrer. No decorrer de alguns dias forma-se sob a pele do dedo um fiozinho lentiforme de ovos, que às vezes pode ser retirado intacto, mas que nos animais infectados quase sempre cai sozinho. Os cães normalmente ficam mordendo os dedos acometidos por essa moléstia, piorando ainda mais o seu estado. Com razão, as pessoas não conseguem esperar que o saquinho de ovos caia por si mesmo, pois ele pode ser espremido ou lesado por uma pressão ou um golpe qualquer e o dedo abrigoando hóspedes indesejáveis acaba inflamando. Surgem, então, dores intensas. Não raramente, as glândulas localizadas na região da virilha da perna atingida acabam inchando e doendo; crescem-se ainda calafrios, febre e mal-estar, que não duram muito, mas afetam bastante. A fim de evitar o mais possível que a praga se alastre, todos se lançam na batalha acima descrita depois de um dia de trabalho pesado e de muito calor. Quem não faz isso e descuida dos dedos pode contar com a perda de todos eles. Nas cidades, a praga da nígua não é tão grande como no campo. Esses malfeitores existem em maior número nos locais onde se criam porcos. A causa não reside na falta de higiene pessoal dos colonos, pois no campo nenhuma casa está protegida desses hóspedes. À noite, todos os moradores da casa lavam os pés, e a própria casa é mantida limpa e arrumada. Há aproximadamente quatro décadas, esse inseto desagradável introduziu-se na África, aonde chegou oriundo do Brasil, provavelmente no lastro no porão de um navio. Em poucos anos atravessou o continente negro! Como não temos a habilidade necessária para fazermos aquela operação imprescindível, algumas crianças da casa, por caridade, livraram nossos pés desses intrusos.

Mas a lista dessa ralé que procura abrigo e alimento nos seres humanos ainda não está terminada. Essa penosa certeza nos é dada por uma coceira interminável que sentimos hoje nas mais diversas partes do corpo. Ao ouvirem nossa tímida queixa respondem: “Com certeza,

“você está com carrapatos!” E de fato era verdade. Carrapatos são carracas diminutas, ora tão pequenas que não se consegue atingi-las com a ponta de uma agulha, ora do tamanho de uma cabeça de alfinete. Eles se fixam em certas partes do corpo e sugam-nas, depois mudam de lugar e repetem a operação criando um rastro de pequenas pústulas que coçam terrivelmente, deixando uma lembrança incômoda durante vários dias. Mas como se alojam em nós? Explicam-nos que pegamos esses bichinhos no caminho, ao tocarmos num arbusto ou numa erva daninha qualquer. É ali que vivem durante certas épocas do ano bem juntinhos aguardando por uma vítima. Se esbarrarmos, por exemplo, num arbusto, eles então se alojarão em nossas roupas como uma mancha de ferrugem e logo se espalharão para todas as direções até encontrarem quem está dentro das roupas.

Não é de admirar que cresça também um certo inseto negro que prefere se alojar nas camas e nas roupas íntimas. Mas que, além da espécie europeia há muito introduzida, exista uma outra nativa consideravelmente maior que não despreza o sangue do europeu, isso só aumentará a sua surpresa com a abundância de insetos neste país.

De madrugada acordamos com um barulho semelhante ao de pequenos copos caindo, e logo algo vivo passou sobre o nosso rosto. Tomados pelo asco espantamos o intruso e acendemos a luz. Aí vimos uma grande quantidade de baratas marrom-escuras, algumas de até cinco centímetros de comprimento, correndo pelo quarto e também por uma prateleira onde haviam derrubado alguns vidrinhos de remédio – um enriquecimento desagradável de nossos conhecimentos da zoologia brasileira, cada vez mais vivenciados na própria pele. Mais tarde ficamos sabendo que essas baratas não raramente atacam e mordem crianças durante o sono. Isso acontece sobretudo com bebês que ficam completamente indefesos por estarem com o corpo inteiro enfaixado dos braços às pontas dos pés naqueles cueiros ultrapassados – como às vezes ainda ocorre por aqui.

Por não estarmos ainda acostumados com essa ralé de quadrúpedes evitamos voltar para o leito, e saímos para ver a noite enluarada. En-

quanto as pessoas descansam, aqui fora bichinhos diminutos trabalham aplicadamente, um trabalho destrutivo que os torna odiosos para as pessoas. Vemos então um longo cortejo de formigas. Algumas vão, outras vêm. Fomos atrás das primeiras; o caminho levava a um paiol onde havia milho armazenado no chão. As formigas estavam carregando os grãos sobre suas cabeças e faziam isto de maneira comunitária. Seguindo esses carregadores chegamos até um buraco plano do tamanho de um cilindro de lampião comum, onde desapareciam com seus despojos. Mas não era lá o ninho delas, lá ficava apenas a entrada de um túnel, que às vezes se estende por meio quilômetro, ou mais, no subsolo, entrando com frequência numa montanha até alcançar finalmente o ninho de dois metros de profundidade. Vimos um outro cortejo de cortadeiras subindo e descendo um pé de ameixa. Lá em cima, elas cortavam as folhas e carregavam imediatamente os pedacinhos com suas tenazes ou deixavam-nos cair no chão, onde suas companheiras os apanhavam e os levavam embora. Será que isso que estão levando é o alimento delas? Não, é apenas a nutrição do solo para produzir o alimento de suas larvas. Elas amontoam essas folhas no ninho e ali se forma uma espécie de bolo embolorado semelhante a um favo feito de fungos e esse é o alimento das larvas.

Não faltava muito tempo para o romper do dia quando aquelas baratas (*blatta orientalis*) afugentaram o nosso sono. Logo a vida começará na casa; as pessoas vão a um riacho próximo para se lavar, e talvez também tomar mesmo um banho. Já brilham os primeiros raios de sol. A lua e as estrelas apagaram-se rapidamente. Nossas formigas deixam cair o que estavam carregando na cabeça: grãos de milho ou pedacinhos de folhas sob os quais ficam semelhantes a barquinhos à vela subindo e descendo em meio às ondas. Suas cargas, cuja dimensão é proporcionalmente grande perto dos pequenos carregadores, tornam o seu andar lento e pesado. Agora todas correm em direção à entrada mais próxima de seu túnel. Ao romper a manhã, portanto, elas desaparecem de seus locais de pilhagem próximos de moradias humanas. Elas temem as aves domésticas que as perseguem, e já se ouve as galinhas cacarejando.

Contudo, as estradas feitas pelos exércitos de formigas ficam repletas de restos dos despojos deixados para trás. O pé de ameixa, ainda ontem tão exuberante, está quase todo desfolhado. Sem dúvida, essas cortadeiras são uma praga ruim, difícil de ser remediada por um único colono. Quando alguém descobre o ninho, quase sempre escondido na floresta ou na mata e reconhecível por um montinho de terra ou de areia acima do solo, e em cujas imediações as formigas não fazem qualquer pilhagem, escava-se então alguns pés de profundidade em alguns pontos e volta-se no dia seguinte. Onde se vê as operárias ocupadas com os consertos, pressupõe-se então que ali seja a principal entrada de ar e a localização exata do ninho propriamente dito. Despeja-se então, nesses buracos, a maior quantidade possível de água, que naturalmente logo acaba secando. Em seguida despeja-se lá dentro um líquido venenoso encontrado em muitas “vendas” chamado “Formicida Capanema” (Capanema é provavelmente o nome do inventor), isto é, “matador de formigas”. Ele tem um cheiro desagradavelmente penetrante de enxofre e é facilmente inflamável. Acende-se um palito de fósforo na entrada do formigueiro e logo ocorre uma explosão. Tapa-se a sua entrada e colocando o ouvido junto ao chão ouve-se novas explosões. De algumas entradas laterais nas proximidades vemos sair fumaça. Sem dúvida, se executarem essa fumegação com cautela, toda a colônia de formigas será exterminada. Quem quiser proceder com segurança deve utilizar uma máquina inventada para este fim. Ela possui um recipiente para o veneno e um fole permitindo uma aplicação eficaz desse gás mortífero.

A caça na floresta e nas águas

Um dos divertimentos principais dos jovens na colônia é a caça. Ela é livre, e a floresta e os vales formados pelos rios são ricos em animais selvagens. Vamos enumerá-los então: paca, coati, cachorro do mato, cutia, tamanduá bandeira e tamanduá-cavalo, isto é, o papa-formigas grande e o pequeno, – segundo a denominação dada pelos colonos – o tapir, chamado aqui de anta, além de uma numerosa família sempre engraçada de macacos grandes e pequenos, e finalmente a jaguatirica, o puma e a onça, isto é, o jaguar. Este quase não invade mais os antigos distritos, mas nas colônias mais recentes, localizadas mais no interior, na região dos afluentes do rio Doce e envoltas pela floresta, o jaguar de dois tipos, um malhado e um negro, faz visitas esporádicas e devastadoras nos rebanhos de gado e no plantel de cavalos e mulas. Pouco antes de 1900, um grande fazendeiro brasileiro, isto é, um latifundiário, perdeu 40 cabeças de gado em poucos meses, por causa de um único jaguar. Ele faz às vezes aqui do tigre e geralmente é assim chamado. Antes de caçá-lo predomina um temor bastante generalizado, já que de um lado faltam bons cães de caça e de outro não se pode seguir para toda a parte essa besta violenta – violenta por causa de sua força colossal, com a qual é capaz de atravessar qualquer mata fechada carregando em sua queixada terrivelmente forte um bezerro inteiro que capturou, podendo arrastá-lo por um trecho bastante longo. Quando atacada, a onça também é um parceiro muito perigoso do homem. Por isso, prefere-se atingi-la com um tiro de disparo automático cuja montagem é feita na sua trilha, diante de uma isca de carne, geralmente um carneiro, armando-se uma espingarda escondida. Um fio oculto nas folhagens ao ser tocado pelo tigre provocará a queda de um pedaço de madeira, acionará o gatilho armado ocasionando assim o disparo. Às vezes, essa manobra dá certo sendo, aliás, muito utilizada também para livrar as plantações de animais nocivos e para se conseguir um assado, como por exemplo a saborosa paca já mencionada.

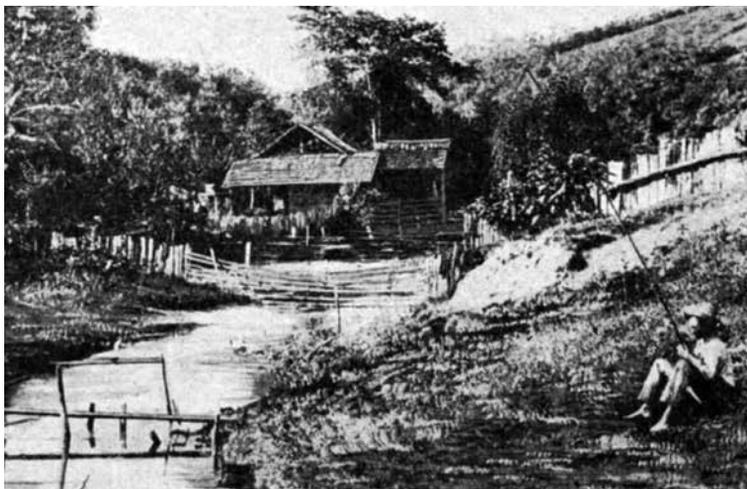


Foto 65. O filho de um colono pescando no rio Tabocas.

Os rios são ricos em peixes estimulando a prática da pesca, apreciada também pelos jovens. Nossa foto (foto 65) mostra-nos o filho de um colono junto a um moinho, envolvido com a pesca e com seus devaneios. O moinho junto ao riacho, revestido de uma aura poética, – para um espírito alemão – pode transmitir também aqui nos trópicos uma sensação de quietude, como prova esse menino alemão em devaneio. Os pássaros são excelentes concorrentes nas pescarias. Mas também aparece por lá a lontra, chamada pelo colono de cachorro d'água. O caçador que consegue apanhá-la, enche-se de orgulho, e depois vende facilmente a sua bela pele. A floresta oferece cascas variadas e adequadas, com as quais o colono curte a pele do animal capturado.

Nos rios pode-se capturar também outras coisas além de peixes. Em muitos deles vê-se com frequência as capivaras ou porcos d'água que devastam as plantações adjacentes e fornecem um couro grosso e muito apreciado – embora sua carne não seja boa para comer – além de gordura e óleo aos quais muitos atribuem efeitos benéficos nas doenças pulmonares. Criaturas mais ou menos temidas escondem-se nas águas dos rios e pântanos, como por exemplo o aligátor (chamado aqui de jacaré) aos quais muitas vezes os

colonos são obrigados a ceder um porco. Há também muitas cobras d'água de vários metros de comprimento, mas que não são venenosas. Entretanto, fica à espreita de todas as cobras um lagarto grande que alcança até um metro e meio de comprimento, cuja carne é muito apreciada pelos brasileiros (foto 66). Na realidade, muitos caboclos (mestiços) e negros comem várias coisas que nos repugnariam, como por exemplo, cobras e um gambá chamado saruê, um mamífero marsupial ágil nas escaladas que surpreende as galinhas nos galinheiros e estrangula muitas delas. Ele solta uma secreção horrivelmente fedorenta, que quando pega na roupa de alguém é quase impossível de tirar. Entrando com a lanterna no galinheiro escuro pode-se iluminar o ladrão atrevido cegando-o, e atirar com toda rapidez, mas muitas vezes ele salta fora apesar do tiro certo de revólver. Depois de morto e esfolado retira-se com toda a precaução a glândula causadora do mau cheiro, sem deixar cair na carne nenhuma gota de seu conteúdo. Dizem que dá um assado excelente, consumido não somente pelos índios; pudemos nos convencer disso na casa de um madeireiro brasileiro. Bom apetite! Os grossos abdômens das imensas rainhas das formigas cortadeiras também são considerados por muitos como um magnífico petisco, quando colocados numa espécie de bolo.



Foto 66. Criança alemã, filha do pastor de São João de Petrópolis com um estranho companheiro (jacaré).

Aliás, os brasileiros sabem preparar muito bem vários doces excelentes, feitos com as mais diversas frutas do pomar e da floresta, coisa que os colonos estrangeiros já assimilaram um pouco também aqui e acolá. Do mesmo modo que amam os doces, os brasileiros apreciam também as pimentas vermelhas extremamente ardidas, que crescem muito bem por aqui em diferentes variedades e são um ingrediente imprescindível da maioria dos pratos. Essas comidas ardem como fogo na língua e na boca do europeu. Quase sempre vê-se também sobre a mesa no almoço uma tigela com azeitonas pequenas que o hóspede alemão vai aos poucos se acostumando a saborear.

A noite caiu novamente. Pretendemos deitar cedo, pois amanhã temos uma boa cavalgada pela frente. Vamos à região dos índios, no outro lado do rio Doce. Fez muito calor durante o dia e pedimos mais um gole de água. O dono da casa tira a tampa da moringa – segundo a denominação dada pelo colono –, uma espécie de vaso abaulado, feito de barro vermelho, semelhante à terracota. A água dela retirada está agradavelmente fresca. O barro cozido por pouco tempo dá a impressão de estar úmido. O seu conteúdo infiltra-se nos poros em quantidades bem pequenas quase imperceptíveis e evapora-se, refrescando assim consideravelmente a água até então morna. Quando as condições para se obter água potável são ruins e a água foi fervida antes, na moringa ela perde muito daquele sabor insosso inevitável deixado pela fervura, pois o ar atmosférico passa pelos poros do barro entrando em abundância na água.

Na beira do rio Doce em direção aos Botocudos

Era bem cedo ainda quando iniciamos a viagem da qual fazia parte um pequeno grupo. No momento de nossa partida chegaram dois homens a pé trazendo uma mula carregada com dois baús de latão, semelhantes àqueles encontrados em todas as casas e nos mais diferentes tamanhos. Neste país, eles fazem as vezes em parte de nossos baús de madeira. Esses estrangeiros são ambulantes, comumente chamados aqui de mascates (foto 67). A língua materna deles é o árabe, mas aqui eles falam português. Os dois homens fotografados são da Síria, país de origem de muitos vendedores ambulantes que perambulam pelo Brasil. Como são súditos do sultão, na boca do povo eles acabam sendo quase sempre simplesmente turcos. O número deles no Espírito Santo diminuiu bastante, já que as Câmaras Municipais de quase todas as localidades, a fim de proteger os estabelecimentos comerciais locais obrigou-os há alguns anos a pagar um imposto tão elevado para exercerem a profissão – por vezes 200 mil réis – que a atividade comercial deles deixou de valer a pena. Como compramos alguns artigos que estavam nos oferecendo, eles nos permitiram que os fotografássemos, mesmo a visível contragosto. São um pouco vaidosos e disseram que estavam mal vestidos; mas isso de nada adiantou.

No caminho, os cenários que se ofereciam aos nossos olhos eram semelhantes aos anteriormente já vistos e admirados. Em toda parte, porém, as florestas e os campos nos demonstram que já estão há muitas semanas esperando em vão pela chuva. As folhas de todos os arbustos e árvores mais isoladas estavam enrugadas como se estivessem sido tocadas por um vento incandescente. Quem não está familiarizado com esse fenômeno que ocorre aqui todos os anos, mas é raro na colônia defronte, com certeza presumirá que aquelas plantas

estão mortas. Com razão pensará isso também dos pés de café que revestem a encosta rochosa e que mais parecem uma fila de vassouras secas. Aqui e acolá, uma folha pende do caule como se estivesse carbonizada: noutra parte vê-se também um fruto de café solitário e melancólico, preto e ressecado. Será que essas plantas não estão mortas? Não foram talvez as labaredas de uma queimada que passaram sobre elas? Ou não foi o vento que trouxe de lá centelhas e faíscas abrasantes? Impossível, pois ninguém aqui já ousou

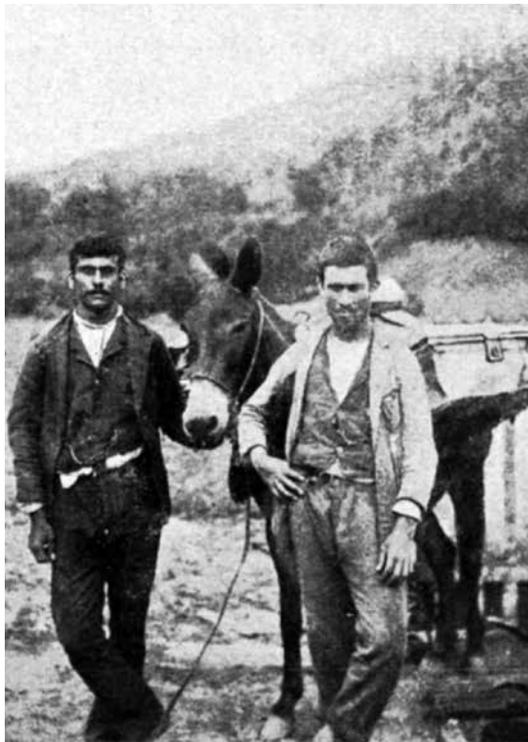


Foto 67. Mascates.

fazer queimadas nas grandes secas. É preciso primeiro esperar que chova um pouco ou pelo menos que o céu fique encoberto. Não, o que parece devastado pelo fogo é apenas consequência do calor intenso e ininterrupto durante vários dias sem chuva. Segundo o relato dos colonos, a chuva nunca demorou tanto a cair quanto neste ano. Mas os pés de café não estão mortos; juntos com tudo o que está seco, eles despertarão para uma nova vida como num passe de mágica a partir do primeiro dia de chuva. As folhas enrugadas se esticarão e um novo verde brotará dos galhos aparentemente secos.

À noite chegamos no largo rio Doce que está agora no período das águas baixas. No dia seguinte navegamos um trecho rio acima e

dobramos à esquerda na foz de um afluente. Desembarcamos logo adiante e vimo-nos então na margem esquerda do rio Doce que divide o nosso Estado em duas partes, a do sul e a do norte. Excetuando uma faixa de terra litorânea, ele está completamente coberto pela mata virgem, quase inexplorado e nas mãos de tribos indígenas, que em parte encontram-se num estágio cultural bastante elementar, pois não desenvolvem atividades agrícolas e vivem apenas da caça, da pesca e da coleta de frutas agrestes. Nos primeiros tempos toda a faixa litorânea era habitada por uma nobre nação indígena, os tupi-niquins-goitacás que pertenciam à tribo dos tupis, parentes próximos dos guaranis, e fáceis de serem aculturados. Depois que os portugueses descobriram este país, os goitacás ainda se mantiveram aqui por muito tempo. Com o tempo, os jesuítas conseguiram fazer com que milhares deles se estabelecessem em aldeias, mas a atividade política dos jesuítas, que acarretou a sua expulsão das terras pertencentes à coroa portuguesa, bem como o espírito rude da população luso-brasileira da época, cavaram uma sepultura ignominiosa para esses êxitos da civilização. As aldeias indígenas foram destruídas e os habitantes que não fugiram para a floresta, e asselvajaram-se novamente, em grande parte arruinaram-se material e moralmente, num momento em que o poder da Igreja não era mais forte o suficiente para preservar os seus protegidos indígenas da exploração, por parte da classe dominante.

O que vemos em nossas fotos não é o povo tupi, mas uma parte de um bando de botocudos que não se mostrou em todo o seu primitivismo, como era comum no relacionamento entre eles, ao contatar os povos civilizados em várias oportunidades surgidas em suas andanças pelas fronteiras locais da região indígena. Nossas fotos mostram esses filhos da selva num dos raros encontros com colonos das colônias alemãs já conhecidas por nós, que lhe fizeram uma visita. O encontro foi possível graças a um colono de origem holandesa que mora na margem sul. Há alguns anos, seguindo o exemplo daqueles monges que um dia penetraram nas florestas do Espírito

Santo para missionar, ele tentou entrar em contato com os selvagens. Durante muitos dias, navegou sozinho num barco no rio, balançando um ramo verde para demonstrar seus objetivos pacíficos e através do qual ele pretendia chamar a atenção deles. Desse modo, conseguiu travar relações com eles. Aprendeu a língua deles ganhando, assim, a confiança. E dessa vez também eles aceitaram o seu convite. O relacionamento com eles exige muita precaução. Dias antes houve uma briga entre eles durante a qual um homem foi assassinado, provavelmente por causa de uma mulher. Os botocudos não juram fidelidade eterna aos seus escolhidos. Os europeus progressistas que defendem um “casamento por tempo determinado” veriam aqui a sua ideia concretizada. Por conseguinte, um bando de botocudos vive trocando de mulher, mas como acabamos de mencionar essa afeição cambiante leva também aqui a catástrofes. Cada bando tem seu chefe que, porém, tem muito pouco a dizer. Contudo, para evitar perigos, todo comércio de trocas deve ser feito sob a mediação do chefe que deve distribuir os presentes dos brancos dando a cada um de seus súditos uma parte exatamente igual. Esses pobres coitados não são diferentes de seus irmãos norte-americanos no tocante à afeição pelo aguardente. De fato, eles criaram expressões exageradas para designá-la, tais como “água celestial” e outras semelhantes. O tabaco também é muito apreciado. Eles não têm moradias fixas. Após terem acabado com a caça numa parte de sua região e colhido todas as frutas agrestes acessíveis, eles se mudam, razão pela qual só periodicamente percorrem as áreas limítrofes do rio Doce. Eles têm trilhas na floresta pelas quais dificilmente um europeu consegue acompanhá-los e onde costumam seguir sempre os passos um do outro. Como a foto mostra, as mulheres estão vestidas e os homens puseram uma tanga, mas foi só por causa da visita de estrangeiros. Quando entram na floresta, eles tiram a roupa, e geralmente caminham de quatro com toda rapidez pelos locais intransitáveis de suas trilhas cerradas, parecendo animais selvagens.

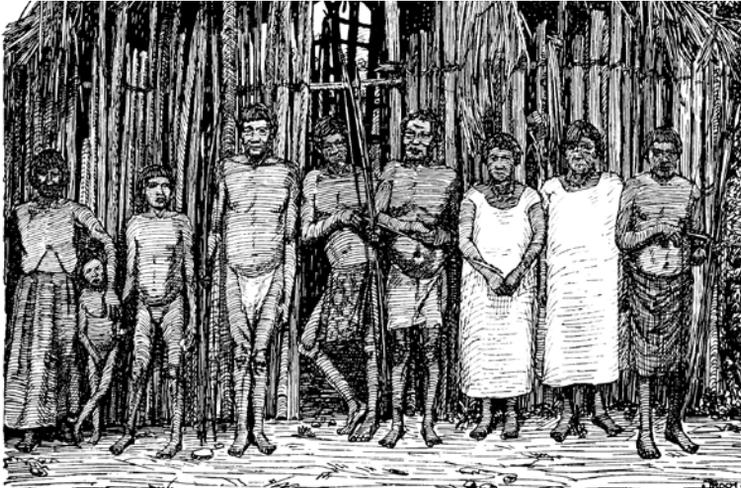


Foto 68. Botocudos diante de sua cabana recém construída.

A primeira foto (foto 68) mostra o grupo sozinho. Nela, as pessoas aparecem encostadas numa cabana simples recém construída por eles mesmos. Ao chegarem no lugar determinado para o acampamento, todos saíram à procura de algo que servisse de material de construção. Ergueram os galhos que servem de estaca, colocaram por cima algumas varas transversais, fixando-as e amarrando-as com cipós. Ao final cobriram o conjunto com galhos de palmeira.

Os pés desses índios são espantosamente pequenos. Muito singulares também são os cabelos negros esticados e grossos cortados circularmente, deixando-os não muito diferentes de um gorro de pele. A sua arma principal é o arco do tamanho de um homem, usado com longas flechas de taquara, cujas pontas também são de taquara endurecida pelo fogo, ou de uma madeira resistente fixada na taquara. O arco é feito quase sempre de uma madeira resistente e extremamente pesada, oriunda de um coqueiro negro dotado de espinhos e comum no Espírito Santo. Só depois de muita prática consegue-se retesá-lo. O botocudo é um arqueiro temido. A sua habilidade no manejo dessa arma é quase inacreditável, e o desempenho da flecha depois de disparada também não fica

atrás. Deve ser muito trabalhoso fabricar uma arma dessas, pois como todos os índios selvagens do Brasil os botocudos também vivem na idade da pedra. O machado de pedra deles consiste de um cabo de madeira, no qual é feita uma abertura para colocar a pedra que só pode permanecer ali se for amarrada. Sem dúvida, uma ferramenta imperfeita, mas usando-a eles conseguem até mesmo fazer uma queimada com o auxílio do fogo produzido pelo atrito de dois pedaços de madeira. Mas quanta paciência é preciso ter! Algumas pessoas desse bando dão a impressão de que se poderia ter uma ótima conversa com eles, enquanto outros rostos despertam pouca confiança. Há algumas décadas, não muito longe daqui, exatamente defronte ao local onde hoje se situa a recém fundada localidade de Vila Colatina, registrou-se um caso de canibalismo. Naquele lugar, chamado Fransilvania, um arrojado empresário cultivava um canavial e tinha construído um engenho de açúcar movido pelas águas de um canal também construído por ele. Algumas vezes, o administrador havia recrutado alguns índios selvagens para servirem de ajudantes junto com seus escravos. Por essa razão, ele acabou atraindo o ódio deles. Certo dia eles o atacaram – segundo se supõe, em comum acordo com seus escravos que justamente naquele dia trabalhavam em lugares afastados –, destruíram todo o terreno, mataram o administrador e o comeram. Aliás, comeram toda a carne praticamente crua.

A foto 69 mostra um botocudo fazendo uma demonstração com o seu arco. Ele dispara a flecha para o alto depois de assinalar para os observadores o ponto exato no chão que a mesma atingirá ao voltar, e é o que acontece. Os botocudos são os descendentes dos valentes aimorés, que os conquistadores portugueses enfrentaram e venceram com muita dificuldade. Eles sempre foram os inimigos temidos pelos colonos e durante muito tempo foram considerados foras da lei. Os portugueses lhes deram o nome de botocudos há aproximadamente 100 anos. Significa “pessoas com o botoque”. É que o emblema dessa nação consiste numa rodela grande feita de madeira bem leve para ser introduzida em furos feitos no beijo inferior e também nos lóbulos das orelhas. Agora, contudo, eles já desistiram de usar esse adorno horroroso.

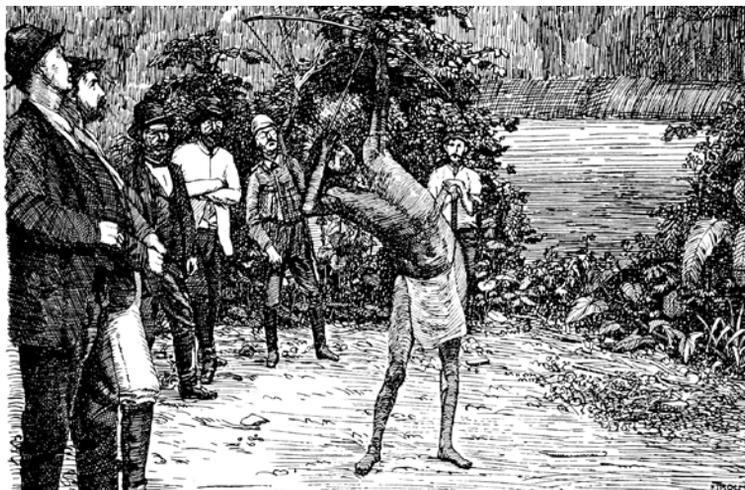


Foto 69. Arqueiro indígena.

Nossas fotos dos índios nos mostraram uma parte inferior da humanidade. Mas a afirmação de que eles são incapazes de serem aculturados não pode ser provada. O povo conquistador não fez praticamente nada para elevar o nível cultural da população indígena. Pelo contrário, – excetuando os últimos tempos – fez tudo para exasperá-los, aviltá-los e dizimá-los. No início, eles os caçavam a fim de obter escravos para suas plantações, mas os índios não suportavam serem usados como máquinas de trabalhar, e por isso os brasileiros foram buscar o negro. Desde 1888, a escravidão está completamente abolida no Brasil, mas a sua maldição ainda persiste, pois a maior parte da população consiste de pessoas que foram obrigadas a trabalhar, mas que agora ao se verem livres evitam o trabalho perseverante e aplicado. De certo modo, elas levam uma vida desregrada e contemplativa numa desprezível indolência, e em nada contribuem para elevar o bem-estar geral. Seus filhos e os filhos de seus filhos, em sua maior parte, miram-se em seu exemplo. As exceções inúmeras e dignas não podem modificar a essência do julgamento geral. O índio brasileiro, porém, teria sido um componente mais valioso na miscigenação com o povo conquistador, do que a raça africana. Foi o que

provaram, por sua vez, os arrojados paulistas, aos quais coube a parte principal da tarefa de exploração do interior do Brasil e de suas riquezas minerais, e os paulistas na época eram em sua maior parte mestiços de brancos e índios tupis.

Retorno pelo povo italiano de Santa Teresa

Depois de visitarmos os botocudos, iniciamos o caminho para casa. Tivemos de nos apressar, pois havia muitos indícios que as tempestades de verão logo começariam, o que significa caminhos intransitáveis. Já caíram algumas gotas. Em nosso passeio percebemos também que os colonos estão plenamente convictos de que as nuvens acumuladas no céu finalmente soltarão sua carga nos próximos dias. Aqui e acolá passamos em meio ao fogo das queimadas, ouvindo-o estalar e crepitar. Por causa da grande seca, elas foram feitas à noite. A paisagem adquiriu um encanto singular. O sol brilha através da atmosfera enfumaçada, envolto num vapor vermelho como se estivesse embebido de sangue. Mais adiante vemos os clarões nas queimadas feitas nas encostas e nos desfiladeiros, como se causados por muitos fogos disparados por bivaques. Por vezes, o monstro vermelho devora a floresta sedenta, por meio dos gravetos, e ao alcançar uma palmeira, cujas folhas gigantesas começam rente ao chão, repentinamente sobem aqui e acolá labaredas imensas. Mas as mais suntuosas ardem à noite na floresta quando a insidiosa cobra de fogo topa com uma árvore de copaíba, cujo bálsamo fez dela o alimento mais apreciado por esta goela insaciável.

Em São João de Petrópolis seguimos, dessa vez, por um outro caminho, a fim de conhecermos o povoado italiano de Vila de Santa Teresa. A cavalgada até lá durou aproximadamente cinco horas e passamos por muitas moradias italianas. Atravessamos o extenso vale do Rio Cinco de Novembro para, então, de repente, subirmos uma elevação íngreme. No vale encontramos belos pastos proporcionalmente amplos, cercados por arame farpado nos dois lados do caminho. Infundáveis caravanas de mulas carregadas com café criaram um obstáculo incômodo ao cavaleiro que queria ir adiante. Elas se

movimentam no caminho assim delimitado, que para variar se estreitava ainda mais em função das barreiras naturais formadas pelas paredes rochosas bem salientes. Os guizos soavam incessantemente anunciando a chegada das mulas. Elas estão levando a sua carga, passando por Santa Teresa a caminho de Porto do Cachoeiro, onde costumam chegar após três dias. A primeira chuva propriamente dita caiu, e o caminho em ziguezague pelo qual devemos subir mais algumas centenas de metros encontra-se agora num estado lamentável. Por toda parte vê-se os buracos deixados pelo trote das mulas, chamados de pilões (pronuncia-se “piloengs”, e o som do “g” deve ser anasalado). Parecem-se com estreitos sulcos cheios de água, espalhados transversalmente pela estrada e separados por pequenos torrões de terra vermelha, duros por dentro, mas absolutamente escorregadios por fora. A encosta íngreme à direita, na qual muitos animais de carga já caíram, exige precaução. Ali vimos uma cruz expressamente dedicada à memória de um viajante morto num acidente nesse local, erguida no rochedo à esquerda. E desse modo pacientemente fizemos o animal de montaria seguir o exemplo dos animais de carga que vão pulando com dificuldade de um pilão a outro, ou seja, nesse caso, de uma travessa de purê de ervilhas à outra. Às vezes, um animal cai porque o seu casco rompeu a tal travessa em cujo fundo se encontrava o chão oco de um formigueiro. Se em seguida o sol volta a brilhar, num caminho assim amolecido, o purê fica tão duro que é capaz de arrancar a ferradura do animal. Após a subida fatigante da elevação, conhecida pelo nome de montanha de Santa Teresa, recebe-se como prêmio uma vista maravilhosa ao olhar-se para trás: lá embaixo, no meio, o vale parecendo uma faixa prateada entre os pastos verdes, à esquerda e à direita as fileiras regulares do cafezal amplo e limpo com sua folhagem brilhante, e acima a coroa das encostas formada por uma floresta espessa. Bem ao longe percebe-se o curso do rio Doce e acima do horizonte, bem ao fundo, nos saúdam os portentosos cumes cônicos de formas singulares, pouco nítidos naquela atmosfera enfumaçada e que a chapa fotográfica não conseguiu registrar. Depois de

nos saciarmos com essa visão prosseguimos a viagem e logo chegamos em Santa Teresa, mas não sem antes nos defrontarmos com um trecho do caminho realmente arriscado. Nesse caso, quando um trecho do caminho torna-se totalmente intransitável, com o passar do tempo cortam-se então algumas toras grossas da largura da estrada para nela serem colocadas transversalmente. Além disso, à esquerda e à direita sobre as suas extremidades colocam-se ao longo da estrada troncos ou vigas fixados no chão por meio de tocos de madeira em forma de forquilha retiradas das árvores da floresta mais próxima. Mesmo que esse assoalho ondulado não seja no fundo nenhum paraíso para homens e animais, uma tal melhoria da estrada, tão comum nessas terras, acaba em pouco tempo agravando ainda mais a situação, em virtude do intenso tráfego de tropas de mulas. As forquilhas apodrecem ou se soltam, as toras saem da posição por causa do peso desigual e surgem verdadeiras armadilhas para pessoas e animais. Mas a habilidade surpreendente e a resistência dos ossos dos animais fez com que chegássemos a Santa Teresa sem qualquer acidente.



Foto 70. Igreja italiana em Santa Teresa.

Do local onde paramos não tínhamos ainda uma visão geral da pequena localidade (foto 70). Vemos a igreja cujo campanário estilo italiano é separado dela, tendo sido construído bem próximo a ela e pintado com cores fortes. Acima, no centro, fica a casa de um relojoeiro (pronuncia-se o “j” como em francês) que usufrui de uma bela vista, e se chama justamente Casa da Boa Vista. Mais acima aparecem alguns barracos cobertos com folha de palmeira habitados por negros. À direita, ao lado da igreja, vemos duas novas construções em andamento que nos dão uma ideia do estilo predominante por aqui. Sobre as estacas compridas costuma-se colocar duas vigas transversais – na maioria das vezes são traves longas e resistentes feitas de caule de palmeira, fixadas com cipó (o colono pronuncia “tsipó”). Em seguida, toda a parede quadriculada é recheada com barro vermelho amassado, quase sempre retirado do chão ao lado da casa. A esse processo o colono chama de “embarrear”. A cumeeira na frente à esquerda pertence à moradia e à loja do comerciante mais abastado dessa localidade, um belga flandrense, casado com uma alemã. Encontramos também um comerciante alemão, mas a maioria é italiana. Há também muitas famílias de funcionários públicos brasileiros e uma pequena guarnição transferida para cá por causa de distúrbios oriundos da inimizade reinante entre italianos e brasileiros, no distrito recém percorrido por nós. Mas já acabaram. Quem mais demonstra raiva dos italianos são os mineiros, os mestiços, naturais do Estado limítrofe de Minas Gerais, estabelecidos na região fronteiriça, e pessoas geralmente muito destemidas para as quais a vingança tem um valor quase sagrado. O orgulho deles apoia-se passionalmente no desprezo com que foram tratados muitas vezes pelos funcionários públicos de origem italiana, o que os levou há alguns anos a atacar para valer as propriedades italianas de São João de Petrópolis e arredores. Os alemães, por sua vez, não foram molestados, pois mantêm um relacionamento amistoso tanto com os italianos quanto com os brasileiros. Ainda hoje, ou seja na época de minha viagem, as portas das casas do pequeno vilarejo de Barracão

(pronuncia-se “barracong”) de São João de Petrópolis estavam furadas quase como peneiras e são um testemunho da saraivada de balas que os mineiros dispararam por vingança nos italianos habitantes desse local. Na época os jornais de todos os países noticiaram esses distúrbios em linhas gerais. O cônsul italiano não pôde fazer muito por seus conterrâneos, uma vez que esses colonos já tinham adquirido a cidadania brasileira, tendo participado de eleições políticas no Brasil. O mesmo ocorreu há muito com quase todos os colonos alemães no Espírito Santo, e isso tem suas razões históricas.



Foto 71. Panorama de Santa Teresa.

Para termos uma visão geral de Santa Teresa inteira, cavalgamos até a igreja e a Casa de Boa Vista. De lá tiramos então a nossa próxima foto (foto 71). A atividade econômica dos italianos difere fundamentalmente da dos alemães. Esses permanecem no campo, enquanto os italianos geralmente vêm para cá com a intenção de juntar dinheiro para começar algo na Itália ou para poderem se aposentar tranquilos. Possuem grandes plantações de café, mas nada fazem para deixar o seu lar mais confortável. Também plantam poucos gêneros alimentícios ou nenhum, no máximo milho para preparar

a imprescindível polenta; e também não criam gado de corte. Por isso, levam quase sempre uma vida frugal economizando quantias proporcionalmente consideráveis para, então, retornar a Itália. Mas isto acontece tão raramente que o mesmo colono, após ter gasto todo o dinheiro na Itália ou tê-lo investido corretamente, retorna então para o Espírito Santo, a fim de tentar novamente sua sorte como cafeeiro. No que foi dito fica evidente que o colono italiano não dá tanto lucro ao Estado brasileiro quanto o alemão com seu amor ao seu próprio torrão aqui adquirido, tendo um nível de vida modesto, mas comparativamente bem mais elevado. Contudo, é preciso mencionar, para não ser incompleto, que Santa Teresa possui também muitos exemplos de italianos que não vivem apenas economizando, afinal o consumo de bebida alcoólica nos armazéns locais é extraordinário.

Na Suíça

Algumas horas adiante de Santa Teresa encontramos outra vez uma região alemã. Cavalgamos pela floresta passando por vários riachos sem ponte, admirando aqui e acolá as águas que caíam da boca escura da floresta ou do alto de um rochedo, até chegarmos a um ribeirão para o qual elas afluem, o rio Bonito, que deságua no rio Santa Maria, nosso velho conhecido. Estamos agora na Suíça, entre saxões e suíços. A casa do ex-agente consular alemão de Santa Leopoldina, a Estação Cajá, também não fica muito longe daqui. O proprietário é um comerciante natural da província da Saxônia, que tem um faturamento significativo. Começando de baixo, ele foi subindo graças a um trabalho zeloso e incansável, manifestando sempre suas louváveis aspirações a uma melhor formação, o que o distinguiu da maioria dos colonos alemães, sobre os quais, aliás, exerce grande influência. Há muito, a agência consular foi entregue a um grande comerciante alemão em Vitória e acabou virando um consulado, o que condiz melhor com os interesses alemães. Encontramos poucos cidadãos do Império Alemão no Espírito Santo. Após a proclamação da República em 1889, o governo brasileiro promulgou um decreto naturalizando todos os estrangeiros que não contestassem junto às repartições públicas dentro de um prazo curtíssimo determinado e não fizessem a matrícula em seu respectivo consulado. Os colonos alemães não contestaram; tinham pouquíssima habilidade para ler e escrever, e absolutamente não entenderam o decreto. Além disso, é de duvidar que realmente estivessem sendo empreendidos esforços para manter a ligação política das pessoas com seu respectivo país, e finalmente, determinações deveras desfavoráveis referentes à perda da nacionalidade alemã também contribuíram para dificultar a muitos alemães a preservação desse direito. Então, se nossos colonos alemães no Espírito Santo juridicamente não são mais cidadãos alemães, eles acabam venerando com uma afeição cordial mais a Alemanha que a sua velha e querida mãe, a qual deixaram quase sempre por não poderem

herdar dela nenhum pedaço de terra na Alemanha, apenas condições de vida miseráveis. Mas continuam mantendo os costumes e a língua alemã, sendo seguidos por seus filhos e pelos filhos de seus filhos. Oh, velha pátria, querida mãe, conserve o amor fiel desses seus filhos e guarde-os como um tesouro precioso!

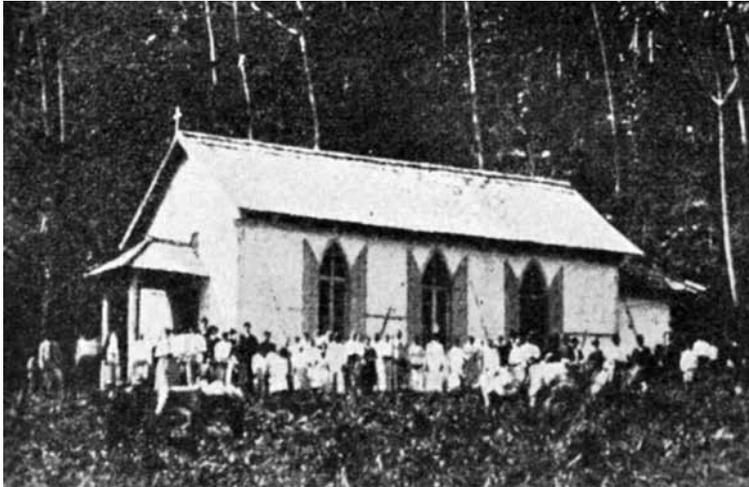


Foto 72. Capela evangélica alemã na Suíça.

Proseguimos a viagem e chegamos a uma capela evangélica alemã na Suíça (foto 72). O seu fiel sacristão ali há muitos anos é um suíço natural do cantão de Zurique. A foto foi tirada por aquele comerciante alemão de Estação Cajá*. Ele importou muitas mercadorias da Alemanha, atento ao fato de que o colono, não raramente, lembra-se com desejo de guloseimas apreciadas em seu lugar de origem. De vez em quando, esse comerciante envia aos colonos listas de mercadorias, nas quais podem figurar até mesmo latas de doce de ameixa. Sem dúvida, um artigo de grande aceitação, em virtude simplesmente da afeição à pátria dos tempos da adolescência. Aqui, onde as laranjas e os limões brilham na folhagem escura – digo isso olhando para as árvores exube-

* N.E.: Trata-se do fotógrafo e colono alemão, Albert Richard Dietze, procedente da Saxônia. Além desta imagem, as fotos de nº 53 e 54 são comprovadamente de sua autoria.

rantes nos pastos e defronte às casas dos colonos, para os pés de mamão (carica papaya) e as goiabeiras, uma espécie de marmelo brasileiro que cresce sozinho e fornece uma pasta ou marmelada finíssima: a cobiçada goiabada usada na sobremesa pelos brasileiros quase sempre como acompanhante do queijo, uma combinação que logo parece ao paladar alemão algo muito natural, ganhando a sua preferência. Na Suíça, o comerciante já várias vezes mencionado também se empenhou em variar um pouco mais a vida na colônia proporcionando mais diversões e entretenimentos através de diversos eventos. Quem age assim acaba assumindo muitas responsabilidades frente a uma população de pessoas simples e modestas. Que o amor à nobre cultura alemã seja nesses empreendimentos o critério; e a meta seja atingir uma moral mais elevada para que o resultado não seja a perda, mas a bênção! O colono alemão trouxe para o Brasil a sua capacidade de trabalho como herança. Excetuando as festas familiares e os feriados religiosos, ele goza de pouco tempo de descanso. Suas diversões também são sempre modestas e, excetuando as festas familiares, costumam ser a recompensa de um duro trabalho comunitário no calor intenso do dia: a decisão alegre do juntamento, uma deturpação da palavra brasileira “ajuntamento”, que significa uma associação com o intuito de desenvolver um trabalho comunitário gratuito em prol de uma pessoa e que dura habitualmente um único dia. Geralmente, os juntamentos (pronuncia-se o “j” como em francês) são feitos, por exemplo, quando um colono pretende derrubar um pedaço de floresta ou de capoeira ou quando ergueu uma casa, mas as paredes ainda não foram “embarreadas”. Ele procura os vizinhos, amigos e parentes e convida-os para um “juntamento”, homens e meninas. Essas geralmente vão para o cafezal e colhem o café, enquanto os homens fazem o trabalho mais pesado e bruto. Quem convida dá a comida. O convidado que pode contribuir obedece ao chamado, pois sabe que todos o auxiliarão quando ele próprio anunciar um juntamento. Essa prática aprendida com os brasileiros tornou-se muito vantajosa para todos, pois são trabalhos amplos que devem ser feitos com rapidez e sem demora. Contudo, muitos colonos afirmam que a qualidade desses

serviços sofre, às vezes, por não se tratar de um esforço feito em prol de sua própria terra. Em todo caso, porém, essa ajuda mútua tornou-se imprescindível e generalizada, pois não existem por aqui trabalhadores avulsos. À noite, após o trabalho, todos dançam a valer. É espantoso como as pessoas conseguem mexer os seus membros com tanta agilidade depois de um duro dia de trabalho. Dançam segundo aprenderam em sua pátria. O instrumento utilizado é a concertina, existente em todas as casas e por essa razão uma mercadoria muito procurada. Predomina a pura alegria, e só costumam se separar quando o dia amanhece.

Acontecimentos alegres e tristes numa fazenda teuto-brasileira

As comemorações domésticas de batizados e casamentos realizados na igreja costumam acabar também em tais bailes no cômodo maior da casa. Os noivos dirigem-se à igreja, montados em mulas ou cavalos devidamente enfeitados (foto 73), seguidos pelos paraninfos e damas de honra, que por vezes no caminho soltam em coro um grito de júbilo sonoro e retumbante que atravessa a floresta e o pasto anunciando à distância a passagem do cortejo nupcial. O encarregado do convite vai na frente. Frequentemente, ele agita na mão uma garrafa cheia de enfeites. É ele quem convida a todos usando um chapéu colorido enfeitado com fitas e cumpre a sua função montando um animal enfeitado. Ao fazer o convite, ele entra diretamente na sala depois de ter se anunciado na frente da casa batendo palmas, segundo o costume local. Caminha em círculo e cumpre a sua tarefa declamando o convite. Em seguida, despede-se pedindo uma bebida, caso não tenham lhe oferecido antes. Mas os jovens que assumem a função de encarregado do convite costumam se comportar de acordo com sua importância e respeitabilidade. Se a pessoa convidada for uma mulher ela, então, apanha um lenço de cabeça colorido e muito bonito e prende-o com um alfinete no ombro do encarregado do convite de modo que fique pendurado ao longo de suas costas. Sentado numa mula toda enfeitada, usando um chapéu de aba preto cheio de fitas coloridas e um monte de lenços de todas as cores, o rapaz na realidade causa uma impressão pitoresca. De resto, não se usam aqueles vestidos faustosos, como podemos ver no longo cortejo nupcial em nossa próxima foto (foto 74). No meio seguem o encarregado do convite, um membro da família da noiva, um da família do noivo. À esquerda aparece o casal de noivos e à direita a banda de música. O traje simples das mulheres e meninas possui ainda o mesmo estilo tão comum na sua pátria há décadas atrás.



Foto 73. Cortejo nupcial indo a cavalo para o casamento.



Foto 74. Participantes de um casamento na colônia.

Frequentemente, os opostos aparecem lado a lado. Desse modo, aqui e acolá, no longo trajeto feito pelo alegre cortejo nupcial, uma clareira na floresta muitas vezes grita a todos um sério *memento moris* (lembre-se que vais morrer): são os cemitérios espalhados em grande número por toda a colônia. Essa grande quantidade, porém, não significa uma maior mortalidade, mas tem a ver com a enorme distância entre os terreiros. Quando um colono adquire

terras novas ele combina com o vizinho e, juntos, escolhem um pedaço de terra para servir de cemitério. Aplainam-na, limpam-na, cercam-na e depois pedem a um padre, que geralmente mora a muitas milhas de distância, para consagrá-lo. As preocupações terrenas mais graves que assolam os pais de família prestes a morrer ficam a cargo do chamado “Juizado de Menores”. Essa preocupação intranquiliza o moribundo, bem como toda a família. É preciso comunicar o falecimento ao Juizado, que envia em seguida uma comissão à propriedade do falecido, avalia as terras, inventaria tudo, faz o levantamento de todos os seus bens, e os distribui entre os herdeiros. A viúva recebe a metade e a outra metade cabe aos filhos, desde que os mesmos já não tenham sido legalmente indenizados, sendo administrada pela mãe até a maioridade deles. O terrível, porém, são as elevadas taxas que a tal comissão cobra por suas despesas e serviços, e que não raramente chegam a 400 mil réis ou mais por um lote de 25 a 32 hectares. Mesmo o colono que não tem preocupações financeiras de fato – coisa rara –, e cujas questões “o que iremos comer? o que iremos beber? o que iremos vestir?” não lhe causem qualquer medo ou inquietação, nem sempre possui tanto dinheiro vivo, e o padrão de vida da família acaba sofrendo uma sensível queda em função da visita do Juizado de Menores. Esse é um dos “cochos” mais famigerados dos quais já falamos anteriormente. A lei não prescreve uma tal exploração, mas o governo não toma nenhuma atitude enérgica contra isso. Dar parte apenas aumentaria os prejuízos e os envolvidos acabariam ainda mais esfolados. Nos processos, sobretudo os relativos à herança, principalmente quando os reclamantes têm origem estrangeira, os advogados de ambas as partes não raramente combinam entre si para prolongá-los o máximo possível. Assim gasta-se uma grande parte dos valores constantes na querela e os espertos advogados acabam abocanhando a parte do leão. Em outras questões, por sua vez, o juiz geralmente decide de modo a levar as duas partes querelantes a uma situação contraditória que logo implicará numa nova que-

rela. Nesse caso, certas pessoas sempre acabam ganhando mais algum. Contudo, não podemos deixar de mencionar que os tribunais brasileiros das instâncias mais elevadas gozam da fama de serem rigorosamente imparciais. Mas a vida jurídica e todo o progresso público no Brasil seria completamente diferente se em toda parte um funcionalismo público do tipo alemão assumisse a direção. Uma vez que até então as possibilidades de ensino são muito pequenas para os colonos alemães no Espírito Santo, não se pode recrutar em seu meio por enquanto nenhum funcionário público para postos mais elevados ou mais influentes. Seria preciso empregar uma população alemã instruída, que fala e pensa em alemão, mas que também dominasse a língua brasileira tanto escrita quanto falada. Mas o Estado não faz nada, nem sequer para satisfazer essa última exigência, que tanto tem a ver com ele. E enquanto não se garantir paralelamente também a preservação da língua e da mentalidade alemã, aquele que se entusiasma com a cultura alemã mal poderia se dar por contente com a indolência do Estado. Entretanto, este carece muitas vezes do mais necessário, pois quase todas as escolas públicas no interior do Espírito Santo já foram fechadas por falta de dinheiro. Mas é bastante frequente, por outro lado, a assistência para divulgar a língua local entre tais povos: uma expressão do jacobinismo chauvinista que tem medo de que o seu país possa cair nas mãos de potências estrangeiras, como por exemplo a Alemanha, principalmente as regiões onde a língua e os costumes do respectivo país de origem são mantidos vivos por seus filhos imigrantes. E, nesse sentido, uma parte da imprensa norte-americana há muito tem se esforçado para estimular esse chauvinismo no povo brasileiro, para que o Brasil se torne um dos quintais da América do Norte. Pretendem também reprimir a concorrência comercial alemã, cuja posição no mercado brasileiro se deve em grande parte também à existência de um forte espírito alemão neste país.

Nossas observações durante a cavalgada até Porto do Cachoeiro foram interrompidas pelo encontro com uma tropa de mulas



Foto 75. Substituto do carro de mudança no Espírito Santo.



Foto 76. Ponte sobre o Rio Santa Maria. Ponta de Aquidabã.

(foto 75) obrigadas a fazer um trabalho que na Europa cabe ao carro de mudanças. Um pastor que está retornando para a Alemanha fez um leilão – algo comum no Espírito Santo em tais casos – e os móveis vendidos – camas de ferro, pesados colchões de molas espirais da Westfália, cômodas, escrivaninha, cadeiras – estão sendo transportados nas cangalhas das mulas por um longo caminho. Esses animais nos causam uma enorme admiração porque ficam escondidos entre as partes da pesada cama de ferro colocada em toda a extensão de seu corpo e percorrem o caminho sem medo; e já pudemos atestar a condição dos caminhos. As pessoas festivamente vestidas à direita na foto pensam talvez que poderiam muito bem dar uma boa utilidade a alguns desses móveis, pois vemos ali um casal de noivos alemães com seu séquito que está constituindo hoje a sua própria família. Antes de prosseguirem a viagem, brindaram na “venda” e dirigem-se agora para a próxima igreja a fim de casarem.

Não muito distante de nosso destino, atravessamos uma ponte sobre o rio Santa Maria (foto 76), num local envolvido por uma paisagem romântica. Cenários encantadores como esse registrado não são raros no Espírito Santo.

De volta para casa

Observação final

De Porto do Cachoeiro navegamos rio abaixo em direção a Vitória, em cujo porto fomos apanhados por uma pequena embarcação costeira que nos conduziu ao vapor “Paraguassu” da Companhia de Navegação a Vapor Hamburgo-América do Sul ancorado não muito longe de Vila Velha. No Rio de Janeiro e em Santos havia sido declarada a peste e como o “Paraguassu” tinha atracado nesses dois portos foi proibido então de se aproximar de qualquer outro porto brasileiro. Por essa razão teve de nos aguardar lá fora e não pôde descarregar nada, mas apenas apanhar, nesse caso, a nós e a nossa carga. O perigo da peste teve a triste consequência de não podermos desembarcar em nenhum dos portos interessantes pelos quais passamos na viagem de volta para casa. Gostaríamos muito de ter visitado Santa Cruz de Tenerife (foto 77). Em Cuxhaven fomos parados pela polícia sanitária e só depois que o médi-

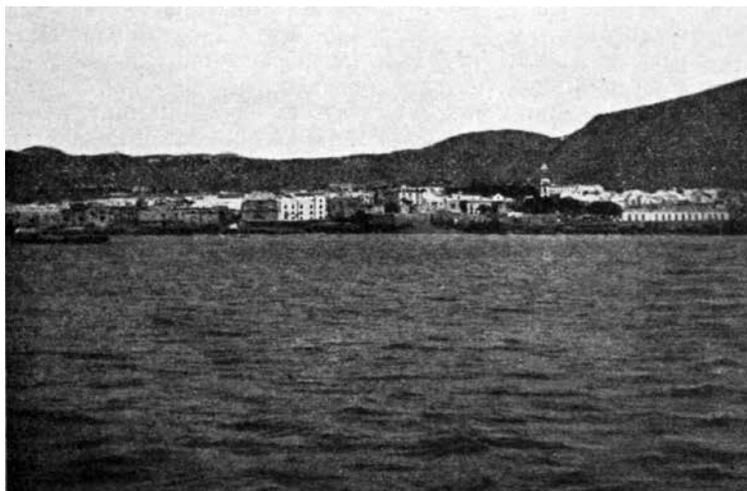


Foto 77. Santa Cruz de Tenerife, Ilhas Canárias, Espanha.

co, cumprindo o seu dever, convenceu-se de que ninguém a bordo havia tido qualquer sintoma suspeito durante toda a viagem é que recebemos toda a nossa bagagem de volta com uma guia vermelha colada sobre ela. Em seguida, navegamos pelo rio Elba e após algumas horas chegamos em Hamburgo onde nos despedimos calorosamente das pessoas com as quais nos relacionamos no navio e festejamos o reencontro com os parentes do interior que haviam viajado até ali para ver-nos.

Nenhum alemão que fizer uma viagem ao Espírito Santo lamentará essa decisão. Uma natureza maravilhosa, paisagens magníficas, costumes singulares de uma população tão heterogênea devem cativar imensamente um espírito receptivo. Considerando as terras tão belas e férteis que formam o Brasil e em virtude de sua extensão colossal, só não lhe escapará algo lamentável: o fato de que o povo alemão, cujos integrantes sempre foram dotados de grande energia e vigor, estabeleceu muito tarde a sua unidade política. E, sem possuir o seu próprio lar, nada sonhou sobre o seu futuro; sobretudo aquele relacionado às águas ou ao além-mar, incluindo aí os povos espalhados na imensa e rica América do Sul para onde milhões dos filhos de nosso país teriam podido emigrar, de modo que permanecessem fiéis a nós, ao passo que a maior parte do excedente de nossa população desligou-se de nós perdida na América do Norte. Mas os fatos já estão consumados e não se pode mais mudá-los. Sem qualquer segunda intenção política oculta nos defrontamos amistosamente com o Brasil, onde muitos de nossos conterrâneos encontraram um lar feliz. Mas mesmo sem um domínio político parcial nesse país abençoado, que ainda sofre com a maldição deixada pela antiga escravidão – cuja benção aliás se desdobra ainda mais, em grande parte, em função do trabalho aplicado dos camponeses alemães –, o Império Alemão poderá não somente afirmar, mas também consolidar e ampliar a posição importante, que possui ali enquanto nação comercial, mesmo sendo tão mal compreendida pelos ciumentos ianques, se dispor de uma marinha condizente que sirva de escudo à frota comercial e enfatize com vigor a proteção aos alemães do além-mar. Um Estado tão fraco, como é o caso dos Estados Unidos do Brasil, ficará exposto à pressão de muitas

potências e, na concorrência naturalmente, fará bem mais concessões às mais fortes e inteligentes dentre elas, sem nem ao menos negar-se a cumprir as exigências do direito e da equidade, onde o nativismo e a ganância nacional seguindo quase sempre o impulso de incitadores estrangeiros irão impor sua palavra. Sem dúvida, depreende-se daí que a Alemanha deverá fortalecer os seus vínculos com o germanismo brasileiro e fazer de tudo para elevar lá o seu espírito, mantendo a mentalidade alemã e desenvolvendo com ele um relacionamento espiritual além do relacionamento comercial, sem desafiar a suspeita de estar seguindo certos planos políticos, para nós já tão distantes. Aumentar a assistência religiosa e elevar a escolaridade dos alemães nas colônias estão na linha de frente das medidas a serem adotadas para esse fim. O seu êxito deve servir ao progresso cultural de todo território brasileiro, tanto material quanto espiritualmente, num grau bem maior que as vantagens obtidas pelo Império Alemão. E trata-se aqui essencialmente da igreja e da escola nas comunidades evangélicas, pois segundo um antigo conhecimento colocado em prática também no Brasil o espírito alemão se afirma com maior solidez nos países católicos adjacentes quando é protestante. Além disso, no tocante a uma questão vital interconfessional para os colonos alemães no Brasil, ou seja, à segurança de sua propriedade lá adquirida na boa fé, a Alemanha poderia eventualmente ter não somente o direito, mas o dever de intervir de maneira categórica a favor da segurança em questão. As mesmas podem ser ameaçadas, como vimos há alguns anos no Rio Grande do Sul onde inúmeros colonos lutaram pelo direito de posse que foi ou iria ser anulado, pois disseram que os vendedores das terras absolutamente não possuíam o direito de venda. Tais casos são uma consequência da organização deplorável do cadastro do registro de terras, um dos velhos males herdados no Brasil que já causou muitas inimizades fatais que ainda persistem. Nesse sentido é preciso destacar que trata-se de solo alemão, lá onde os agentes brasileiros fizeram suas promessas aos nossos conterrâneos desejosos de emigrar, pois eles acreditaram nelas, foram para o Brasil, cultivaram e pagaram as terras a eles destinadas com o suor do próprio rosto e a colaboração

dos seus a fim de contribuir para a exploração proveitosa de um determinado Estado brasileiro. Será que aconteceria uma violação semelhante com um inglês? Então também não pode acontecer com um alemão. Sem dúvida, todo o povo alemão precisa defender os seus interesses no além-mar, sobretudo por seus filhos e netos que vivem no exterior. E, no que se refere aos nossos irmãos no Brasil, se essas linhas conseguirem estimular novamente e disseminar aqui e acolá tal interesse, elas então não foram escritas em vão.

Anexo

N.E.: As imagens que integram a presente edição foram reproduzidas a partir da publicação original, impressa na Alemanha, em 1910.

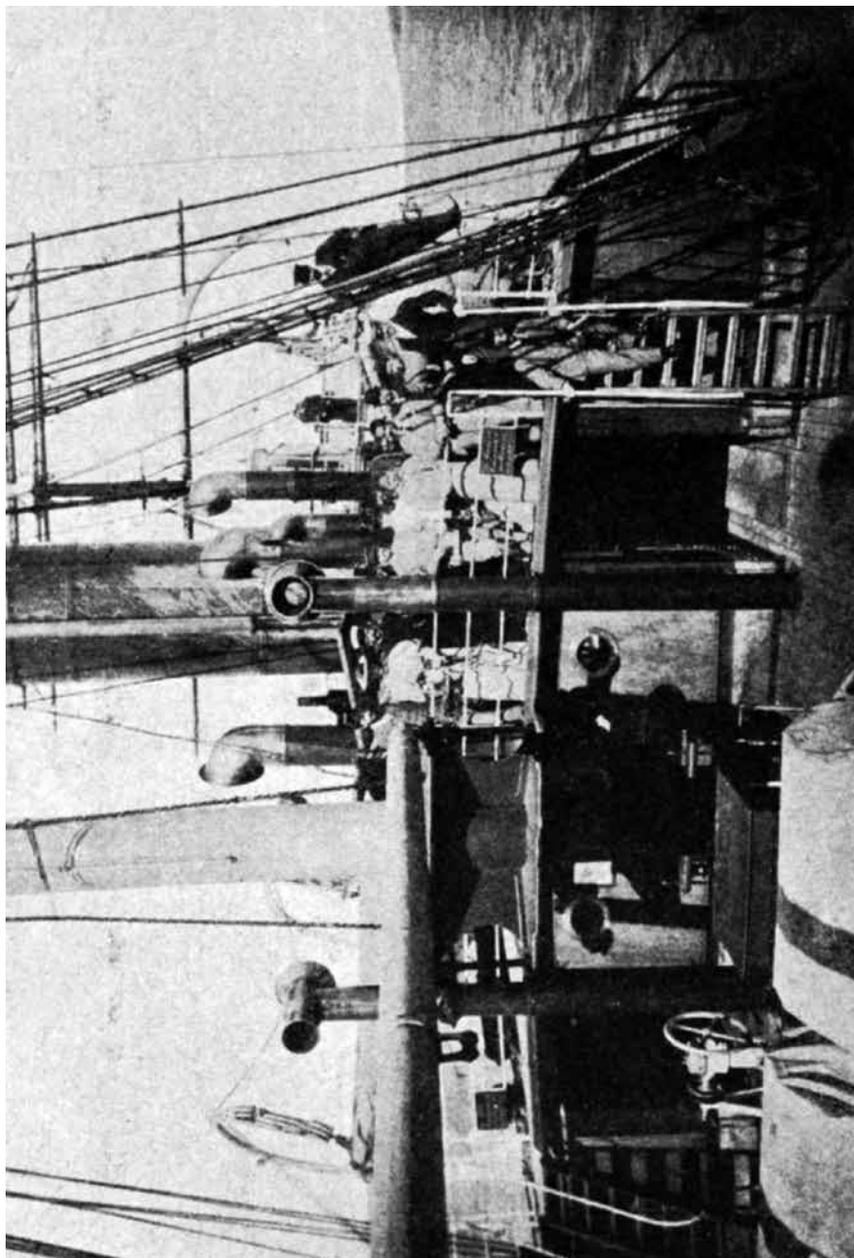


Foto 1. Navio Olinda

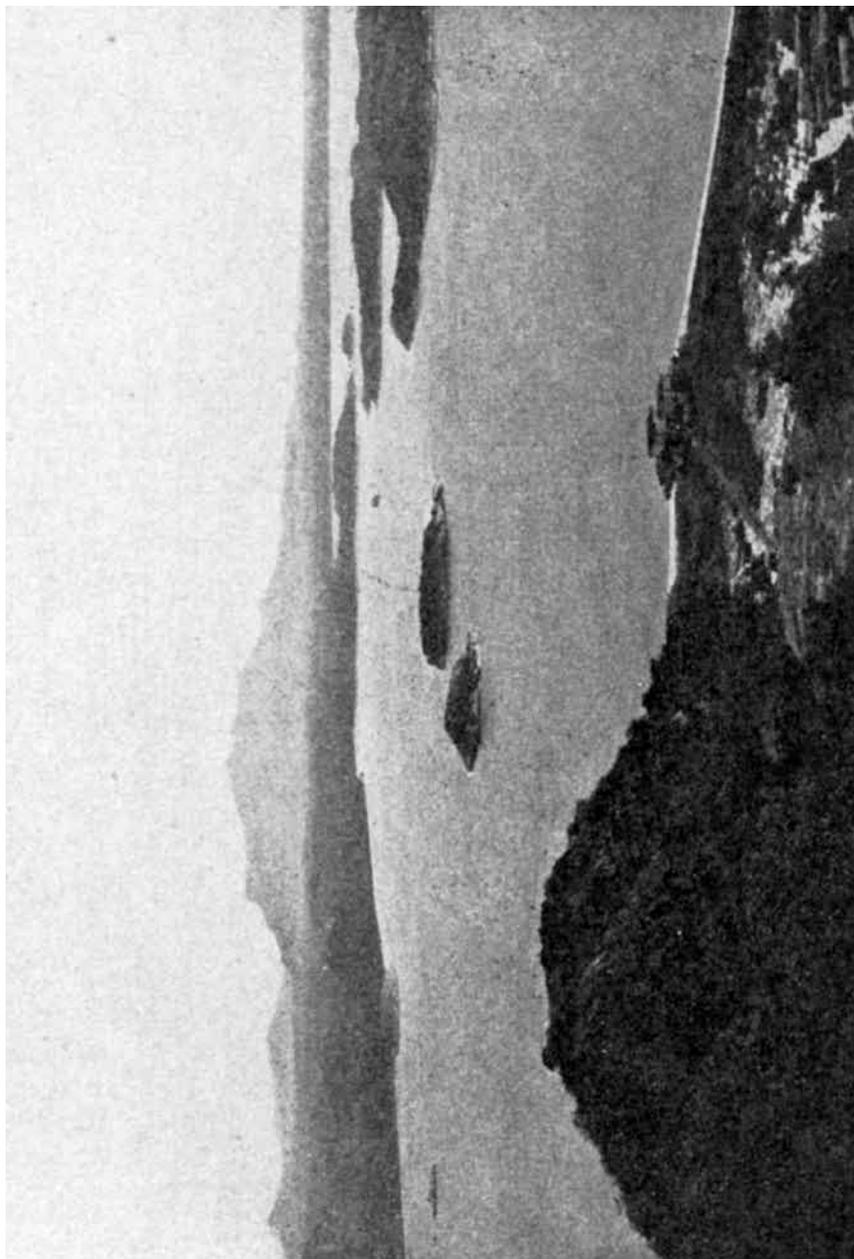


Foto 2. Entrada externa de Vitória



Foto 3. Praia próxima a Vila Velha

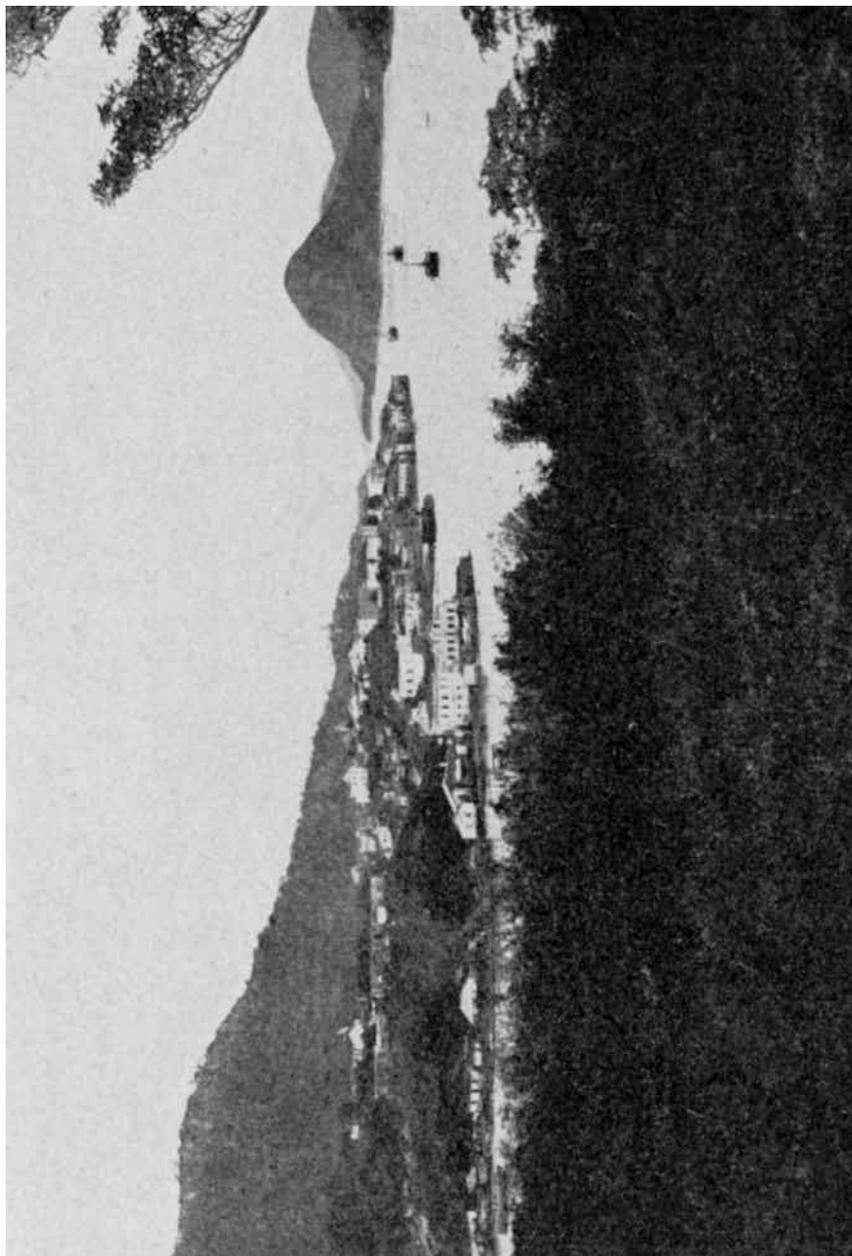


Foto 4. Entrada interna de Vitória

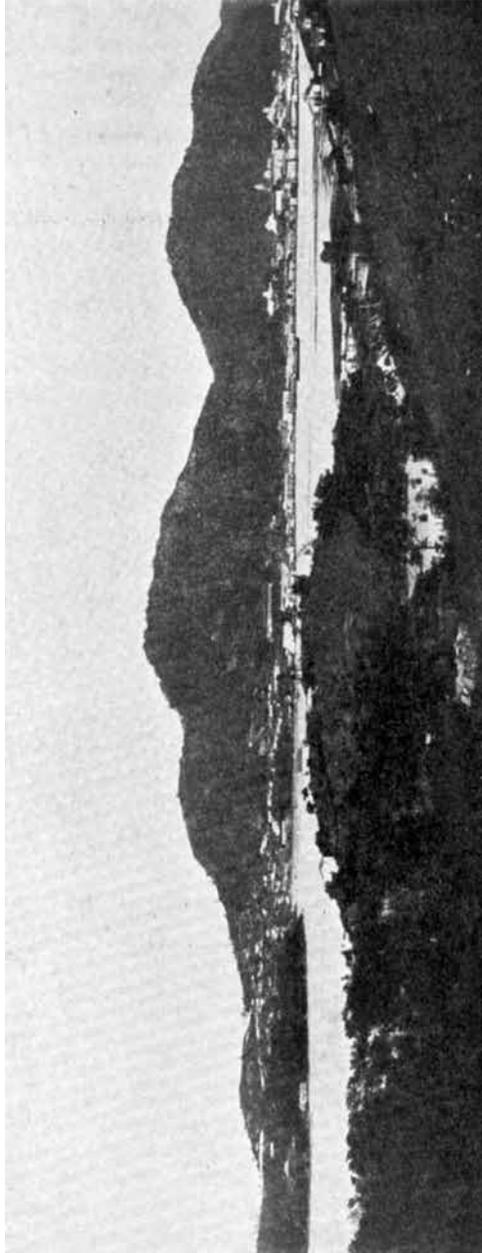


Foto 5. Panorama de Vitória

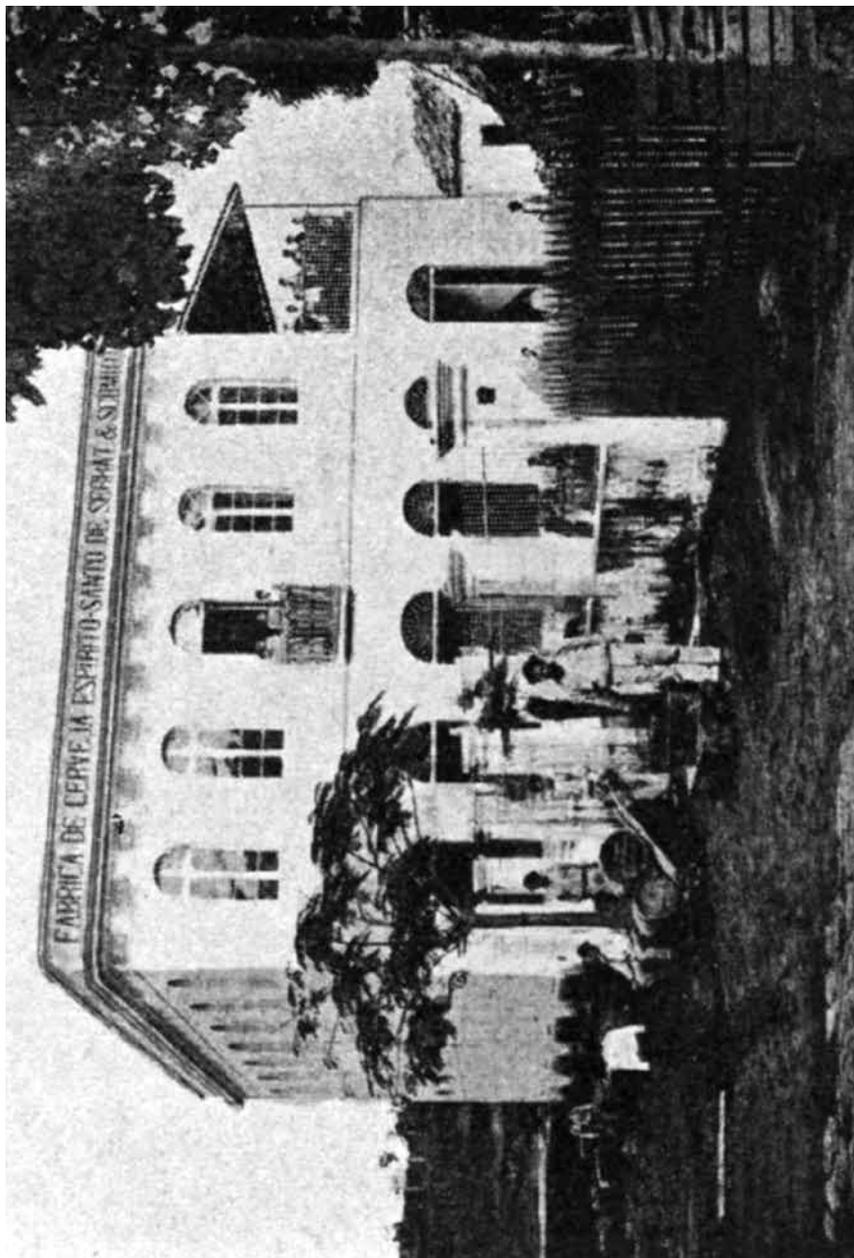


Foto 6. Fábrica do fabricante de cerveja Gustav Schmidt

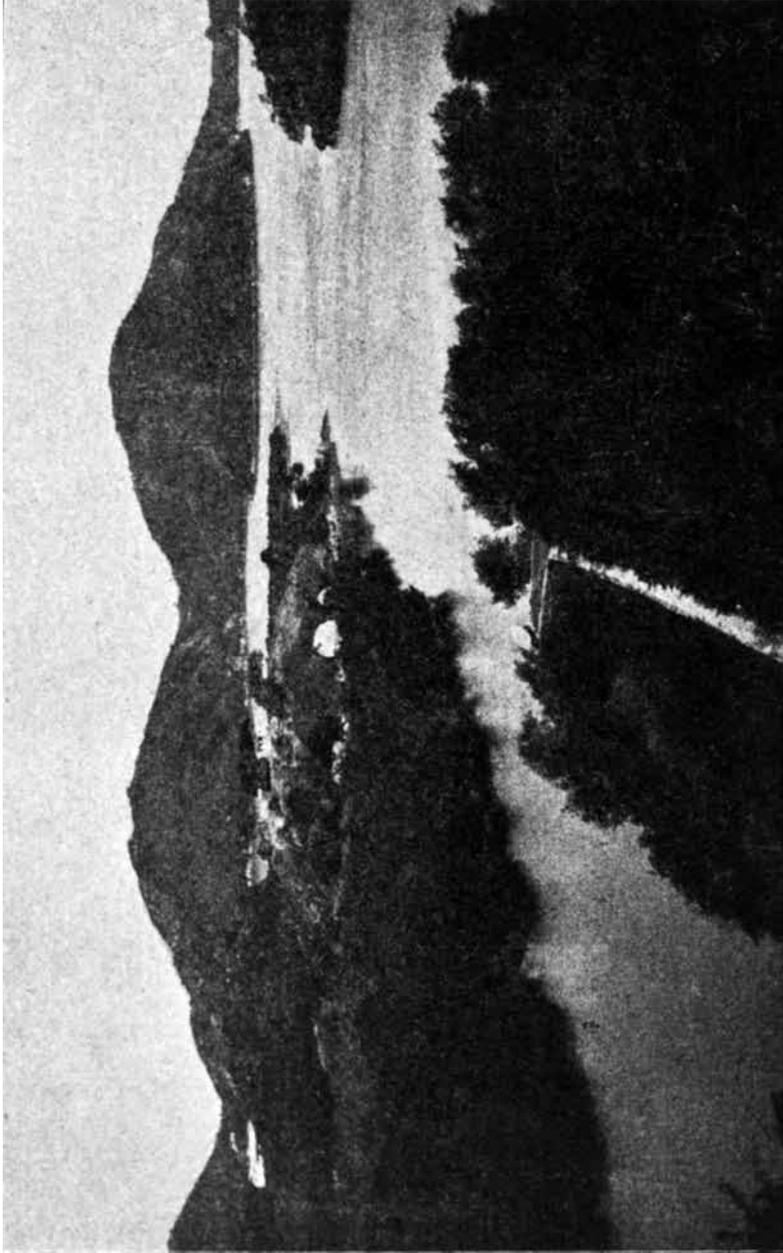


Foto 7. Ilha do Sr. Wetzel com ancoradouro

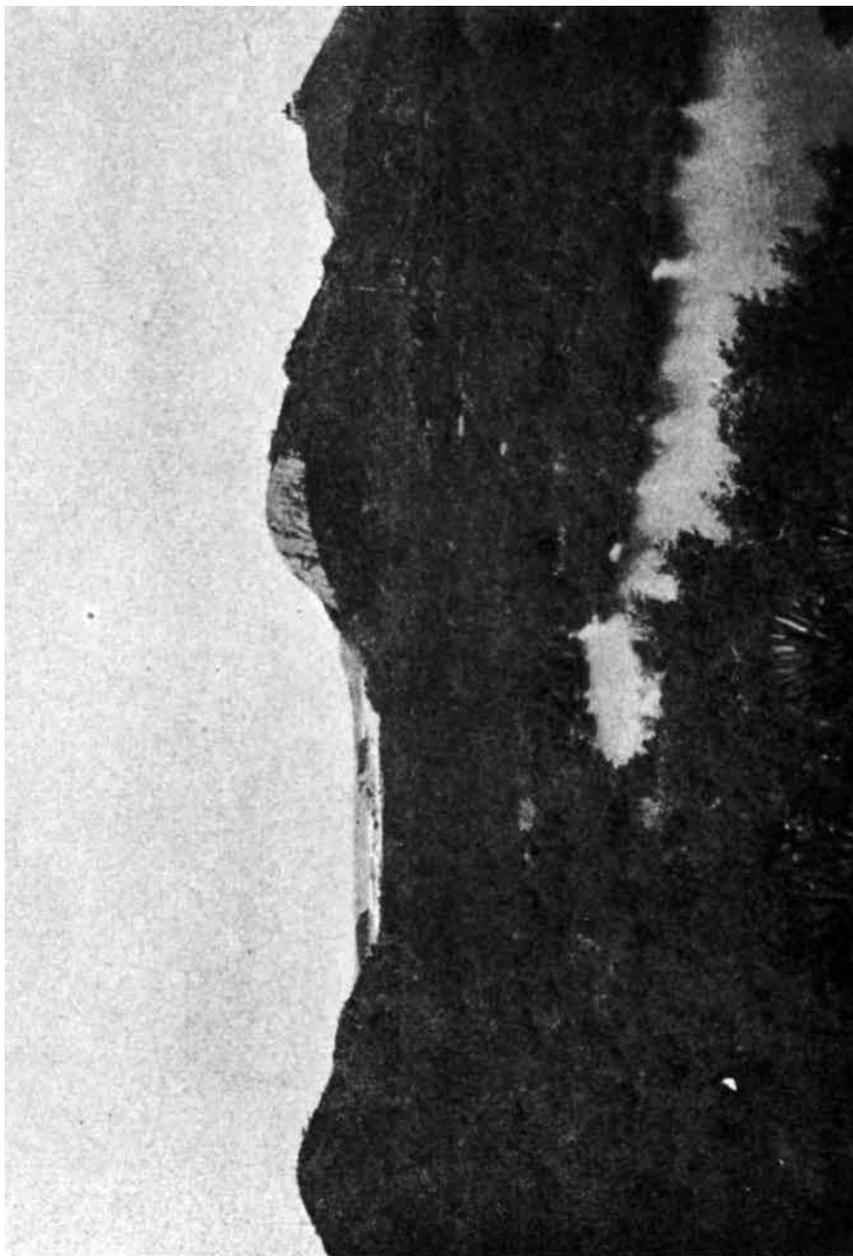


Foto 8. Manguezal, à direita atrás do morro do Convento de Nossa Senhora da Penha

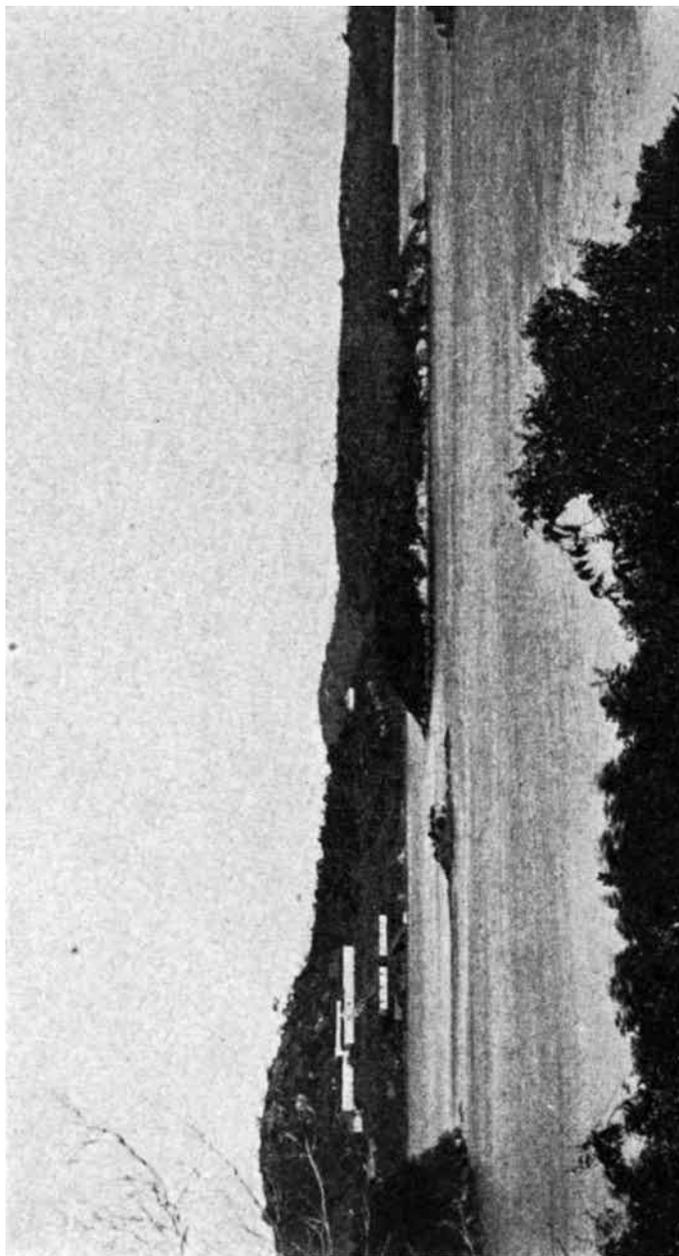


Foto 9. Vista do albergue do imigrantes

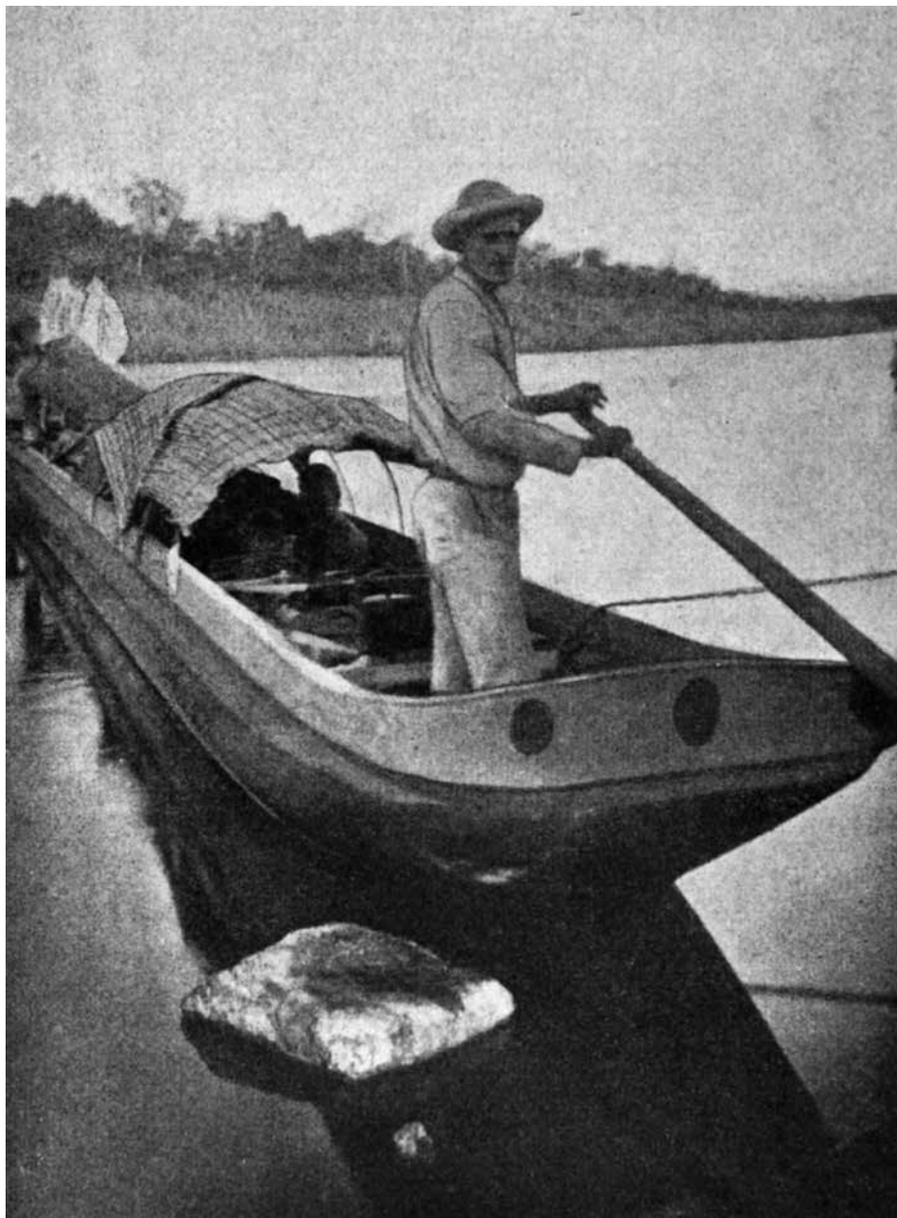


Foto 10. Barco usado em nossa viagem

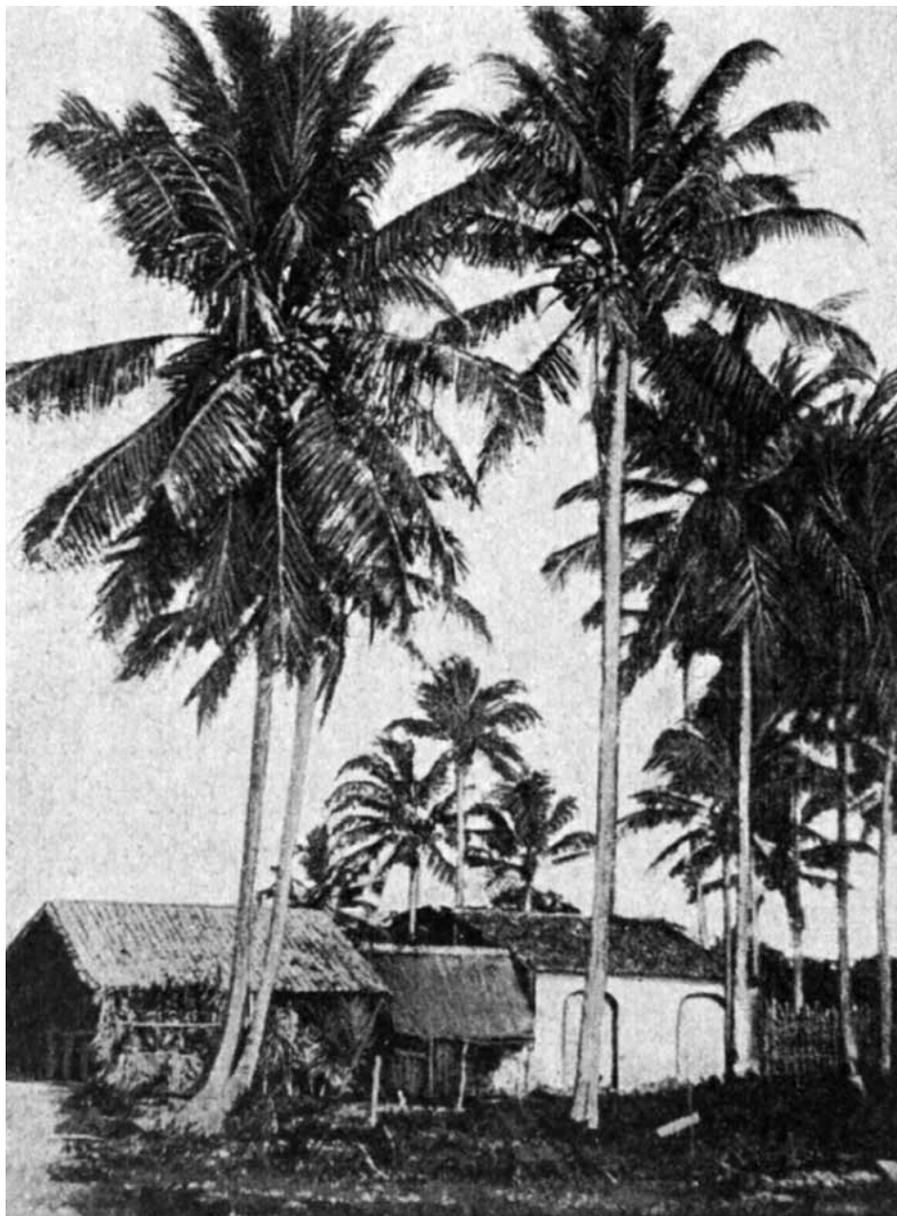


Foto 11. Terreiro brasileiro junto ao Rio Santa Maria



Foto 12. Casal holandês

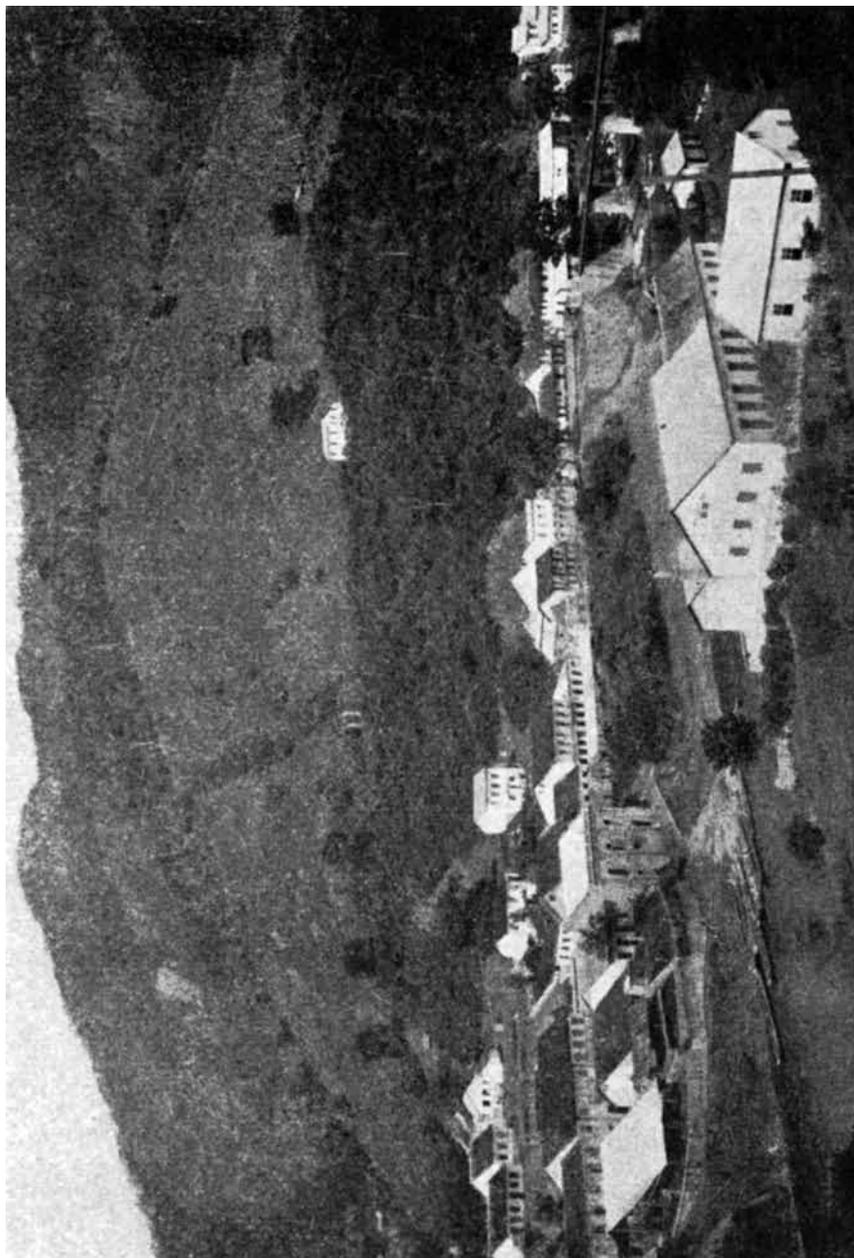


Foto 13. Porto de Cachoeiro - Ancoradouro e ponte nova

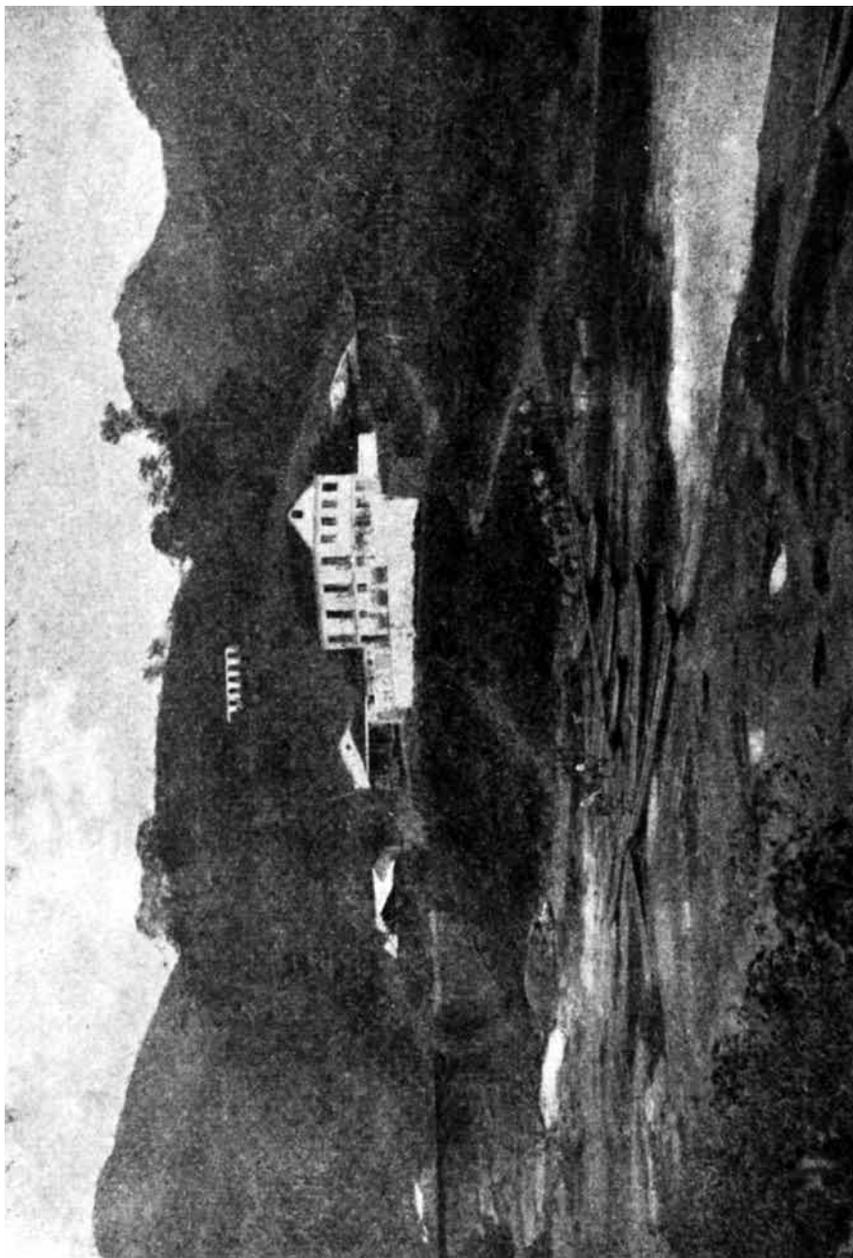


Foto 14. Ponte suspensa sobre o rio Santa Maria e uma tropa de mulas

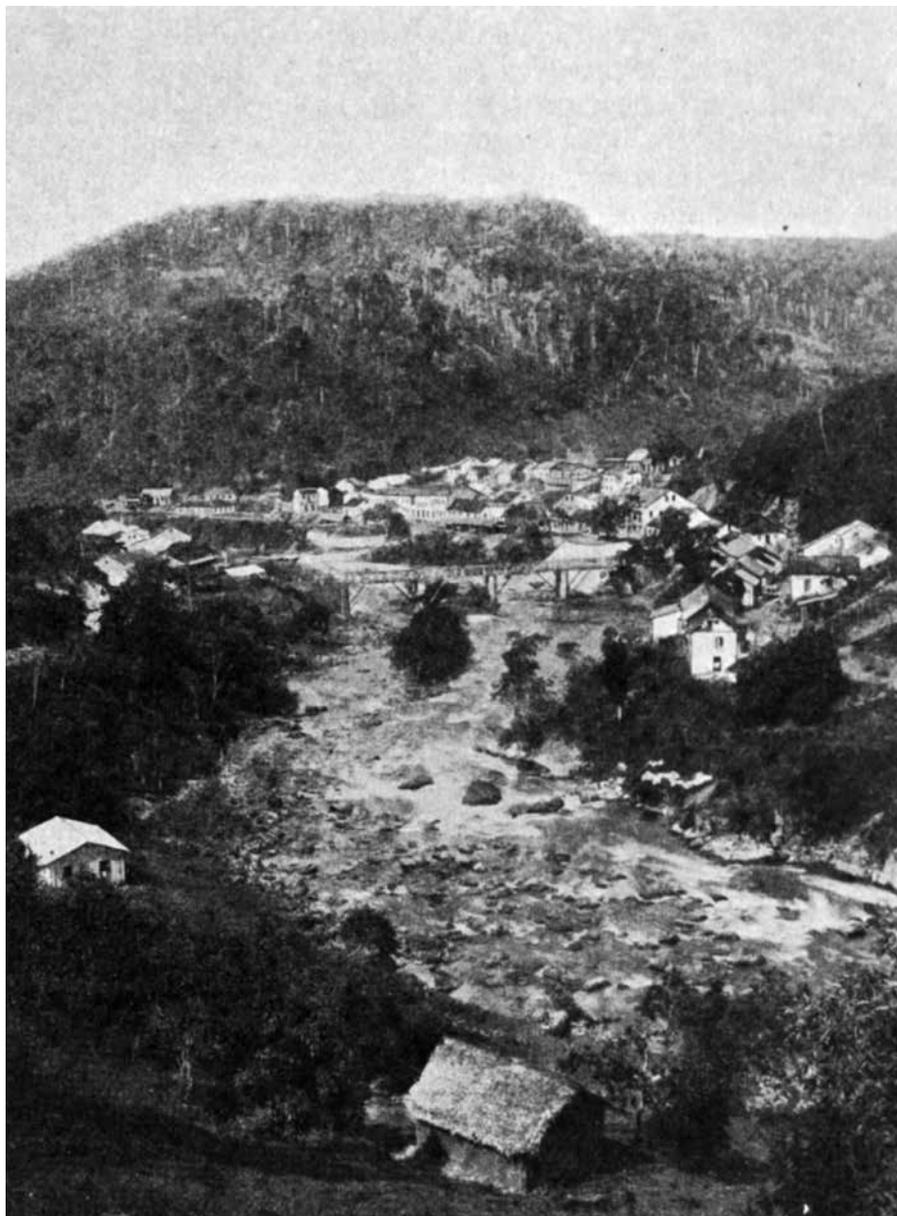


Foto 15. Porto de Cachoeiro com a ponte velha. À direita, a estrada que seguimos para Luxemburgo



Foto 16. Barraco brasileiro



Foto 17. Família mestiça

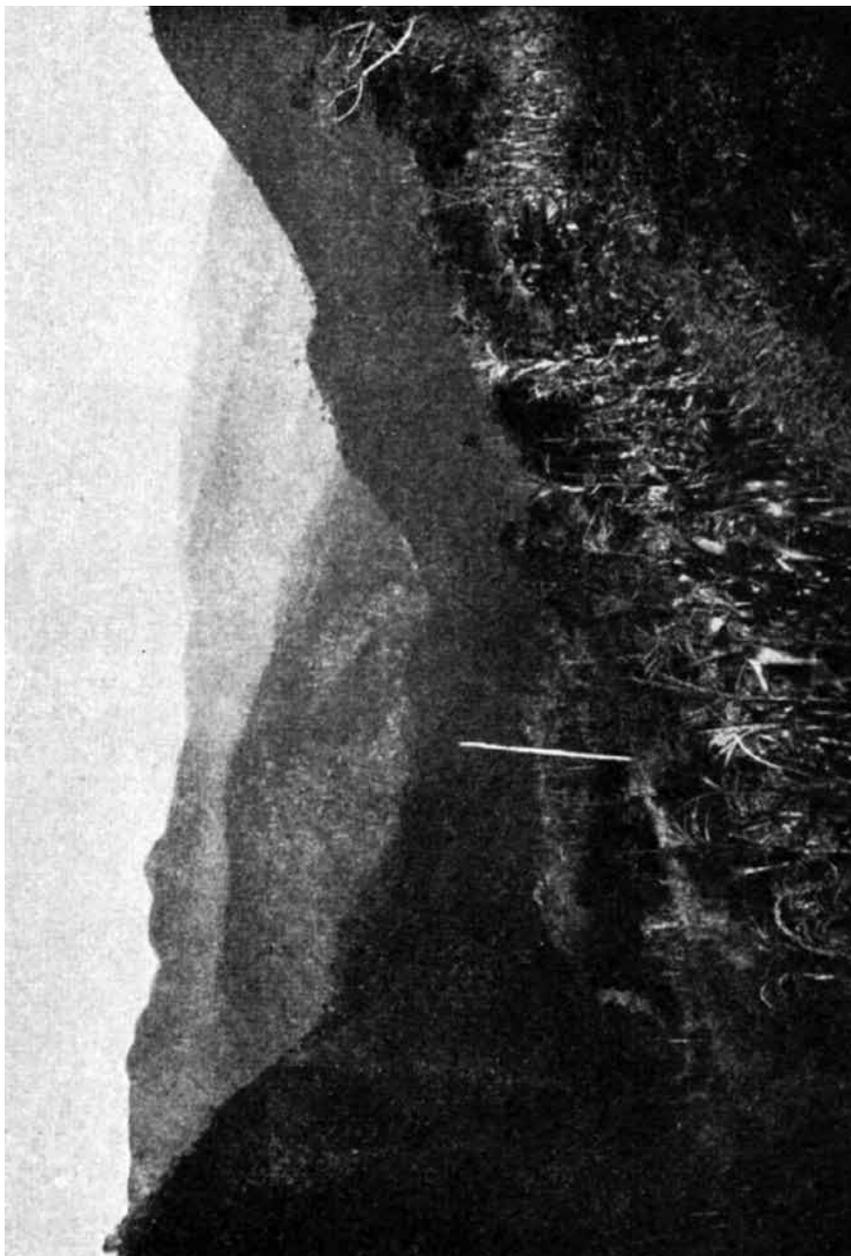


Foto 18. Panorama do Ribeirão dos Pardos. Na frente, à direita, o milharal. No meio, um tronco sem a sua copa.



Foto 19. Cachoeira do Ribeirão Pardo.

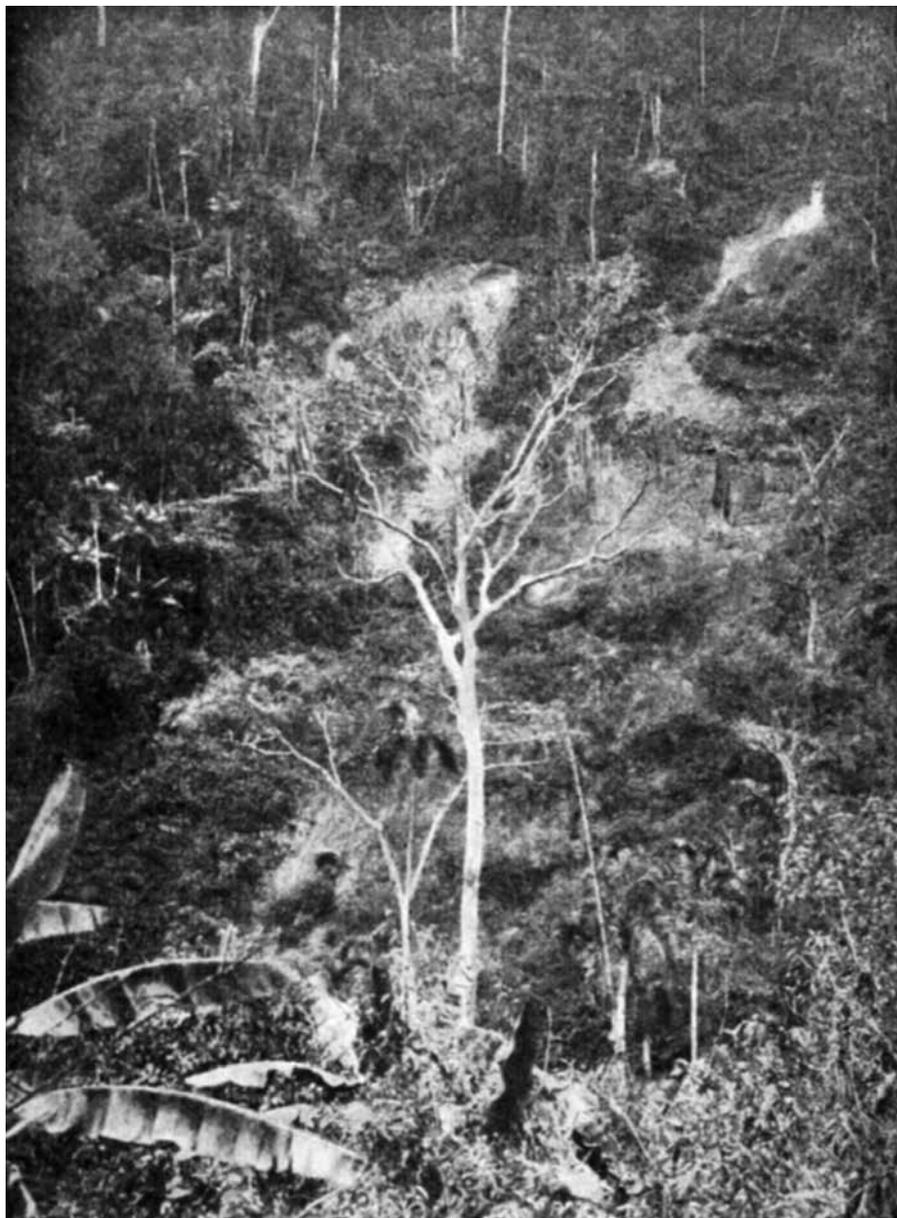


Foto 20. Árvore com ninhos de guaxos junto ao Ribeirão dos Pardos.

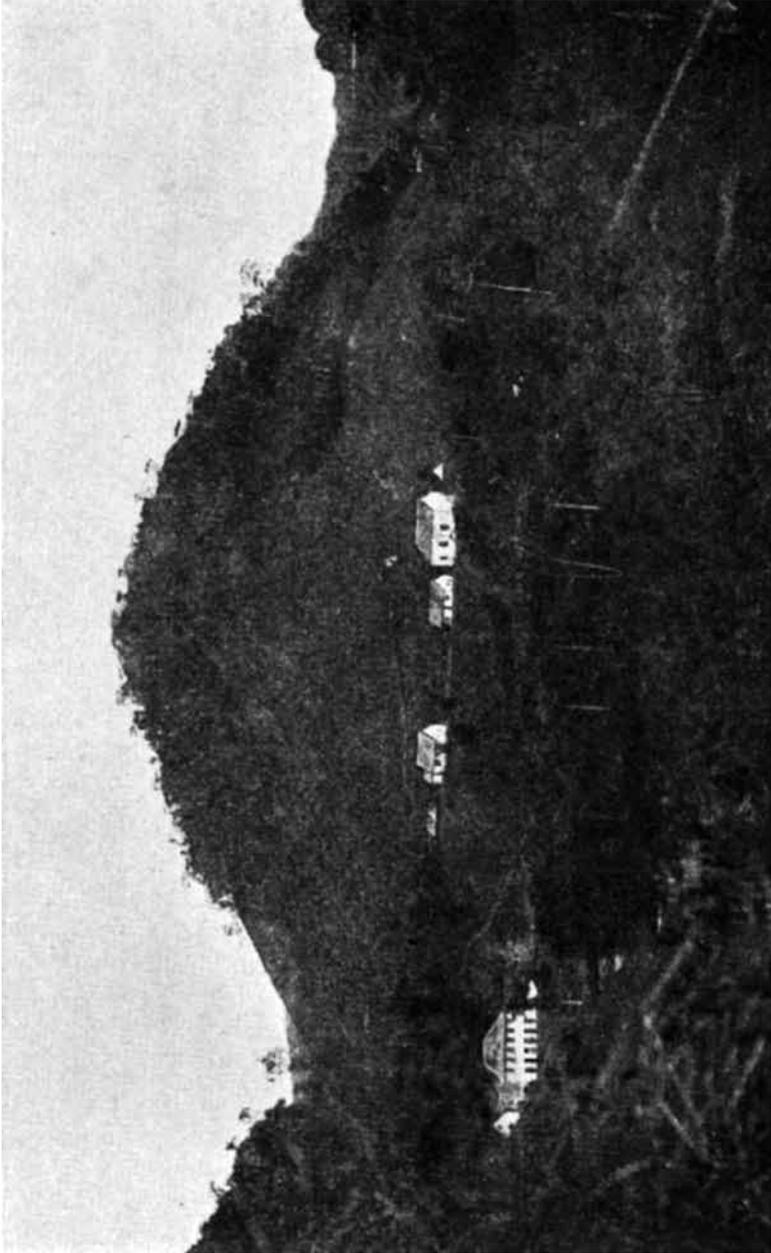


Foto 21. Vista do terreno da igreja de Santa Leopoldina I.

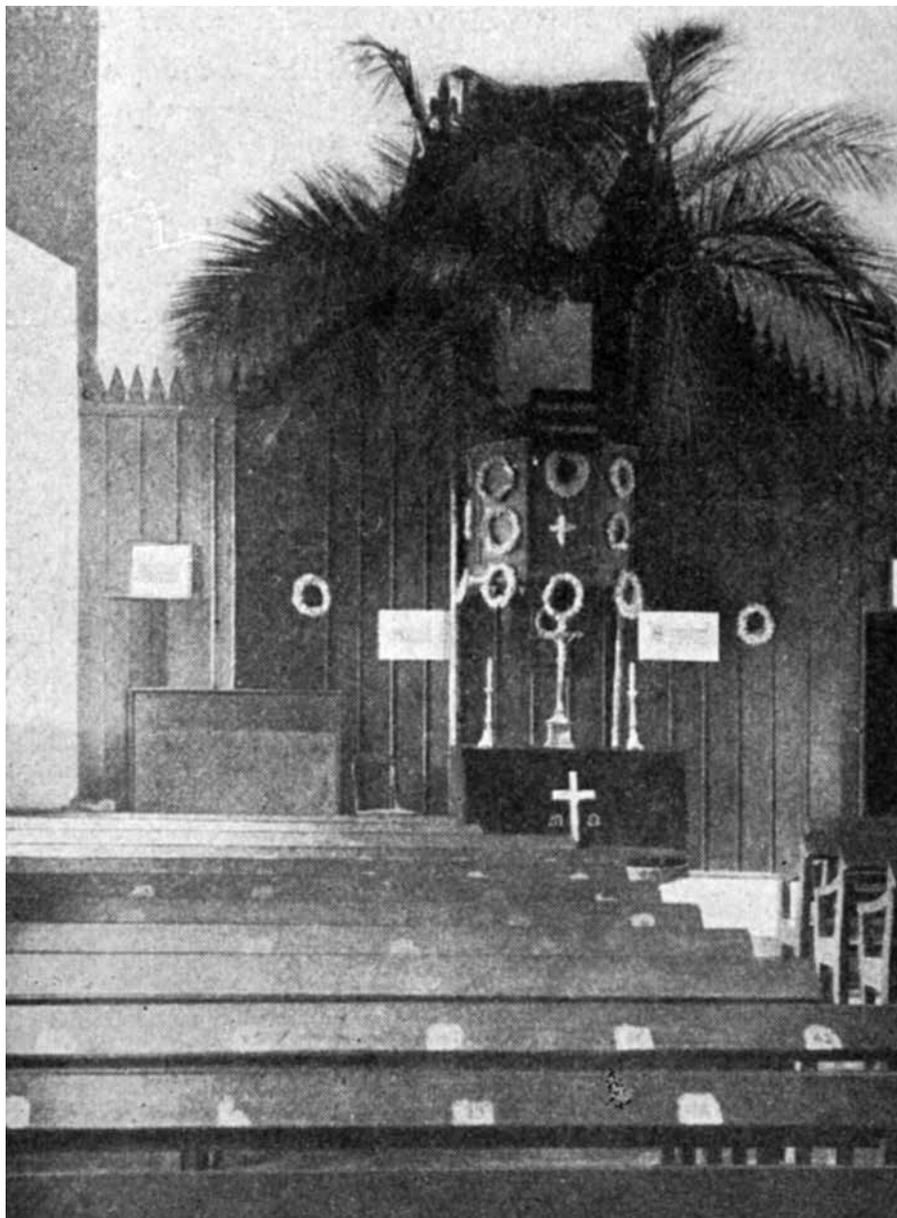


Foto 22. Interior da igreja de Santa Leopoldina I.



Foto 23. Após o deslizamento de terra.



Foto 24. Nova residência do pastor de Santa Leopoldina I.



Foto 25. Nascente atrás da residência do pastor.

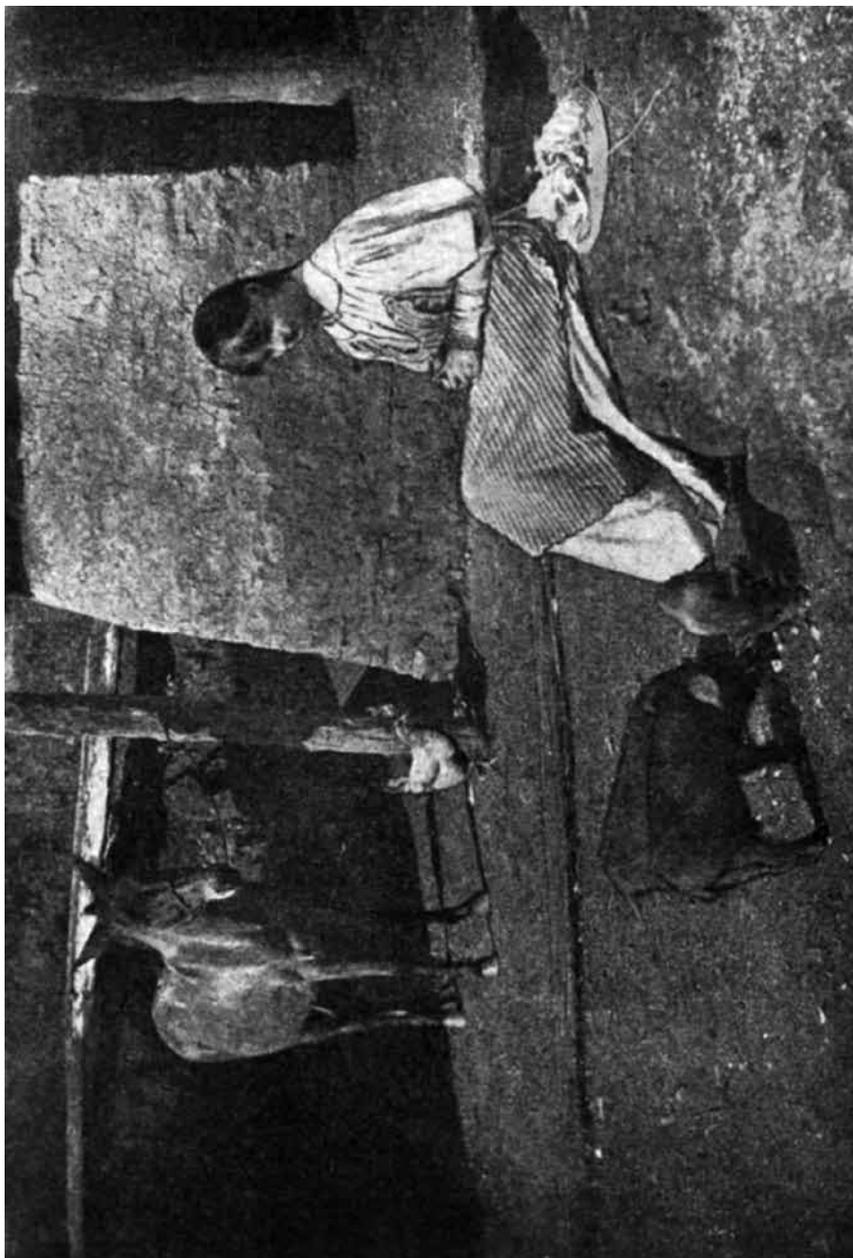


Foto 26. A esposa do pastor em seu terreiro.

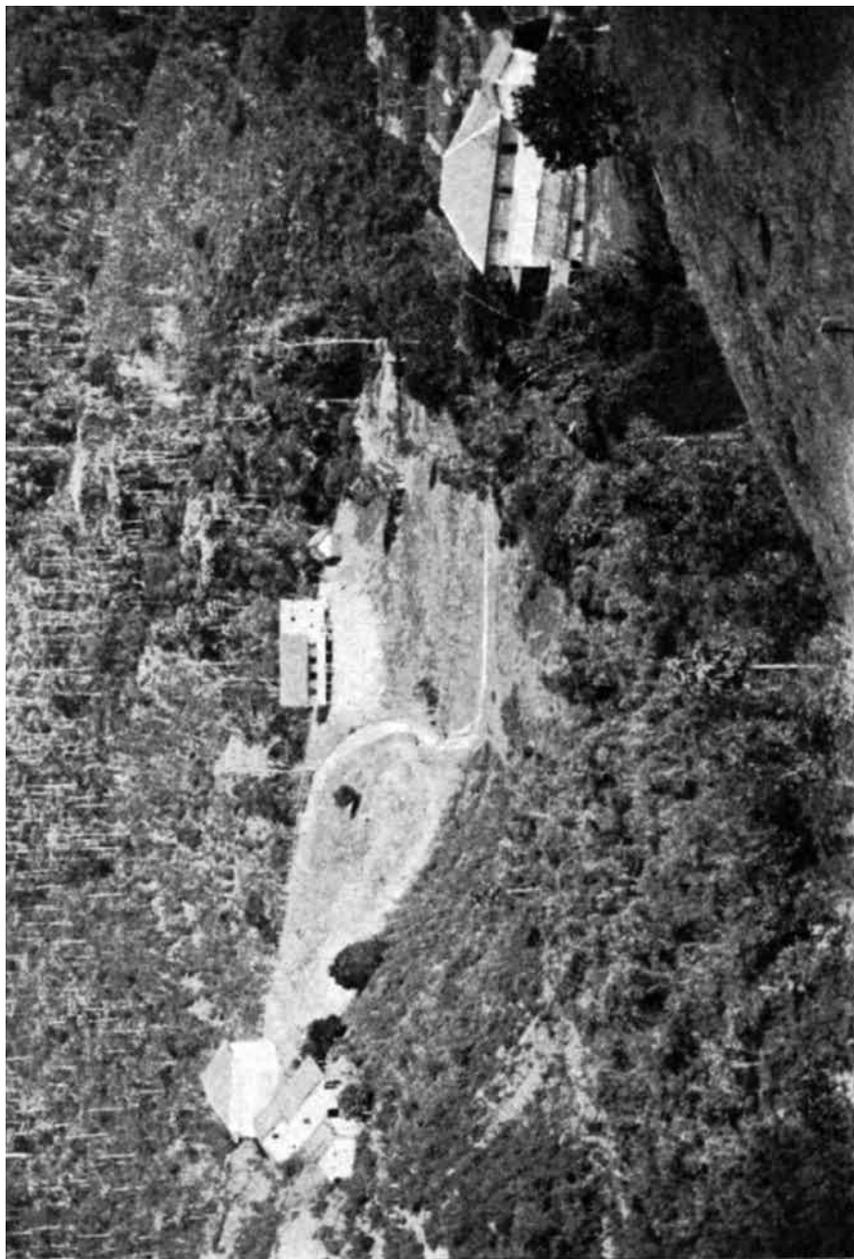


Foto 27. A nova residência do pastor de Santa Leopoldina I e arredores.

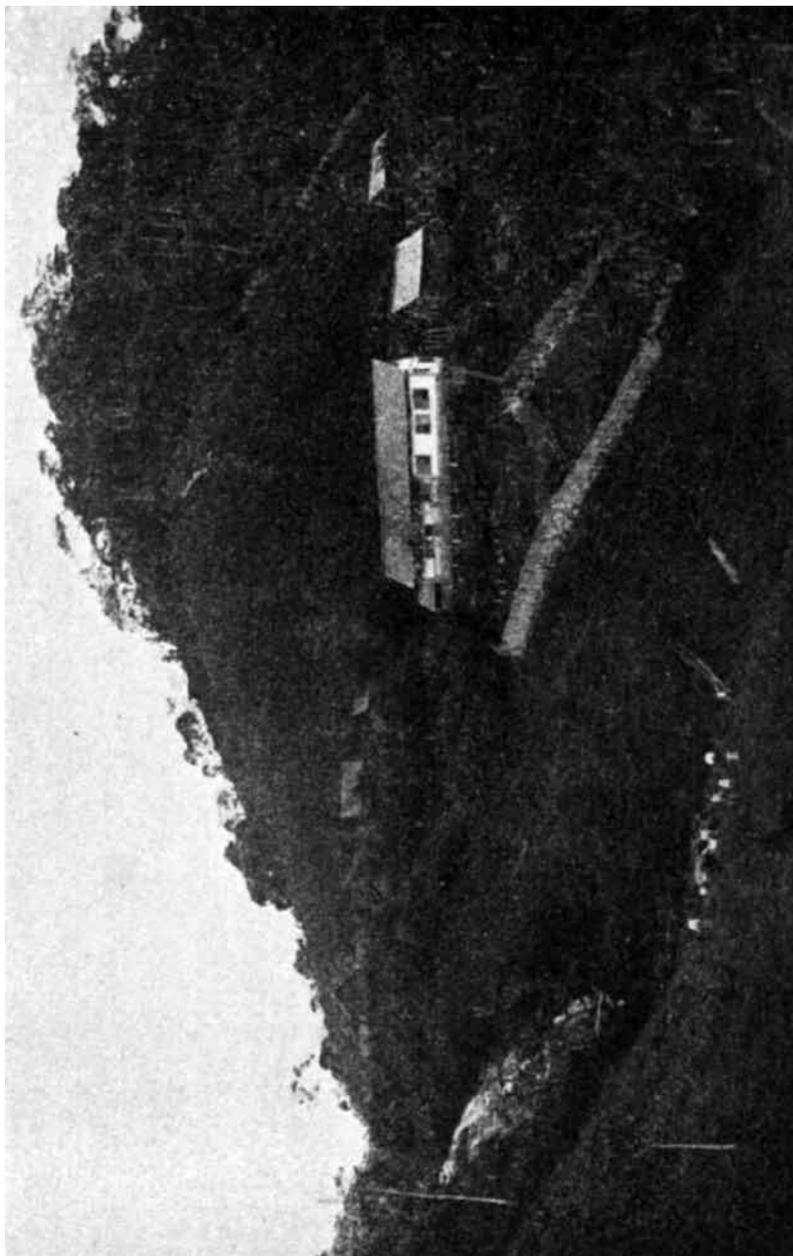


Foto 28. A colônia de Andreas Flegler.

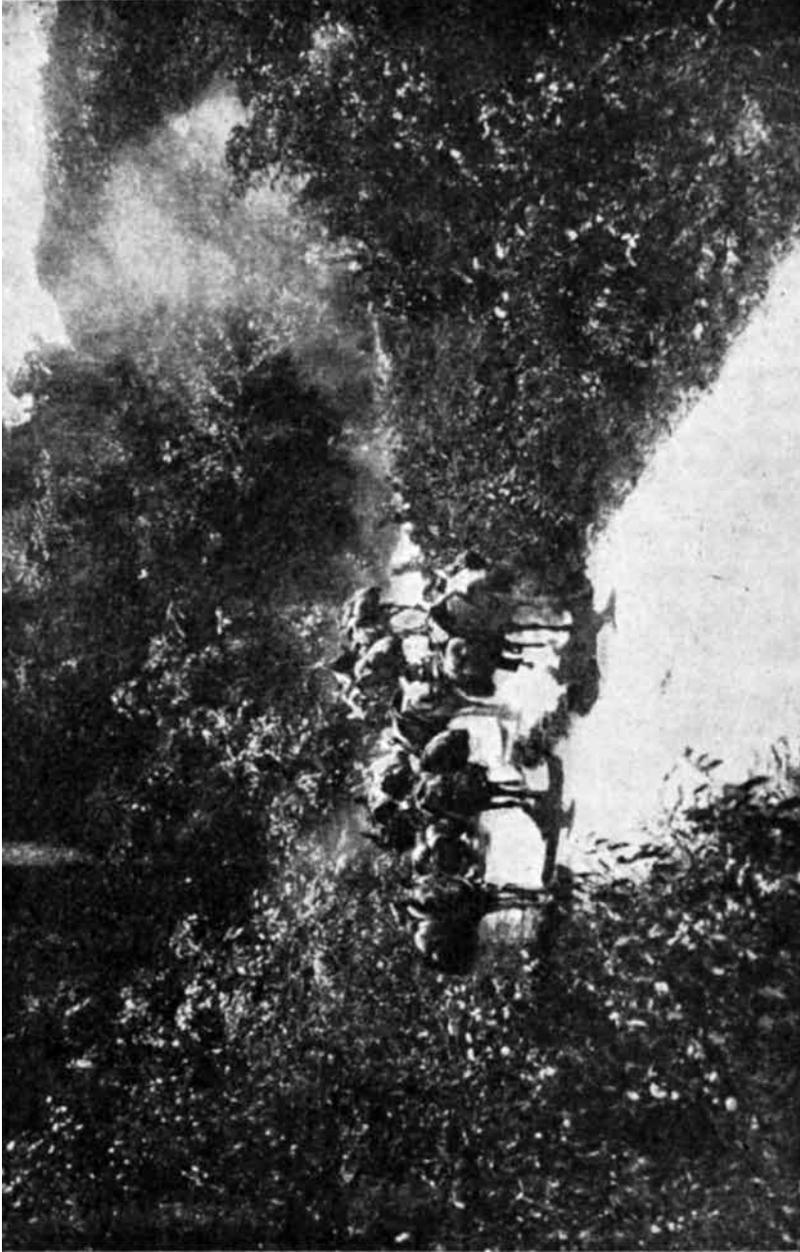


Foto 29. Трoпа.



Foto 30. Pé de café florido.

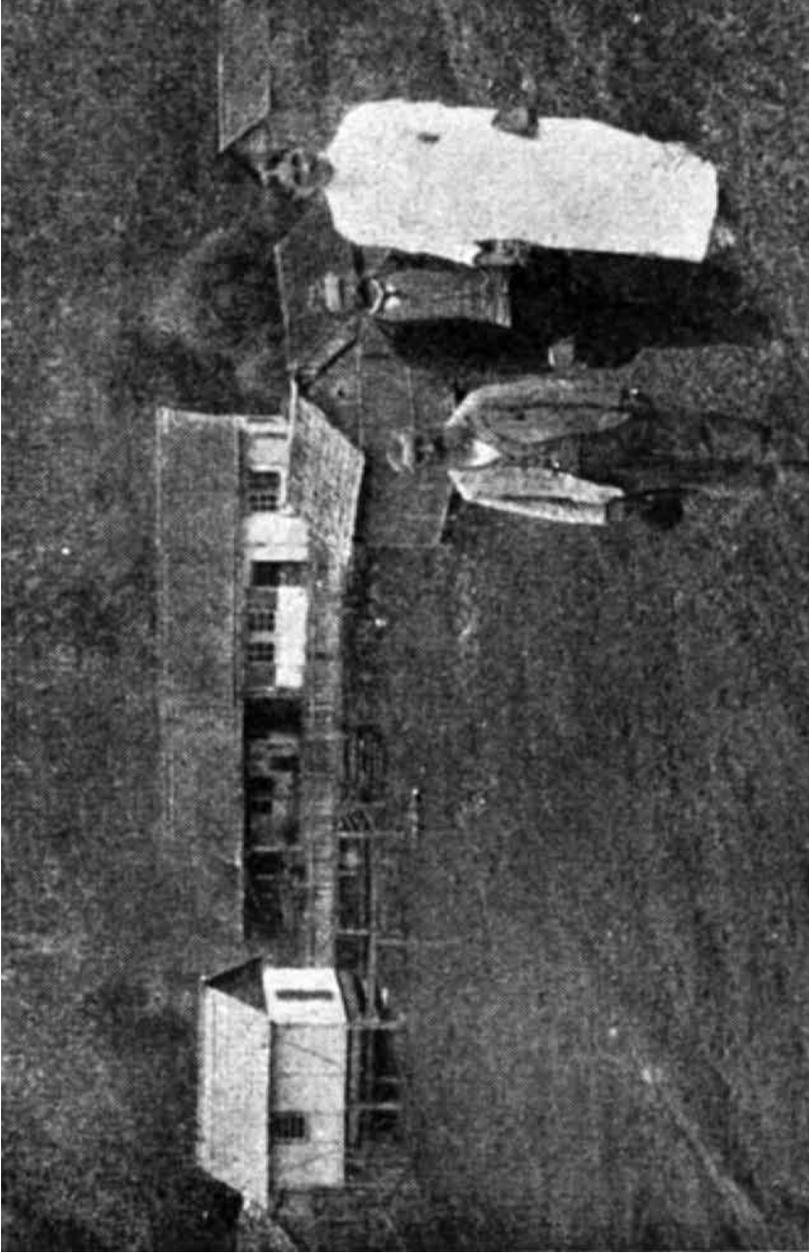


Foto 31. Casa da família Lange em Melgaço. À esquerda, o paiol com o carrinho de café dentro.

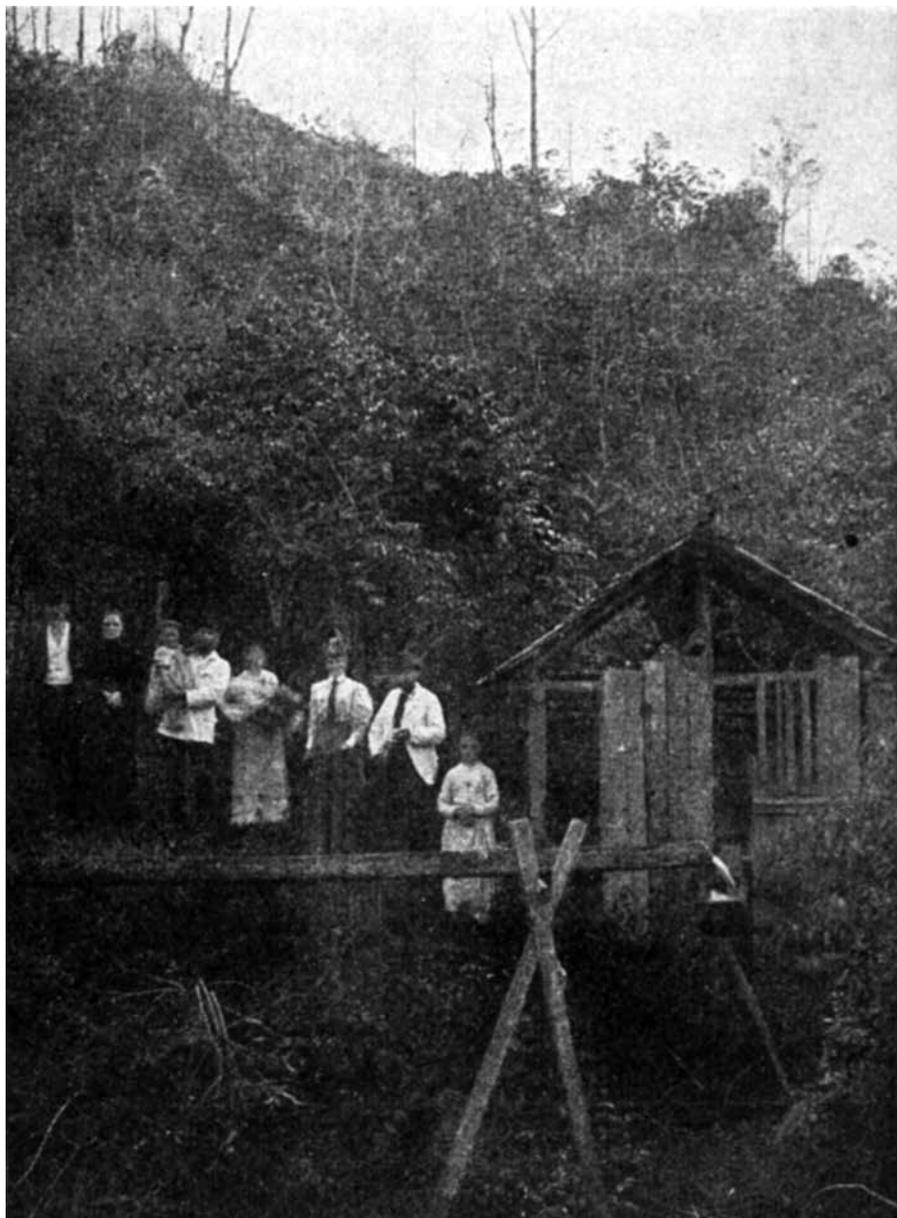


Foto 32. Majola (em Jequitiba).

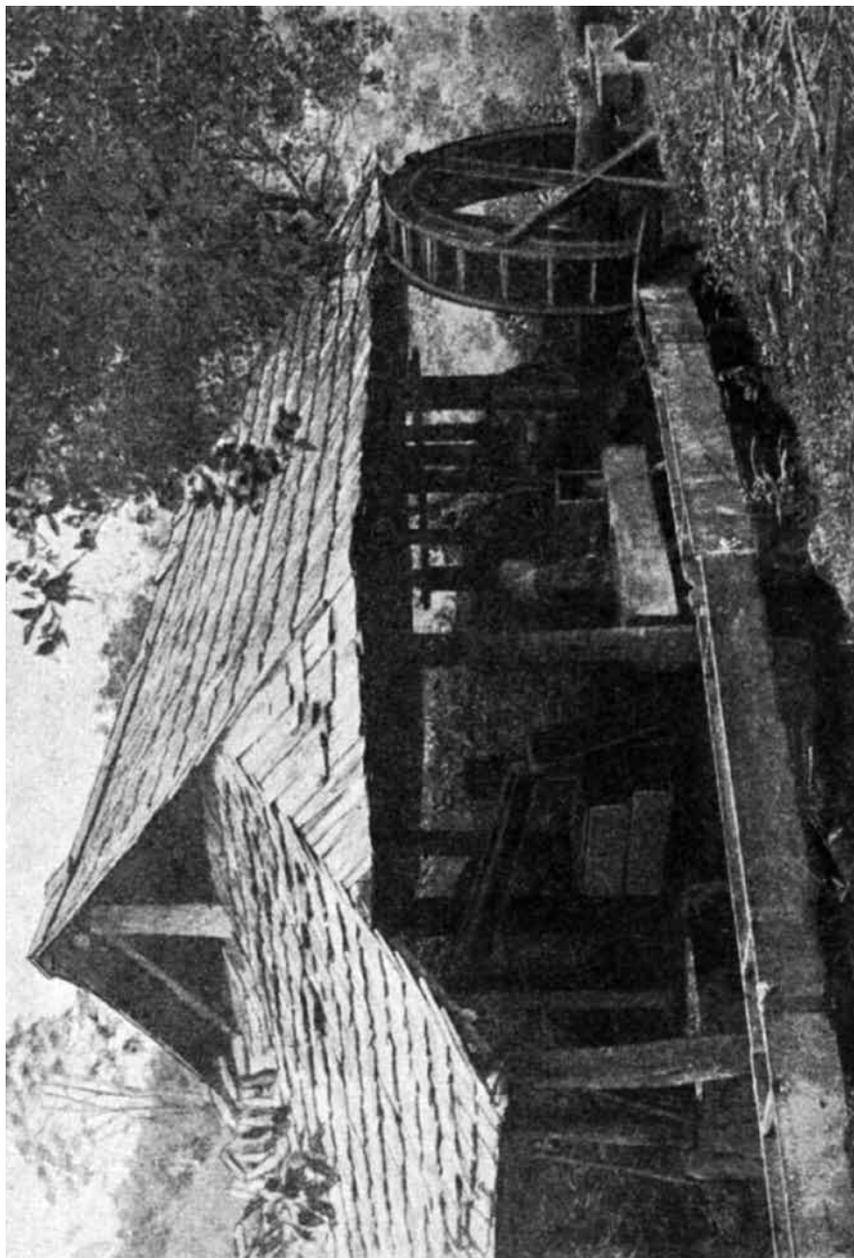


Foto 33. Pilador de café na propriedade de L. Kalk.

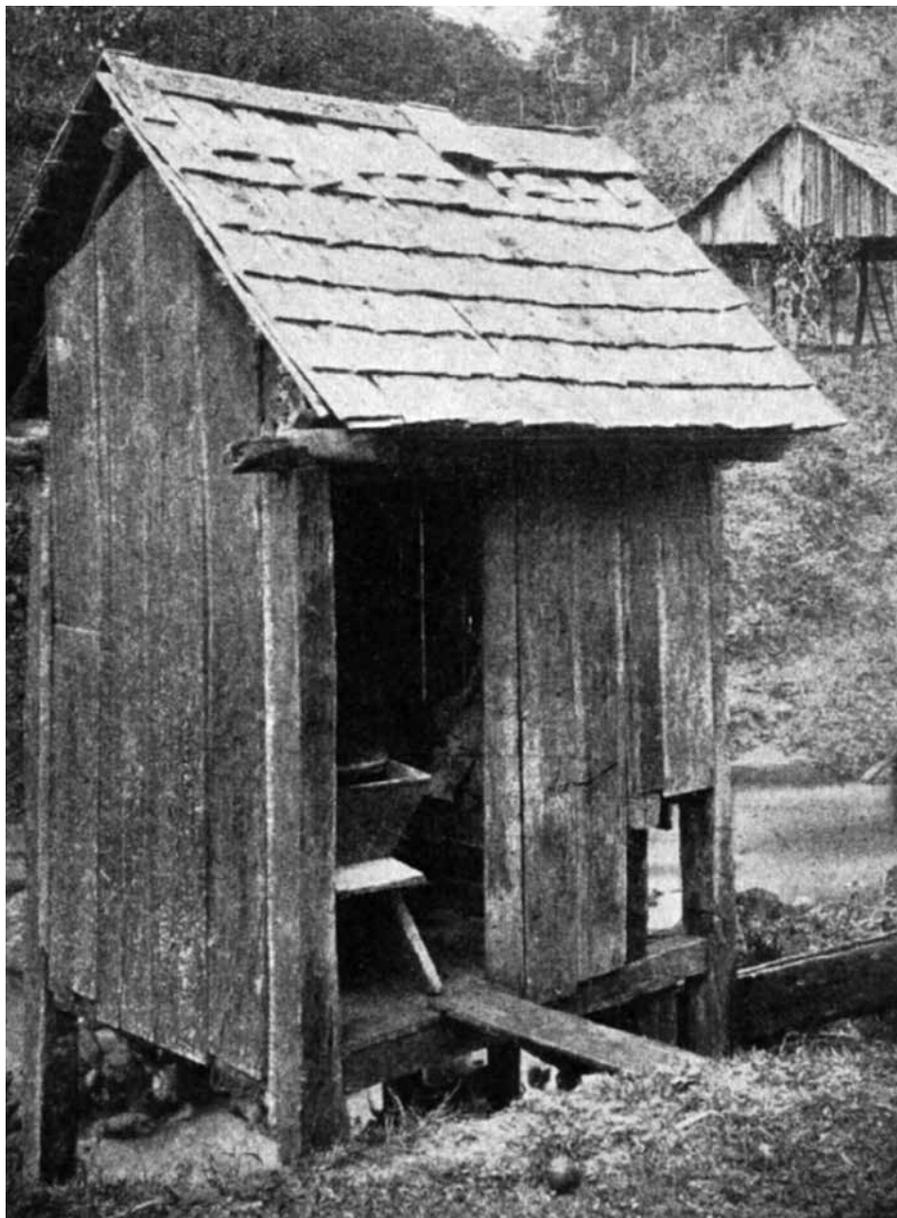


Foto 34. Moinho de milho com uma pequena turbina.

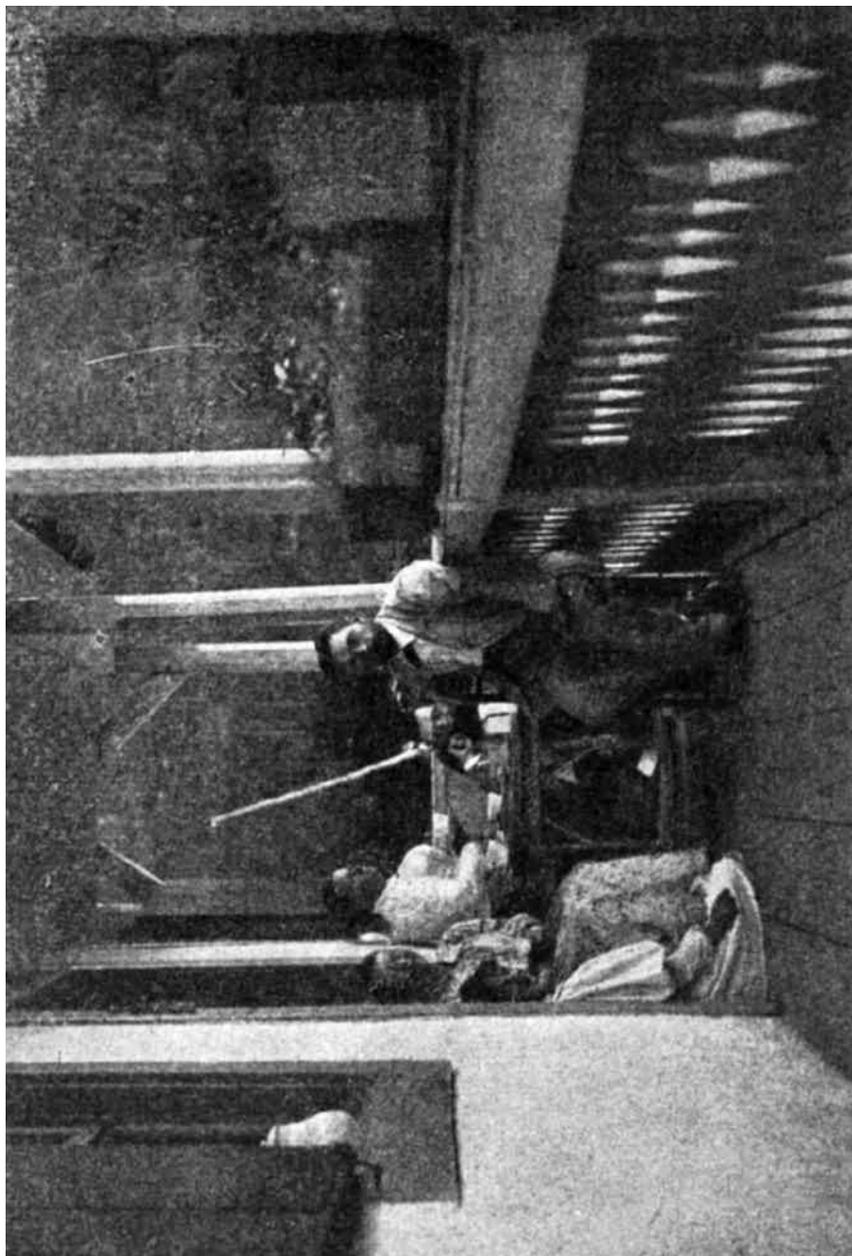


Foto 35. Na varanda da antiga residência do pastor de Santa Leopoldina I.

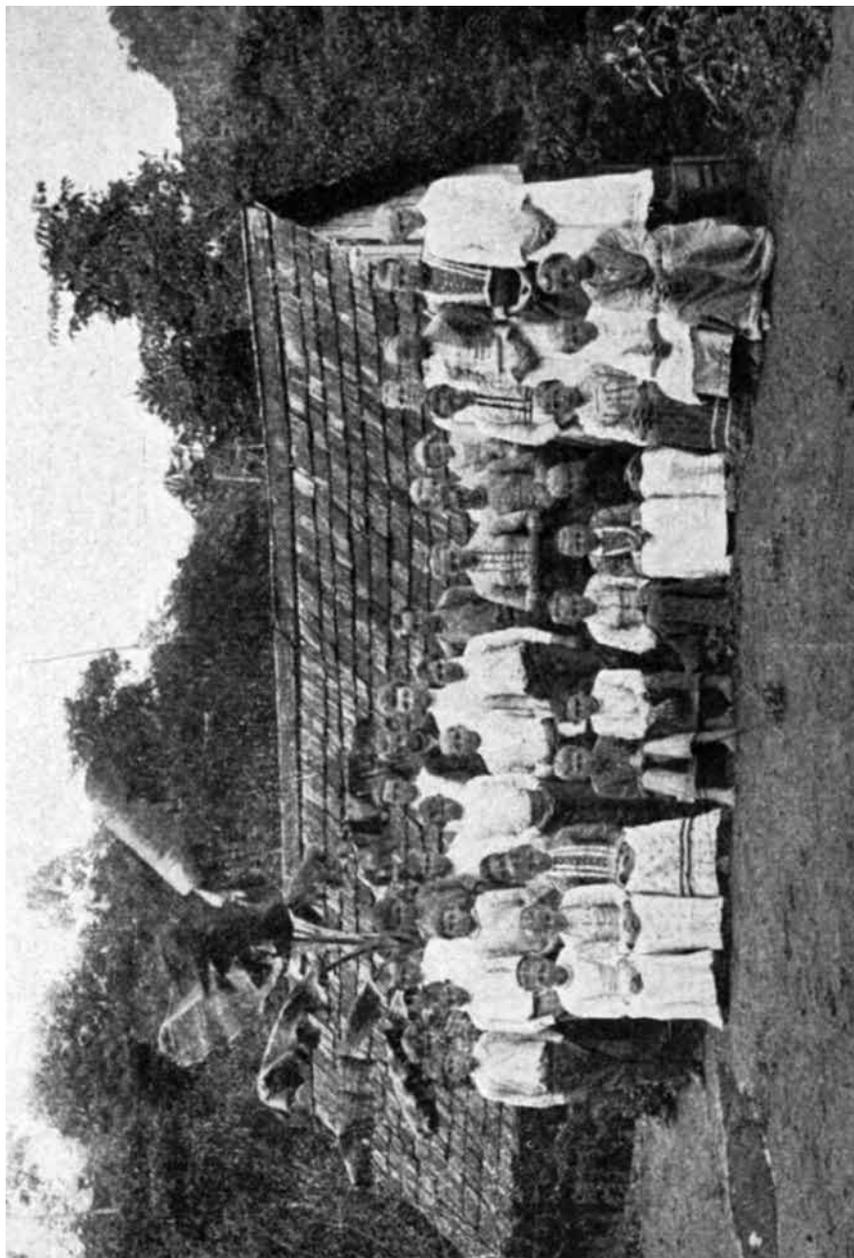


Foto 36. Crianças da escola paroquial de Santa Leopoldina I.



Foto 36a. Panorama da colônia paroquial em Jequitibá.

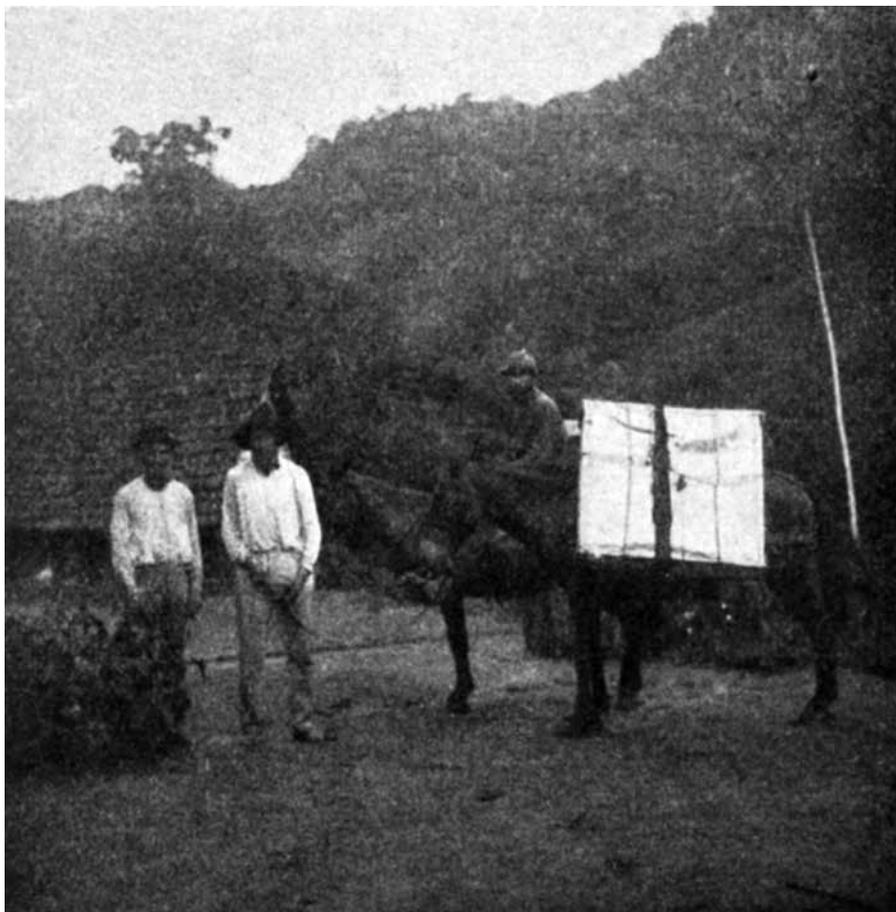


Foto 37. Chegada de um presente (material didático) do imperador alemão.



Foto 38. Familiares do pastor.

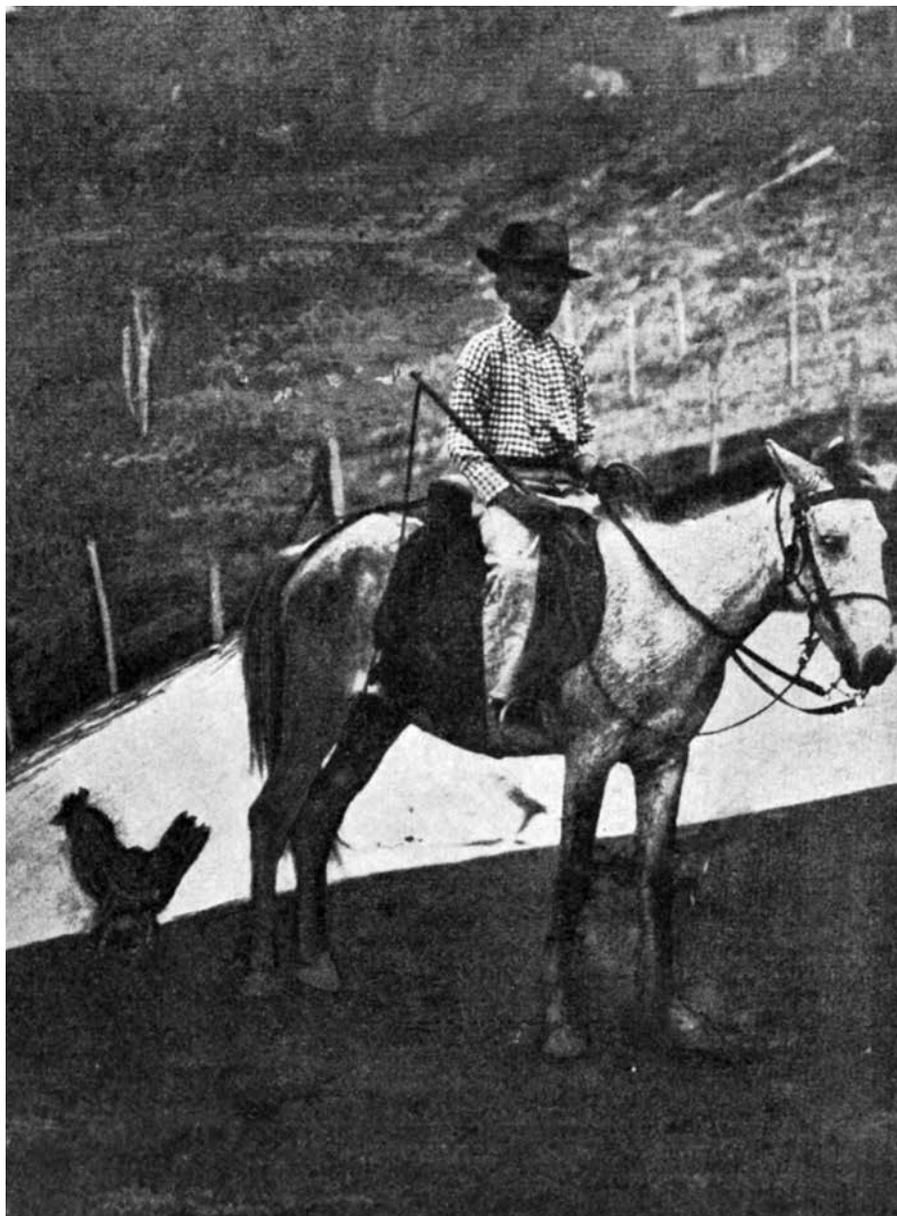


Foto 39. O pequeno Theodor nos acompanhando na viagem.

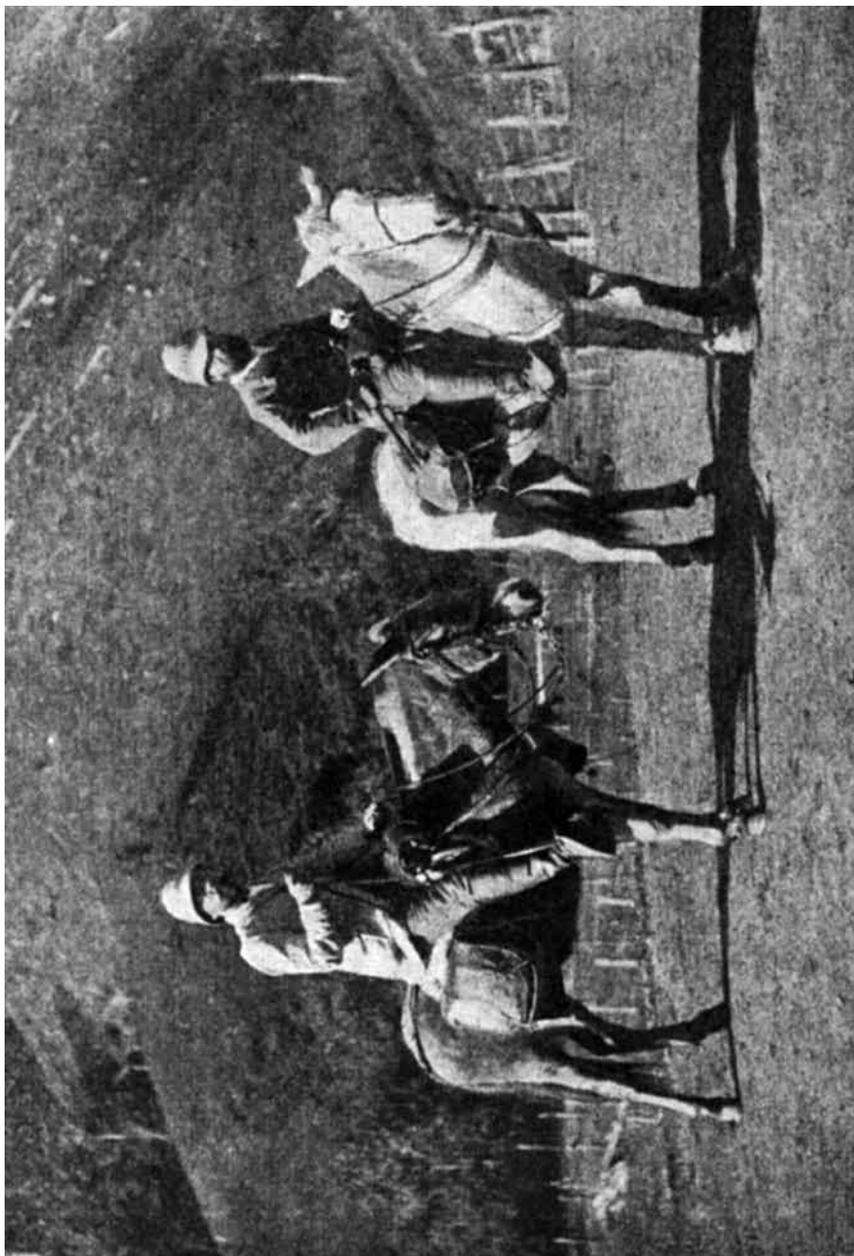


Foto 40. Religiosos evangélicos em viagem.



Foto 41. Cavallo montanhês do Espírito Santo.



Foto 42. O rochedo negro.

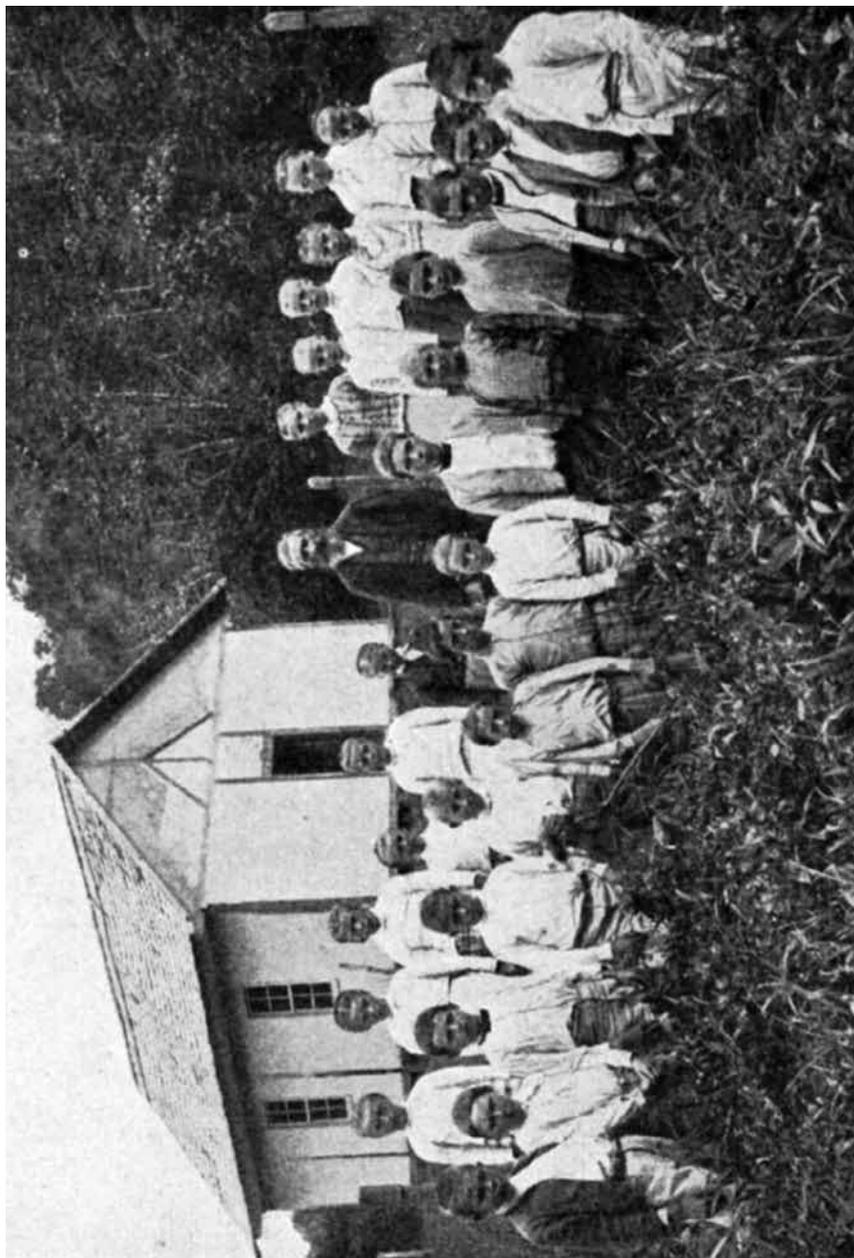


Foto 43. Capela e escola de Melgaço, na época filial de Santa Leopoldina I.



Foto 44. Família Lange em sua propriedade.



Foto 45. Igreja na Califórnia - O pastor e sua esposa.

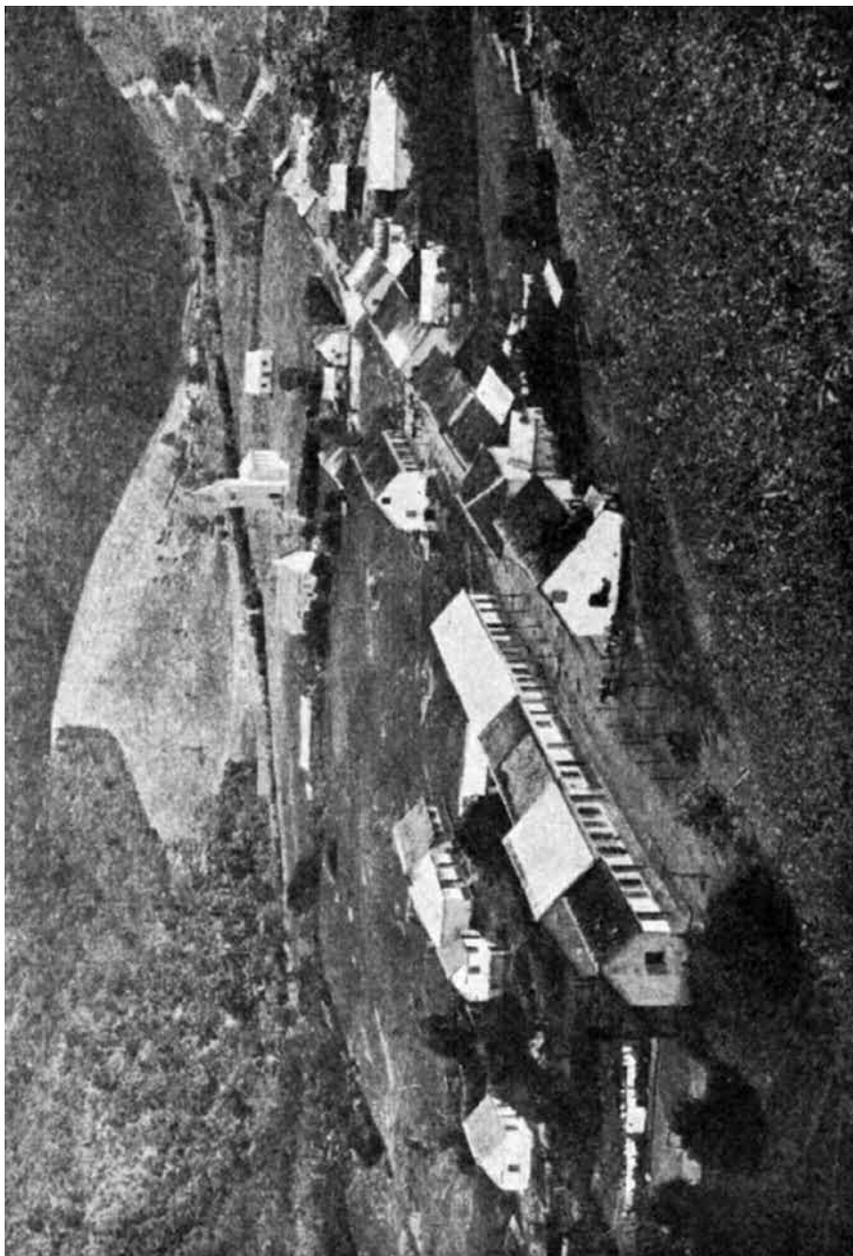


Foto 46. O povoado de Campinho de Santa Isabel - À direita da igreja aparece a escola; na frente da igreja fica a residência do pastor; as casas paralelas da única rua são em sua maioria lojas. Não é possível ver a montanha de Campinho, pois ela fica aqui de frente.

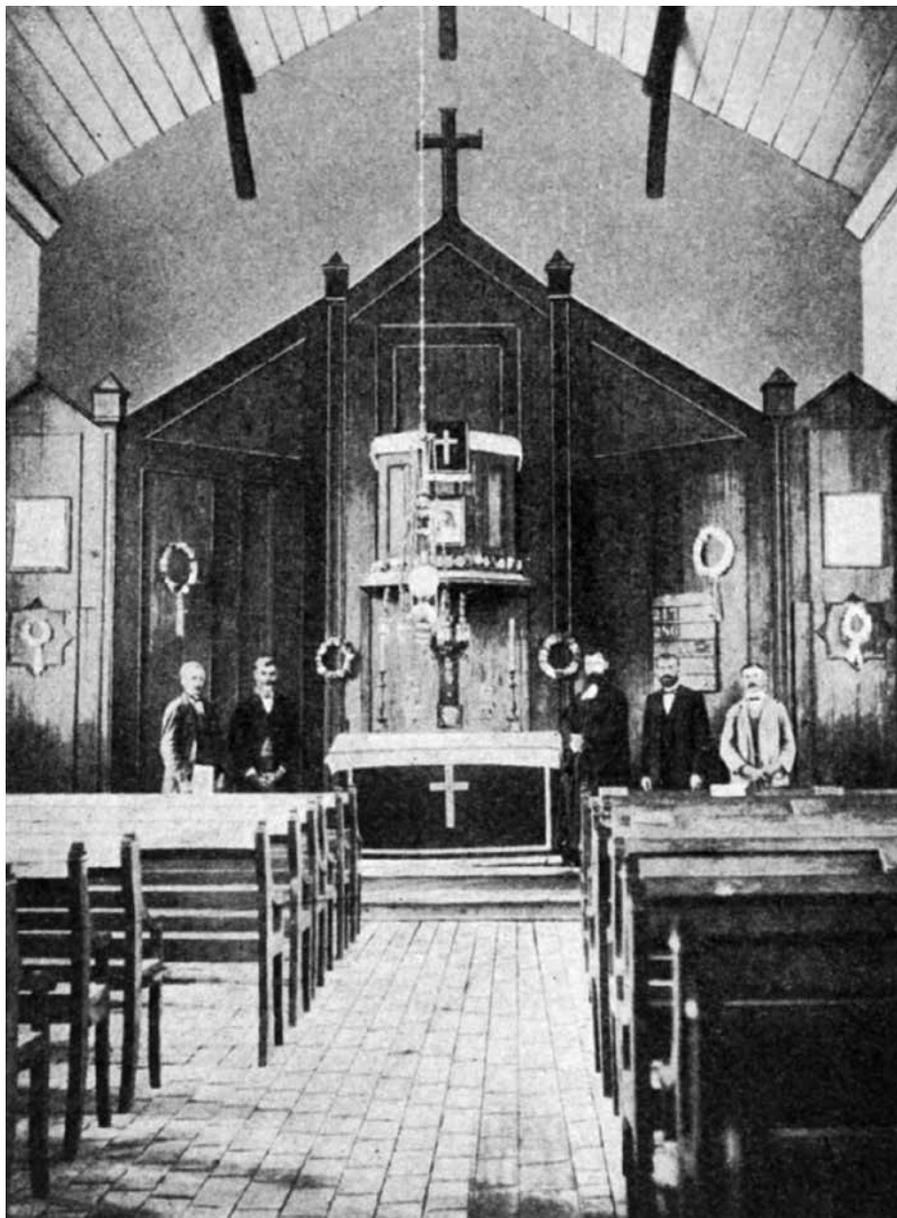


Foto 47. Vista interna da igreja de Campinho.

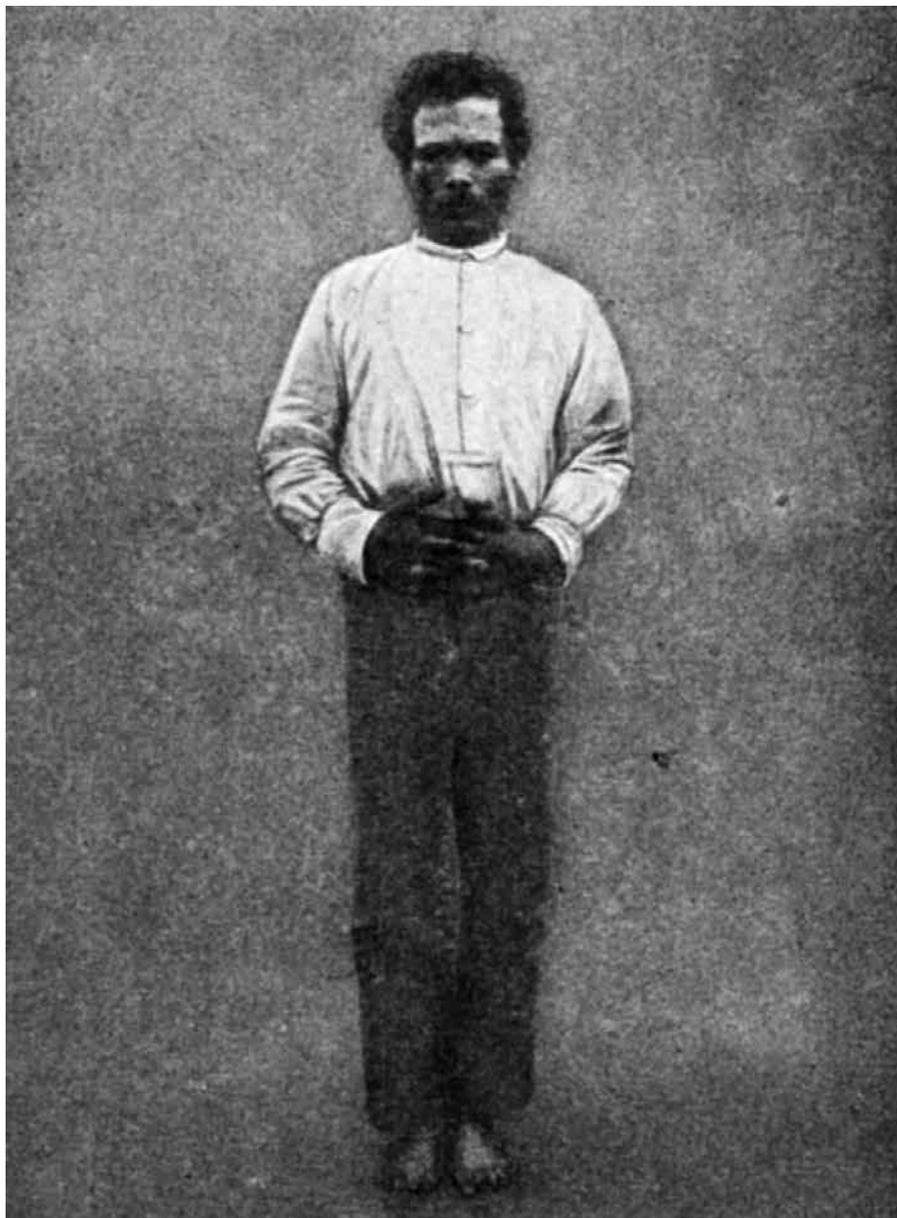


Foto 48. Urban, um nativo bugre.

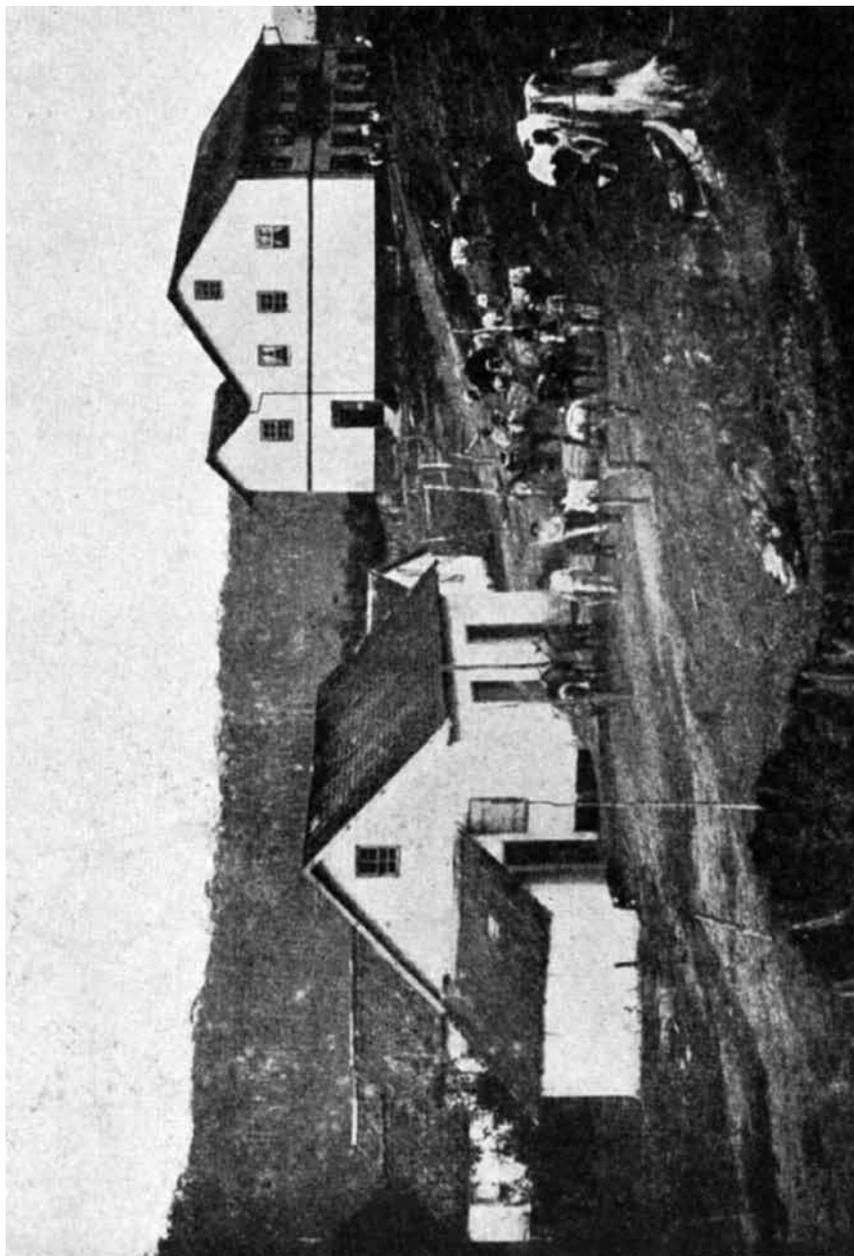


Foto 49. "Venda" de Karl Bullerjahn.



Foto 50. Um professor alemão indo à escola a cavalo.

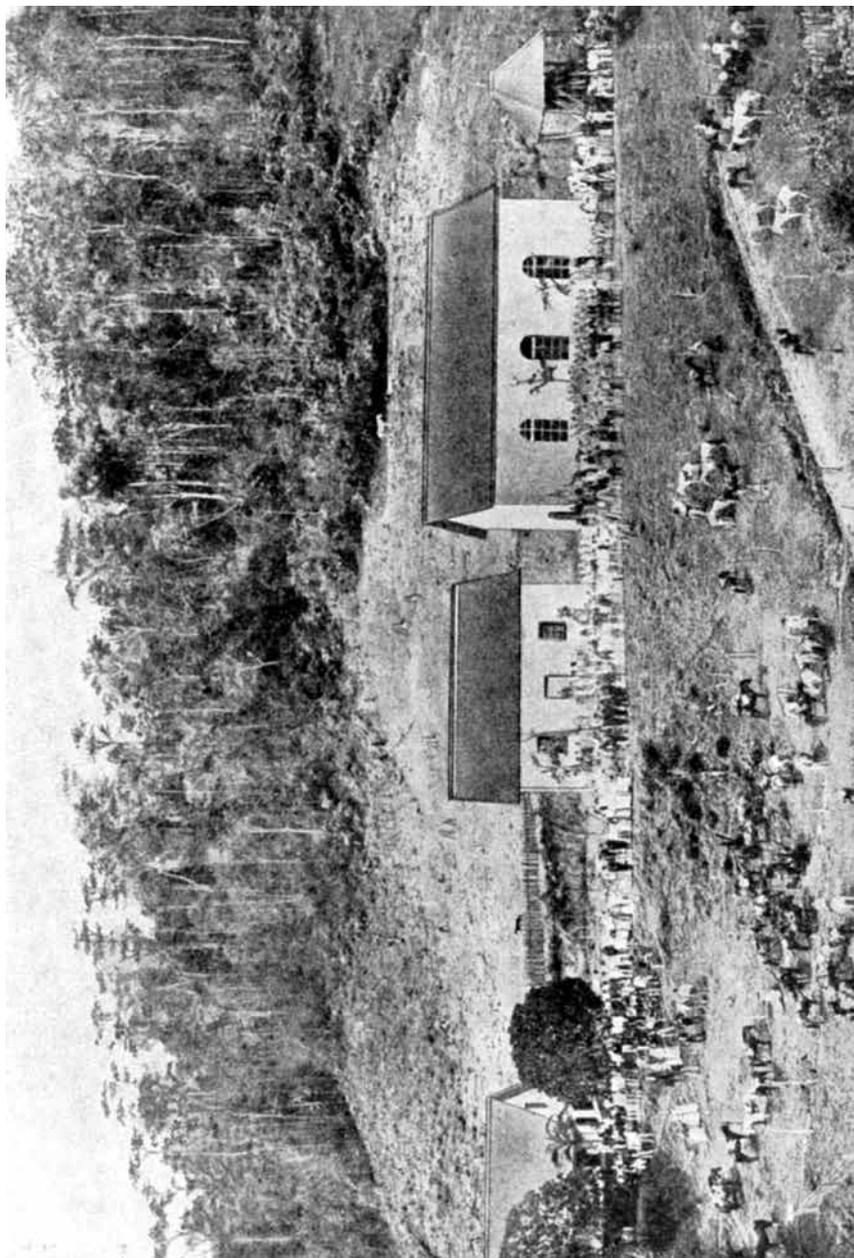


Foto 51. Colônia paroquial de Jequitibá. Festa missionária.



Foto 52. O pastor Pauly em sua mula.



Foto 53. *Araucaria brasiliensis*.

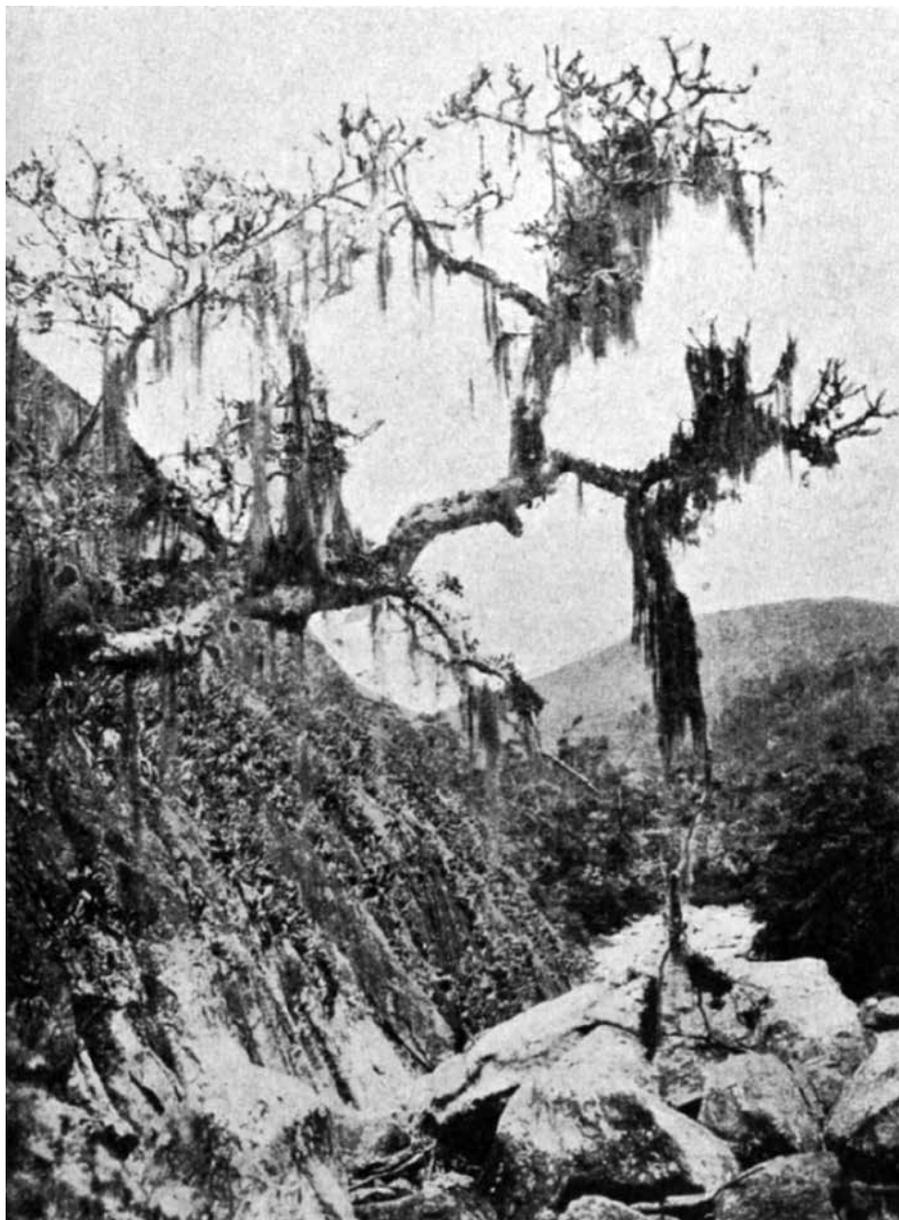


Foto 54. Barba de velho (parasitas).

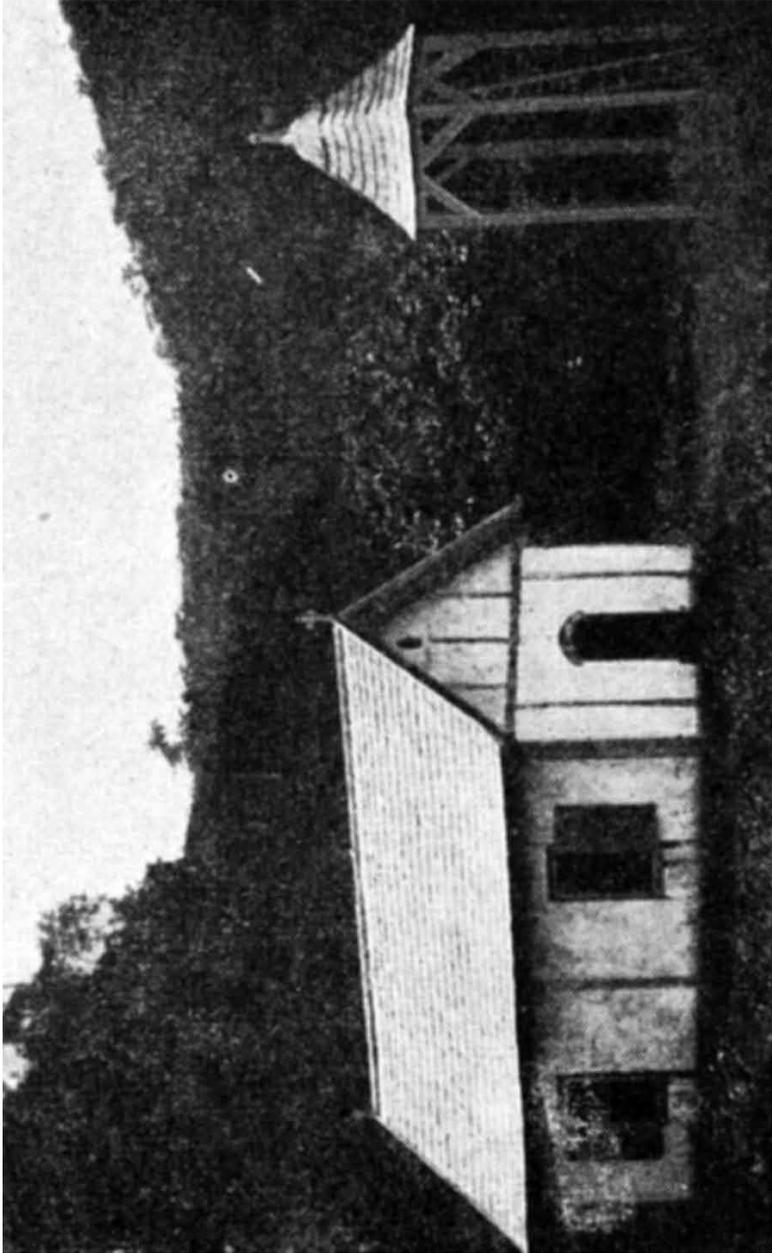


Foto 55. Edifício velho da igreja e da escola em São João de Petrópolis.

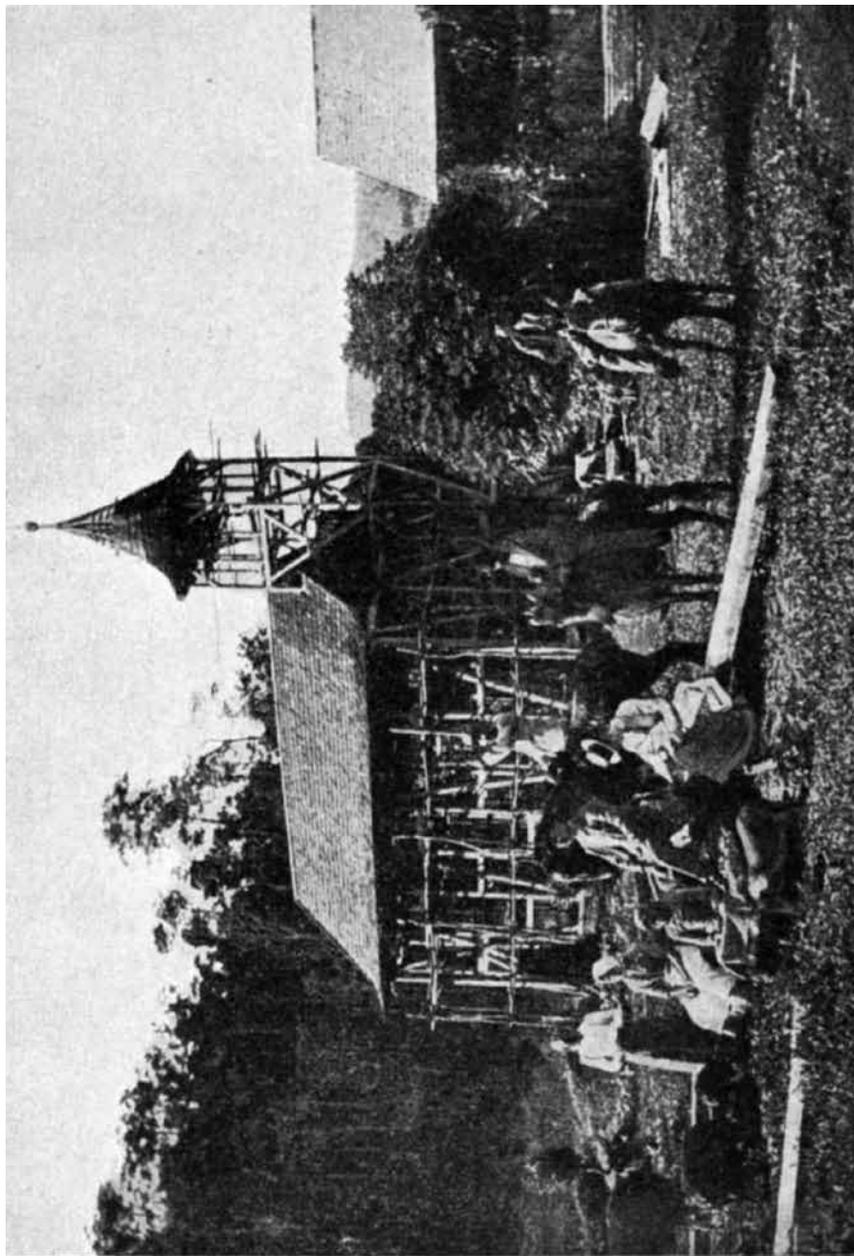


Foto 56. Igreja de São João de Petrópolis em construção.

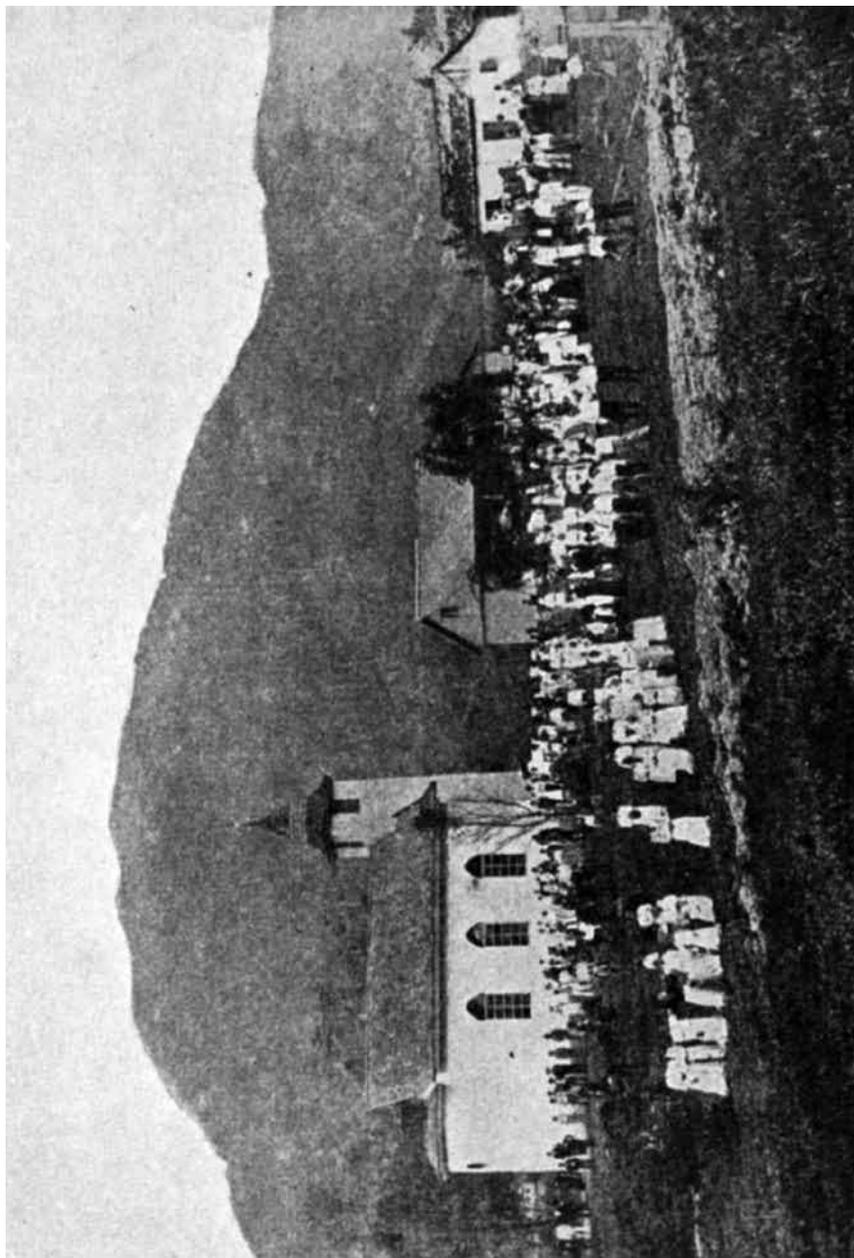


Foto 57. Igreja e residência do pastor de São João de Petrópolis.

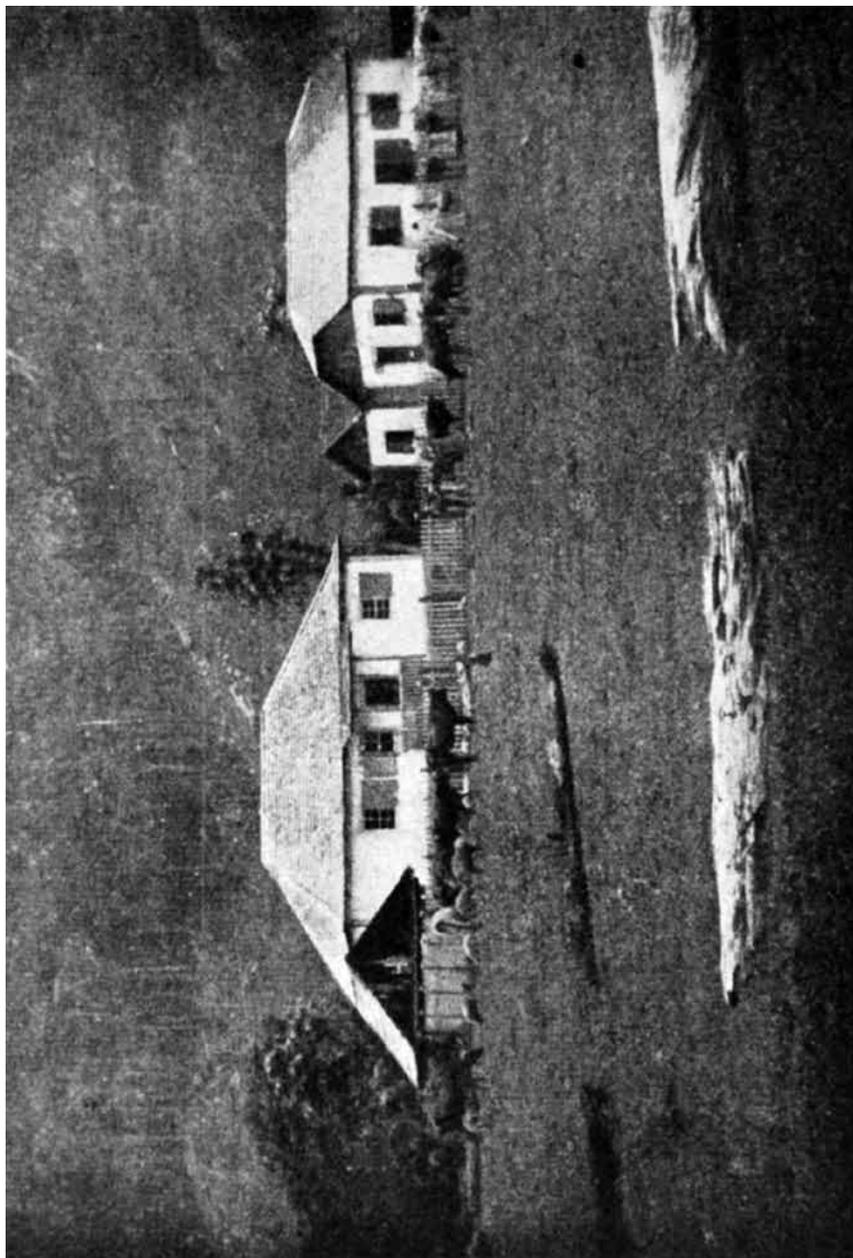


Foto 58. Casa de Heinrich Ebermann.



Foto 59. Vista da altura média da floresta

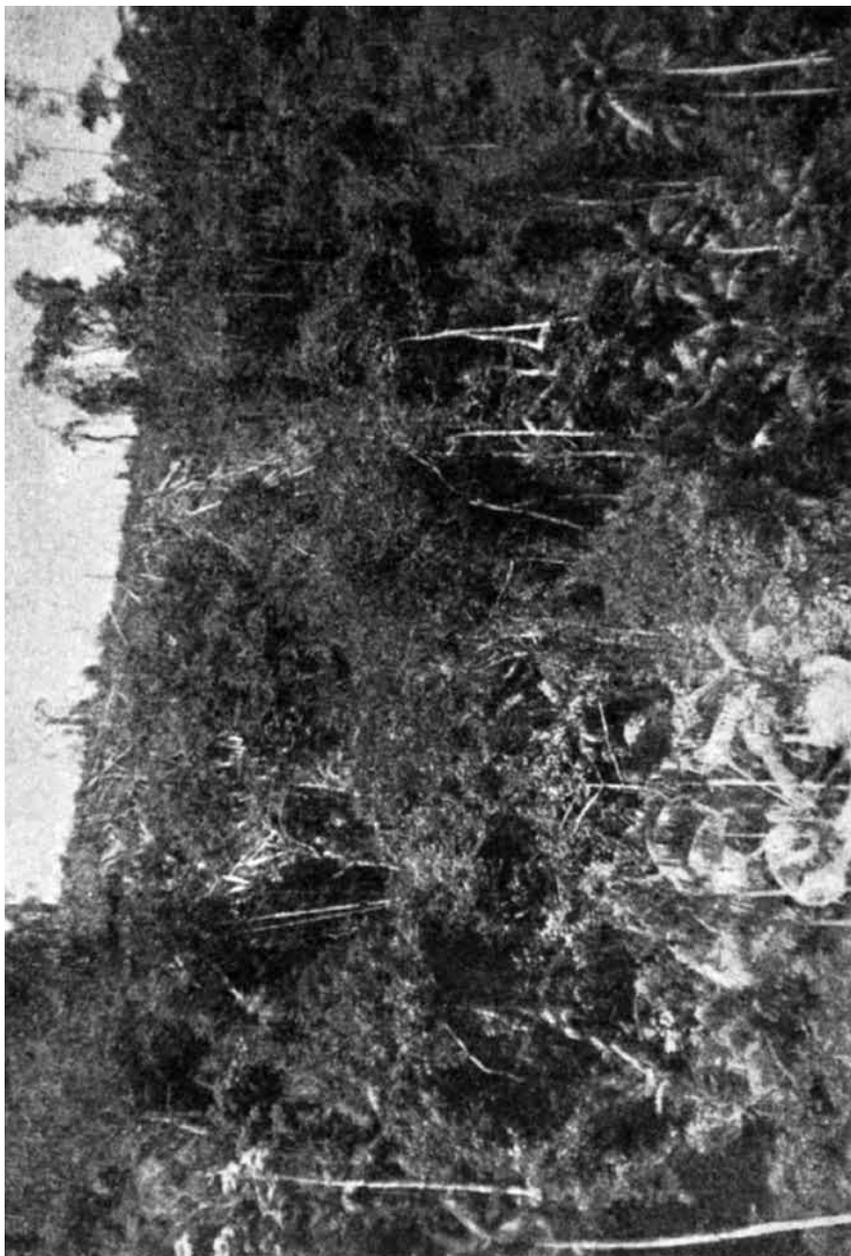


Foto 60. Um desmatamento em Jequitibá (No meio, oculto pelas árvores de frente).

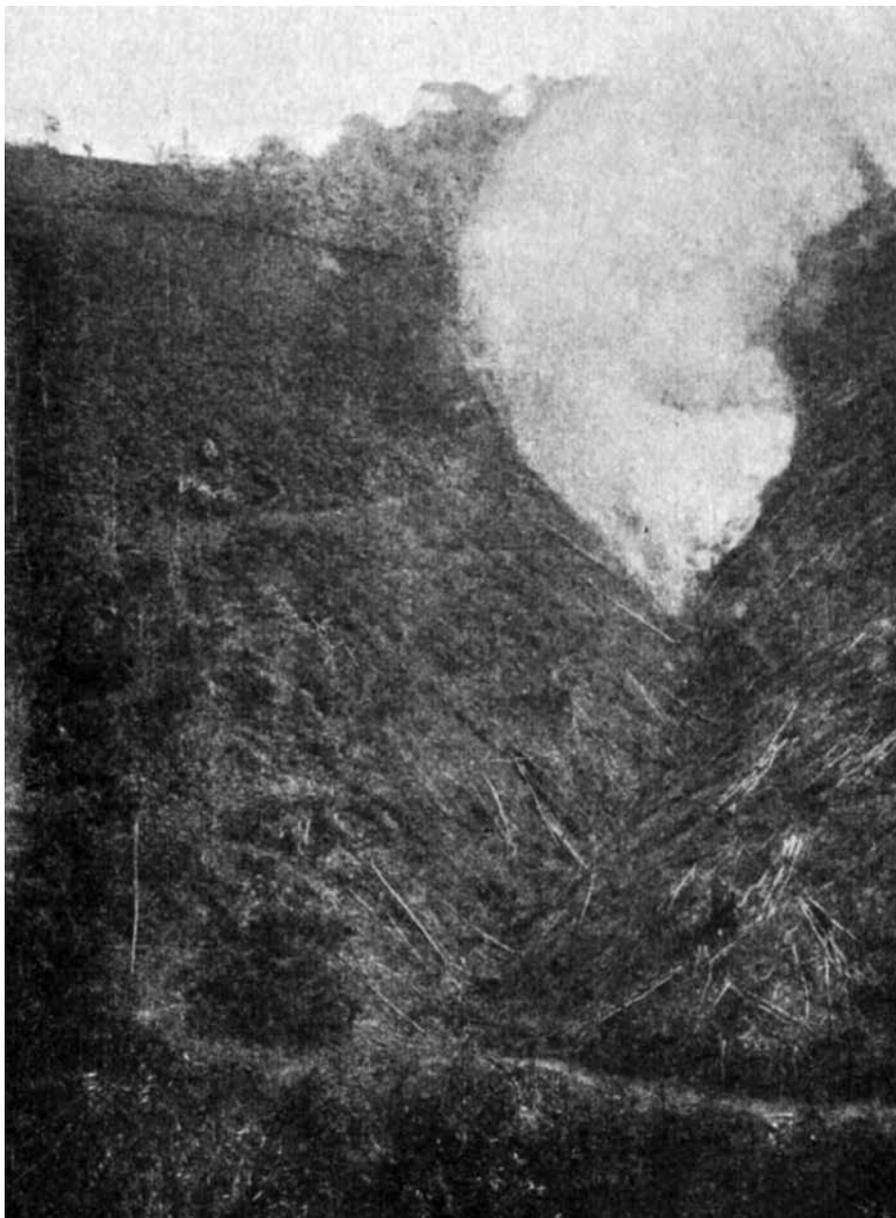


Foto 61. Queimada na roça (mato e pequena capoeira).



Foto 62. A mesma roça em chamas.



Foto 63. Plantação nova, em cima, junto à floresta.



Foto 64. Filhas de colonos em Rio Tabocas.

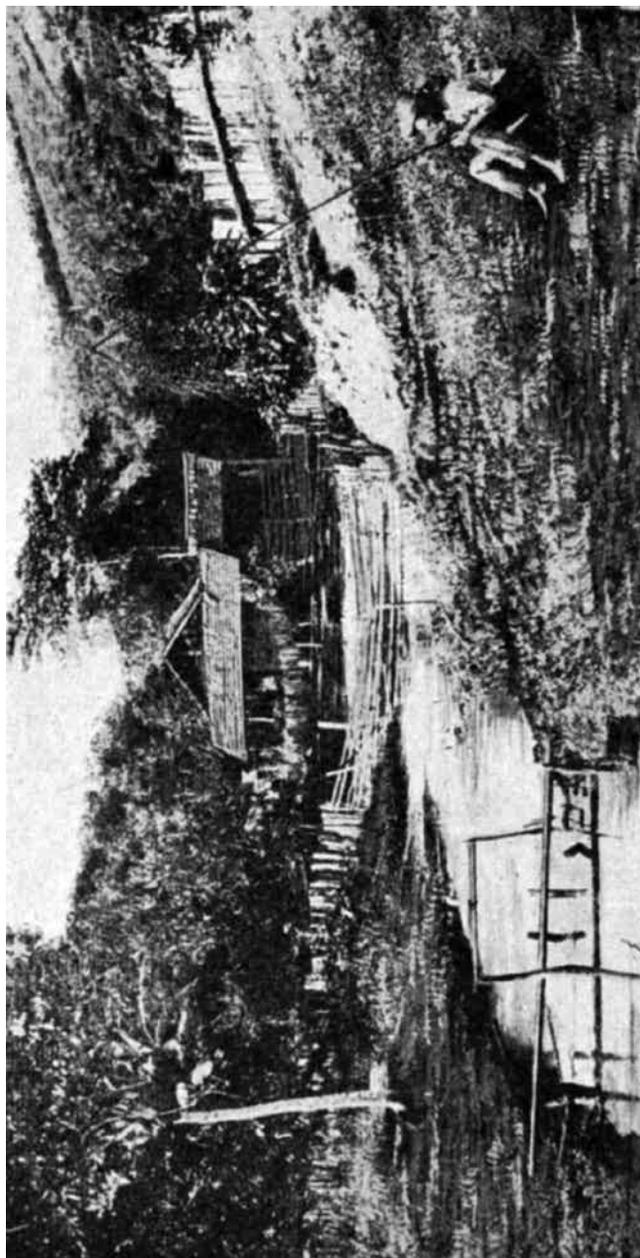


Foto 65. O filho de um colono pescando no rio Tabocas.

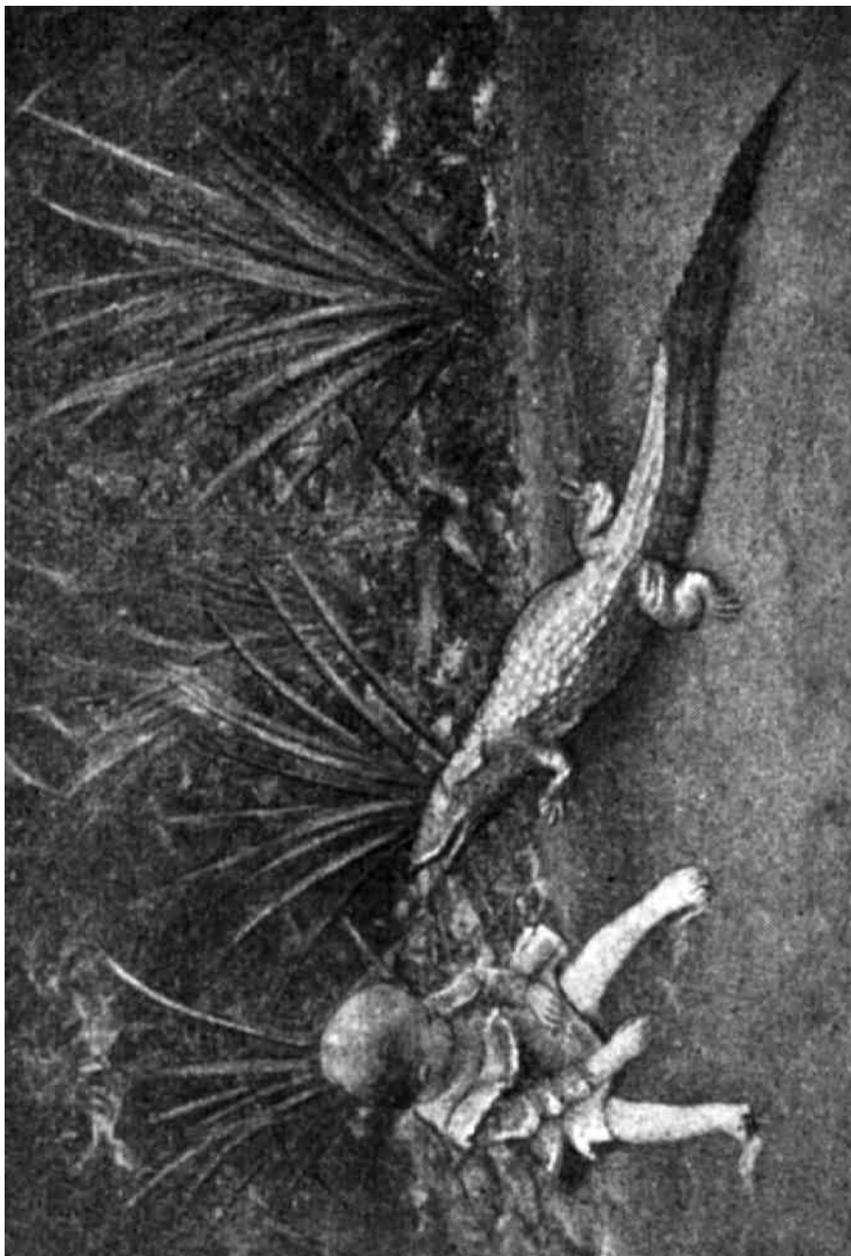


Foto 66. Criança alemã, filha do pastor de São João de Petrópolis com um estranho companheiro (jacaré).



Foto 67. Mascates.

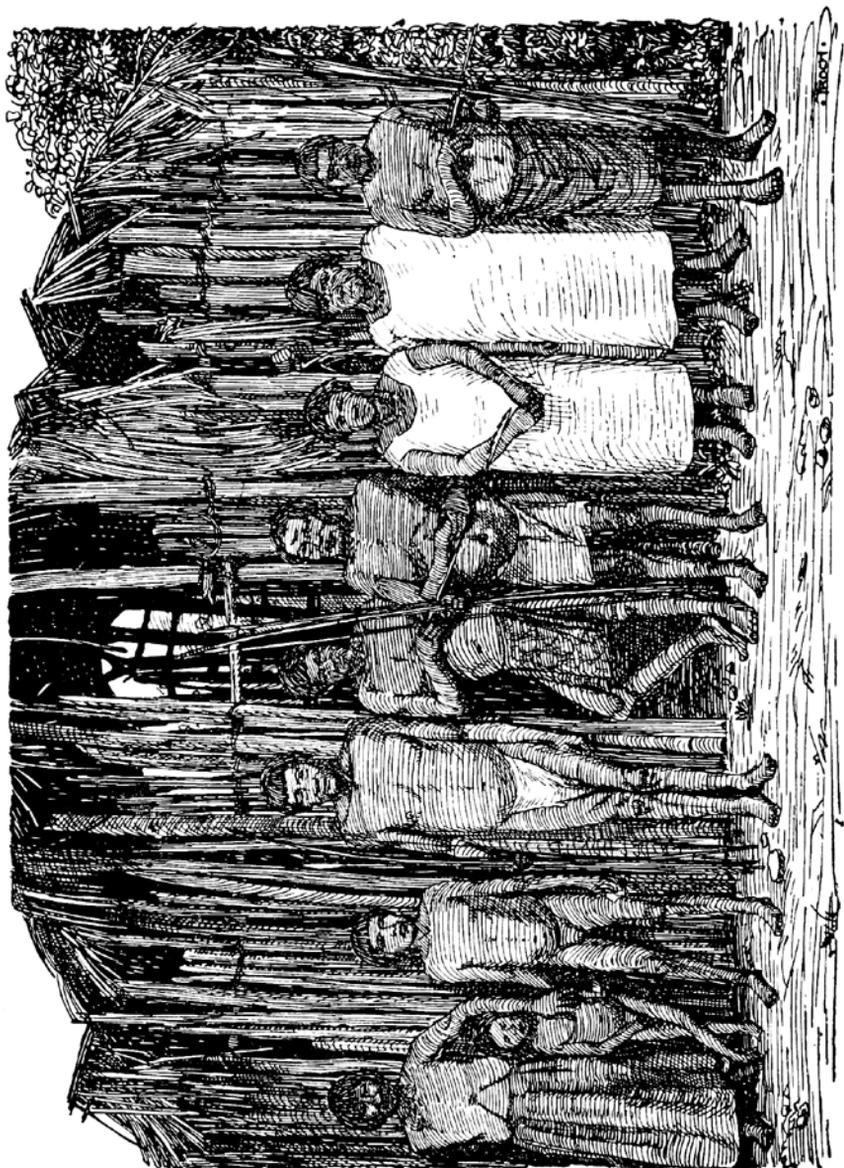


Foto 68. Botocudos diante de sua cabana recém construída.

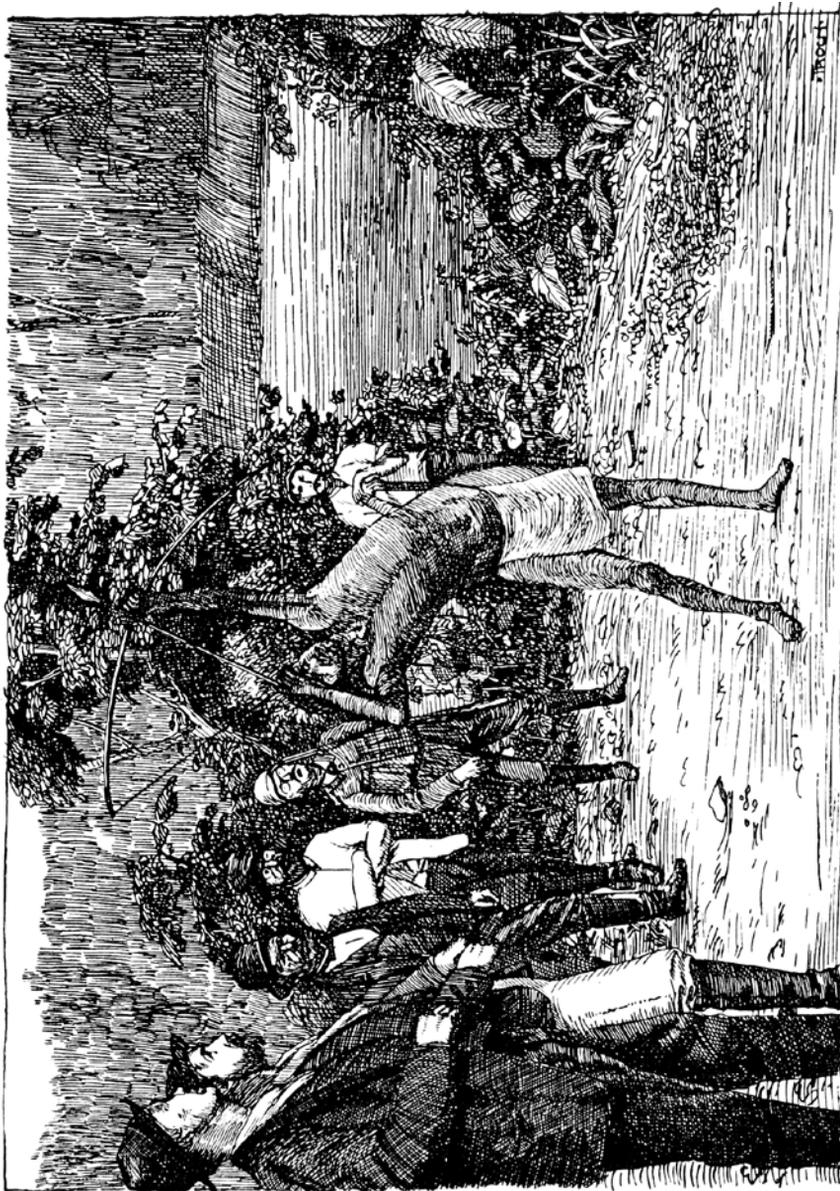


Foto 69. Arqueiro indígena.

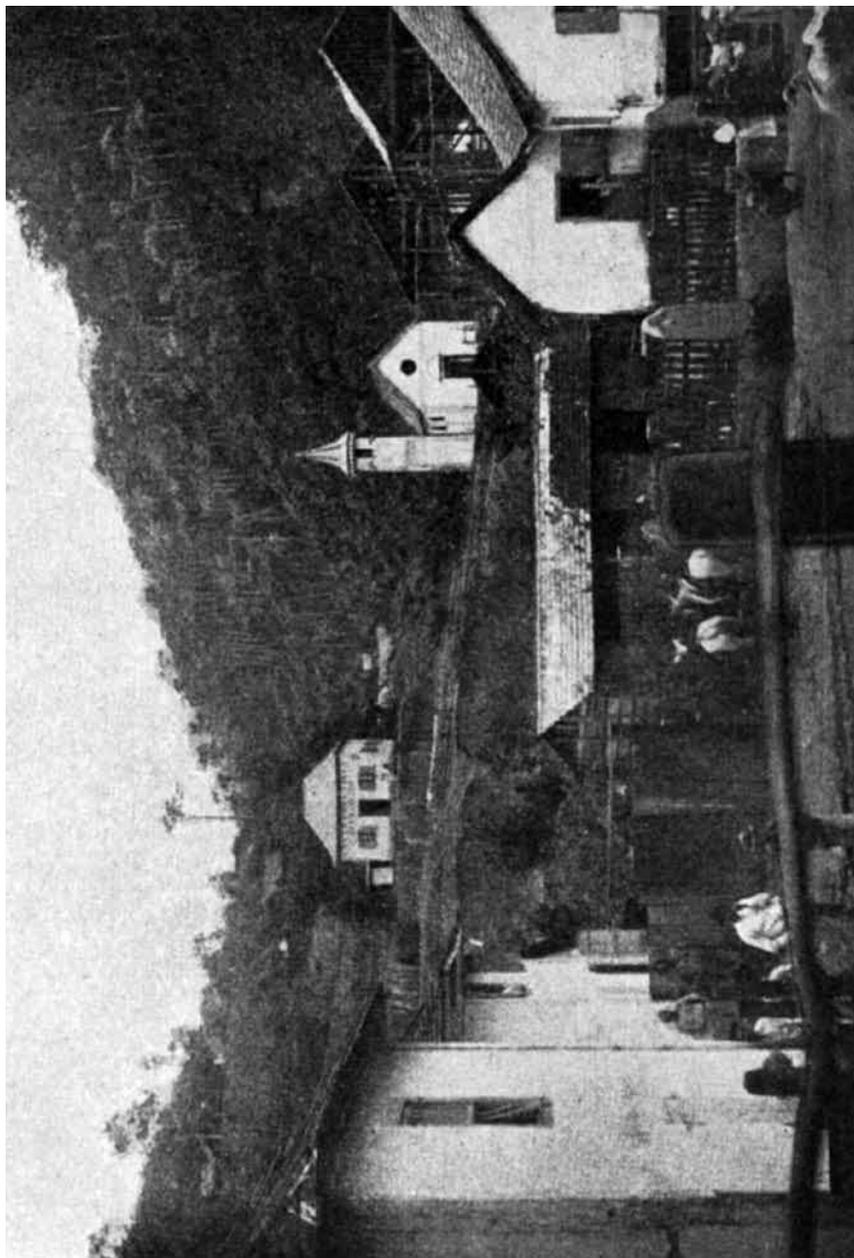


Foto 70. Igreja italiana em Santa Teresa.

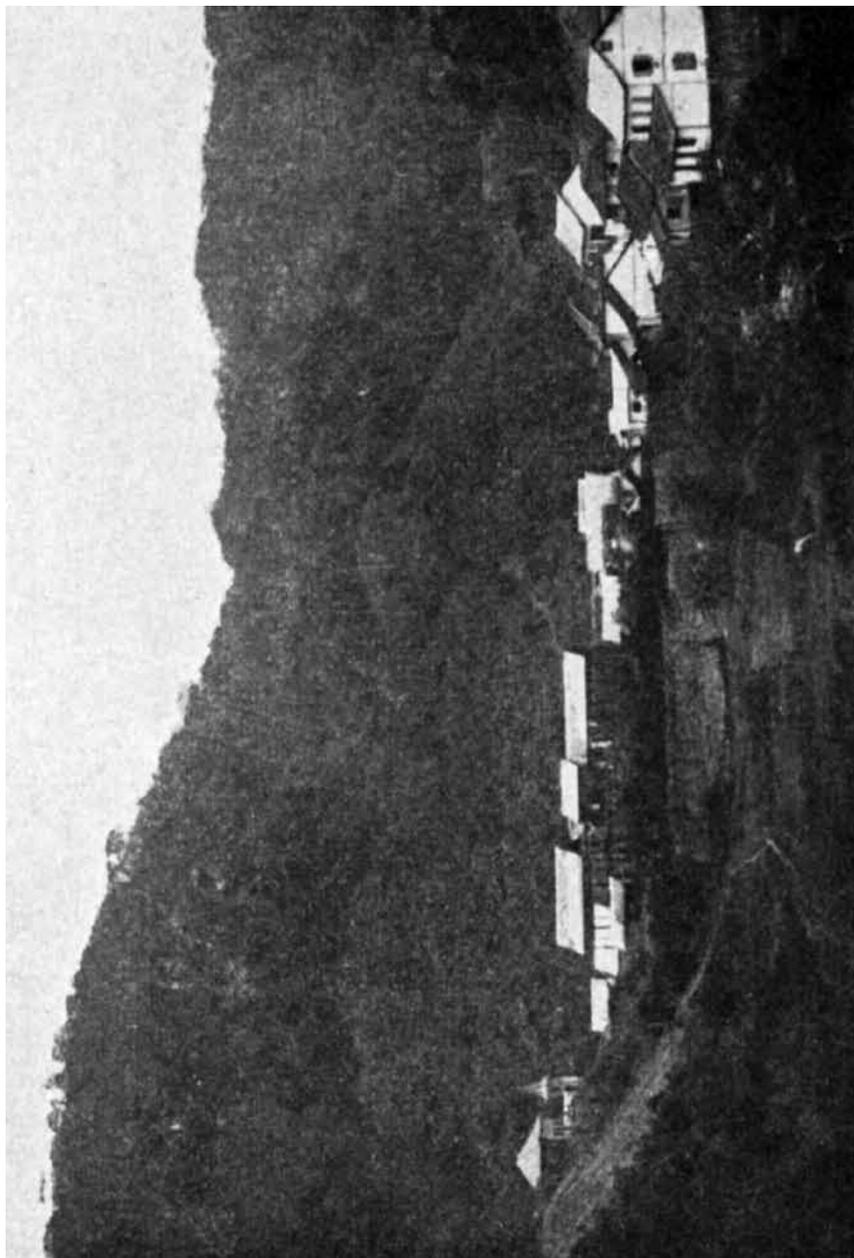


Foto 71. Panorama de Santa Teresa.

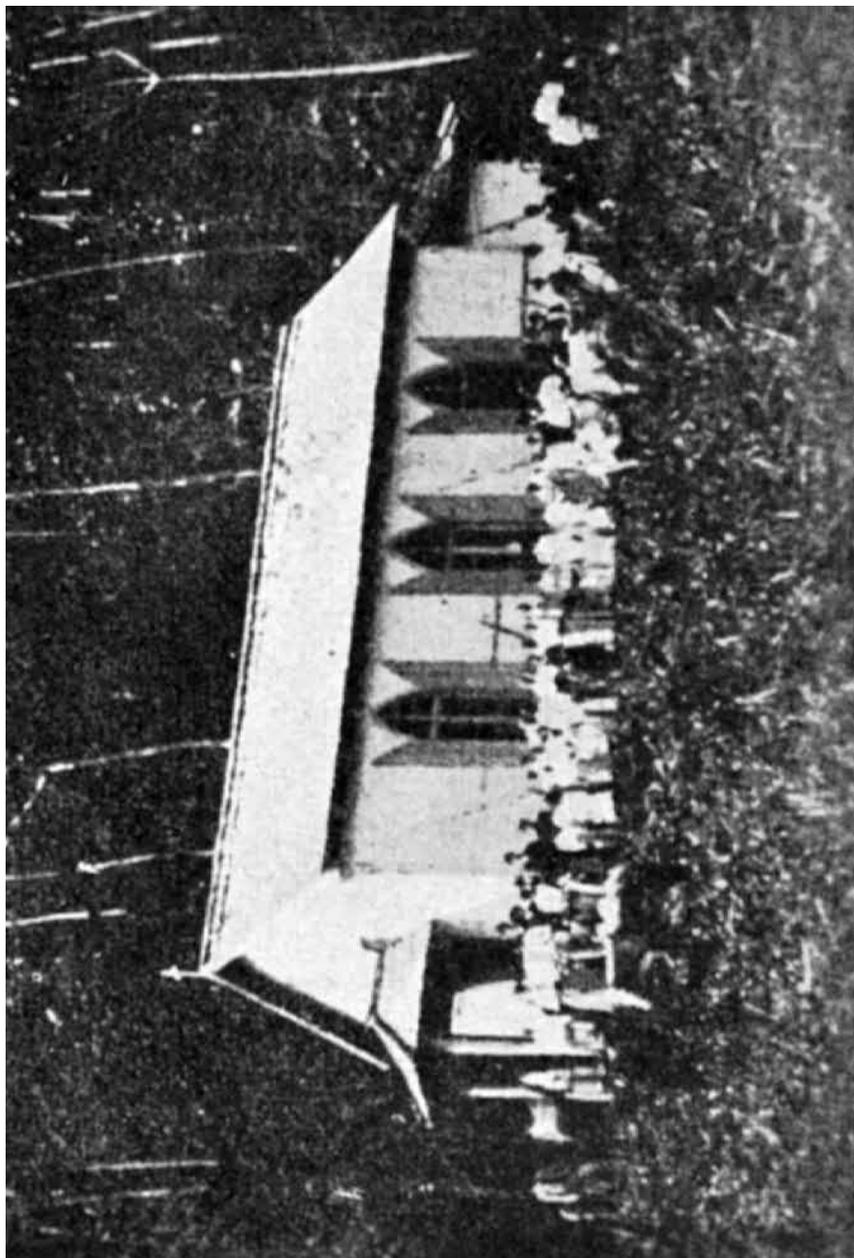


Foto 72. Capela evangélica alemã na Suíça.

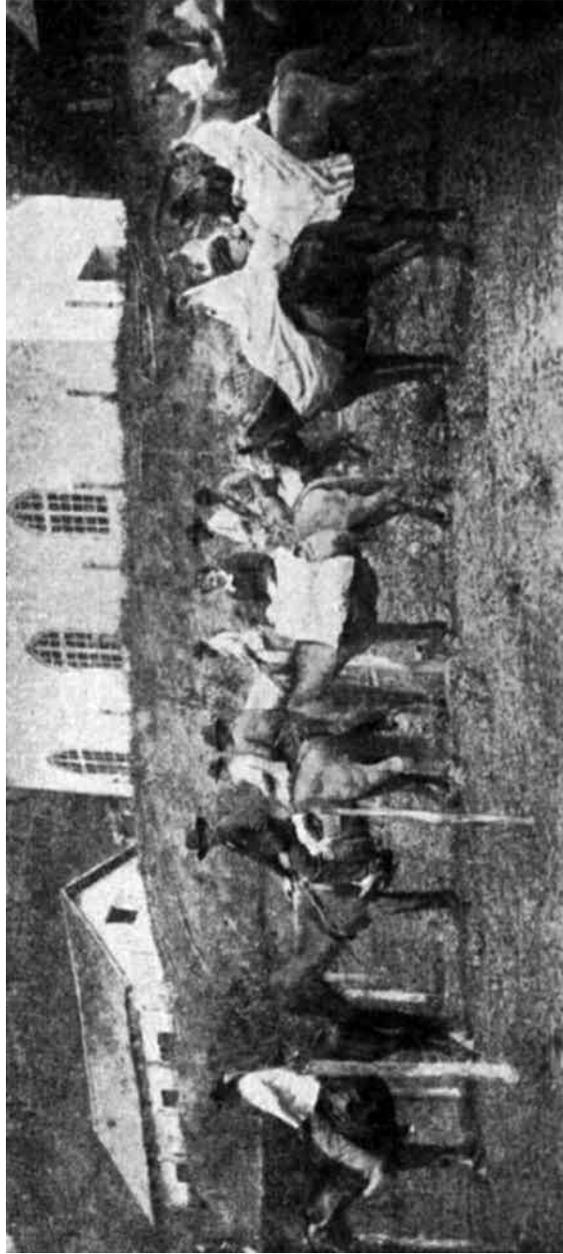


Foto 73. Cortejo nupcial indo a cavalo para o casamento.



Foto 74. Participantes de um casamento na colônia.

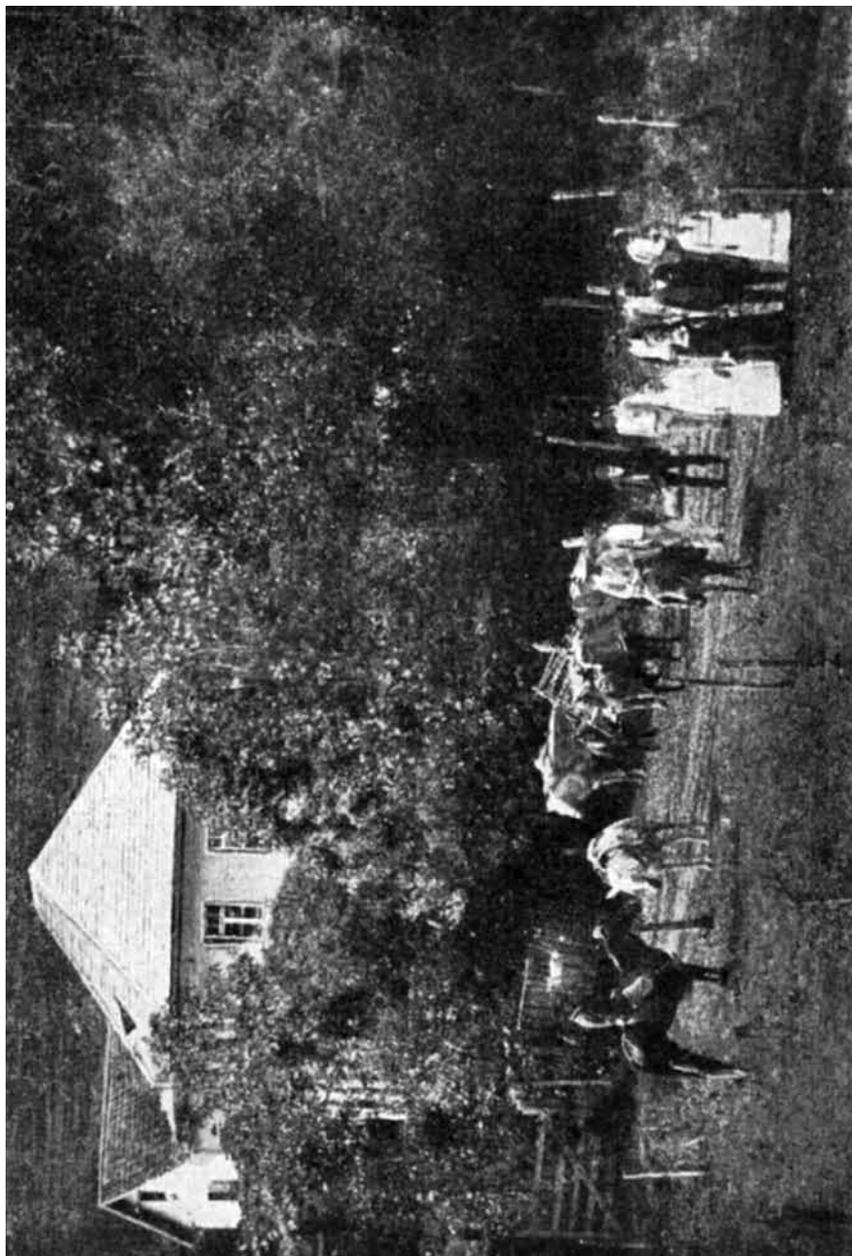


Foto 75. Substituto do carro de mudança no Espírito Santo.

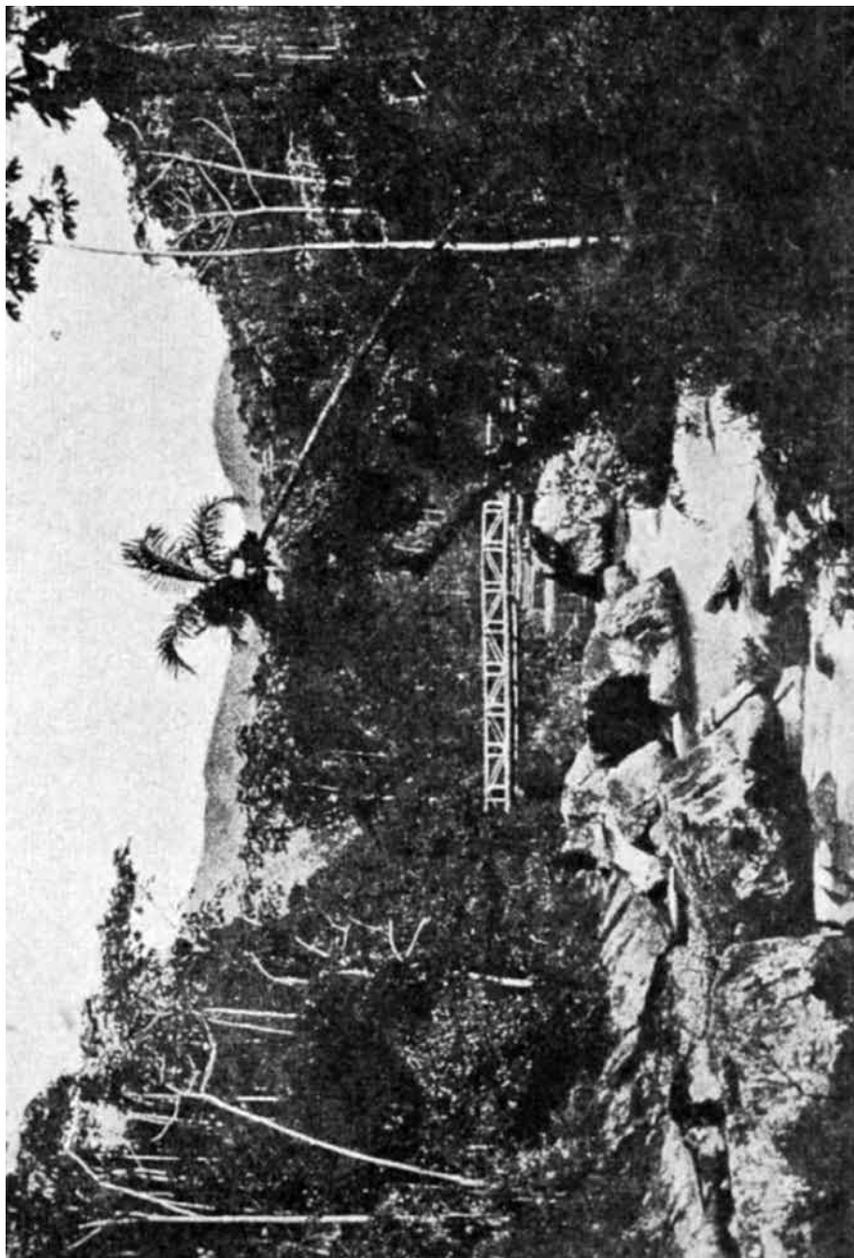


Foto 76. Ponte sobre o Rio Santa Maria. Ponta de Aquidabã.

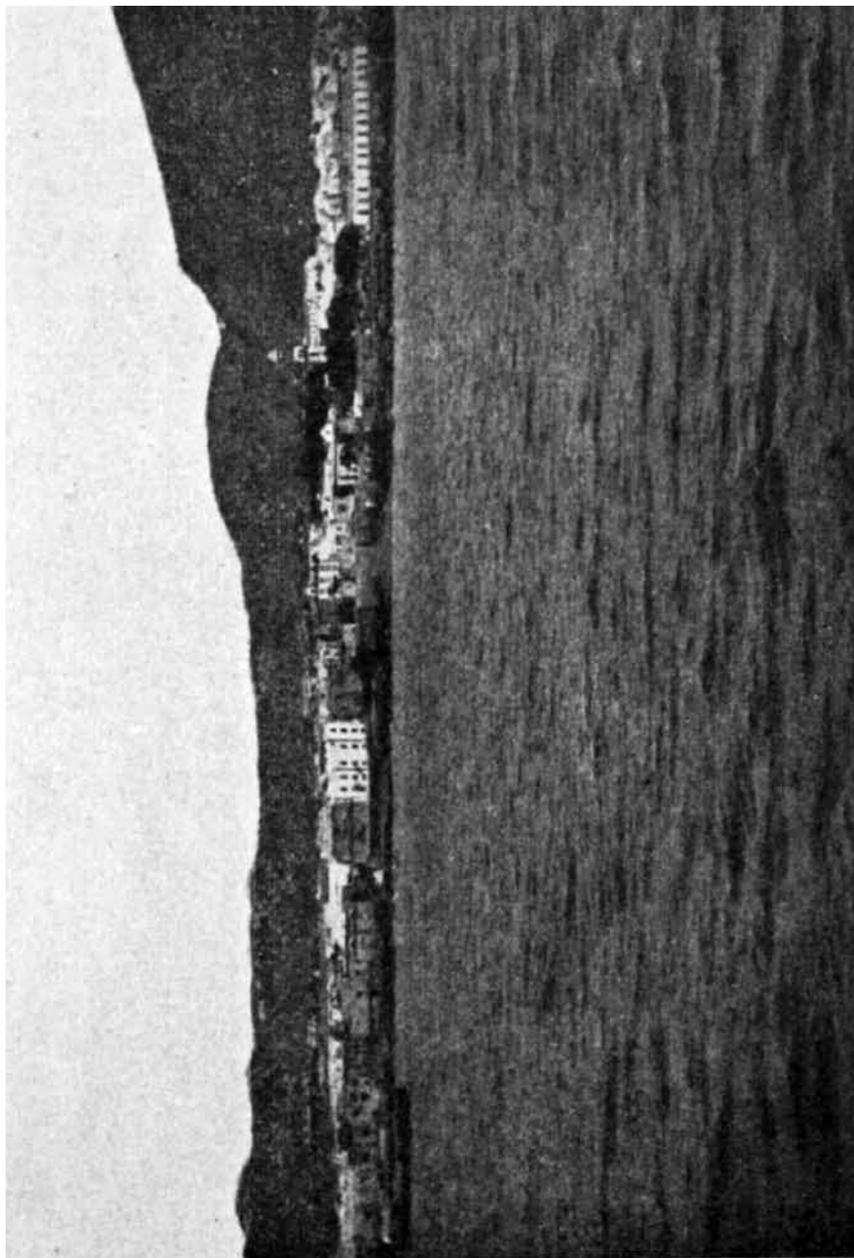


Foto 77. Santa Cruz de Tenerife, Ilhas Canárias, Espanha.

Coleção Canaã

Volumes

- 1º Relato do Cavalheiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória - O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana (Fevereiro 1895). *Carlo Nagar* - 1995
- 2º Projeto de Um Novo Arrabalde - 1896. *Francisco Saturnino Rodrigues de Britto* - 1996
- 3º Catálogos de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585 - 1822). (org.) *João Eurípedes Franklin Leal* - 1998
- 4º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo. *Nara Saletto* - 1998
- 5º Viagem à Província do Espírito Santo - Imigração e Colonização Suíça. *Johann Jakob von Tschudi* - 2004
- 6º Colônias Imperiais na Terra do Café - Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras. *Renzo M. Grosselli* - 2008
- 7º Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. *Levy Rocha* - 2008
- 8º História do Estado do Espírito Santo. *José Teixeira de Oliveira* - 2008
- 9º Os Capixabas Holandeses - Uma História Holandesa no Brasil. *Tom Roos e Marge Eshuis* - 2008
- 10º Pomeranos Sob o Cruzeiro do Sul - Colonos Alemães no Brasil. *Klaus Granzow* - 2009
- 11º Carlos Lindenberg - Um Estadista e seu Tempo. *Amylton de Almeida* - 2010
- 12º Província do Espírito Santo. *Basílio Carvalho Daemon* - 2010
- 13º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo - 2ª Edição Revisada. *Nara Saletto* - 2011
- 14º Viagem ao Espírito Santo - 1888 - *Princesa Teresa da Baviera* - 2013
- 15º Fazenda do Centro - Imigração e Colonização Italiana no Sul do Espírito Santo. *Sérgio Peres de Paula* - 2013
- 16º Tropas & Tropeiros - o transporte a lombo de burros em Conceição do Castelo. *Armando Garbelotto* - 2013.
- 17º Nossa Vida no Brasil. *Julia Louisa Keyes* - 2013.
- 18º Viagem pela Colônias Alemãs do Espírito Santo. *Hugo Wernicke* - 2013

Os volumes acima, entre outros documentos e obras raras, podem ser consultados no site do APEES, em formato pdf, dentro do projeto Biblioteca Digital, no seguinte endereço:

www.ape.es.gov.br

que traz as imagens e percepções do seu local de origem – oferecem relevantes indícios sobre as características das comunidades e as dificuldades enfrentadas. O livro contribui para tecer um panorama sobre as vivências e interações entre os imigrantes do Espírito Santo na virada do século XIX para o XX.

As diversas fotografias que ilustram esta obra registram o encantamento da viagem, o passo a passo do itinerário percorrido e retratam lugares, paisagens e pessoas, promovendo o encontro com a cidade de Vitória e o interior capixaba da primeira década do século passado. A obra de Wernicke ocupa lugar de destaque no rol das narrativas dos viajantes estrangeiros que passaram pelo Espírito Santo, desde o início dos '800, e que nos deixaram suas impressões sobre a natureza e os capixabas. São referências, às vezes únicas, que dão testemunho sobre muitos aspectos da nossa história e, portanto, de grande interesse para nossos estudantes e pesquisadores.



Igreja italiana em Santa Teresa.

REALIZAÇÃO



SECRETARIA
DA CULTURA



ISBN 978-85-98928-14-2



9 788598 928142